**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

RENATA DO NASCIMENTO VIEIRA MUNHOZ

A pertença estendida de adultos na família de origem

**São Paulo
2012**

RENATA DO NASCIMENTO VIEIRA MUNHOZ

A pertença estendida de adultos na família de origem
(versão original)

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Social

Departamento: Psicologia Social e do Trabalho (PST)

Orientadora: Profa. Dra. Belinda Piltcher Haber Mandelbaum

São Paulo
2012

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Munhoz, Renata do Nascimento Vieira.

A pertença estendida de adultos na família de origem /
Renata do Nascimento Vieira Munhoz; orientadora Belinda
Piltcher Haber Mandelbaum. – São Paulo, 2012.

112 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em
Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto
de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Relações familiares 2. Adultos 3. Relações entre gerações 4.
Família de origem I. Título.

HQ10

MUNHOZ, Renata do Nascimento Vieira. **A pertença estendida de adultos na família de origem.** Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Profa. Dra. Belinda P. H. Mandelbaum
Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____
Assinatura: _____

Prof. Dr. Nelson da Silva Junior
Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____
Assinatura: _____

Prof. Dr. Sidney Kiyoshi Shine
Instituição: Vara da Família
do Tribunal da Justiça de São Paulo

Julgamento: _____
Assinatura: _____

Aos entrevistados que tornaram esta pesquisa possível,
pela confiança ao compartilhar suas histórias.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Belinda Mandelbaum, pelo incentivo, estímulo e generosidade com que compartilhou seu conhecimento no percurso desta dissertação.

Ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Aos membros da banca, Prof. Dr. Nelson da Silva Junior, do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do IP-USP, e Prof. Dr. Sidney Kiyoshi Shine, da Vara da Família do Tribunal de Justiça de São Paulo, pela gentileza ao compartilhar comigo seus conhecimentos.

Aos professores do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do IP-USP, em especial, Vera Silvia Facciolla Paiva, Arley Andriolo, Marcelo Afonso Ribeiro, Luis Guilherme Galeão da Silva e Leny Sato.

Às funcionárias da secretaria do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do IP-USP, Maria Cecília Rodrigues de Freitas, Marinalva Almeida Santos Gil e Rosangela Serikaku Sigaki.

Aos funcionários da secretaria de Pós-Graduação do IP-USP, Ari Bismack Aliaga Betti, Aida Helena Martins Dias de Oliveira, Edith Nantes Ferreira Rodrigues e Victor Yuji Shirai.

Aos colegas Marcelo Lábaki Agostinho, Priscilla Nogueira Cavini e Lygia Vampre Humberg, pelo apoio, incentivo, carinho, paciência e troca.

À minha família, em especial à Olinda, mãe e companheira para todas as horas, Lígia e Felipe, apoios fraternos para toda a vida, e Pedro, meu sobrinho/afilhado, com quem aprendi a viver momentos de muito amor e alegria através das pequenas coisas.

Ao meu marido, Alexandre, por me permitir ser a mãe do Caio, que chega em momento tão feliz.

Morando com mamãe

Custei a perceber que era uma tendência: a quantidade de rapazes de 30 anos ou mais, hoje em dia, ainda vivendo com os pais e sendo sustentados por eles – abdicando da liberdade pelos confortos e conveniências da cama, comida e roupa lavada. Foi para isso que os jovens dos anos 60 fizeram duas ou três revoluções?

Nenhum garoto de 1968 trocava a canja de galinha do Beco da Fome, em Copacabana, às 4h, pelo Toddy com biscoitos servido pela mãe às 21h, depois de ‘O Sheik de Agadir’. Ou a aventura de morar num apê tipo já-vi-tudo em Botafogo – o mobiliário consistindo de uma estante de tijolos com uma ripa de madeira por cima (roubados de alguma construção vizinha) e de uma esteira de praia à guisa de cama – pelo quarto acolhedor e quentinho que ocupava desde guri no vasto apartamento dos pais.

Quem chegasse à provecta idade de 20 anos e não tivesse endereço próprio era tido como anormal – a norma era entrar para a faculdade aos 18 ou 19, arranjar um emprego e ir à vida, como até as meninas estavam fazendo. As vantagens de morar sozinho eram poder ir ao banheiro com a porta aberta, namorar a qualquer dia e hora e promover reuniões para derrubar a ditadura ou para escutar o disco novo da Nara, o que viesse primeiro.

Hoje, há marmanjos de até 40 anos morando com a mãe, na Europa, nos EUA e no Brasil. Na Itália são chamados de ‘mammoni’ (filhinhos da mamãe); na Espanha, de ‘ni-ni’ (‘ni estudian, ni trabajan’); na Inglaterra, de ‘kidults’ (‘kids’, crianças, com adultos). Eles se defendem: formaram-se, gostariam de trabalhar, mas o mercado é cruel, não consegue assimilá-los, são desempregados crônicos e não têm como pagar aluguel, comprar um imóvel nem pensar.

E, além disso, ninguém cozinha como a mamãe.

(Ruy Castro)

RESUMO

MUNHOZ, R. N. V. **A pertença estendida de adultos na família de origem**. 2012. 112f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

A pertença estendida de adultos na família de origem é um fenômeno multideterminado, que envolve fatores econômicos, culturais, familiares e psíquicos, gerando insatisfação e sofrimento em adultos que estão nessa situação. O objetivo desta dissertação é a compreensão de motivos, intenções e sentidos que determinam essa pertença estendida. Para isso, utilizamos o referencial teórico psicanalítico, tanto para nos ajudar no método que fundamenta esta pesquisa quanto na discussão das informações obtidas no estudo de campo. Entender como percebem, vivem e quais sentidos esses adultos atribuem para a convivência familiar, além de identificar suas perspectivas para o futuro, como percebem a si mesmos e a sua família, foram os interesses que construíram este objeto de estudo. Pesquisamos esse fenômeno através de sete entrevistas semiestruturadas com adultos da classe média da cidade de São Paulo, entre 26 e 37 anos, cinco do sexo feminino e dois do sexo masculino, que estavam morando com suas famílias de origem em 2010. Da análise das entrevistas, alguns temas emergiram: família: cultura, tradição, história e estrutura; ser adulto; expectativas para o futuro; trabalho e remuneração: vida profissional; e relações fora da família. Constatamos nas dinâmicas familiares de alguns dos entrevistados uma relação do tipo simbiótico com a figura materna, como também uma situação financeira precária para possibilitar a saída da casa da família. A perspectiva de futuro, para alguns, inclui a saída da casa da família mediante novo rumo profissional ou casamento e, para outros, não há sentido em deixar a casa dos pais; há alguns benefícios por estar na casa dos pais, mas há, em todos os entrevistados, desconforto e um sentimento de fracasso, por não corresponderem às expectativas familiares e pessoais.

Palavras-chave: Relações familiares. Adulto. Pertença estendida. Família de origem.

ABSTRACT

MUNHOZ, R. N. V. **The adults who remain with their original's family**. 2012. 112f. Dissertation (Master of Psychology) – Institut of Psychology, University of São Paulo, São Paulo, 2012.

The adults who remain with their original families are a multifactorial phenomenon, involving economic, cultural, familial and psychological factors, which generates discontentment and suffering for those who find themselves in this situation. The objective of this dissertation is the understanding of the motives, intentions and rationales that determine the prolonged stay of adults within their original families. In order to accomplish this, we used psychoanalytical theory both to aid our research design and to inform our analysis of the data collected through our fieldwork. Our interests in understanding how such adults perceive, attribute meaning to and live their everyday lives alongside their original families, and in identifying their perspectives on the future, themselves and their families have built the objectives of this study. We studied this phenomenon via semi-structured interviews with seven middle class adults from the city of São Paulo, aged between 26 and 37 years old, five women and two men, who lived with their original families in 2010. Some themes have emerged from the analysis of the interviews: family: culture, tradition, history and structure; being an adult; expectations about the future; work and salary: professional life; and relationships outside of the family. We ascertained in the family dynamic of some of our interviewees a symbiotic relationship with the mother figure, and also a precarious financial situation that hindered leaving the family home. The perspective of the future, to some, include leaving the family home in the case of a new professional/career path or marriage and, to others, it makes no sense to leave the parental home; there are some benefits in staying in the parental home, but in all interviewees there are a discomfort and a sense of failure, for not meeting familial and personal expectations.

Keywords: Family relationships. Adult. Prolonged stay. Original family.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Objetivo geral e objetivos específicos.....	19
2 SOBRE O MÉTODO: PREPARANDO AS ENTREVISTAS.....	20
3 AS ENTREVISTAS.....	27
3.1 Camila – <i>Eu continuo sendo a filha dela.....</i>	27
3.2 Amanda – <i>Esse cordão umbilical.....</i>	37
3.3 Neila – <i>... muito medo da vida real, vida de gente grande.....</i>	44
3.4 Gustavo – <i>Era ou é uma simbiose muito grande.....</i>	50
3.5 Elisa – <i>Eu me vejo totalmente responsável pela minha mãe.....</i>	58
3.6 Caio – <i>Acabou encarecendo muito o aluguel e acabei retornando.....</i>	64
3.7 Alice – <i>Eu não saio da minha casa se não for para sair casada.....</i>	69
4 DISCUSSÃO.....	79
4.1 Família: cultura, tradição, história e estrutura.....	80
4.2 Ser adulto.....	89
4.3 Expectativas para o futuro.....	90
4.4 Trabalho e remuneração: vida profissional.....	91
4.5 Relações fora da família.....	95
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
REFERÊNCIAS.....	103
ANEXOS.....	106

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa *A pertença estendida de adultos na família de origem* foi pensada e iniciada em meados de abril de 2009. O sentido de pertença estendida utilizado aqui está associado ao adulto acima de 25 anos, de classe média, que teve o curso de graduação concluído e continua a morar na casa em que está a família de origem, ou seja, está sob o “mesmo teto” e convive com os membros de seu núcleo familiar, independentemente de sua situação econômica estar favorável para a saída de casa.

A percepção dos meios de comunicação e, conseqüentemente, de grande parte da população sobre os adultos que continuam a morar com seus pais, tal como demonstrado na epígrafe, traduz-se pela ideia de conforto associada à boa convivência com os membros da família, em especial, com a mãe, que proporcionaria o aconchego da casa, comida e roupa lavada. Esta pode ser a visão de quem não está nessa situação. Assim, na tentativa de compreender o sentido de morar com os pais e entender os motivos que justificam tal fenômeno, recorreremos ao uso de entrevistas semiestruturadas com sete adultos de 26 a 37 anos, dois homens e cinco mulheres, de classe média, que estavam, no momento da pesquisa, morando na casa da família de origem, na cidade de São Paulo.

Não podemos generalizar as impressões advindas desta pesquisa para a população adulta, de classe média e da cidade de São Paulo que mora com sua família de origem, pois o que nos preocupou foi o registro dos depoimentos desses sete colaboradores, na tentativa de identificar os motivos e sentidos que eles atribuíam à convivência na família de origem. Portanto, esta pesquisa situa-se “na fronteira em que se cruzam os modos de ser do indivíduo e da sua cultura: fronteira que é um dos temas centrais da psicologia social.” (BOSI, 2009, p. 37).

Para compreender esse fenômeno, iniciamos por uma pesquisa bibliográfica e verificamos que, sobre as relações parentais durante o desenvolvimento infantil, a Psicologia apresenta uma vasta contribuição. No entanto, sobre a parentalidade (SOLIS-PONTON, 2004) relacionada ao universo adulto e sobre o adulto, pouco se tem desenvolvido. Encontramos contribuições no trabalho de Erikson (1987), que descreve o conflito entre intimidade e confusão de papéis, período que corresponderia à adolescência (dos 13 aos 21 anos), e o conflito entre intimidade e isolamento,

correspondente à juventude (dos 21 aos 40 anos). Para ele, o estágio da adolescência é especial, pois nele está contida a negociação do senso de identidade, que influenciaria os três estágios subsequentes: juventude, maturidade e velhice.

Numa pesquisa com 20.056 opiniões de adolescentes de 16 anos, os americanos Acock e Kiecolt (1989) investigaram se o ajustamento à fase adulta dava-se em função do *status* socioeconômico da família ou do tipo de estrutura familiar. Os autores utilizaram dados estatísticos de 1972 a 1986 do *General Social Survey*, referentes a adolescentes que moraram com suas famílias de origem. Os resultados sugeriram que a privação econômica, associada à nova configuração familiar, e não propriamente o tipo de estrutura familiar, seria a fonte mais importante de efeitos adversos no ajustamento à fase adulta, independentemente do gênero do adolescente.

Os autores perceberam, também, que adolescentes cujas famílias reconstituídas tiveram como motivo a morte do pai tiveram prejuízo menor no ajustamento à fase adulta do que os adolescentes cujas famílias romperam-se em função de divórcio. Entre os adultos, aqueles que moraram apenas com a mãe na adolescência, após o divórcio, demonstraram níveis baixos de sensação de felicidade e satisfação com a vida quando comparados com aqueles que permaneceram com o par parental. Mais baixos ainda foram os níveis de sensação de felicidade, satisfação com a vida, perspectivas de futuro e relacionamento com amigos quando, na adolescência, moraram com a mãe e o padrasto, independentemente de o motivo para a reorganização da estrutura familiar ter sido o falecimento do pai ou o divórcio. Foi verificado, ainda, um rebaixamento das conquistas educacionais e profissionais advindo da diminuição da renda familiar, o que dificultou a entrada na fase adulta.

Diante de nossas dúvidas, preconceitos e hipóteses sobre o universo adulto, partimos por delimitar o que, em nossa busca, tornar-se-ia a referência para o esclarecimento do fenômeno da pertença estendida de adultos na família de origem e, para isso, foi imprescindível a clarificação do que estamos considerando como adulto e pertença estendida. Recorremos, assim, ao que se tornou nosso suporte teórico.

Por adulto, entendemos alguém que “traz consigo uma história mais longa (e provavelmente mais complexa) de experiências, conhecimentos acumulados e reflexões sobre o mundo externo, sobre si mesmo e sobre outras pessoas.” (OLIVEIRA, 2001, p. 18). Dessa forma, não é nosso interesse definir um período ou idade correspondente à fase adulta, apesar do conhecimento que temos sobre a legislação brasileira, que estabelece os 18 anos de idade como início dessa fase

(BRASIL, 1988, 1990). Pretendemos, com a pesquisa, definir o ser adulto a partir de uma perspectiva não universalizante, contemplando os modos concretos de inserção dos sujeitos no seu mundo social, ou seja, reconhecendo situações histórico-culturais específicas, em função das histórias conhecidas pelos depoimentos.

Para Oliveira (2004), o adulto está inserido no mundo do trabalho e das relações interpessoais de modo diferente da criança e do jovem. Entre as diferenças, podemos identificar que a criança e o adolescente, por garantia legal, não podem receber remuneração pelo trabalho que realizam e que as formas pelas quais se relacionam com os pais adultos pressupõem a responsabilidade dos últimos sobre eles. Já ao adulto é permitido receber remuneração pelo trabalho bem como responsabilizar-se por seus atos.

A questão da relevância da remuneração pelo trabalho e a complexidade dos relacionamentos com os membros da família podem contribuir para dificultar a saída do adulto da casa de origem; aliás, a conquista do emprego ou da remuneração pelo trabalho realizado parece ser fonte de alguns desconfortos por parte daqueles que procuram remuneração e não a encontram nesse momento da vida. Logo, a inserção no mundo do trabalho torna-se uma das questões que determinam as ações do ser adulto.

Numa entrevista¹ à Rádio CBN, em 17 de maio de 2010, cujo tema era *Jovens que demoram a sair de casa podem prejudicar aposentadoria dos pais*, Mara Luquet, em conversa com Carlos Alberto Sardenberg, apresentou os riscos envolvidos nos recursos financeiros dos pais que têm filhos adultos em casa. Os comentaristas também apontaram, com base nas questões econômicas, os desdobramentos familiares que podem ocorrer em função da comparação de tratamentos entre irmãos (quando um sai e o outro fica) e o risco de o filho que fica drenar os recursos financeiros da família, o que poderia gerar sérios prejuízos. Além disso, a expectativa de vida, no Brasil, tem aumentado e os pais precisam dispor dos recursos financeiros conquistados em período anterior, somados à aposentadoria, para garantir a manutenção da própria existência. Como solução, disseram que o melhor é conversar com o filho adulto que permanece e incluí-lo como contribuinte das despesas da casa, em função das expectativas que esse filho tenha para o futuro.

Nesse sentido, no estudo da Agrilife Communications and Marketing (2010), da Universidade de Oregon, no Texas, referenciado por Mara Luquet (2010), há algumas

¹ No Anexo A, segue a entrevista na íntegra.

sugestões de atividades que poderiam ser exercidas pelos filhos adultos que permanecem com seus pais, na tentativa de minimizar as despesas dos pais idosos. Entre elas, destacam-se: a) serviços necessários para a sobrevivência: realizar as tarefas de casa, como refeições, compras, limpeza; oferecer manutenção do quintal; realizar trabalho doméstico, reparos; administrar dinheiro, comida ou bens; cuidar da habitação adequada; ajudar no banho e a vestir-se; cuidar da saúde, oferecendo-se para dar medicação etc.; e b) serviços para manter a interação social ou participação na comunidade: transportar, levando ao médico, para fazer compras ou a serviços sociais e recreativos; apoiar psicologicamente, ouvindo ou discutindo problemas, dando calor e afeto; oferecer serviços espirituais, ajudando os pais a irem à igreja; oferecer ajuda nos serviços burocráticos; oferecer materiais de leitura para manter o contato dos pais com a realidade e o mundo; oferecer serviços de proteção, instalando dispositivos de segurança e proteção contra assaltos na residência.

As independências emocional e financeira, em nossa cultura, são condições associadas a tornar-se adulto. Da mesma forma, o trabalho é parte da vida adulta, sendo considerado uma das atividades que podem favorecer a autonomia. No estudo de Mello (1988) sobre o trabalho e a sobrevivência de mulheres no campo e na periferia de São Paulo, encontramos a relevância do trabalho na vida humana. Para a autora, o trabalho

tem um valor extraordinário para os homens, seja porque é possível reorientar as finalidades instintuais, sublimando-as e transformando os impulsos em atividades criativas, seja porque o trabalho desempenha papel importante na economia libidinal. (MELLO, 1988, p. 14).

Sobretudo porque, de acordo com Freud (1973, p. 2962), “nenhuma outra técnica de orientação vital liga o indivíduo tão fortemente à realidade quanto a ênfase concedida ao trabalho, que, ao menos, incorpora-o a uma parte da realidade, a comunidade humana.”

Sendo o trabalho uma atividade fundamentalmente humana, ele pode civilizar, pois é através dele que o homem transforma o meio e é transformado por ele, ou seja, o homem é capaz, através do trabalho, de apropriar-se e ser apropriado pela cultura. No entanto, o fato de estar inserido no mundo do trabalho não significa, necessariamente, como já nos demonstrou Rodrigues (1978), desempenhar uma atividade que esteja dentro do “circuito monetário da produção social” (p. 18), ou seja, desempenhar uma

atividade atrelada ao emprego e/ou à remuneração. Ter trabalho remunerado é decorrente de fatores econômicos, sociais e históricos, e pode ou não estar relacionado ao fato de ter emprego. Ressalte-se que, de acordo com Cavalcanti (2009), intensificaram-se atualmente o trabalho autônomo, voluntário e a prestação de serviços.

Uma das consequências das dificuldades de inserção e da precariedade do mundo do trabalho para os adultos pode ser o prolongamento da convivência familiar em seu núcleo de origem. Mas será que essa pertença estendida do adulto em sua família de origem é somente consequência da falta de trabalho remunerado? Ou da garantia de sustento pela família? Ao longo da pesquisa, pretendemos expor motivos que configuram as relações do adulto que permanece no grupo familiar de origem.

Ainda, nas pesquisas de Henriques, Jablonski e Féres-Carneiro (2004) e Henriques, Féres-Carneiro e Magalhães (2006), desenvolvidas no Rio de Janeiro, encontramos referências a outras pesquisas realizadas na Itália, Argentina, Portugal e Estados Unidos, sobre o prolongamento da convivência familiar, nas quais o trabalho aparece como determinante para a permanência do adulto na família.

Henriques, Féres-Carneiro e Magalhães (2006), por exemplo, buscaram relacionar a família ao trabalho e trouxeram como contribuição a identificação de visões diferentes sobre o trabalho entre a geração dos pais e a dos filhos, percebendo que o prolongamento da convivência familiar associa-se a questões do mundo do trabalho, “sobretudo nos estratos médios e altos da sociedade brasileira” (p. 328). Portanto, é um fenômeno psicossocial constituído na interface da família e do contexto social, cuja “lógica da segurança e do pertencimento parece encobrir tensões da sociedade contemporânea, regida pela desterritorialização globalizada e risco.” (p. 335). A geração dos pais viu no trabalho a possibilidade de realização pessoal, mediante relações de compromisso e lealdade, o que não foi verificado na geração dos filhos, em que a provisoriedade e a incerteza fizeram do empreendedorismo a alternativa que garantiria a liberdade e ausência de hierarquia no mundo do trabalho. Assim, pais proporcionariam segurança aos filhos, que, por sua vez, privilegiariam a liberdade diante do risco e das incertezas do mundo do trabalho.

Em pesquisa realizada, em 2009, pelo Instituto LatinPanel (apud ROMANINI, 2009), verificou-se que 3,3 milhões de famílias das classes média e alta, no Brasil, estavam com os filhos adultos morando em casa e que isso equivalia a 7% das famílias do país, referindo-se àquelas cuja renda mensal estava acima de R\$

9.000,00. Nessas famílias, 62% dos filhos adultos vivendo em casa tinham idade entre 25 e 29 anos; 30%, entre 30 e 34 anos; e 15%, entre 35 e 39 anos.

Nesse contexto, Toledo (2010, p. A24) afirma que “um em quatro jovens adultos brasileiros entre 23 e 34 anos ainda vive com os pais” e que “o fenômeno é mundial”.

Se antes a dificuldade financeira era o principal motivo que impedia os jovens de iniciar uma vida longe dos pais, o cenário mudou: com comida, roupa lavada e privacidade no próprio quarto, os jovens adultos não têm motivos para abrir mão da comodidade. (TOLEDO, 2010, p. A24).

Ainda,

a presença materna no domicílio foi o fator que mostrou mais influência na proliferação dos jovens cangurus, segundo a pesquisa de Regiane [referindo-se à demógrafa Regiane de Carvalho]. Aqueles que não tinham mãe viva apresentaram três vezes mais chance de sair de casa, pois é ela, normalmente, quem proporciona casa, comida e roupa lavada. (TOLEDO, 2010, p. A24).

Por sua vez, o sentido de pertença estendida utilizado aqui, como já exposto anteriormente, está associado ao morar na casa em que está a família de origem, ou seja, estar sob o “mesmo teto”, conviver com os membros desse núcleo familiar. O termo ‘pertença’, segundo o dicionário *on-line* Michaelis (2009), tem como significado “1 Aquilo que faz parte de alguma coisa. 2 Atribuição. 3 Domínio. 4 Acessório. 5 *Dir* Coisa que, por disposição de lei ou destinação natural, se acha ligada ao uso de outra a que presta utilidade.” Em nosso trabalho, usamos esse termo por estar consagrado nas pesquisas e publicações sobre o tema, como também porque seu significado foi o que mais nos ajudou a definir o que estávamos buscando: um adulto que faz parte da sua família, que está ligado a ela e lhe presta utilidade. Esclarecer como se dá essa convivência e sua perpetuação é nosso objetivo ao longo do trabalho.

Outra ideia que nos ajudou a pensar o sentido de pertença é o conceito de “parte da familidade” (MEYER, 1987, p. 50), que “funciona como a entidade que organiza o relacionamento entre cada membro e a família” (p. 51), denotando

aquela parte da vida mental da pessoa que está sendo incessantemente estimulada e ativada pela experiência da interação familiar. [...] Esta é a parte que fornece ao indivíduo aquele aspecto de sua identidade que o estabelece a nível interno, como participante de uma família. Portanto, a percepção de ‘ter uma família’ e/ou de ‘estar numa família’ está inconscientemente relacionada com a presença e a atividade inconsciente dessa parte. Os aspectos que compõem a parte da familidade permanecem latentes à observação enquanto a

pessoa estiver numa situação de isolamento relativo; mas o contexto familiar faz com que esses aspectos venham à tona, como que revelassem ao indivíduo a natureza intrínseca de sua personalidade *enquanto membro de uma família*.

Quanto à parte da família, podem ser distinguidos teoricamente dois níveis de operações inconscientes. O primeiro diz respeito à relação entre a pessoa e sua própria parte da família. [...]

O segundo nível de operação é representado pela atividade em si da parte da família propriamente dita. Neste nível a parte da família funciona como a entidade que organiza o relacionamento entre cada membro e a família (em certo sentido, a família é a rede de interações criada pelo conjunto das partes de família dos diversos membros da unidade familiar). [...] E ainda transmite o que a pessoa, inconscientemente, sente que deve ser satisfeito, obtido, negado, a fim de preencher/realizar sua identidade de membro de uma família. (MEYER, 1987, p. 50-51).

Por família, de acordo com Mandelbaum (2004, p. 10), entendemos

um campo de interseção entre o real e o psíquico, uma tessitura que, em seu arranjo de parentesco e nos significados que atribui a cada um dos lugares que a compõem, sofre a determinação de uma história sócio-cultural na qual se estabelece e que a atravessa, ao mesmo tempo que é constituída na interação afetiva entre seus membros. Toda família constitui um microcosmo fincado nas mediações entre a esfera social e individual, o público e o privado, o real e a representação, o biológico e o cultural.

Estamos circunscrevendo a família como o grupo composto por filhos e seus ascendentes, incluindo tanto a família nuclear, composta por pai, mãe e filhos, quanto a monoparental, composta pelo(s) filho(s) e um dos genitores, além de considerar, em ambos os casos, a família extensa, que permite a convivência de várias gerações – filho(s), genitor(es), avô(s), tio(s) etc. – em seu interior.

Como dissemos no início, a influência da família no desenvolvimento infantil foi e continua sendo muito estudada por teorias psicológicas, cabendo, atualmente, o estudo das relações familiares quando indivíduos adultos passam a conviver por mais tempo com suas famílias de origem. Nesse sentido, algumas perguntas que nos mobilizaram foram: será que isso ocorre em função das dificuldades desses adultos em inserir-se no mundo do trabalho? Das exigências por qualificações cada vez maiores para o trabalho remunerado? Da quantidade de tempo dedicado à formação profissional? Da falta de autonomia financeira? Ou isso se dá pela configuração da própria família, que não permite o desenvolvimento autônomo do sujeito? Por acomodação do adulto? Para a manutenção de seu *status* social?

Conhecer como se relacionam esses adultos com seus pais, que sentidos atribuem a essa convivência no núcleo familiar de origem e como têm percebido a

configuração familiar frente à aceleração das mudanças sociais, que alteraram e continuam alterando os papéis desempenhados pelos sujeitos que compõem essa família, é nosso objeto de estudo. Ainda, conhecer a maneira pela qual o grupo a ser pesquisado justifica e entende todo esse processo representa o principal desafio e contribuição desta pesquisa.

Desde já apontamos nossas limitações frente ao que pretendemos investigar. Não é nossa intenção fazer um estudo clínico da dinâmica das relações intrafamiliares ou mesmo da estrutura psíquica dos sujeitos entrevistados; a entrevista não nos permite isso. Nossa intenção é conhecer, a partir das falas dos entrevistados, os motivos que os levam a permanecer na casa dos pais.

Cabe ainda ressaltar que verificamos a relevância deste estudo em função da escassa pesquisa realizada sobre o tema. Em Henriques, Jablonski e Féres-Carneiro (2004), o prolongamento da convivência familiar é verificado a partir do olhar dos familiares sobre os filhos adultos que nela permanecem. Os pesquisadores utilizaram como referência outra pesquisa, realizada em 2003, que envolveu o depoimento de pais e filhos de sete famílias da classe média carioca, residentes na zona Sul, com filhos já graduados, morando sob o mesmo teto e com idade superior a 26 anos.

Como justificativas para esse prolongamento, os autores destacaram: a) as escolhas profissionais, que estão se equacionando não só pelas oportunidades do mercado; b) a permissão para fazer sexo na casa dos pais; c) a situação de conforto e o padrão de vida usufruídos na convivência familiar; d) o fechamento do grupo familiar, com o isolamento dos próprios membros dentro da casa; e) o adiamento do casamento; f) as transformações dos compromissos afetivos, que não demandam tantas exigências e expectativas; e g) a dificuldade de separação entre pais e filhos.

Ao retardar a saída da casa paterna, os jovens adultos não evoluem da condição de dependência para a de autonomia. Com isso, adiam compromissos da ordem do social como também da afetiva, uma vez que em suas 'solteirices' e não comprometimentos com responsabilidades sociais, se mantêm numa espécie de eterna adolescência. Os fatores levantados quando se objetiva abordar a geração canguru – as novas realidades do mundo do trabalho, as relações igualitárias que afetam tanto a família como a formação dos futuros pares e o adiamento do casamento – vêm a ser alguns dos aspectos de um amplo leque de variáveis a influenciar o fenômeno. [...] Podemos pensar que a família constitui um território privilegiado no qual coexistem acordos e interesses complementares que visam prolongar sua convivência. O alto investimento afetivo feito pelos pais no exercício da parentalidade provoca, como ação recíproca, a atitude dos filhos de corresponder a esse investimento, mantendo o papel de filhos. (HENRIQUES, 2004, p. 72 e 126).

Já Silveira e Wagner (2006) consideraram a permanência do adulto jovem em sua família de origem através de uma pesquisa com depoimentos de quatro adultos – dois homens e duas mulheres –, entre 27 e 35 anos, de nível socioeconômico médio, da cidade de Porto Alegre. As autoras organizaram os estudos de caso em função de três eixos temáticos: a) projetos vitais, abordando os planos que o adulto jovem faz para o seu futuro; b) dinâmica familiar, que diz respeito às críticas que o adulto jovem faz sobre a relação parental e a relação conjugal de seus pais; e c) aspectos do contexto social atual, abrangendo aqueles que interferem no fenômeno do “ninho cheio”, na visão do adulto jovem.

Elas verificaram que o ninho cheio decorre de um momento de transição/ajuste das famílias ao ciclo normativo e, como aspectos relevantes das entrevistas, apresentaram:

Os entrevistados são unânimes em reconhecer que, atualmente, a inserção no mercado de trabalho está difícil. Aqueles que estão empregados têm como estratégia o investimento na carreira, provavelmente porque acreditam que ainda não alcançaram a condição ideal de trabalho e, principalmente, de salário. [...]

O apoio financeiro dos pais facilita a permanência do filho no lar parental e, nesse caso, dificulta o seu processo de emancipação. [...]

A maior parte dos entrevistados não faz uma boa avaliação do casamento de seus pais. [...]

A percepção de dificuldade de inserção no mercado de trabalho e de conquista de salários melhores, aliada à vontade de seguir desfrutando do conforto e da segurança que o lar parental oferece, aparece como o grande motivador explícito da permanência dos filhos na casa dos pais. (SILVEIRA; WAGNER, 2006, p. 451-452).

Investigar como a família tem lidado com o prolongamento da convivência de seus entes carece de mais produções acadêmicas. Nesse contexto, pretendemos entender a configuração da pertença estendida de adultos na família de origem com adultos de classe média, na cidade de São Paulo.

Segundo Neri (2010), alguns valores de renda domiciliar mensal definem as classes econômicas: a classe E teria como renda mensal de R\$ 0,00 a R\$ 705,00; a D, de R\$ 705,00 a R\$ 1.126,00; a C – considerada classe média –, de R\$ 1.064,00 a R\$ 4.561,00; a B, de R\$ 4.854,00 a R\$ 6.329,00; e a A, acima de R\$ 6.329,00. Nesta pesquisa, por classe média entendemos, para além da inserção numa faixa de renda, “um estado de espírito em que se acredita que a vida vai melhorar no futuro” (NERI, 2009, p. 33), bem como a classe que tem “casa, carro, computador, crédito” (NERI, 2010, p. 29). Assim, não houve a preocupação, durante as nossas entrevistas, de

verificar a renda mensal das famílias, apesar de a precariedade dos salários dos adultos que se encontravam recebendo remuneração pelo trabalho ter aparecido como tema em todas as entrevistas.

Para compreender esse fenômeno multideterminado, organizamos esta pesquisa em capítulos. O capítulo 2 – Sobre o método: preparando as entrevistas – descreve o trajeto percorrido para que fosse possível a situação de entrevista. No capítulo 3 – As entrevistas –, apresentamos as entrevistas, com a ilustração de algumas falas dos colaboradores, através de vinhetas. O capítulo 4 – Discussão – apresenta os principais temas, sentidos e motivos apontados pelos adultos em relação à pertença estendida na família de origem, articulando-os com pesquisas já realizadas sobre o assunto e com o referencial teórico psicanalítico por nós escolhido (WINNICOTT, 1983, 2001; MEYER, 1987; BERENSTEIN, 2002). Por fim, o capítulo 5 – Considerações finais – aponta os limites desta pesquisa, bem como os desdobramentos necessários para aprofundar o tema.

1.1 Objetivo geral e objetivos específicos

Sendo o objetivo geral desta pesquisa a compreensão dos motivos, das intenções e dos sentidos que determinam a pertença estendida de adultos na família de origem, nossos objetivos específicos consistem em:

- a) Perceber como vivem e quais sentidos esses adultos atribuem para a convivência familiar;
- b) Identificar quais perspectivas esses adultos enxergam para o futuro;
- c) Verificar como esses adultos percebem a si mesmos na condição em que vivem;
- d) Verificar como esses adultos percebem suas famílias;
- e) Reconhecer quais variáveis aparecem como motivos para a pertença estendida do adulto na família de origem;
- f) Perceber como os adultos lidam com os motivos pelos quais justificam a pertença estendida na família de origem.

2 SOBRE O MÉTODO: PREPARANDO AS ENTREVISTAS

Em função da construção de conhecimentos realizada durante as entrevistas, não podemos deixar de destacar a imposição da Psicanálise enquanto método que conduziu e orientou a forma como abordamos o tema da pertença estendida neste trabalho.

Com o desenvolvimento da pesquisa, deparamo-nos também com a necessidade de cuidados especiais do pesquisador ao inserir-se no campo, o que, neste caso, traduziu-se pelo cuidado na situação de entrevista. Tal situação, assim como toda condição natural de interação humana, dá-se num contexto de vínculos e relações que permite estudar o que entendemos por fenômeno psicológico, como já descrito por Bleger (2007, p. 16):

Toda conduta se dá sempre num contexto de vínculos e relações humanas, e a entrevista não é uma distorção das pretendidas condições naturais e sim o contrário: a entrevista é a situação 'natural' em que se dá o fenômeno que, precisamente, nos interessa estudar: o fenômeno psicológico.

Esta pesquisa utilizou-se do método psicanalítico na tentativa de abertura, construção e participação da pesquisadora e do pesquisado frente ao fenômeno estudado. Esse método valorizou muito mais a escuta do que a fala, mais a espera do que a indução de um sentido, objetivando obter dos entrevistados a possibilidade de emergência dos significados submersos em suas falas (MEZAN, 1993; SILVA, 1993; FREUD, 2010).

Apesar de concepções sobre o tema, seja em função da mídia ou de pesquisas anteriores, não sabíamos de fato o que poderíamos obter como sentidos a partir de nossos entrevistados; não sabíamos o que encontraríamos no campo. Isso foi de grande valia para que a descoberta não fosse antecipada e impedisse a busca do que estávamos por conhecer.

Ao iniciar-se uma investigação, portanto, há que renunciar aos conhecimentos prévios e colocar-se numa posição de receptiva curiosidade, sem que a ânsia de conhecer obstrua ou determine as representações, deixadas livres para se organizar 'gestalticamente' a partir do material que se oferece à observação. (SILVA, 1993, p. 22).

A possibilidade de abirmo-nos ao novo, ao desconhecido, tornou-se um imperativo durante as sete entrevistas realizadas, pois, com cada um dos entrevistados, não era possível antecipar o que seria compartilhado.

Quando o sentido enfim emerge da relação observador-observado há um efeito de maior ou menor amplitude que reestrutura o campo do anteriormente conhecido. A magnitude deste impacto e da mudança que ocasiona é fundamental, como já foi demonstrado a respeito da informação: um certo grau de novidade revela-se necessário, inclusive para justificar a pesquisa. Mas a partir de um certo grau começa a ameaçar a estabilidade do conhecido já adquirido, às vezes mesmo a integridade mental do pesquisador ou do grupo ao qual as descobertas são anunciadas. Isso significa que há também uma amplitude complementar de resistência. O resultado é que uma pesquisa baliza-se por estes dois fatores, a procura da novidade e a manutenção do já conhecido, além de todas as outras circunstâncias psicológicas, sociais, econômicas e políticas que envolvem um tal empreendimento. (SILVA, 1993, p. 23).

Essa articulação entre o já conhecido e o por conhecer permeou nossa atitude durante as entrevistas. A cada uma delas, tínhamos possibilidades maiores de representar o fenômeno da pertença estendida de adultos na família de origem, em função das histórias já conversadas, o que não garantia prever o que estávamos por ouvir. Ouviríamos algo semelhante ao relatado em entrevistas anteriores ou apareceriam novos sentidos? Acreditamos que isso confere “um estatuto de cientificidade ao conhecimento assim adquirido, o que não significa atribuir-lhe o qualificativo de verdade.” (SILVA, 1993, p. 23).

Por isso, no campo da Psicologia Social, bem como no da Psicanálise, a pesquisa pode se efetivar no campo, nas entrevistas, nas observações que ocorrem no aqui e agora das situações compartilhadas; no nosso caso, isso aconteceu através das histórias conversadas entre os adultos que moravam com suas famílias e a pesquisadora, em função de uma “atenção flutuante sem hipótese a ser testada, sem objeto muito bem definido, sem ansiedade de chegar rapidamente a uma compreensão.” (SILVA, 1993, p. 24).

Assim, partimos por considerar uma

relação sujeito-sujeito, ou seja, entre dois sujeitos, cada um com uma parte consciente comunicando-se ‘oficialmente’ com o consciente do outro, e uma parte inconsciente de cada um utilizando-se de seu estilo peculiar de interação [na tentativa de] trazer à tona esse nível submerso, essa intersubjetividade, e relacioná-la com o nível da superfície, [o que] constitui complexo e delicado trabalho da psicanálise. (SILVA, 1993, p. 17).

É importante ressaltar que não realizamos nenhuma interpretação sobre as falas ouvidas no aqui e agora das entrevistas, o que seria desastroso para uma pesquisadora que não tem formação psicanalítica. Nossa proposta foi, a partir das histórias ouvidas e de nossa percepção sobre o que se destacou em cada uma delas, ter algumas hipóteses sobre o que fez com que cada um dos adultos entrevistados definisse sentidos e motivos que justificassem o morar na casa dos pais. Ainda, decidimos pelo uso de entrevistas semiestruturadas, tentando contemplar, da forma mais abrangente possível, as questões que queríamos abordar no campo a partir de nossas hipóteses, advindas da definição do objeto de investigação (MINAYO, 1999).

Em trabalhos anteriores, verificou-se a utilidade das entrevistas semiestruturadas na pesquisa com famílias, na tentativa de verificar como fenômenos psicossociais manifestavam-se em sua dinâmica e funcionamento. Entre esses fenômenos, podemos citar: os tipos de rede que oferecem suporte às famílias (SPILLIUS, 1976), a visão de operários e operárias sobre suas vidas (RODRIGUES, 1978), como famílias de camadas médias percebem aspectos da contemporaneidade (ROMANELLI, 1987), como trabalhadores lidam com suas condições de trabalho e as implicações destas na vida familiar (MELLO, 1988; MANDELBAUM, 2004) e como famílias pobres significam as relações familiares (SARTI, 2007). Esses trabalhos descrevem a relação particular estabelecida entre o pesquisador e os seus pesquisados, apontando os cuidados éticos e políticos que podem instruir o pesquisador ao inserir-se no campo da pesquisa.

Um estudo exploratório foi essencial, não só porque nos ensinou a fazer e refazer a futura entrevista, mas porque possibilitou a extração de questões na linguagem usual do pesquisado, detectando temas promissores. Nesse sentido, pré-entrevistas realizadas por *e-mail* abriram caminhos insuspeitados para a investigação, nas quais consideramos relevante, desde o início, estabelecer idade, sexo e formação dos que responderiam ao questionário.

Foi pedido o auxílio de cinco mulheres adultas que já sabíamos estarem na condição de morar na casa de seu núcleo familiar de origem e, entre as perguntas feitas por *e-mail*, incluímos: a) se você tivesse que contar sua história para alguém, que história seria? b) por que você mora na casa dos seus pais? c) explique como é morar com a família; d) explique como é sua relação com seus pais; e) explique como sua família lida com sua presença em casa; f) como você se vê no futuro? g) como foi responder a essas questões? Obtivemos retorno de todos os questionários enviados

por *e-mail*, bem como recados e manifestações sobre a possibilidade de contribuir posteriormente, caso fosse preciso. Além disso, houve a manifestação voluntária de pessoas que, ao saberem da pesquisa, quiseram colaborar.

As respostas do questionário por *e-mail* indicaram temas que poderiam ser abordados durante as entrevistas. Para ter uma ideia de alguns desses temas, seguem as respostas de cada uma delas sobre os motivos que as fazem permanecer na família:

Moro na casa dos meus pais, pois me sinto muito feliz e protegida por ter o apoio e amor deles sempre! Apesar de ter meus amigos e namorado, sei que, quando eu precisar, minha família estará sempre comigo. Além disso, nos damos muito bem! (mulher, 23 anos, pedagoga).

Porque não tenho condições financeiras para sair. (mulher, 32 anos, pedagoga).

Por vários motivos: 1) até o momento não tenho uma situação financeira fixa; 2) por estar acostumada a morar com a família; e 3) acredito que tudo isso se resume em não sair da 'zona de conforto'. (mulher, 30 anos, psicóloga).

Moro com a minha mãe porque acredito que é o melhor lugar pra ficar até que eu me case. Não vejo motivo para sair da casa dela, porque lá tenho o seu amparo e assim nossas vidas se tornam menos solitárias. (mulher, 26 anos, profissional de educação física).

Pois ainda não consegui o meu próprio imóvel, embora esteja batalhando para isto. (mulher, 28 anos, psicóloga e psicopedagoga).

Assim, entre os motivos que elas apresentaram para continuar a morar com a família, estão: a) o fato de não serem casadas; b) terem conforto na casa; c) não terem condições financeiras para sair; e d) viverem bem com a família.

É claro que, a partir desse primeiro contato com o campo, inúmeras indagações novas permearam a investigação. Assim, ao estabelecermos os temas das entrevistas semiestruturadas, selecionamos, entre outros: o que é ser adulto, o trabalho, as expectativas parentais em relação aos filhos, o casamento, a profissionalização e a percepção do contexto social.²

Para a realização das entrevistas, houve a necessidade de aprovação do protocolo de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPH) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, o que ocorreu em junho de 2010. Os adultos que colaboraram com a pesquisa fizeram-no através de participação voluntária, tendo sido garantidos a eles o sigilo e o anonimato das

² No Anexo B, segue a lista completa dos temas que balizaram as entrevistas semiestruturadas.

informações obtidas, conforme se vê no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.³

Sete entrevistas semiestruturadas, entre elas, cinco com mulheres e duas com homens, foram realizadas pessoalmente e gravadas, entre agosto e outubro de 2010; o tempo de duração das entrevistas variou entre trinta minutos e duas horas e o processo de transcrição aconteceu nos meses de dezembro de 2010 e janeiro de 2011. A partir disso, começamos a trabalhar com as falas: observamos situações similares e divergentes entre os entrevistados, os motivos que os faziam permanecer com a família etc. No capítulo 3, apresentamos as sete entrevistas realizadas em função daquilo que mais nos chamou atenção para investigar o fenômeno estudado. Além disso, não percebemos necessidade de conversar uma segunda vez com os entrevistados, mas, caso fosse preciso, eles tinham sido alertados sobre a possibilidade de novo encontro.

Para nos aproximarmos de nossos colaboradores, fizemos uma nova comunicação, por *e-mail*, às mulheres que já haviam respondido ao questionário em momento anterior, bem como pedimos indicação de pessoas, principalmente por parte do grupo de colegas discentes da pós-graduação e conhecidos da pesquisadora. Os colaboradores que concordaram em participar tinham idade entre 26 e 37 anos e estavam morando com a família de origem no momento da entrevista, sendo moradores da cidade de São Paulo, pertencentes à classe média, que já haviam concluído o curso de graduação. Esse recorte foi estabelecido em função da suposição de que teríamos colaboradores que já vivenciaram a escolarização e poderiam, em tese, pensar em perspectivas para o futuro, seja em relação ao trabalho, à própria independência material e emocional, sobre a constituição de sua família, casamento etc.

O número de sujeitos da pesquisa – sete – deu-se em função de nossa rede de contatos e da expressividade do fenômeno (MINAYO, 2004), pois tivemos uma variação de idades e gênero, o que poderia significar certo grau de aprofundamento e diversificação do grupo estudado. Apenas uma colaboradora esteve presente neste estudo desde o momento do questionário fechado, enviado por *e-mail*; os demais foram novos sujeitos encontrados em função dessa rede de indicação de pessoas conhecidas.

³ No Anexo C, segue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Três entrevistas ocorreram na sala do Laboratório de Estudos da Família, Relações de Gênero e Sexualidade do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, duas entrevistas ocorreram num café próximo à Cidade Universitária e duas ocorreram no local de trabalho das entrevistadas. Como já dissemos, ficou definido com cada um dos entrevistados que, se algumas informações fossem relevantes e não pudessem ser obtidas nesse primeiro contato, poderíamos realizar outras entrevistas.

As entrevistas foram conduzidas na tentativa de deixar o mais à vontade possível o entrevistado, de modo que nossas intervenções consistiram em pequenas observações para esclarecer suas falas e algumas perguntas, quando se sentiu permissão/autorização para realizá-las. Também, os materiais para análise incluíram nossas impressões durante as entrevistas e suas respectivas transcrições.

Após a transcrição das entrevistas, contamos com o seu envio por *e-mail* ao entrevistado, para que revisse sua fala e, caso assim desejasse, acrescentasse ou modificasse as informações fornecidas. Gustavo e Elisa⁴ devolveram as entrevistas com uma série de comentários e pedidos. Gustavo pediu que fossem tirados alguns trechos para evitar a exposição de algumas pessoas e a identificação de lugares e instituições; trocamos vários *e-mails* e a versão autorizada por ele é a que utilizamos neste trabalho. Já Elisa esclareceu diversos trechos da entrevista com uma série de comentários; trocamos *e-mails* e sugerimos que ela poderia reescrever os trechos que considerasse confusos. Ela, ao final, preferiu deixar a entrevista como estava e a versão autorizada por ela é a apresentada aqui. As demais entrevistas – da Camila, Amanda, Neila, Caio e Alice – foram enviadas por *e-mail* e autorizadas para uso pelos entrevistados sem nenhum comentário ou sugestão.⁵

Mediante o consentimento de apresentação do material transcrito, fizemos uso das informações para o texto desta dissertação. Aliás, a coconstrução nos processos de transformação da fala em escrita, de transcrição e leitura foi imprescindível, na tentativa de minimizar desacordos e apresentar ao entrevistado como suas falas poderiam ser utilizadas nesta dissertação e eventuais publicações.

Ressalte-se que, ao pesquisado que se dispõe a participar de uma investigação científica, cabe a garantia do direito de atuação enquanto sujeito participante de uma relação permeada por compromissos éticos, estabelecida entre pesquisador e

⁴ Os nomes de todos os entrevistados e das pessoas apresentadas por eles são fictícios.

⁵ Todas as entrevistas estão no CD-ROM, constante no final deste texto.

pesquisado. Tratar do enquadre da entrevista requer, assim, postura e atitude éticas por parte do pesquisador e a liberdade daqueles que participarão do estudo em construir conjuntamente o conhecimento, a partir do campo intersubjetivo estabelecido na entrevista.

Na tentativa de minimizar “desvios de sentido” (BOURDIEU, 1997, p. 9), apresentamos os entrevistados com um pequeno texto, para que o leitor tenha informações que o ajudem a compreender as suas falas, sendo a preocupação desta pesquisa apresentar, descritivamente, os aspectos mais relevantes das histórias obtidas com as entrevistas, bem como deixar que os próprios entrevistados deem voz ao que buscamos compreender.

Na esperança de termos tido paciência para que o inconsciente – “objeto da psicanálise [...], gama de significados emocionais possíveis que se organizam segundo um fio condutor que batizamos de desejo, com tendência a se manifestar à consciência e daí ao ambiente” (SILVA, 1993, p. 20) – fizesse seu trabalho e de que a emergência dos sentidos e motivos que justificam a pertença estendida de adultos na família de origem venha, enfim, aliviar a angústia da pesquisadora e alegrá-la com uma teoria provisória nascida do material de estudo, apresentamos o que foi possível discutir a partir das entrevistas.

3 AS ENTREVISTAS

3.1 Camila – *Eu continuo sendo a filha dela*

Esta entrevista foi marcada por contato telefônico e *e-mail*. Camila sempre se apresentou bastante solícita a participar deste estudo e, desde o piloto feito pela internet, ela já havia iniciado sua contribuição.

Conheci-a numa das universidades em que trabalhei como professora em 2008 e fazia dois anos que não nos encontrávamos. Ao reencontrar-me, abraçou-me, dizendo estar com saudades, que fazia tempo que não nos víamos. Eu retribuí dizendo que era muito bom revê-la. Fomos caminhando em direção ao Laboratório para continuar a conversa.

Aos 31 anos de idade, Camila mora com seus pais, já aposentados e ambos com 63 anos de idade, numa casa em um bairro da periferia de São Paulo. Ela é a caçula de dois irmãos. Seu irmão mais velho, de 35 anos, é casado e mora próximo à casa da família. Segundo ela, ele é o filho preferido dos pais, enquanto ela já tinha sido o “*patinho feio*” e a “*ovelha negra*” da família.

Com a palavra, Camila justifica a permanência na casa da família:

Primeiro porque financeiramente ainda não tenho recursos para morar sozinha ou dividir com alguém um apartamento [...] segundo pelo verdadeiro comodismo, comodinha pronta, um acesso mais fácil a tudo que preciso.

Com o noivado efetivado, ela está verificando as possibilidades de saída da casa dos pais, mas ainda não se vê com os recursos financeiros e emocionais disponíveis para isso. Trabalha em dois períodos – como psicopedagoga no consultório e como professora numa faculdade – e tem vontade de ter seu próprio carro, para não depender mais do carro da família, apesar do fácil acesso ao transporte público onde mora.

Camila é bem articulada ao falar, expressa-se bem e gesticula o tempo todo da nossa conversa. Ao ser questionada sobre o comodismo, ela diz ter medo do novo, de se arriscar.

Eu sei que estou numa idade que eu preciso ter experiência nova em morar sozinha, eu tenho essa vontade, estou me preparando emocionalmente para que isso aconteça, estou fazendo terapia, estou me preparando para que isso aconteça, só que ainda não me sinto preparada [...] Eu não tenho uma reserva financeira que eu possa falar: a partir do mês que vem vou morar sozinha, vou deixar, sei lá, de fazer algumas coisas para investir num aluguel, pra eu investir em qualquer outra coisa. Eu guardo meu dinheiro, por enquanto, para daqui a um ano e meio, mais ou menos, eu conseguir fazer isso.

Percebemos as intenções conflitantes de Camila ao manifestar o desejo de sair da casa dos pais e, por outro lado, não ver condições ainda para isso, havendo a ausência de recursos financeiros e emocionais que permitam a saída. O dinheiro que recebe por seu trabalho é utilizado para manutenção do ortodontista e da terapia e ela espera o término desses tratamentos para conquistar a possibilidade de juntar dinheiro.

No campo profissional, ela começou a trabalhar aos 16 anos, “fazendo bicos, fazendo recepção, shopping, qualquer coisa” para ter “um dinheirinho”, e já atuou na área de Recursos Humanos (RH), o que lhe dava condições financeiras melhores do que as do momento atual. Essa oportunidade apareceu em meio ao roubo do carro de sua mãe e marcou sua entrada no mundo do trabalho.

Quando tive a oportunidade, que foi quando roubaram o carro da minha mãe, de trabalhar registrada, eu pensei: agora vai. Sofri, penei, chorava que nem uma louca, como uma condenada, porque... Eu estava muito acostumada a minha mãe fazer as coisas por mim, eu começava a fazer e minha mãe ia lá e me ajudava. No serviço não, o chefe manda e você tem que fazer, tem prazo para fazer; se não fez, por quê? Você vai ter que prestar contas. Qualquer coisa que acontecesse... Então eu tive que crescer muito rápido e não deu tempo para digerir tudo.

Como não era, segundo ela mesma, tão feliz nessa área, resolveu mudar o foco de atuação após um convite de sua ex-terapeuta, que “estava com a agenda cheia de pacientes”. Com isso, seus recursos financeiros diminuíram e a ajuda financeira oferecida para a casa da família teve de diminuir – ao invés de R\$ 350,00, ela passou a contribuir com R\$ 250,00 mensais para as despesas da casa. A justificativa para ajudar com as despesas vem do fato de seus pais serem idosos e de ela compadecer-se da mãe, não querendo que ela realize as tarefas domésticas. Camila também não tem tempo de realizar essas atividades e prefere pagar alguém para poder investir seu tempo na formação, nos estudos e no trabalho. Ainda, sente-se obrigada a contribuir, pois, caso contrário, é como se “fosse um encosto em casa”.

Seus pais, em princípio, não ficaram satisfeitos com essa mudança na carreira. Para eles, o trabalho seria sinônimo de vínculo empregatício e Camila tem lutado para mostrar que o trabalho autônomo também é um trabalho que merece tanto respeito quanto o de “*carteira assinada*”.

A questão do trabalho remunerado para Camila é importante para a conquista do seu próprio espaço, em local diferente do dos pais, ou do seu automóvel, o que lhe permitiria maior liberdade para se locomover, sem a necessidade de oferecer satisfação quanto ao uso do automóvel familiar. Ser percebida como “*coitadinha*” é algo que a entristece bastante, principalmente quando é percebida dessa forma por sua mãe.

Uma vez, conversando com minha tia, a irmã dela, [minha mãe] comentou que eu propus pagar uma pessoa para ajudar em casa, que é a pessoa que está hoje conosco; e ela conversando com minha tia falou: Mas ela ganha tão pouquinho, coitada. [...] E eu fiquei um pouco chateada porque eu tive aquela sensação assim, a Camila está trabalhando num consultório. Ah... Ela está desempregada! Para meus pais, um serviço, um trabalho é registro em carteira, não autônomo.

As diferentes visões sobre o mundo do trabalho entre as gerações são percebidas pela entrevistada. Para os pais, o trabalho é aquele em que há vínculo empregatício, carteira assinada, e, para Camila, a nova concepção de trabalho faz-se presente; o trabalho autônomo faz parte da sua nova organização financeira.

O seu relacionamento com os pais está bom atualmente, ela diz, mas há pouco tempo ela sofria com a ausência de afetos por parte deles.

Eu sempre tive muito medo dos meus pais. Eu sempre tive respeito, mas no fundo muito medo.

De ascendência italiana, refere-se ao pai como machista e à mãe como a cuidadora dos irmãos mais novos.

Dentro da cultura italiana, o filho mais velho assume a casa na ausência dos pais. Então meus pais não tiveram a oportunidade de estudar e tudo o mais. Tanto minha mãe quanto meu pai, ambos são os mais velhos das famílias. [...] minha mãe carregou muito o espelho da minha avó [...] que sempre foi uma pessoa muito autoritária, muito mandona. [...] Minha mãe é uma pessoa muito sofrida.

Seus pais vieram do interior de São Paulo, no início da década de 1970, para a cidade, encontraram-se por acaso em função de amigos da igreja em comum, namoraram por cinco anos e casaram. A família do seu pai sempre foi mais ausente que a da sua mãe. Com a família da mãe, Camila mantém contato com os primos, tias; já a do pai “só liga para falar parabéns no aniversário”.

Seu relacionamento com o irmão mais velho, Fábio, sempre lhe trouxe muita insatisfação, pois o considera “racional [...], uma pessoa muito fria, muito distante [...] [que] não sabe lidar muito com esta questão da emoção”. Para ela, seu irmão e a mãe são muito parecidos.

Ela direcionava a atenção mais pro meu irmão e menos pra mim. Mais uma questão de afinidade, tanto que eu falo que se ela não fosse mãe do meu irmão, talvez fosse irmã. Porque até do mesmo signo eles são. Meu irmão faz aniversário três dias depois que minha mãe. [...] Meu irmão é o filho que deu certo.

O que Camila considera o motivo para a “idolatria” do irmão pelos pais é o fato de ele ter ajudado financeiramente quando a família inteira ficou desempregada: ela, a mãe e o pai. Nessa situação, o pai endividou-se para pagar a faculdade dos filhos e, posteriormente, seu irmão ofereceu dinheiro para pagar o empréstimo bancário que garantiu a conclusão dos estudos.

Meu irmão depois de um tempo emprestou um dinheiro para o meu pai quitar esta dívida no banco. Meu irmão virou o deus em casa.

Sobre a mãe, queixa-se:

Ela não foi ensinada, ela não teve isso de chegar, fazer um carinho, de abraçar, de beijar. Eu sempre fui de chegar, abraçar, beijar, fazer carinho, enfim...

Sua mãe sempre quis ter uma filha menina e Camila não entende os motivos da diferença de tratamento em relação ao seu irmão.

Se minha mãe sempre quis uma menina, por que eu sou o ‘patinho feio’ e meu irmão é o ‘príncipe encantado’? O meu irmão é o filho que deu certo? [...] No fundo, no fundo, o que ela sempre teve vontade é de ter uma filha que fizesse tudo que ela fez pela minha avó. [...] Ela idolatra meu irmão por quê? [...] Ele faz o que eu deveria fazer. O que ela acha que eu deveria fazer.

Os relacionamentos amorosos que teve antes do noivado sempre foram permeados pelos palpites familiares. Ela teve um namoro dos 15 aos 16 anos e outro dos 16 aos 19 anos, que se rompeu em função da entrada do namorado na faculdade. Esse último relacionamento foi significativo para ela, que se refere ao ex-namorado como “o príncipe dos príncipes”. Assim como na história dos pais, Camila conheceu este namorado numa igreja, no encontro de jovens. O rompimento causou extremo sofrimento e, depois disso, ela reconhece que ficou muito dependente dos seus pais.

Quando nós terminamos sofri como uma condenada, eu chorava o tempo todo, foi um luto assim de três meses seguidos, eu não parava de chorar. Eu chorava assim desesperada. [...] Depois disso tudo, o que aconteceu? Eu criei uma dependência muito forte dos meus pais, deixei de sair muito de casa, deixei de... [...] Eu evitava encontrar com ele. Eu o encontrei algumas vezes. Nas vezes em que nós nos encontramos eu segurei. Eu quero falar, mas eu não posso, eu amo e não amo, gosto e não gosto; uma mistura de sentimentos, eu estava naquela fase de mudança para a vida adulta, e tudo acontecendo, faculdade, muita coisa acontecendo, eu comecei num emprego novo, mudei o horário na faculdade, tudo foi acontecendo, foi um estresse emocional muito forte... Ficava doente a cada três ou quatro meses. Tudo, tudo o que se podia imaginar de negativo acontecia comigo. Eu quebrei o pé na faculdade. No final do primeiro ano, saí no primeiro dia de férias, voltando pra casa quebrei o pé. Então tudo, tudo, tudo o que você imaginar aconteceu. Eu criei uma dependência muito forte dos meus pais. Na verdade, o que eu não conseguia encontrar. Eu procurava... Pois chegou o final de semana, e cadê o fulano. Não tem mais. Eu não conseguia trabalhar isto em mim. Que droga. Eu chorava que nem uma louca. Chorava, chorava... Foi aí que eu fui procurar a terapia... Meu, será que isso não vai ter fim, este sofrimento, será que não vai ter fim nunca, sabe?

Para a sua família, lidar com esse sofrimento foi difícil, pois o pai tinha resistência ao tratamento psicoterapêutico, enquanto a mãe era favorável. Durante um ano, Camila chorou muito e sofreu; ficou sozinha por um período de dois anos e iniciou um relacionamento com um homem 18 anos mais velho. Ela refere-se a esse namoro como a possibilidade de ter afeto diante de tantas perdas: do avô materno, do carro da mãe num assalto em frente à sua casa e do namorado de três anos de relacionamento. Ela enfrentou quatro disciplinas com dependência no segundo ano da faculdade. Não conseguia se concentrar, trabalhar...

Estava tudo muito recente, perdi namorado, perdi meu avô, minha mãe foi assaltada, peguei DP na faculdade, o que mais vai acontecer? O cachorro da vizinha vai morrer agora também?... Bom, vamos lá, Camila, respira fundo e vamos, emagreci seis quilos em uma semana. [...] E nesse meio tempo eu conheci esse rapaz. [...] Ele era divorciado, tem duas filhas, a filha mais velha tem uns vinte e cinco, vinte e seis anos, era uns cinco ou seis anos mais nova que eu. Eu tinha uma coisa na época com meu pai, eu via meu pai chegar perto da minha mãe e eu queria voar nele, sabe aquela coisa de complexo de

Édipo mal resolvido... [...] Mas eu precisava de alguém que me ouvisse, alguém que olhasse para mim, alguém que me desse carinho, alguém que me beijasse, me abraçasse. Se ele fazia papel de pai, de mãe, família inteira, eu não sei, mas naquele momento era alguém que me dava este suporte.

Camila refere-se a essa época como uma “época de chamar a atenção”, apontando que talvez esse relacionamento tenha servido para que seus pais percebessem que ela precisava da atenção deles. Diz: “As pessoas precisam parar de achar que eu sou nenê”.

Ao conhecer o atual namorado, que se transformou em noivo, ainda estava envolvida com aquele homem mais velho e romper esse relacionamento também foi difícil.

Eu tinha uma relação... Eu comecei a criar uma relação de dependência emocional. Como eu não conseguia me aproximar, literalmente, do meu pai, eu me aproximava dele. Era aquela coisa assim, como é que é transar com meu pai? Ah, era isto! Então está bom! Eu ia lá, transava com o cara e pronto. Como é que é beijar meu pai? É mais ou menos isso? Pensei, nossa que coisa podre estou fazendo, vou para a terapia. [...] Eu tinha uma dificuldade enorme de olhar para meu pai e ver o meu pai. O meu pai é meu pai, gente. Ele é meu pai! [...] Na verdade eu via minha mãe como minha rival. Eu sempre cresci ouvindo que sexo era coisa de adulto, sexo não podia ser feito, era uma coisa feia, só podia ser feito depois do casamento, era uma coisa de adulto... Só que por que de tudo isto? Eu sempre ouvi que tinha isto, mas por quê? Explicar e tudo o mais, eu não... Pra mim... [...] Nunca ninguém me falou. Nunca vi cena nenhuma, meus pais sempre foram superdiscretos neste sentido e tudo o mais. Só que um belo dia, eu cheguei da rua, estava tomando banho e... O quarto da minha mãe não é suíte, o quarto dos meus pais é geminado com o banheiro. Meus pais nunca foram de fechar a porta para dormir. Naquele dia a porta estava fechada, e na hora em que eu saí, eu escutei um barulhinho, encostei o ouvido na parede e escutei a minha mãe, uns ‘ai está gostoso’. Eu falei: ah então é isto!

Camila já tinha iniciado sua vida sexual com o namorado que teve dos 16 aos 19 anos e, segundo ela, já sabia do que se tratavam os gemidos no quarto ao lado.

Foi logo que aconteceu comigo. Foi uns três ou quatro meses depois que aconteceu comigo. Eu ouvi. Ficou aquela coisa estranha. Mas minha mãe também faz isso? Por que ela pode e eu não posso? Mas... Porque ela pode e eu não posso. E foi indo assim... Com este cara mais velho... Meu pai não sabe, literalmente, o que é chegar e abraçar, dar um beijo carinhoso num filho. Tanto que eu chego pra ele e falo: vem cá meu ‘jabulaninho’, vem aqui que vou te abraçar, vem aqui minha criancinha... Ele é meio gordinho. Hoje está muito diferente a relação. Ele se encolhe todo porque para ele contato entre homem e mulher é para sexo, entendeu? [...] Eu comecei a projetar neste homem... Comecei a ver meu pai nesse homem. Tanto que teve um dia que eu precisava fazer alguma coisa diferente. Eu precisava chegar e abraçar meu pai, e falar: ele é meu pai. Fui fazendo esse exercício. Era como matar um leão por dia para comer a carne. Ficava fazendo este exercício, repetindo

este exercício. Estava indo três vezes por semana na terapia porque estava muito intenso, muito forte.

Ela afirma que precisava de alguém que a olhasse, pois se sentia como “*uma formiguinha perto de dois elefantes*”, “*rejeitada*” dentro de casa.

Teve uma hora que eu falei assim: então, vocês querem saber, eu me sinto rejeitada aqui dentro – nossa, agora que eles me expulsam de casa. Me sinto rejeitada, vocês só falam no Fábio, tudo é o Fábio, o Fábio é a vida de vocês, e eu sou o quê? Sou um zero à esquerda? Continuo sendo o patinho feio na lagoa, até quando vai ser isso? Em questão de fração de segundo me veio à cabeça: até quando eu me permitir viver esse papel. Na hora que eu deixar esse papel de lado, as coisas vão mudar. Não adianta eu querer que as pessoas me respeitem, me amem, se não faço isso comigo.

Seu irmão mais velho teve também diversos relacionamentos, mas na casa da família ele tinha alguns privilégios, como poder levar as namoradas para dormir no quarto dele, enquanto Camila não podia fazer a mesma coisa “*por ser mulher*”. Sua mãe, apesar de não concordar com a diferença de tratamento entre eles, nada fazia.

Minha mãe não era muito... É, não aceitava muito essa opinião do meu pai, mas o que ela ia fazer? Bater de frente com meu irmão? E o medo de o filho sair de casa? [...] Uma vez falou pra minha tia: Eu não bato de frente com o Fábio nem contraria o Antonio (meu pai), porque, se de repente pegam as coisas e saem de casa, eu não tenho dinheiro para me sustentar.

Hoje, tem maior autonomia sobre o relacionamento com o noivo; viaja com ele, dorme fora, mas, dentro da casa, sempre que há alguma possibilidade de ele dormir lá, acaba arrumando um lugar na sala, evitando o confronto com os pais.

Camila conheceu seu noivo no período em que estava envolvida com a questão da afetividade em relação aos pais e ao homem mais velho.

Quando eu conheci o meu noivo, pensei: quer saber de uma coisa, é agora, é o momento, Camila, é o momento da sua vida, você vai pegar a tábua de salvação da sua vida (risos)... Que espero que um dia nunca afunde, mas... É a tábua de salvação (risos).

Ela conseguiu romper o relacionamento mal visto pelos pais e iniciar um que os agradava mais. Sentiu que não precisava mais do homem mais velho, que seu relacionamento com ele não teria o futuro que gostaria. Sobre o noivo, diz:

Meu namorado é muito parecido com meu irmão, muito racional... Ele é assim: não sei lidar muito com as emoções, demonstrar o que sinto, o que

quero, não sei demonstrar o que sinto. Eu amo essa menina, mas eu não consigo chegar e falar: olha eu te amo, dar um beijo diferente, abraçar e tudo o mais. Ele não sabia isso. [...] Eu comecei a perceber que estava buscando no meu namorado tentar resolver coisas da minha mãe e do meu irmão (risos). Que situação eu me encontrava. Eu chegava na terapia, só chorava (risos). Eu não sei mais o que falo, o que faço (risos).

Camila demonstra que seu crescimento foi muito difícil, pois teve de lidar com perdas e ausência de afeto dos pais, em especial, da mãe.

Um pouquinho do resumo de tudo é que sempre me senti muito sozinha. Sozinha assim... Tenho pai... Mãe... Irmão... Família, mas quem olhava para mim? Porque hoje me olho, hoje me vejo, hoje sei que eles me olham, sei que eles me veem, talvez, como ainda uma menininha. Talvez seja um pouco difícil... A Camila cresceu... A Camila hoje é psicóloga, hoje ela é profissional. [...] [Minha mãe] começou a perceber que, em alguns momentos, ela poderia ter dado colo, que... Foi um momento... Como no término com meu ex-namorado, que ela poderia ter me dado um pouco de colo e não fez isso. [...] Eu tive que crescer de uma forma muito radical: ou eu cresço, ou eu cresço.

Sua trajetória acadêmica em Psicologia foi fonte de algumas angústias, em especial, enquanto estudava Psicanálise, pois durante uma aula sua professora explicava um conceito e Camila teve um *insight* sobre sua vida. A rejeição que sente em relação aos pais parece acompanhar a história que é contada.

Na faculdade eu ouvi a professora de Psicanálise [...] dizendo que quando a mãe não quer o filho, a mãe faz tudo para abortar, a mãe cai da escada... Quando ela falou cai da escada, eu liguei, sabe? Pronto, minha mãe caiu da escada, minha mãe não me quis.

Ao entrar na pós-graduação, esforçou-se por demonstrar a capacidade de arcar com suas despesas, apesar de seu pai querer pagar pela sua formação em Psicopedagogia. Ela diz:

Talvez este momento seja um pouco tarde. Eu tinha vinte e nove para trinta, talvez fosse um pouco tardio, porque tem muitas pessoas da minha idade que já são totalmente independentes, mas, também eu fui muito cobrada, eu sempre me senti muito cobrada minha vida inteira. Eu pensei: espera aí, por que eu vou continuar me cobrando? Se eu quero me livrar disso, vou fazer no meu tempo, eu não vou fazer para mostrar para as pessoas que eu estou fazendo. [...] Depois que eu terminei a faculdade, trabalhei numa empresa na área da saúde por dois anos e meio, quando eu saí, recebi a rescisão, tudo certinho e guardei, o que é uma parte da minha economia. Fiz a pós e tudo, e muitos tombos que eu tive, eu ia lá, pegava o dinheiro para pagar a pós e mais nada. Minha primeira prioridade era a pós.

Apesar da recusa de auxílio financeiro, Camila reconhece o esforço dos pais em ajudá-la de outras formas, como, por exemplo, buscá-la à noite, quando estava cursando a pós-graduação.

Quando questionada sobre o que é ser adulto hoje, diz:

Eu considero a vida adulta assim... Você não depender, em nenhum momento, de pai e mãe para algumas coisas. Hoje considero vida adulta uma pessoa que tem independência financeira, que é o que tenho hoje, ela não necessariamente... Não precisa morar no mesmo teto com os pais, com a família, ela pode ter um canto dela, ela tem... Não necessariamente precisa ter um carro, mas ela tem um salário e tem uma... Ela responde por tudo aquilo que ela faz. [...] Hoje me vejo assim. Hoje me vejo trabalhando, se precisar trabalhar de domingo vou feliz e contente, se precisar trabalhar vinte horas por dia, vou trabalhar, vou com gosto. [...] Hoje eu vejo que eu não preciso mais ficar assim... Mãe, posso ir em tal lugar?... Não preciso pedir as coisas... Da mesma forma que eu: mãe, estou fazendo, estou indo lá. Mas por que eu faço isto? Porque eu tenho consciência das consequências que podem acontecer e eu vou responder por elas. [...] Então, talvez fosse esse o medo dos meus pais, que com meu crescimento... Por conta de não saber se eu ia dar conta de responder por tudo. Será que ela dá conta? Será que ela vai conseguir? Será que não sei o quê? Será que?... Tudo será?... Gente, dá um voto de confiança para mim.

Camila sente-se adulta hoje e está pensando em se organizar financeiramente para comprar um imóvel ou um carro. Ela manifesta o desejo de morar sozinha antes de casar, mas não sabe o que acontecerá primeiro. No entanto, ainda sente a discriminação em relação ao seu irmão, que parece ter realizado as expectativas familiares ao ter a independência financeira aos 26 anos, casar, ter apartamento próprio, ter se tornado gerente e ser visto como superior a ela.

Mas eu falo que, se meus pais não podem me ver assim agora, as coisas acabam acontecendo de outra maneira, o mercado me reconhece... Estou com consultório, estou dando aula à noite... Cada vez que ligam oferecendo aula eu pego, sabe? Vou sim.

A dependência emocional, referida anteriormente por ela como uma das razões pelas quais ainda não consegue sair da casa dos pais, pode estar relacionada ao espaço da casa da infância.

Minha casa, em alguns momentos, é meu aconchego, na maioria das vezes ela se torna meu aconchego, principalmente meu quarto que é meu mundo, onde tem tudo, momentos bons e ruins, eu falo que meu quarto é a extensão da minha terapia. E minha casa em si, é um lugar onde eu tenho boas recordações da minha infância. [...] Faz trinta anos que moro lá. Eu tenho recordações muito boas. Eu falo que o dia que eu sair daquela casa e for para outro lugar, vai ser um... Para eu me acostumar em outro lugar... [...] Que

enjoa morar na mesma casa... É minha infância que tenho ali, meu primeiro namorado, é o cara mais velho que levei em casa, meu noivo... Os churrascos com os amigos... Os vizinhos... É o andar de bicicleta, cair da bicicleta e ralar o joelho e meu tio e meu pai me pegarem no colo. Meu pai me pegava no colo, ia e passava remédio no meu joelho. Tenho muitas recordações... Dos meus avôs irem em casa... Do Natal em casa... Dos aniversários... Meu noivado... Tem tudo lá dentro, tem tudo.

Sobre a dificuldade para sair, Camila afirma que precisa “cortar, literalmente, o cordão umbilical (risos)”. Entre suas perspectivas para o futuro, encontra-se o desejo de ser

uma consultora para adolescentes sobre orientação vocacional e profissional, atendendo no consultório, não só onde estou hoje, mas tendo mais outra sala, sublocando outra sala, dando aula numa faculdade.

Quanto aos relacionamentos em casa, relata que está aprendendo a lidar com a convivência familiar e a possibilidade de romper esses laços.

Estou aprendendo a conviver, antes era muito difícil, eu até comentei que para me aproximar da minha mãe percebi que, conversando com ela, falando um pouquinho sobre a minha pessoa, talvez fosse mais fácil, só que isso se tornou uma dependência. E estou começando a cortar essa questão de dependência. Tudo que acontecia eu falava... Nem tudo a gente precisa contar, mãe é mãe, mãe não é amiga. E... Por outro lado, esta questão de cortar esse cordão umbilical, traz muito a minha independência. Por que minha mãe precisa me ajudar a decidir se vou continuar no RH ou se vou partir para o consultório? A decisão é minha. Por que minha mãe tem que me ajudar a decidir se é melhor eu comprar um carro agora ou mais para frente? O dinheiro é meu. Quem vai comprar e pagar sou eu. Por que ela precisa me ajudar a decidir se meu noivo é uma pessoa de... Sei lá... Honesta, uma pessoa boa para eu casar? Quem vai casar, viver com ele sou eu. Ela pode até comentar que percebeu isso nele e não achou legal, ou se meu consultório for no centro da cidade terei mais paciente... Legal. Mas a decisão quem vai ter sou eu. Então isso tudo eles estão percebendo, que eu parei de fazer isso. Antes eu comentava que estou com um, dois, três, dez pacientes, hoje eu deixei de comentar isso. Os pacientes que entram sou eu, quem recebe sou eu, quem dá alta sou eu. Ela não faz nada disto. Ela é minha mãe, estou deixando muito claro este papel para ela.

A indiscriminação dos papéis parece ser algo que preocupa e impede a separação de Camila dos pais; já sua possibilidade de rompimento traduz-se pela dependência total em relação aos pais, sendo que a possibilidade de dependência relativa não surgiu nesse contexto.

Durante as duas horas de entrevista, Camila esteve bastante à vontade para falar. Ao terminarmos, caminhamos pela rampa e ela me questionou sobre quando eu

teria filhos; respondi que assim que fosse possível. Ao chegar ao térreo, despedimo-nos.

3.2 Amanda – *Esse cordão umbilical*

A entrevista com Amanda, ex-colega de trabalho, foi agendada com duas semanas de antecedência, através de contato por *e-mail* e telefone; o local do encontro foi um café em bairro próximo à Cidade Universitária. Trabalhávamos no mesmo local e, num dos intervalos em que conversávamos, Amanda comentou que morava com a mãe; nesses encontros, ela soube o que eu estava pesquisando e demonstrou interesse em participar da entrevista.

Fazia seis meses que não nos encontrávamos; ao chegar, ela me abraçou, dizendo que seu atraso de 10 minutos devia-se ao trânsito no bairro. Ao sentarmos, começamos a conversar sobre o trabalho e ela já disse de antemão que não estava satisfeita. Assim que liguei o gravador, ela começou a falar sobre como é morar na casa da família:

Bom, eu nunca me afastei dos meus pais e o curioso é que eu já fui casada... E ainda assim eu me casei e optei por morar com os meus pais... Talvez por ser filha única, ter muito apego tanto com meu pai quanto com a minha mãe... Meu casamento não deu certo e eu continuei morando com os meus pais. Só que meu pai já faleceu fez seis anos. Então, atualmente, moramos eu e minha mãe.

Amanda tem 37 anos e foi casada dos 25 aos 30; seu casamento terminou, segundo ela, em função da traição do marido. Para ela, o casamento não implicou a saída da casa da família. O impacto dessa informação gerou curiosidade por saber como era a sua convivência como mulher casada na casa dos pais.

Ele [referindo-se ao pai] sempre deixou muito claro que já seria para eu continuar junto com eles mesmo após o... Se eu casasse. E eu queria fazer Psicologia, então ele já fez um lugar até para clínica, para tudo, pensando em tudo... Acho que ele passou isso para mim e eu acho que eu nunca tive a pretensão de deixá-los.

Seu pai construiu uma edícula nos fundos da casa, com uma sala e um quarto com suíte para que ela pudesse ter seu espaço, pensar na carreira e viver com o

marido lá. Ela é graduada em Letras, mas sempre quis fazer Psicologia. Atualmente, trancou o curso de formação em Psicanálise por conta do retorno da depressão, que, em função da medicação, dificulta sua capacidade de pensar e escrever a monografia, bem como realizar os atendimentos e produzir os relatórios de atendimento supervisionado. Ela e o ex-marido, quando juntos, dividiam a cozinha da casa dos pais e as compras e contas da casa eram rateadas entre eles – o casal e os pais dela.

Uma de suas teorias para a continuidade na casa da mãe está justificada pela condição de ser filha única.

Acho que isso é comum, dos pais de filhos únicos, não percebem que a gente cresceu, que a gente tem os nossos modos de ser, os nossos horários, então, assim, eu cheguei a entrar um pouco em conflito com ela [referindo à mãe] em relação a isso.

Sua queixa sobre a ausência de liberdade para realizar o que quer contrapõe-se ao querer continuar a morar com a mãe, que cobra sua presença constantemente.

Minha mãe cobra muito a questão de eu ficar longe dela. Atualmente eu namoro, então, meu namorado, de final de semana, vai para casa e ela acha que eu só fico com o namorado, que não dou muita atenção para ela. Então essa questão dos limites, de até onde... Até eu coloco para ela: mas e se eu tivesse ido morar em outro local, mesmo com marido ou sem marido, como a maioria das pessoas, como seria? Então por um lado ela acha normal, mas por outro eu vejo que há uma cobrança muito grande. Então esse é o lado negativo que eu vejo... De você ser muito requisitado, cobrado, mesmo estando junto...

A exigência de sua presença pela mãe intensificou-se após o falecimento do pai, momento que coincide com a separação de Amanda do marido. Percebemos, assim, que ela dividiu sua presença nos relacionamentos entre os pais e o marido, e, atualmente, divide a atenção da mãe com o namorado.

Quando questionada sobre ter vontade de sair da casa da mãe, responde categoricamente: “Não! (risos).” E justifica sua estadia afirmando que

tem toda essa ligação simbólica com meu pai... Sabe assim, ele fez para mim. De uma certa forma... Então eu tenho que honrar o que ele deixou e cuidar do que ele deixou.

A ligação com o pai é reconhecida concretamente quando Amanda vê-se na condição de permanecer na casa que o pai construiu para ela. Não há possibilidade,

para ela, de abrir mão do legado concreto deixado pelo pai, apesar do relacionamento conflituoso com sua mãe, uma vez que há

falta de liberdade em alguns ambientes. De decorar, de fazer do meu jeito, mas há os outros elementos que eu falei para você... A questão de ter essa parte simbólica do meu pai, sabe...

Com a mãe aos 72 anos, ela não percebe condições para sair dessa casa e vê no cuidado com a mãe um “fardo” a carregar, do qual não tem recursos para se desvencilhar. A mãe, segundo ela, constantemente lhe lembra: “seu pai não é mais vivo, eu fico aqui sozinha”.

No atual relacionamento com o namorado, 12 anos mais novo, Amanda também não reconhece condições favoráveis para sair da casa da mãe, ou seja, o fato de ter alguém bem mais novo do que ela talvez a ajude a perpetuar sua convivência na casa que o pai construiu.

É ambivalente, porque ao mesmo tempo em que eu tenho vontade de ficar por todo esse apego, essa responsabilidade, tem momentos que eu tenho vontade sim de ter o meu lugar, mas essa responsabilidade em relação à minha mãe e ao que meu pai deixou, eu supero. Então eu acabo não tendo muito conflito porque quando eu medir o que é mais importante para mim: eu ter o meu canto, superar tudo isso, abrir mão de tudo, ou ficar com ela e cuidando da casa junto com ela, eu percebo que esse lado é mais forte.

A questão da ambivalência é identificada, segundo ela, também em sua mãe:

Ela também tem essa ambivalência. Ao mesmo tempo em que ela me quer junto com ela e cobra, ela também, eu sinto, teria vontade de eu estar com alguém mais autônomo, que cuidasse mais de mim, dividisse, não que me sustentasse, mas que dividisse mais as despesas.

Amanda sempre trabalhou como docente; desde a conclusão de sua graduação, atuou como professora de Inglês no Ensino Fundamental e Médio. Trabalharia em qualquer período, mas as ofertas de emprego surgiram para o período noturno. Isso intensificou o zelo de seu pai com ela.

Quando meu pai era vivo, ele me esperava. Eu sempre trabalhei à noite, sempre lecionei à noite, então ele esperava, mesmo eu sendo casada era ele que esperava... Era uma coisa meio edípica (risos).

Podemos pensar, assim, que Amanda percebia que o lugar do pai em sua vida sobrepunha-se ao do marido.

Atualmente, ministra aulas na graduação de uma universidade particular, o que lhe deixa satisfeita, mas, ao mesmo tempo, não gera recursos suficientes para sua subsistência.

Ao relembrar os momentos em que era casada, reconhece que aqueles cinco anos permitiram uma atuação diferente da que estabelece hoje em relação à organização da casa. Ela gostaria de se sentir mais à vontade, de ter os espaços mais parecidos com “a sua cara” e se lembra de que, quando era casada, ajudou a decorar a sala da casa dos pais, pois sentia que podia. Depois da separação, percebeu a mudança, o retorno à posição de filha: “*Depois eu acho que minha mãe tomou... Acho que ela me colocou no lugar de filha*”.

Diante da condição de mulher separada, ela se queixa da intromissão da mãe na sua vida pessoal, apesar de mantê-la informada sobre tudo o que acontece. O mesmo acontece quando Amanda reconhece que a situação da mãe lhe afeta, havendo uma dificuldade de separar o que pertence a ela e à mãe, o que tem gerado incômodos.

Ela se envolve muito com os meus problemas... Eu sinto como se a vida dela fosse minha vida também... Somos muito diferentes... Bastante, o modo de pensar, bastante... E eu acho que ela encarou esse papel de mãe e eu de filha. Também, eu sinto que, às vezes, é conveniente ser filha... Por mais que eu lute contra isso.

Em relação às expectativas que a mãe deposita nela, tais como já estar casada com alguém da mesma idade ou namorar alguém não tão novo quanto o atual namorado, ter uma família, a possibilidade de dividir as despesas etc., tem se sentido extremamente angustiada e triste, e, ao ser questionada se gostaria de corresponder às expectativas da mãe, responde: “*Sim, bastante*”. Sobre as suas expectativas, declara:

O principal, eu acho que é de estar casada com um homem que pudesse dividir uma vida comigo e ter um filho, o que agora está pesando bastante.

Nesse momento, começa a chorar. Tenta amenizar a angústia dizendo que ela está construindo um novo relacionamento, que agora tem outra pessoa em sua vida.

Ela, então, conta sobre outros relacionamentos que teve logo após a separação. Amanda ficou um ano sozinha, mas logo iniciou novos relacionamentos.

Eu comecei, eu tive depois um relacionamento que eu achei que ia dar certo, de uma ex-paixão minha, uma paixão platônica. Tanto minha quanto do rapaz, e a gente resolveu viver isso. E não deu certo, não deu porque não sei se ele ficou muito frustrado de eu nunca ter me separado para ficar com ele. Não sei, a gente não conhece bem as pessoas... Ele acabou namorando uma outra pessoa. Eu também descobri. Ele ficava comigo e com a namorada, já era casado com essa pessoa... E, assim, quando eu descobri, também não quis.

Os relacionamentos que estabelece continuam a impedi-la de viver um relacionamento pleno com alguém; ela vive relações com pessoas que têm outras relações, de forma a não viver uma relação plena com ela. A única pessoa à disposição parece ser a mãe, que a invade com suas expectativas/projeções e da qual Amanda não consegue/quer separar-se. Ela se sente desconfortável nessa relação e diz que gostaria que isso fosse diferente – “*de ser alguma coisa sem ser a filha, de ter outro papel*” –, pois percebe que o cuidado da mãe sobre ela “*prevalece*”, o que garante a relação com a família e a continuidade na casa.

Ela percebe que sua mãe desqualifica-a, inferioriza, o que a faz sentir-se menor.

Ela ainda me vê sim como um ser que precisa de proteção, como a filha, como a... Não, não, ela me vê como se eu fosse mais para criança do que para uma mulher mesmo... Eu acho que, não é que ela não enxerga, eu acho que são as projeções, eu acho que a minha vida não está como eu quero, mas está muito menos como ela quer. E isso frustra demais e, às vezes, ela acaba jogando isso para mim, tanto que eu já cheguei a pensar em terminar o meu relacionamento por causa dela, porque é muita cobrança.

E, diante da não correspondência das expectativas com a realidade, reaparece a depressão, que a acompanha desde o falecimento do pai.

Eu tive uma depressão... muito forte quando meu pai faleceu... Eu não sei se é a figura paterna ou se é uma coisa assim, ou sinto muito a falta de um apoio de fato, real.

Amanda gastou a maior parte de suas economias no tratamento dessa depressão e não dispõe, atualmente, de condições para se manter sozinha. Depende, inclusive financeiramente, da mãe, que faz as compras da casa e lhe nutre.

E quanto mais você tem que fazer o papel de provedor do outro, você tem mais domínio sobre o outro. Quanto mais independente financeiramente você é, mais, menos dominado você é.

Ela vê na condição financeira a possibilidade de independência, mas a dependência dos recursos financeiros e emocionais da mãe tem feito com que Amanda ocupe funções diferentes que, ao invés de se integrarem, distinguem-se entre si, pois ora é filha, ora é ex-mulher, ora namorada, ora professora, ao invés de filha, ex-mulher, namorada e professora. Continua avaliando a situação:

Então, eu acho que tem o lado bom, mas tem o lado ruim, o do apego, porque é como se fosse uma ligação. É, é, éramos três, eu, meu pai e minha mãe, e eu acho que eu senti muito a morte do meu pai, eu acho que qualquer filho sente, mas eu senti uma, uma perda que eu... Ainda hoje é irreparável. Eu sei que é uma perda que vai além do normal. Eu acho que com a minha mãe, também... eu acho que o lado negativo é esse, é esse cordão umbilical, que por mais que você seja independente tudo fica, das duas partes. É o lado negativo... É, é o lado negativo. E o lado positivo é de você sentir que pode contar com ele... você compartilhar... tem o lado bom e ainda eu acho que também depende muito do filho.

Para ela, a situação ideal do relacionamento entre os pais e os filhos adultos que continuam em casa poderia ser compreendida da seguinte forma:

Porque ela [a mãe] sabe que não tem mais esse poder, então acho que cabe ao filho, também, mostrar pro pai 'eu cresci, eu moro com você, eu respeito, eu te ajudo, você me ajuda, eu respeito, mas cada um tem o seu limite'. Eu sei o limite que eu posso ir com ela e ela sabe o limite que pode ir comigo.

Ainda sobre a convivência na casa da mãe, Amanda refere-se à possibilidade de autonomia como uma estratégia a ser desenvolvida muito mais pelos filhos do que pela família.

Eu acho que cabe muito mais, nessa época, ao filho do que ao pai, porque para o pai, principalmente para uma mulher da geração da minha mãe, que foi dona de casa e mãe, é mais difícil ver que o papel é outro, a filha cresceu. E ela... É aquela tal da síndrome do ninho vazio. Agora o filho tem que, tem que apontar isso direitinho pros pais.

Sentindo que a responsabilidade da sua vida encontra-se depositada nos cuidados que a mãe realiza, enfatiza sua fragilidade:

Por ter essa proteção, eu acho que me tornou mais fragilizada e acho que o pior foram as sucessões de perdas, porque eu perdi o meu pai. Vinte dias depois a mãe dele, minha avó, que não aguentou.

Com o jovem namorado, ela não vê o futuro próximo com esperança, apesar de todo o carinho e atenção que tem recebido dele. As lembranças do pai como modelo masculino estão muito presentes; era ele quem lhe oferecia os cuidados, quem lhe trazia café, abria e fechava o portão da casa, esperava-a chegar do trabalho...

Exatamente, ele fazia tudo isso, mas me dando esse aparato para eu trabalhar, para eu estudar, para eu conseguir o meu dinheiro, para eu conseguir o meu carro, para eu conquistar minhas coisas por mim mesma.

Sua mãe sempre cuidou dos afazeres domésticos e da cozinha; Amanda preferiu investir seu tempo estudando e trabalhando. Ao chegar da faculdade ou do trabalho, podia contar com a comida pronta, roupas em ordem, casa arrumada etc.

Os conflitos com a mãe dão-se no sentido de que se sente diminuída, pois a mãe não acredita em sua capacidade, investe-a negativamente e, de certa forma, Amanda corresponde a essas expectativas, não conseguindo mais trabalhar como antes, ter recursos financeiros como antes, estar casada como antes... Segundo ela, sua mãe sabe o que fala e a deixa chateada, mas, mesmo assim, não perde a chance de reforçar seu lugar menor em relação às suas expectativas, pois, diante de comparações com outras mulheres da mesma idade e que estão casadas, a mãe diz-lhe que a amiga sim está bem, que a amiga fez um bom casamento. No entanto, Amanda continua achando que é muito difícil ou que não quer separar-se da mãe.

Diante das angústias de nossa conversa, tento terminar a entrevista questionando-a sobre como seria daqui para frente, perguntando como ela se via, e obtenho como resposta: “*Eu não me vejo*”. Com isso, tento confortá-la, apontando que seu entristecimento tem motivos, tais como a perda do marido, do pai, do amor platônico...

É, são consequências, eu acho, de escolhas erradas, mas escolhas que eu acho que eu fiz, e é muito complicado e a posição do filho único... Eu acho que, eu não sei como que está sendo a sua pesquisa, mas eu acho que uma coisa é você morar junto tendo irmãos... Eu acho que o filho único tem essa responsabilidade ainda muito forte.

Ao terminar a entrevista, despedimo-nos na entrada do café.

3.3 Neila – ... *muito medo da vida real, vida de gente grande*

Conheci Neila através de uma prima; já havíamos nos comunicado por *e-mail*, mas nunca tínhamos conversado pessoalmente. Enviei-lhe um *e-mail* perguntando se ela gostaria de participar da pesquisa e ela atendeu prontamente ao pedido. No dia combinado, confirmei por telefone sua contribuição. Ao encontrar-me, Neila abraçou-me; ela chegou pontualmente no café em que havíamos marcado.

Pergunto-lhe como era para ela morar com a família e ela responde:

Olha, é... Eu me dou muito bem com meus pais. Eu acho que isso acaba sendo... Eu já saí da casa e retornei. [...] Eu fazia pós na USP ali da Dr. Arnaldo e trabalhava na Paulista, então voltava para casa só para dormir. Eu estava muito, muito cansada e decidi ficar mais perto de tudo o que estava fazendo, então aluguei um apartamento na Vila Madalena, e tinha uma amiga de infância que estava na mesma situação que eu, trabalhava ali na TV Gazeta e estudava no Mackenzie. E a gente decidiu dividir um apartamento. A gente alugou um apartamento lá na Vila Madalena, que era bem próximo a tudo, próximo ao metrô, e a gente foi morar lá. Eu morei lá por quase três anos.

Neila tem 30 anos e morou com a amiga de infância dos 26 aos 29 anos. Sobre esse período, ela lembra:

Ah, é uma vida diferente. Então... Aprender a se virar, até então eu não fazia nada na minha casa, não lavava, não cozinhava, não tomava nenhuma providência com relação à casa. Então acho que aprendi a me virar muito melhor... E eu trabalhava numa empresa, me mantinha, quando decidi sair de casa. Na verdade decidi porque iria me manter, porque achei que não tinha sentido financeiramente. Não tinha sentido sair de casa para ser bancada por alguém.

Há um ano, voltou a morar com os pais e o irmão mais velho. Em relação à sua saída de casa, a mãe manifestou no seu retorno que seria diferente se ela tivesse saído para casar. O aspecto cultural, implicado na fala da mãe, demonstra a diferença de valores entre as gerações, pois a mãe saiu de casa para casar e ela saiu para experimentar como era viver sozinha, apesar de ter compartilhado essa experiência com a amiga, que não parava tanto no apartamento e, segundo Neila, era como se ela morasse, de fato, sozinha; apenas o contrato do apartamento caracterizava o morar com alguém.

Os motivos apresentados para o retorno à casa da família são alguns conflitos com essa amiga com quem dividia as despesas e o fato de os recursos financeiros terem acabado.

Estava tendo alguns conflitos com a menina que dividia o apartamento, e... Eu decidi voltar para casa. Fiquei lá por mais um tempo e quando... a fonte secou, falei: Bom, é hora de voltar pra casa.

Entre os conflitos apontados por ela, está o fato de conviver com uma gata que a amiga havia comprado sem ter perguntado a sua opinião. Neila acredita que a experiência teria sido diferente caso morasse com alguém sem nenhuma referência, alguém desconhecido, e afirma que a amizade não ficou mais do mesmo jeito após ela.

O desejo de continuar a morar sozinha, caso tivesse recursos financeiros, ainda permanece, mas Neila, que namora há cinco anos, comprou um apartamento com o namorado e vem pagando as prestações. Esse investimento em parceria poderá garantir a saída da casa da família em dois anos; estes são os planos para o futuro.

Graduada em Psicologia, ela estava trabalhando em RH quando foi demitida, o que lhe causou o gasto da reserva financeira que havia conquistado para manter o aluguel e as despesas até o vencimento do contrato.

Entre as diferenças de morar sozinha e com a família, ela aponta:

Era diferente. Na verdade, quando eu morava com meus pais... Até agora, eu podia pegar meu dinheiro se eu quisesse e comprar tudo em roupa, ou fazer uma viagem, ou trocar de carro, ou fazer uma série de coisas... Quando eu passei a ter um compromisso financeiro, eu não podia fazer, então... Era uma vida muito diferente... Assim, muito regrada... Nesse sentido.

Ela nunca precisou contribuir com as despesas da casa da família e podia investir em viagens, roupas etc.

Eu me formei e fiquei um tempo viajando, pensando na vida, e acho que um ano e meio, quase dois anos depois eu comecei a trabalhar. Eu já trabalhava tinha quase um ano, um pouquinho mais que isso [quando fui morar com a amiga].

Atualmente, com a volta para a casa da família, também não há cobrança quanto a auxiliar nas despesas.

Hoje (risos) continua não tendo na verdade. Mas é... Às vezes, eu me sinto... É... E na verdade meus pais... O que eles pedem é para que eu realmente me programe, para que eu tenha uma reserva, mas que eu não... Não é necessário eu ajudar em casa, mas, que além de me bancar, de pagar minhas contas sozinha, que eu faça alguma coisa com o dinheiro. Que eu tenha uma reserva, que eu invista em alguma coisa.

Entre as despesas que paga sozinha, Neila cita:

Eu pago carro, prestação de um apartamento, pago análise – um investimento que quando estava morando sozinha foi a primeira coisa que tive que cortar (risos), infelizmente. Então, hoje, é mais tranquilo nesse sentido.

Para ela, morar na casa da família pode ser reconhecido como condição que permite juntar recursos para uma vida futura com o namorado.

Então, eu namoro há cinco anos. E chega um momento que você começa ser cobrada... Mas não só pela cobrança... Eu sentei, conversei com meu namorado e a gente achou que realmente estava, estava no tempo de a gente começar a pensar em alguma coisa para casar. [...] Não sei se casar formalmente, assim e tal, mas a gente pensa em ter uma vida em comum daqui um tempo.

Diante dos planos para o futuro, possíveis com o seu retorno, desabafa sobre a convivência familiar:

Eu tenho uma relação muito boa com meus pais, mas mesmo assim tem a questão da convivência... Fica claro num determinado momento que não é sua casa... É... Meu... Minha mãe é uma pessoa muito tranquila, mas meu pai... Você vai... Criando manias, não é? Então eu tinha o hábito de... Eu morava sozinha, então eu chegava, jogava a bolsa... Deixava toalha espalhada pela casa e tal, e um dia meu pai virou pra mim e falou: Minha filha, você não mora mais sozinha, você convive com mais três pessoas, então comece a respeitar o espaço dos outros, porque você está desrespeitando!

Ainda sobre o relacionamento com os pais, ela comenta:

É bom. Eu sempre me dei muito bem com minha mãe, minha mãe é muito... Uma pessoa muito facilitadora... Em todos os aspectos, e a gente sempre se deu muito bem. [...] E o meu pai... Eu tinha muito conflito na adolescência com meu pai. [...] Ah, porque eu sempre fui mais independente assim, se eu queria sair, eu punha uma mochila nas costas e saía, viajava. E ele sempre foi um pouco controlador. Sempre não, na adolescência ele era... Sei lá, função de pai, controlava, se preocupava muito... Então a gente tinha muito conflito.

Os conflitos com o pai davam-se em função dos horários de retorno a casa, mas Neila acredita que isso fazia parte do papel de pai. Apesar dessa tentativa de controle do pai, ela sempre saiu e fez o que quis.

Depois de um certo tempo ele passou a não se incomodar com o horário... Mas no começo da adolescência isso foi um grande conflito, sim. [...] Namorado... Em casa... Namorar no quarto jamais para ele, mas meu irmão que é dois anos mais velho namorava, não tinha problema.

A diferença de tratamento entre ela e o irmão também gerava desconforto. Hoje, isso não acontece mais, pois, ao retornar para casa, Neila levou a cama de casal que havia comprado e o pai não lhe questiona mais quando o namorado vem, nos fins de semana, ficar com ela – o namorado mora em São Bernardo do Campo e eles se encontram apenas nos fins de semana; ela vai ou ele vem.

É, mudou, na verdade acho que as coisas mudaram... Quando eu saí de casa e quando voltei... Eu saí e comprei uma cama de casal para mim. Quando voltei, meu pai olhou e tinha uma cama de casal e ele não ia poder falar nada, não é? [...] Meu pai um dia falou que... A gente conversando, ele me disse: ah, vocês têm uma superliberdade, eu não cobro nada de vocês, vocês fazem o que quiserem com a vida de vocês e é isso que eu quero mesmo, que vocês sejam felizes.

A possibilidade de vivenciar a sexualidade não é conversada, mas permitida dentro da casa da família. Por namorar há cinco anos, pergunto se ela não havia cogitado morar com o namorado ao invés de com a amiga; ela me diz:

Quando fui dividir o apartamento com a Juliana, todo mundo dizia para mim: ué, por que você não vai casar, por que não vai morar com seu namorado? Porque não era hora, não era essa a questão... Não queria... Na verdade, eu queria ter essa experiência de morar sozinha antes de casar mesmo, achei que seria legal para mim e não era o momento com ele... Morar com ele, não era aquele momento que eu queria.

Na época, o namorado morava e trabalhava no Rio de Janeiro e Neila estava trabalhando em São Paulo; os dois morarem juntos era inviável, segundo ela. O namorado também passou pela mesma situação: saiu de casa para estudar e retornou por não ter emprego na cidade em que cursou Engenharia.

É, eu acho que a gente está na mesma enfermaria (risos), e ele teve que voltar.

Pergunto se ela se considerava doente por estar na casa da família e obtenho a seguinte resposta:

Não, mas acho que já era tempo de a gente não estar mais em casa. [...] Eu me incomodo... Eu me incomodo. Na verdade eu me incomodo com a... Não é nem na minha casa, me incomodo quando tenho que ir para a casa dele, eu acho que a gente já tem um tempo curto juntos, a gente só consegue se ver aos finais de semana e... Então vou para casa dele e aí tem que dividir atenção com pai, com mãe, com família, e passa a não ser só seu relacionamento, sabe? Você meio que namora a família também, é meio como se fosse casado, não é? Você meio que vive a vida da pessoa.

Em função dos projetos para o futuro, como a aquisição do apartamento, Neila conta que está trabalhando na área de RH de uma empresa jovem apenas para juntar recursos, pois não é nisso que gostaria de trabalhar, apesar de ser valorizada financeiramente.

Eu... Na verdade queria estar clinicando, fazendo mestrado, dando aula, e acho que é uma coisa... Hoje tenho mais tranquilidade... Porque acho que é uma coisa que vai acontecer, sei que vai acontecer. [...] Hoje eu posso dizer que se fosse pra trabalhar em RH em outra empresa eu não trabalharia... Se eu sair de lá, ou se simplesmente me desligarem por algum motivo, alguma coisa, eu não vou voltar para RH. Eu tenho a intenção de continuar lá por um tempo, até... Me planejar mais financeiramente mesmo, mas não é meu objetivo de vida. Então, se por acaso eu sair antes, me desligarem antes, eu provavelmente não volto para o RH, vou dar um jeito, mas dessa vez não voltarei para o RH, eu acho... Não é minha intenção, mas se não, fico lá por mais uns dois anos assim, e...

As cobranças de sua família sempre foram de que ela realizasse alguma coisa com a formação que recebeu, em função do investimento do pai, que sempre se preocupou com sua educação. Ela cursou escola de inglês, estudou em colégio particular, fez faculdade particular.

Teve, teve uma cobrança da minha família, teve também uma cobrança minha, eu via minhas amigas se desenvolvendo, na verdade de outras áreas, como Arquitetura, Jornalismo, Ciências Contábeis, Design, fazendo, começando ganhar dinheiro, fazendo alguma coisa da vida. E eu me sentia muito apagada, eu não conseguia fazer nada financeiramente... Não conseguia viajar, não conseguia fazer análise que sempre foi bacana e eu sempre fiz e não conseguia mais fazer. Então, foi muito impactante, porque eu fiz estágio desde o primeiro ano da faculdade, mas... Eu acho que não tinha uma visão clara da atuação do psicólogo, não tinha. Não sei se não foi dado ou se eu era muito alienada, não sei. Mas eu fiz estágio desde o primeiro ano até o último. Então me formar e encarar com tudo assim... Eu viajei um tempo, foi tranquilo e não planejei, não sei, quando cheguei não tinha nada planejado. [...] E eu precisava ganhar dinheiro e surgiu... Eu tinha uma amiga que era bem mais nova que eu e ganhava muito dinheiro com a

área de TI [Tecnologia da Informação] e ela falou: Ah, estamos precisando de uma pessoa lá na minha empresa para o RH. Eu falei: Meu, mas eu não sei nada de RH. Ela falou: Você faz assim, você mente, você fala que você sabe (risos).

Assim, Neila entrou nessa área, na qual está até hoje, apesar do descontentamento em trabalhar fazendo o que não gosta.

O que eu ganho hoje na empresa, não vou sair para ter um salário que eu tenho hoje, eu tenho isso bem claro, não é? Então, até por isso eu penso em me programar para poder pagar o apartamento e tal, para ter essa reserva... Mas isso também não é um problema para mim assim, nunca... Nunca pensei que eu fosse ficar rica com Psicologia, não é essa a questão. Eu quero... Eu quero ter uma vida bacana, poder fazer as coisas que eu gosto de fazer, de sair, de viajar, jantar fora, de... Sei lá, de ter acesso à cultura, de repente se tiver filho poder escolher onde ele vai estudar, mas não... Minha pretensão nunca foi de ganhar dinheiro.

Diante do tema que nos convidou a conversar, retomo com ela sua opinião sobre o que é ser adulto hoje.

É estranho, não é? Eu acho que ser adulto hoje... Eu estava pensando nisso quando estava vindo para cá... A nossa geração é uma geração sofrida... Porque... É isso, você não tem certeza de nada, você vai... [...] Meu pai, meu pai sempre diz para mim: minha filha, vai estudar, vai fazer uma boa... Ele sempre falou: eu não posso dar nada para você, não vou deixar nada para você, o que posso deixar é estudo, então aproveite isso, não é? [...] De fato sempre foi o que ele pôde fazer. Então, sempre estudei em colégio particular, sempre é... Fiz inglês, fazia esporte, tinha uma vida lá tranquila. E acho que quando me vi com a vida de adulto mesmo, tendo que pagar contas e deixando de fazer algumas coisas para fazer outras, e muitas vezes a grana até faltando mesmo... Preocupada, sabe, com essa questão de dinheiro. [...] Tendo esse compromisso, eu me senti muito... Não sei se a palavra é desamparada, mas eu me senti muito preocupada, com muito medo da vida real, da vida de gente grande... Acho que a gente tem muito menos oportunidades do que, por exemplo, a geração dos nossos pais. Então, acho que é uma geração... Estava ouvindo um programa esses dias que dizia que a nossa geração vai ser a primeira geração que os filhos vão ser mais pobres do que os pais, porque é muito mais difícil... É... Acumular coisas, ganhar dinheiro, muito mais... [...] O mercado de trabalho tem uma concorrência absurda, é... Você ter uma boa formação não é garantia de ter um bom rendimento, e hoje eu vejo que é muito mais pela área que eu escolhi também. Eu vejo o pessoal, as pessoas da área de TI, estudaram... Sei lá, fazer faculdade nessa área é pró-forma, só para dizer que tem. [...] A pessoa, em geral, é um pouquinho mais autodidata e eles ganham muito dinheiro, têm uma perspectiva de ganho muito melhor do que quem está na área da saúde e estudou, como eu, cinco anos de faculdade, mais três anos de pós e tal.

Terminamos nossa conversa falando sobre as expectativas de futuro e ela manifesta seu desejo de trabalhar e fazer outras atividades que não estão associadas à área de atuação atual.

Eu tenho medo, na verdade, dessa satisfação, de em determinado momento, virar acomodação. Não é o que procuro, procuro fazer outras coisas para lembrar que eu gosto de fazer outras coisas (risos). [...] Tipo dar aula, tipo estudar, tipo estar num consultório, para lembrar que não é meu objetivo, porque é um risco se acomodar.

Neila pareceu batalhadora e com objetivos de vida bem claros, de alguém que vai atrás do que quer, parecendo não ter um perfil dependente. Nesta entrevista, foi possível identificar muito mais a questão profissional do que a pessoal como determinante para a pertença estendida na casa da família de origem.

3.4 Gustavo – *Era ou é uma simbiose muito grande*

Gustavo atendeu ao pedido de participação nesta pesquisa por intermédio de sua namorada, minha colega de mestrado. Enviei-lhe um *e-mail* e agendamos a entrevista com duas semanas de antecedência. No dia anterior, telefonei para confirmar o encontro atendendo a uma solicitação do Gustavo, que não respondeu ao telefonema. Enviei-lhe um *e-mail* e ele respondeu que estava tudo certo.

Sua fala foi bastante lenta e com diversas pausas ao longo da entrevista. Em diversos momentos, lancei mão de algumas perguntas, na tentativa de ajudá-lo ou de minimizar minha angústia diante de sua história. No meio da entrevista, ele contou que fazia uso de um controlador de humor (Lamotrigina) desde março e que agora a dosagem era de 200 mg/dia. Talvez isso explique a lentidão na fala.

Gustavo tem 28 anos e é o caçula de uma família que conta com ele, o irmão quatro anos mais velho e os pais. Ele mora com os pais quando vem do litoral para São Paulo. Seus pais, que viviam no litoral, agora estão em São Paulo, mas não se desfizeram da casa e a deixaram sob os cuidados de Gustavo, que passa metade da semana lá e outra metade em São Paulo, momento em que convive com seus pais. Sobre o morar com a família, ele afirma que a convivência é menor atualmente.

Eu tenho morado menos na verdade... mas eu continuo morando. [...] Eu sou... minha família é natural do litoral e... quando... quando meu irmão passou na faculdade... depois eu passei... depois passamos aqui em São Paulo e minha mãe trabalhava em São Paulo, subia e descia e... e a gente... quando a gente passou na faculdade todo mundo mudou... minha... todo mundo veio para São Paulo. E quando... depois que eu acabei a faculdade,

em 2008... eu... a gente manteve a casa lá e eu aos poucos fui mudando para lá... tipo, eu passo três dias da semana lá e o resto aqui.

Tendo passado no vestibular para Ciências Sociais em uma universidade pública e efetuado matrícula para iniciar o curso em 2000, apenas o concluiu em 2008. Na verdade, ele iniciou efetivamente o curso apenas em 2004, pois não levava a sério a graduação e havia entrado também em Jornalismo. Começou a cursar os dois cursos em 2000, mas, como não se decidia a qual deles deveria se dedicar, fazia um pouco um, trancava, migrava para o outro, trancava, voltava para o anterior. Nisso, passaram-se quatro anos.

Aqui, aqui, aqui em São Paulo, é..., e..., eu não consegui..., eu não consigo dar continuidade a..., eu não consigo ter foco e dar continuidade a nada..., então depois de quatro anos eu consegui começar a faculdade aqui, nas Sociais, é..., passei um ano numa e não conseguia terminar..., passei para outra, e ia, voltava, ia, voltava, aí fui trabalhar com música também, não consegui.

O interesse pela música percorreu sua adolescência e juventude e continua a acompanhá-lo. Dos seis tios que tem, cinco tocam violão, além do seu pai e do irmão mais velho; já o instrumento escolhido pelo Gustavo é a guitarra. Já se apresentou em shows, teve banda e atualmente quer gravar um CD. Para isso, tem investido em aulas de canto, uma vez que se sente tímido para assumir o microfone e cantar em público.

Segundo ele, a educação recebida da família caracteriza-se por ter sido mais persuasiva e não autoritária.

É... somos três homens, eu, meu irmão, meu pai e uma mulher... é minha mãe. [...] E ela é meio dominadora... mas sem... é... às vezes, talvez se vitimizando... e... e usando isso... só que isso é mais comigo... meu irmão já... ele é mais do 'chega para lá', sabe? (risos) [...] É... e... eu nunca tive uma posição forte na família... assim... é muito diálogo, eu nunca fui de impor... assim: 'não, tem que fazer isso' e tal. Várias... várias vezes. E eles sempre foram muito abertos, muito, é livre...

Ao ser questionado sobre o que seria uma educação autoritária, responde:

É de ter muita regra... de ter muito horário... de... é... os meus pais... quando eu era pequeno, não ficavam muito em casa, trabalhavam muito, eu ficava mais com a minha avó.

A avó materna, recém-falecida, era alguém muito querida e próxima dele. Gustavo fala dela com saudades ao recordar-se das comidas que ela preparava para os netos e filhos, nutrindo toda a família. A infância dele foi permeada pelos cuidados da avó.

É, ela era muito presente. [A avó] da minha mãe, e, ela..., somos cinco netos, eu, meu irmão mais três primos e ela tinha casa no litoral. Tem uma tia que mora no litoral e outra que mora aqui. E ela rodava, pegava ônibus, subia, descia, fazia comida para todo mundo, ah..., de certo modo criou todo mundo, cuidou de todo mundo, cozinhou para todo mundo, porque o forte dela era, o amor dela era pela comida, sabe? Tipo, a demonstração e..., e acho que principalmente na minha família, eu e meu irmão somos mais velhos dos primos e... [...] E meus pais, quando a gente era pequeno, eles foram trabalhar, fazendo faculdade ainda tal, então a gente ficou muito com ela, muito, muito, ah..., então deixa eu ver o que..., que a gente pegou dela, que eu peguei dela... [...] E ah..., não sei, acho que eu fui muito mimado por minha avó, assim, ah... [...] Ela superprotegia, não é? Então, esses..., esses primeiros embates de, de pré-adolescente, de querer liberdade não foram com meus pais, foram com ela, entendeu? [...] Foi com a avó, é..., então tipo 'ah, eu quero jogar bola', 'não, você não vai, blá-blá-blá'. [...] Então, foi a época que estava reformando minha casa, então, tipo, eu não sei se era 12, dos 12 aos 14, então tipo, era época... [...] Mas, essas decisões era com ela... [Os pais também estavam morando lá], então aquelas coisas assim de levar na casa do amiguinho e ficava puto (risos), não podia andar de bicicleta, mas eu ia, brigava, quebrava vários paus...

Ainda descrevendo as mulheres da família, Gustavo considera sua mãe alguém que exerce poder de forma velada através da comunicação.

E tem outra coisa que a minha mãe faz, assim, que eu percebi há pouco tempo também, que é o controle da informação. [...] Ah, é o controle da informação e a... a tentativa de não haver confronto, então, tipo, eu estou puto com meu pai, então ela é o canal, entendeu? Ela fala com ele e ela fala comigo... [...] É uma família que sempre... é... de forma geral sempre negou confronto.

Ele reconhece a semelhança da mãe com a avó:

De nutrir, e de comunicação, igual minha mãe, sabe? Mas é um pouco mais externo, não é?

Talvez, com a avó, fosse possível afirmar-se um pouco mais, pois com ela aconteciam os embates de adolescência.

Em relação à família paterna, Gustavo não mantém tanto contato quanto com os primos e tios/tias da família da mãe. Após a morte dos avós paternos, quando ele tinha seis anos, não houve quem mantivesse as relações, como ocorreu com a família

materna; “*deu uma desagregada*”. Segundo ele, esse momento coincidiu com uma mudança para melhor do padrão econômico dos pais e isso gerou a mudança de casa para um bairro melhor. Ele passou a frequentar colégios melhores, o que não tinha nenhuma relação com os bens deixados pelos avós, mas que coincidia com a morte deles.

É, é, não tem relação assim, é, acho até uma mudança de valores mesmo, mudança de classe social, foi, é, foi, eu, às vezes, eu penso se, se, se meus avós não tivessem morrido tão cedo é..., acho que eu teria um contraponto de valor legal, porque eram famílias diferentes. Essa minha avó que morreu era muito católica, cheio de planta em casa, a casa dela parecia um jardim botânico.

Talvez, se houvesse o contato com as duas famílias, a materna e a paterna, isso permitiria mais discriminação, pois temos a impressão de que ele foi absorvido pela família materna. Gustavo continua a frequentar a casa da avó, que é mantida por uma tia, que deixou as coisas permanecerem como estavam; quando estão na casa da avó/tia, alguém assume o fogão e cozinha para todos. A ideia da família é manter a casa como está. A morte, neste caso, parece não ser reconhecida como separação.

Não, está igualzinho a quando ela estava viva. Está igualzinho. O pessoal..., é... a gente comemora aniversários, qualquer coisa que acontece na vida de alguém a gente vai lá e almoça ou janta todo mundo, sabe? Mas eu acho que é..., a diferença..., posso estar errado, mas eu acho que a diferença é que a relação com os pais do meu pai era muito focada neles assim, eu acho que a gente ia para casa da avó, todos os filhos iam para lá, difícil a gente ir para casa do primo, ou para casa do tio e essa..., com a família da minha mãe, não, a gente tem essa relação...

Ainda sobre os relacionamentos com os membros de sua família, ele conta que sua relação com o irmão mais velho é boa atualmente. Quando crianças, brigavam muito, mas isso já passou. O irmão saiu da casa dos pais aos 30 anos para casar.

Ele é muito mais... ah... acho que independente dessa relação de opinião, assim... ele... ele desde cedo deu uns cortes assim, sabe? Que eu estou começando a dar agora.

Gustavo tem dificuldade em se afastar da família. Ele recebe diversas solicitações dos pais, tais como pagar contas, ir ao cartório, e sente-se invadido pelas demandas, na obrigação de atender, uma vez que não está trabalhando. Afirma que

ao irmão isso não seria sequer cogitado, que as coisas não teriam o caráter de urgência que têm quando lhe são pedidas. O irmão já daria uns “cortes”.

Assim... eu... até pouco tempo atrás eles achavam que eu estava sempre disponível... então meu pai me ligava ‘você tem cinco minutos para passar no cartório’, tipo, eu vou, sabe, eu, eu ia... [...] Eu ia, eu ia. E coisas absurdas assim, que, às vezes, nem tinha o porquê, sabe? Que eu podia ir no dia seguinte, ou... e... é... o meu irmão sempre foi muito independente, sempre cortou cedo... sempre... eles sempre tiveram medo do meu irmão (risos). [...] Comigo, não é uma necessidade real, assim. E eu acho que cria uma é... é... era ou é uma simbiose muito grande, não é?

Pergunto: de você com quem?

Acho que com os... com minha mãe, e com o meu pai também, mas assim, é, eu não sei se, eu não sei mais medir isso, sabe? Depois que eu saí de casa, eu saí de casa, que eu fiquei mais longe... porque eu tenho... o meu problema é..., real..., é que tipo, eu tenho dependência econômica deles. [...] Isso é..., não sei..., é que..., é meio estranho, assim, porque essa dependência econômica não era para resultar em outras dependências, assim, diretas, não é? [...] Eu acho que dependência de opinião, às vezes... é... de me sentir seguro nas coisas que eu decido. Porque, ah, outra coisa que eu descobri faz pouco tempo é que eu fui..., acho que... não..., semidiagnosticado com bipolaridade, como bipolaridade.

Apesar de dizer que é a dependência financeira geradora de outras dependências dos pais, podemos também pensar que ela é apenas uma consequência da dependência emocional que os membros dessa família compartilham. Gustavo recebe, mensalmente, aproximadamente R\$ 700,00 e tem um cartão de crédito para se manter e pagar as contas da casa no litoral. Ele vem para São Paulo às quintas-feiras, continuar os estudos no curso de especialização em Jornalismo que começou e cujas aulas ocorrem às sextas-feiras e sábados pela manhã.

O uso do remédio para controle de humor tem lhe oferecido a possibilidade de dizer que está melhor agora, pois antes tinha muita dificuldade de se focar nas atividades, concluir o que começava, manter o relacionamento com a namorada etc. Foi devido ao histórico de diversas situações que começava e não concluía que a psiquiatra deu-lhe o diagnóstico de “*bipolaridade tipo 2, mais depressão e menos mania*”.

Diante de algumas frustrações, desabafa:

Às vezes, eu me sinto..., eu vejo os meus amigos casando, tendo casas, eu me sinto muito mal assim, com isso de estar numa fase anterior e..., e sem perspectiva, é, próxima de mudar... Às vezes, eu acho que tipo, é fase e eu não preciso me sentir mal com isso porque, é, me sentir mal com isso vai mais atrapalhar do que..., aquela coisa que eu nunca consegui construir nada. Tudo que eu..., que eu..., que eu construí, eu não..., não consegui aproveitar, assim, acho.

Com 10-11 anos de namoro, refere-se à namorada como alguém especial, que lhe ajudou muito. Eles começaram a namorar no litoral, onde ela também morava. O namoro longo já teve idas e vindas, *“porque eu não conseguia trabalhar, não conseguia nada e era dependente dos meus pais”*. Sobre essa relação com a namorada e os pais, conta que seus pais gostam muito dela, que também está morando na casa dos pais dele depois que a república em que estava em São Paulo desfez-se. Parece, assim, que ela foi absorvida pela família dele também.

Gostam, adoram ela. É..., ela acabou sendo mais uma filha sabe? O que é bom e o que é ruim também, porque ela... [...] Ah, é bom porque consideram bastante, sempre contam, sabe? É da família já há muitos anos, então... não tem, não tem mais aquela, aquele limbo de família, namorada, tal, tipo... [...] O ruim é essa coisa, de..., de..., de..., de eles já contarem, eu não sei explicar, deixa eu pensar, mas é... de eles considerarem, às vezes, a gente um casal não externo à casa ou, mas... [...] É..., é um casal debaixo da asa deles, não..., como eu sou, ela também se tornou isso... [...] Talvez integrada em algumas decisões, ou... eu não sei explicar, mas é uma coisa que incomoda, acho que é... [...] É, de..., de eles me tratarem às vezes como filho e de tratarem ela também..., não, não, não ter distinção, sabe? [...] Ela está ali, é, e ela não tem voz... É..., a voz dela passa por mim, não é direto. Acaba que, mesmo que não tenha essa relação clara de..., de..., de decisão, de..., de..., de..., é... eu não sei o que eu ia falar (risos).

Entre os projetos que tem para o futuro, estão gravar um disco e comprar um apartamento, mas os recursos para isso estão com um tio, pois ele não trabalha e vive com a *“mesada”* dos pais. Ele teve uma tia que, desde que ele tinha 10 anos, aproximadamente, deixou de lhe dar presentes para lhe comprar ações na Bolsa de Valores. A intenção era que, quando ele fosse maior de idade, usasse esse dinheiro para comprar um carro, dar entrada num apartamento, viajar para a Europa etc.; a história do que ele fará com o dinheiro faz parte da *“fantasia”* familiar. No entanto, Gustavo sente-se impedido de usufruir esse presente, pois teria de *“atravessar uma série de relações familiares”* para chegar até ele. O tio, que aplica na Bolsa e sabe o que fazer com o dinheiro, promete a transferência do valor numa poupança, mas isso ainda não aconteceu. Por outro lado, ele pensa em investir na carreira de músico, gravar um disco e abrir um estúdio com um amigo.

No último rompimento com a primeira e única namorada, Gustavo resolveu se afastar e foi para Buenos Aires, por 40 dias, estudar espanhol. Para isso, mexeu no dinheiro dado pela tia, pagou as despesas e voltou. Ao voltar, atendeu à solicitação de um amigo que lhe indicou uma psicóloga, que, por sua vez, encaminhou-o à psiquiatra, que o diagnosticou com bipolaridade tipo 2. Depois disso, retornou com a namorada.

Ainda sobre as relações com a família, tem dificuldade de dizer com quem mais se identificava, se mais com a mãe, considerada por ele “*dominadora*”, ou com o pai, “*que fala as coisas na lata*”.

Ah, antes de perceber certas coisas era mais com minha mãe... [...] É..., não..., até hoje em dia ainda é assim. Meu pai é..., ele é muito parecido comigo, aí fica difícil (risos). [...] Ah, o meu pai ele... é, eu acho que ele depositou em mim uma certa continuidade, assim, sabe? [...] Meu pai queria fazer mestrado, ele queria fazer mestrado em Filosofia e não pôde, porque a gente era pequeno e, tipo, estava trabalhando numa empresa e o mestrado era em outra cidade, morava no litoral e isso sempre incomodou ele. Então, logo que eu entrei nas Ciências Sociais por, por pressão dele assim..., não por pressão..., com 17 anos..., eu queria beber e sair..., ah, então ele, eles é..., não só ele, eles achavam que tipo, eu entrei nas Sociais e eu ia ser..., ia participar do CA [Centro Acadêmico], ia ser um líder político..., ele..., ele toca violão também, então..., então ele tem essa relação com a música também. [...] Então, acabou, é... tendo as coisas parecidas com meu pai, mas meu pai não tem muito, não tem muito jogo de cintura, sabe? Então, ele fala..., ele fala as coisas na lata, e minha mãe sempre mediando... Então o diálogo com minha mãe sempre foi mais fácil. [...] É, meu pai, é..., ah... [...] Ele fala as coisas na lata, sabe? Ele não..., ele..., eu acho que ele não pensa como as pessoas vão receber o que ele fala, então, por ele está tudo bem assim. Então, e por ele... e por eu ser muito parecido com ele, também, eu sempre dei muito chega para lá nele. Então, às vezes, ele fica meio receoso...

Sua preocupação com os pais é apontada quando afirma que eles não viajavam sozinhos até meados de 2000 e que isso passou a acontecer depois que o irmão mais velho comprou uma viagem para os pais, que

começaram a ter, a partir daí, eles suportaram ter uma vida de casal sem filho... Não que..., não totalmente, não é? As coisas..., é..., uma passagem lenta, não é? Mas eles começaram a desenvolver essas coisas...

Quando o irmão, aos 19 anos, foi fazer um “*mochilão*” pela Europa, Gustavo, com 15 anos, começou a sair de casa. O irmão mais velho é

tipo assim, um é fã do outro (risos), é muito bom assim, é... [...] Faz quatro anos que ele saiu de casa, ele tinha uma autonomia financeira já mesmo dentro de casa..., durante um tempo, alguns anos e, meu irmão ele era outro,

é, era outro exemplo para mim quando eu era pequeno então, tipo, eu seguia muito ele..., a forma de ele pensar, a forma de agir, os gostos, ele era muito ídolo... E houve uma quebra quando ele foi passar um ano na Europa, tipo... [...] A gente se falava muito pouco pelo telefone e foi a hora que eu comecei também a sair para o mundo..., com quinze anos eu estava, sabe? Ver outras coisas e viver outras coisas e, então foi bom, assim, é...

Devido aos pais arcarem com suas despesas, parece que eles perpetuam a dependência, como num “acordo” familiar inconsciente ou consciente que o mantém por perto. Mesmo burlando o cartão de crédito, ou seja, usando-o para o pagamento de despesas pessoais como cerveja e cigarro, o que não deveria acontecer, Gustavo afirma que eles sabem do uso incorreto.

Quando eu estou devendo no banco eu uso o cartão de crédito para tipo pagar uma cerveja, cigarro, essas coisas assim. [...] [Eles] Sabem, sabem. Bom, na verdade, é..., eles vão sempre cobrir, não é? Acho que no fundo eu sei disso... e aí... [...] Então, acaba sendo uma situação de conforto pra caralho assim. E... então eu me sinto um pouco ‘sinucado’ (risos).

A metáfora da sinuca ilustra sua atual condição, pois ele não enxerga como sair dos cuidados dessa família, apesar do desejo de gravar o CD ou ter um lugar para morar com a namorada. Com o seu dinheiro “amarrado” na família materna, ele não tem como usar os recursos e, para isso, teria de realizar uma “travessia de relações familiares”.

Então, eu tenho essa coisa do, desse estúdio, ah..., eu queria ter..., cada vez mais, ter essa coisa de ter um apartamento meu e da Tati, uma coisa pequenininha. Acaba que a gente fica lá três dias, mas tipo, tudo é decorado pelos meus pais..., se a gente vai mexer em alguma coisa, é, uma..., um exemplo dessa, dessa disputa por espaço é que lá eu tenho uma faxineira uma vez por semana e eu mantenho, eu que contratei, eu que pago e eu que pago entre aspas (risos), o dinheiro passa por mim. [...] Eu tenho essa perspectiva também de ir para fora ainda, sabe? A Tati pensa em talvez fazer doutorado fora ou talvez dar aula no Nordeste. Eu com a minha, com a minha viagem para a Argentina eu estou enlouquecido, também, de querer ficar fora.

Apesar da vontade de conquistar o espaço próprio, Gustavo vai e volta para a casa dos pais, sai e volta a ficar com a família, tem dinheiro, mas não pode usar, quer ter um lugar para viver com a namorada, mas não tem recursos... Já sobre a convivência com a namorada – ora na casa de São Paulo, ora na casa do litoral – e as perspectivas para o futuro, conta que

apesar de ter passado um monte de fases ruins, em vários sentidos, acho que hoje a gente tem uma relação bem saudável, sabe? Bem é..., amorosa e, e,

tentando ver um futuro juntos, que eu nunca... Esse foi o grande problema meu com ela: planejamento que foi o problema de toda a minha vida. Então eu não conseguia planejar nada e isso é muito ruim... que aí acabava, acabou perpetuando a minha estada em casa, não é? E tem essa relação do conforto, não é? Com a grana... Mas a gente, eu já percebi, que o legal é ficar desconfortável, o legal não é? ... Se foder (risos). E eu acho que é isso... eu acho que eu estou querendo encarar coisa nova..., mesmo quando eu falo dessa coisa de cidade, acho que tem a ver com essa fase, não é? Não, não é a cidade, não é? Talvez seja todo o contexto, talvez se eu mudar para um apartamento com a Tati já é outra visão de mundo...

Acabada a entrevista, Gustavo pediu que eu não transcrevesse tudo, que apenas me preocupasse com o que fosse utilizar. Disse-lhe que faria a transcrição completa e lhe enviaria por *e-mail*, para que ele lesse. Agradei pela entrevista e nos despedimos.

3.5 Elisa – *Eu me vejo totalmente responsável pela minha mãe*

A entrevista com Elisa, ex-colega de trabalho, foi agendada com duas semanas de antecedência, através de contato por *e-mail* e telefone. Nos intervalos em que conversávamos quando trabalhávamos juntas, Elisa comentou que morava com a mãe; nesses encontros, ela soube desta pesquisa e demonstrou interesse em participar. O local do encontro foi uma sala de aula desocupada na escola em que ela trabalhava e, no horário combinado, encontrei-a.

Elisa é uma mulher de 34 anos, que mora apenas com a mãe, de 75 anos e aposentada, numa casa alugada. Sobre o morar com a família, ela conta:

Olha, por ser filha única, morar... e meu pai não mora comigo, ele separou da minha mãe eu tinha onze anos. [...] Tenho trinta e quatro. Então, é... tem momentos que eu sinto... vai, ao mesmo tempo que tem um conforto, aquela segurança... também não tem por ser filha única e por não ter o pai. Então, fica uma responsabilidade sobre a minha mãe que me teve, já, com uma idade avançada. [...] Ela tinha quarenta e um, quarenta e um. Então, ela tem setenta e cinco. Então não é fácil, ao mesmo tempo em que tem um conforto, essa segurança, algumas... vai, não é privilégio, algumas mordomias, não é? Eu não preciso me preocupar ali com a questão de, de repente, ter de cozinhar, lavar, passar...

Seu pai foi para o Paraná verificar o que ocorria com umas terras ocupadas ilegalmente por moradores da região e que haviam sido deixadas como herança; isso não trouxe nenhuma melhora na condição financeira familiar, pois o dinheiro

conquistado com a herança foi uma quantia irrisória, dividida entre os irmãos ainda vivos. Ele ficou sumido por dois anos, sem dar notícias, e, como tem cisticercose, a esposa não o procurou, uma vez que num momento anterior ele tivera convulsões e episódios de esquecimento em função de as “*larvas de porco*” terem se fixado em sua cabeça.

E ele queria que fosse todo mundo, minha mãe não queria muito, mas ela falava: ‘eu vou, eu casei, nós vamos, mas você tem que ir, arrumar um emprego, ver um lugar para a gente ficar, eu não sou mais nova, tenho uma criança, como largo tudo aqui e vamos todo mundo com a mão abanando sem ter onde ficar, sem ter um emprego? Não é assim. Você vai, faz um comecinho, não precisa ser muito, vê um lugar para a gente ficar e arruma um serviço e aí nós vamos, a Elisa aceitando ou não’. Na época, eu tenho uma prima quase da mesma idade e era como se fosse irmã, era uma coisa muito forte. Tudo bem, só que meu pai foi e não fez isso, ele foi para resolver isso, ficou dois anos sem dar notícia. [...] E minha mãe pensou: ‘e agora?’ Porque ele tem uns momentos de esquecer, é raro acontecer, mas acontece. Uma vez estava na Antônio Agu [referência à rua do centro da cidade de Osasco] e deu um branco... [...] É, não sabe muito bem o que está acontecendo, então minha mãe falou: ‘nossa, aconteceu alguma coisa e está por aí no mundo, não sabe mais quem é ninguém e tal’. Nisso foi uns dois anos, de repente ele deu notícia e veio com um papel de divórcio. [...] Da separação. [...] Porque ele não foi separado.

O casal não chegou a legalizar a separação, apesar do conhecimento de que o pai já teria outra família no Paraná, segundo Elisa, sem filhos. Atualmente, o casal mantém um relacionamento amigável e, quando o pai vem do Paraná para São Paulo, fica na casa em que moram Elisa e sua mãe. Nesses momentos, prefere estar com os primos para que os pais tenham tempo para conversar. Segundo ela, a atitude do pai não mereceria seu perdão, uma vez que seria ele quem “*deveria se perdoar*” por ter deixado a família e não mandar notícia. Tudo isso deve ter contribuído para juntar ainda mais mãe e filha.

Elisa já percebia que a situação dos pais não ia bem e que ele queria sair de São Paulo. Ela conta a seguinte lembrança:

A começar que... quando... antes de ele ir, um dia ele subiu para arrumar o... chuveiro, ele falou: ‘Elisa, vem cá, vê como que arruma... como que troca o negocinho do chuveiro... vai que um dia precisa...’

Parece que o pai, de alguma forma, preparava-a para sua ausência, incumbindo-a de substituí-lo.

Sobre a convivência e a organização da rotina da casa, Elisa conta que, entre suas despesas, estão o aluguel e a maioria das contas.

Eu pago aluguel, porque a gente ainda não tem casa própria, eu pago... Vai só para você ir tendo ideia, a minha mãe, o salário dela de aposentadoria não deve, não dá dois salários, é que ela fez um empréstimozinho e está vencendo. Então, tem hora que ela fica meio perdida sobre quanto realmente ela ganha e..., mas, enfim, o que ela ganha não paga o convênio, que é um convênio supersimples do Cruzeiro [referência ao Hospital Cruzeiro do Sul], que está quinhentos e pouco. Então, ela..., o que ela recebe paga o gás, água..., alguma coisinha que, às vezes, vem o rapaz vendendo lá na porta de casa e..., sabe essas coisas?

Vê-se a sua dificuldade para deixar a mãe, que, sem a sua ajuda, de fato não teria condições de sobreviver. Sua mãe sempre trabalhou muito e Elisa lembra-se da infância com a sua ausência em casa, pois ficava sozinha enquanto a mãe dobrava períodos no trabalho para que ela pudesse estudar numa escola particular e formar-se como professora.

Porque eu fiquei muito tempo sozinha. Minha mãe teve um período... Quando eu estudei no Misericórdia [referência a uma escola religiosa que oferecia o curso de Magistério], para poder pagar, de uma certa forma, bancar tudo, não é? A casa e mais o colégio, minha mãe entrava às sete e chegava, às vezes, meia-noite, uma porque ela trabalhava no Cruzeiro e pegava o plantão da noite. Então, ela chegava, eu já tinha procurado fazer tudo que eu pudesse... para deixar tudo mais ou menos em ordem... Não era, não foi um período longo assim, mas, foi. Foi muito tempo, eu só lembro da minha mãe trabalhando.

Portanto, Elisa ora realizava o papel de mãe e ora o de pai, uma vez que seu pai foi embora e a mãe saía para trabalhar.

Então, tudo começa daí, não é? Tanto é que hoje, se eu tiver que fazer, eu faço, eu troco, arrumo, entendeu? Não, hoje em dia, não muito mais, porque hoje em dia eu falo: 'mãe, chama alguém para fazer, liga para tal pessoa que vem e faz'. Mas, se não tiver jeito, eu troco, eu troco isso, eu meto as caras, troquei fechadura... Se não tiver outra pessoa eu até vou tentar, senão chamo alguém para fazer.

Seu convívio social é marcado por saídas com amigas para bater papo, pois já não se vê com tanto pique para frequentar as “baladas”. Ela já teve um relacionamento de sete anos, que se rompeu próximo da possibilidade de casar, em função da desistência do namorado. Sua atual circunstância (a solteirice) não lhe agrada, pois gostaria de estar casada.

Mas, tem um outro lado que é... às vezes eu penso, poxa, se é... se tivesse..., se eu já tivesse casada, bem ou mal, você divide com alguém, não é? E assim, eu percebi que quando... Eu namorei muito tempo, namorei uns sete anos, e quando eu namorava, quando esse relacionamento terminou, eu sofri

muito, mas depois, mais para frente, eu fui perceber que eu sofri mais por ter perdido um apoio do que pela própria falta que ele pudesse me fazer, porque eu já sabia que não era a pessoa que eu gostaria de ter. Mas, a condição de você... é, vai, nessa altura do campeonato você se vê, eu me vejo totalmente responsável pela minha mãe.

O rompimento com o namorado é percebido por Elisa como um momento muito triste.

Então, rompeu-se por quê? Na verdade partiu dele o rompimento. Depois... no momento ali a gente não entende muito, mas depois eu também vejo que, eu consegui enxergar que não era a pessoa que eu gostaria de ter... Isso depois. Na hora eu estava vendo, já, algumas coisas que eu não... não estava aceitando nele, e rompeu... Deixa eu... Na verdade, da parte dele, ele nunca justificou muito, mas eu acredito que o fato de a minha mãe... estar no pedaço tenha tido uma interferência. [...] Não, sempre que a gente começou a namorar, ele sempre colocava a questão que a minha mãe, de repente, teria que, ou ir junto... sei lá, ou estar próxima. Eu, no fundo, não... não achava uma boa você casar e carregar a mãe, não era o que eu gostaria. Mas, ao mesmo tempo, eu não tinha a cabeça que eu tenho hoje; hoje eu estou bem resolvida, se eu tiver que casar, minha mãe não vai e eu não vou me sentir mal por isso. Na época, isso não estava resolvido em mim, então, eu pensava: poxa vida, minha mãe lutou uma vida inteira para conseguir ter uma casa, agora, eu compro... e ela continua lá num cantinho; tudo bem que ela, talvez, até se revezaria por mim, mas, para mim não. Era como se eu tivesse que ainda conseguir... [...] Tudo bem, foi indo e eu fui percebendo algumas coisas e tal. E essa questão, compramos um ‘apar’..., começamos a procurar alguma coisa que tivesse uma edícula, mas ele também ajudava: ‘Elisa, mas sua mãe vai ficar sozinha?’ Essa fala sempre veio dele. E a gente começou a procurar um lugar que tivesse uma edícula, mas o dinheiro não dava... não tinha como, era muito caro e não sei o quê. Tudo bem, por fim a gente arrumou lá um apartamentinho... levamos para Caixa [referência à Caixa Econômica Federal] e tudo, chegou até a dar um valor pequeno lá, só de entrada, acho que para garantir alguma coisa. [...] Aí o Felipe, na época, eu acho que ele veio com esse papel masculino... e divide, um pouco, o peso da mãe, não é? Sabe? Eu sentia isso, era como se eu, se eu... desse um... tinha alguém ali sem ser a mãe, não é?

Assim, parece estar no “*peso da mãe*” o mote do problema. O rompimento deu-se em função de diversas situações em que Elisa preferiu se calar e chorar para manter o namorado por perto e que, ao se aproximar a possibilidade do casamento, revelaram as diferentes perspectivas do parceiro. Ela queria ver a igreja para casar e era surpreendida pela fala do noivo: “*mas eu tenho que ir junto?*” Para ela, isso representou o rompimento, pois não faria sentido casar com alguém que não se ocupasse com a questão religiosa, na época. Por fim, o empréstimo feito no banco teve de ser anulado e o apartamento não foi comprado. Elisa foi deixada pelo namorado.

O namorado morava sozinho, sem nenhum familiar por perto, mas Elisa não pensou na possibilidade de morarem juntos; ele frequentava sua casa e dormia lá, mas o contrário não era possível. Ao ser questionada sobre a possibilidade de ela dormir lá, ela responde: “*Não, isto nunca*”. Além disso, eles não viajavam sozinhos, apenas em turma.

Ela reconhece, hoje, que não deve ter sido fácil para ele o relacionamento, ainda mais com a questão de ter de levar a mãe dela junto. A intimidade sexual foi mantida longe da mãe por um bom tempo, pois esta acreditava que os homens tratavam as mulheres de forma desrespeitosa caso a relação sexual já tivesse ocorrido antes do casamento.

Parece que há um sentimento em Elisa de certo fracasso por não ter saído de casa, ou seja, não é bem uma opção ficar em casa com a mãe, isso se deve a não ter conseguido sair. Também, a questão de ser filha única provoca-lhe ainda mais angústias sobre como a mãe ficaria na sua ausência. Ela acredita que, se tivesse um irmão ou irmã, as coisas seriam diferentes, e aconselha:

Então, nessas, nesses momentos eu pensava... eu pensava: ‘poxa, se eu tivesse uma irmã...’ Ainda eu falo para todo mundo, não tenha um filho só, (risos) tenha dois... Tem gente que fala: ‘não, mas às vezes você tem dois e não tem nenhum’. Então...

A preocupação com a mãe toma-lhe boa parte dos pensamentos. Seria possível deixar a mãe nessas condições? A mãe tem glaucoma e já caiu na rua por conta de não enxergar.

Se tropeça, se não, o que acontece. Mas até que ela anda, mas, quando ela está comigo, eu acho que ela fica mais relaxada, porque tem alguém olhando. Quando ela está sozinha, às vezes, eu pergunto: ‘tropeçou, aconteceu alguma coisa anormal?’ E ela: ‘não, não, foi tudo bem, não tropecei.’ Então, está indo bem. Mas teve uma vez que ela caiu, quebrou aqui ó [mostra o rosto].

Sobre o seu trabalho, sente-se sobrecarregada, pois divide sua jornada em dois turnos como professora: um pela manhã, numa escola da prefeitura, e outro à tarde, numa escola particular. Dá a impressão de que ela não tem domínio sobre suas tarefas, de que foi fazendo os trabalhos que apareceram, sem questionar a possibilidade de identificar-se com o que fazia.

Em certo momento, ela desabafa sobre o desespero em que se encontrou ao terminar o curso de Magistério, pois não sabia se gostaria de exercer a profissão de professora. No entanto, foi confortada pela mãe, que lhe disse ter se esforçado por pagar a escola particular para que ela tivesse uma formação “*para a vida*” e não só para o trabalho; que ela poderia tentar ser professora e que, se não gostasse, não haveria problemas. Ainda assim, ela se sente exausta pelo trabalho, que lhe impossibilita realizar outras coisas.

Hoje, ainda, eu saio diferente com algumas coisas, mas levo, não tem como, aqui [na escola particular] não dá para fazer tudo, quem faz eu admiro, mas eu não consigo. E... o que eu estava falando? [...] Do tempo, do tempo. E então, às vezes, eu acho que falta um pouco de planejamento e organização minha... Que eu ainda não consigo organizar e ajeitar isso, talvez até por essa coisa... entra noite e começa outro dia e vai que vai, sabe? Tem alguns momentos que eu quero ficar sem pensar, sem fazer nada; então eu já tive, nossa, eu já tive, eu não sou uma pessoa de-sor-ga-ni-za-da... Mas eu sinto que a minha vida está meio... vamos indo, entendeu? Está uma coisa meio... então, eu, eu, eu ainda quero uma hora dar uma ajeitada nisso... E ainda eu não consigo guardar um dinheiro para fazer algumas coisas, não é?

Sobre as expectativas para o futuro, Elisa fala:

Em primeiro lugar, eu gostaria de ter uma casa. Primeiro lugar. Eu acho que hoje eu gostaria disso. De ter uma casa... de poder ir guardando um dinheirinho, o pouco que fosse, mas ir fazendo uma reserva nem que fosse pequena. Mas se eu tivesse já dentro da minha casa pagando, eu já estaria bem feliz. Ah, eu pulei uma parte, quando eu falo essa questão, também, da casa, eu também penso em alguns lugares que favoreçam um pouco a minha mãe. Hoje, não é? Que eu sei que ela vai comigo, porque eu não estou namorando, então, hoje eu penso que eu vou, estou pensando em mim e nela. Então, eu penso assim, eu não gostaria que ficasse muito distante das irmãs dela, para não, também, tirar tudo que... sei lá, algumas... a igreja que ela vai, mas a igreja ela pode ir em outra, não é o caso. Mas, também, não queria afastar muito. É... se eu pudesse escolher, queria um lugar mais plano, não é? Que tivesse alguma padaria próxima, que ela pudesse andar, ela está ficando muito em casa.

Quando pergunto se gostaria de dizer mais alguma coisa sobre a convivência com a mãe, ela diz:

Ah não, eu acho que eu dei uma... eu falei tudo assim... desse peso, tem hora. Hoje em dia tem hora, tem momentos que eu sinto, não é? Mas, de uma certa forma, eu já senti mais.

3.6 Caio – Acabou encarecendo muito o aluguel e acabei retornando

Caio atendeu ao pedido de participação nesta pesquisa por intermédio de seu colega de graduação em Psicologia, meu colega de Mestrado. Enviei-lhe um *e-mail*, após saber do Lucas que ele poderia contribuir.

Ele parecia bastante nervoso e tremeu a maior parte da entrevista, de modo que fiquei preocupada com a angústia que talvez tenha sido mobilizada. Assim, achei melhor não estender a entrevista, pois tive receio de transformá-la num interrogatório penoso.

Aos 26 anos, Caio já saiu da casa dos pais para morar com um amigo, dos 23 aos 25 anos, mas retornou por problemas financeiros. Ele conta sobre como é morar com a família:

Na verdade tem o seu lado bom e ruim, assim, porque não sei, é... antes de ter... O Lucas foi quem intermediou para nós esse contato... [...] Não sei se ele chegou a contar para você que eu cheguei a morar um tempo sozinho. [...] Mas acabei voltando para a casa dos meus pais por causa de... além de problemas financeiros, foi também que eu... O apartamento que eu alugava com outro rapaz acabou encarecendo muito o aluguel e acabei retornando.

Diante do retorno à casa da família, pergunto o motivo que o levou a sair. Ele responde:

Na verdade porque eu tenho uma relação meio difícil com meus pais, assim. Então, eu tive uma briga muito feia com a minha mãe um dia e cada... Chegamos à conclusão que eu queria sair de casa e eles também queriam que eu acabasse saindo. [...] É que a minha mãe é muito... controladora, por assim dizer. E por questão de... financeira mesmo, porque eu... eu não trabalho, eu... estou tentando seguir carreira acadêmica e, naquele momento, eu dependia deles para sobrevivência, só que minha mãe ficava reclamando muito, não me entregava dinheiro etc. Eu tinha dificuldade para as coisas do meu dia a dia por causa disso. Daí, então, teve uma vez que a gente discutiu muito forte por causa disso e... [...] Eles me ajudaram com... um pouco de dinheiro e o resto eu fazia tudo através de trabalho. Eu ajudo o pessoal em projeto pesquisa aqui e etc. E como auxiliar técnico eu acabo tirando um pouco de dinheiro a partir disso.

Apesar de as questões financeiras permearem os conflitos com os pais, Caio sempre recebeu dinheiro para se manter longe.

É uma coisa meio paradoxal, assim, porque eles me queriam fora e etc. E queriam também, que... eu começasse minha vida, só que eles gostam de me ter por perto, assim. É uma coisa meio... uma relação meio difícil, assim.

Atualmente, ele recebe algum dinheiro de uma bolsa de pesquisa numa universidade pública.

Não é muita coisa, assim, ah... Também tenho uma bolsa de pesquisa que eu ganho aqui, para extensão que eu faço, faz um bom tempo. Não é muita coisa assim, tipo como... Eu pego agora, mais ou menos, uns setecentos reais, não é tanta coisa assim, mas, também, eu posso me virar sem muito.

Seu “viver sem muito” significa gastar com gasolina e bebida alcoólica, quando há festas na universidade ou ele fica conversando com os amigos. Segundo ele, seus gastos resumem-se a isso e, de vez em quando, a compra de algum livro. Para a maior parte das leituras que realiza para pesquisar, recorre às bibliotecas da universidade.

Ao sair da casa dos pais, Caio reconhece que a relação melhorou muito e que hoje, após seu retorno, garante a privacidade no seu quarto e fica pouco tempo em casa.

Quando eu saí, até melhorou um pouco a relação dos meus pais... quando eu morava fora, sozinho. [...] Acho, que quando, é... a convivência muito próxima com eles, acho que... como eles são um pouco nervosos em excesso, então, normalmente o contato que a gente tinha era sempre... [faz gesto com as mãos mostrando como era difícil] [...] O problema é que eu tento passar muito pouco tempo, uma estratégia que eu aprendi assim (risos). [...] O máximo possível de tempo eu fico fora de casa, costumo chegar tarde, se estou em casa normalmente eu fico no meu quarto.

Sua família é formada pelos pais e quatro filhos. Seu pai é gerente numa empresa de alimentação e a mãe dona de casa. Ele é o filho mais velho, único homem, e tem três irmãs. Segundo ele, seu pai protege-o em relação às irmãs, pois, com ele, ameniza as situações difíceis e, com as irmãs, “pega mais pesado”.

É que na verdade eu vejo quando ele quer criticar alguma coisa na família, ele pega muito mais pesado com as minhas irmãs do que comigo. [...] Questão de que eu sou o primogênito e... homem... ele costuma ser, me tratar muito bem. Tanto que minha família tem a opinião que eu sou um tanto... sei lá, ele me preserva até demais assim, sabe? [...] É. Um tratamento um pouco diferente assim.

O convívio de Caio com as irmãs perdeu-se quando ele entrou na universidade. Atualmente, prefere manter contato com a irmã mais nova, que é, em seu ponto de vista, a que menos absorveu o nervosismo da família.

Então, minhas irmãs, eu perdi muito o contato com elas assim, desde que... eu entrei na universidade, na verdade eu comecei a ficar muito pouco tempo em casa, fui perdendo o contato com elas, eu converso muito raramente, e normalmente eu converso um pouquinho mais com a minha irmã mais nova. [...] É, vinte e cinco, outra tem... vinte e um, e a outra está fazendo dezenove. [...] Não sei, eu a acho [a irmã mais nova] a mais tranquila da casa, assim. Eu... Pessoa que a gente se sente um pouco melhor para conversar, não fica uma... As outras, eu acho, se perdem demais no... na vida... ressentida da minha família, assim. Ficam reclamando um monte de coisa e etc. Assim, esse nervosismo exagerado.

Ele estabelece também uma relação “nervosa” com a mãe, por conta do controle que ela exerce sobre ele em função do dinheiro.

E o jeito dela normalmente controlar é ficar... atazanando você o dia inteiro, para você fazer... o que ela quer, o que acha que é certo ou senão ela faz, faz... jogo de ameaça com o dinheiro. Mas, com o dinheiro ela parou, um pouco, agora.

Para a sua mãe, seu trabalho não oferece bons recursos para ele. Antes de ele conseguir ganhar algum dinheiro para se manter, as cobranças eram maiores.

Com o pai, Caio dá-se bem, apesar de tê-lo como modelo negativo. Seu pai sempre trabalhou em algo que não gosta e fez isso para sustentar a família, o que para ele não é fácil aceitar.

É uma coisa que eu sempre pensei assim, mas, por exemplo, acho que se eu chegar na idade do meu pai não queria ser como ele. É basicamente tipo, aquela pessoa que entrou na vida de trabalhar numa grande empresa, ficou durante quarenta anos fazendo uma coisa que ele odeia. [...] É. É uma coisa que eu não faria... Meu pai chega a ser um exemplo negativo assim, que...

O retorno para casa fez com que a relação com a família melhorasse, apesar das diferentes perspectivas sobre o trabalho e a vida.

Porque, também, sei lá, minhas perspectivas de vida são um pouco diferentes das dos meus pais. Eu gosto de estudar, eu gosto..., a carreira acadêmica para mim é uma coisa que seria interessante; só que para eles, eu... Mais aquele... padrão de vida meio... pensamento classe média, assim de: não, eu trabalho na empresa, faz isso e faz aquilo. E como eu fiz Psicologia, que já era uma coisa que eles não queriam... [...] Eu fiz um ano de Direito antes, na verdade. Não é que eles não queriam, o problema é que eles aceitavam muito

mais eu ... [...] Eu fazer Direito. E como eu não estava gostando resolvi sair, prestei para cá, eles não estavam concordando muito, mas eu paguei do meu bolso o processo do vestibular, passei na universidade pública, não tem muito que reclamar a partir disso (risos). É, acabei vindo para cá. Mas no começo não gostaram muito, depois começaram a aceitar.

Caio não é cobrado pela família para auxiliar com as despesas da casa, mas conta que, antes de sair de casa, era cobrado e muito. Depois que conseguiu cursar a universidade pública e dar um jeito de pagar as despesas, as cobranças deixaram de existir.

Namora há dois anos uma pessoa muito bacana, segundo ele, com quem tem prazer de se relacionar. Ele prefere manter a namorada fora do convívio da casa de seus pais e frequenta muito mais a casa dela.

O pessoal aceita bem, mas eu... eu costumo levar pouco para casa dos meus pais, não sei por que, eu prefiro manter ela um pouco afastada assim, sabe? [...] Normalmente eu prefiro... manter separadas as coisas que eu gosto da convivência com eles. Não sei explicar um motivo muito racional, mas é basicamente isso que eu faço. [...] É engraçado, porque eu não consigo nem explicar, porque meus pais, naturalmente, não vão fazer nada assim, não vão tratá-la mal, isso com toda certeza. Na verdade, sempre que a veem, tratam ela muito bem, mas por algum motivo eu deixo afastada, não gosto assim, ficar...

Nesse relacionamento com a namorada, antecipa o que poderia ser um problema:

Como... eu... tenho um pouco, não tenho tantas ambições assim tão fortes, justamente quero evitar essa parte do trabalho... pesado e alienante que seria para mim, isso não... Para mim entra um pouco em conflito com a ideia de sustentar uma família. É difícil. Não sei se estou sendo idealista, mas acho que é um pouco possível, sabe? De eu não precisar... sabe? No começo ter que pegar um emprego..., quarenta horas semanais, uma coisa que eu não gosto, para ter dinheiro só para sustentar um filho. Acho que, talvez, junto com ela, cada um trabalhando... numa coisinha que goste no momento, dá para gente montar um...

Atualmente, ele guarda parte de seu dinheiro para uma viagem à Europa, que gostaria de fazer com a namorada. “Já consegui juntar uns cinco mil”. Futuramente, com o auxílio de outra bolsa de estudos, espera conseguir sair, novamente, da casa da família.

Se eu passasse no Mestrado eu começava a ganhar o dinheiro sozinho, não precisava mais do dinheiro, tudo que... [...] Tipo, ficaria livre dessa... ligação material assim, financeira com eles. [...] E surgiu a ideia de, talvez, viajar com

minha namorada, tipo, ano que vem para a Europa e ficar morando lá. Porque a gente, nós dois temos cidadania [francesa] e etc. E estava pensando... [...] Estava pensando em morar lá. Acabei voltando com meus pais justamente porque seria uma melhor perspectiva de eu conseguir juntar dinheiro para... Não ganho tanto assim. Ou era arranjar um trabalho. [...] Só o problema era ter que voltar para casa dos meus pais e volta um pouco essa relação conflituosa, assim.

Sobre o que os pais esperam dele, ou seja, sobre as expectativas de futuro da família, ele conta que gostariam que ele arranjasse um “emprego decente”, “diferente do que ele tem atualmente”, trabalhando como pesquisador.

Um emprego fixo que ela [a mãe] acha que se ganhe..., ganhando... dois mil e poucos reais. Só que a carreira de Psicologia... Eu pelo menos não tenho, não tenho a capacidade de encontrar (risos) uma coisa, assim, tão rápido. Você acaba se formando e estar ganhando dois mil reais e alguma coisa é meio difícil. Mas, sei lá, eu acho que, de vez em quando, eu penso que eles acham... que minhas escolhas são escolhas irresponsáveis... [...] Não... não sei explicar também, acho que... para mim... é... Transparece, normalmente, nessas coisas do estilo de vida de cada um, não sei por que, normalmente eu não sinto tanto conforto, também não tenho muita proximidade com meus pais e etc., sabe?

Já sobre o que pensa para o futuro, ele propõe uma tentativa de ganhar dinheiro fazendo o que gosta.

São poucas coisas que eu gosto de fazer na vida e eu sei que trabalhar, para mim, é um, tem um sentido muito alienante, assim, sabe? [...] O que gosto de fazer, uma das poucas coisas, é estudar. [...] De poder ler, aprender um pouco... e o único jeito de conseguir ganhar dinheiro com isso daí é seguir (risos) a carreira acadêmica, sabe? [...] Não tenho, não tenho muitas outras perspectivas de vida, assim, de... ganhos materiais com coisas que me satisfaçam, então, fica meio difícil. [...] Por mim... eu gostaria, na verdade, de poder estar... ganhando um pouco dinheiro, não muito assim, mas o suficiente para poder sobreviver. [...] No futuro muito grande eu, talvez um pouquinho mais, porque eu penso em ter família e etc. Porque eu gostaria. Mas, por exemplo, para um futuro não tão amplo, daqui dois anos assim, sei lá, se eu tiver com mil e setecentos eu consigo sobreviver facinho, sabe? Não tenho tantas despesas assim, para fazer. Minhas ambições assim, tipo..., a não ser essa parte... de ter família eu..., tipo, nas coisas que eu gosto assim..., de estar com as pessoas próximas de mim, de poder... ler, uma coisa que eu gosto muito, já fico meio satisfeito com isso daí.

Quanto às dificuldades de relacionamento com a família, conta que foi perdendo as esperanças de melhorar a convivência.

Eu não sei, acho que quando eu era mais jovem eu tentava pensar em... que... esperava que eu tivesse uma relação melhor com meus pais, mas com o tempo isso foi... [...] Foi perdendo. Acho que o que eu aprendi foi a criar

meu espaço... em outros lugares, tentar criar a minha própria vida e independente do que eles possam julgar ou querer. Assim foi indo.

No fim de nossa conversa, perguntei-lhe se gostaria de contar mais alguma coisa; ele disse que não. Agradei-lhe, abri a porta da sala e Caio saiu, enquanto fiquei para ajeitar minhas coisas e sair em seguida.

3.7 Alice – *Eu não saio da minha casa se não for para sair casada*

A entrevista com Alice, ex-colega de trabalho, foi agendada com duas semanas de antecedência. O local do encontro foi uma sala de aula desocupada, na escola em que ela trabalhava.

Num dos intervalos em que conversávamos, Alice comentou que morava com a família. Nesses encontros, ela soube desta pesquisa e demonstrou interesse em participar. Ela dizia: *“Se quiser saber como é morar com a família, é só conversar comigo, estou à disposição”*.

Alice tem 35 anos, é de ascendência italiana e a caçula de quatro irmãos. Ela não chegou a conhecer a segunda filha dos seus pais, uma menina que faleceu aos seis anos de idade por conta de um motorista alcoolizado que perdeu a direção e bateu no portão da casa de sua avó, em 1972, fazendo com que o muro desabasse sobre ela, que brincava no quintal.

Antes do acidente, os pais de Alice tinham três filhos: uma menina mais velha, a do meio – que faleceu – e um menino caçula, recém-nascido. Após essa tragédia, a mãe de Alice ficou muito doente, com depressão, deixando seu irmão mais novo aos cuidados da avó materna, que morava ao lado. Aliás, toda a família ainda mora perto; são casas de avós e tias na mesma rua. Três anos depois, nasceu Alice.

Sua saúde não é muito boa e ela conta diversos episódios em que foi levada ao hospital, seja por crises de alergia que a impediam de respirar, seja pela Tensão Pré-Menstrual (TPM), seja pela hemorroida, seja pela talassemia – doença que provoca anemia –, seja pela depressão, seja pela síndrome do pânico... Ela conduz a vida, apesar de constantemente ter algum sintoma das enfermidades citadas, e trabalha em dois lugares – na prefeitura e numa escola particular como professora –, pela manhã e à tarde.

Alice cursou o Magistério e fez Psicologia, com pós-graduação em Neuropsicologia. O seu grande sonho era fazer Veterinária. Na época do vestibular, chegou a prestar Veterinária na Universidade de São Paulo, passou na primeira fase e desistiu da segunda, ao ver na sala de aplicação da prova os candidatos “*todos japonesinhos*”; fez a prova de qualquer jeito e não verificou os resultados. Novamente, aos 29 anos, prestou o vestibular e passou numa universidade particular, mas desistiu de cursar Veterinária em função da distância e do alto custo da mensalidade. Segundo ela, a “*Veterinária está guardadinha lá, no cantinho do coração, para fazer um dia*”.

Atualmente, diz estar exausta pelo acúmulo de funções no trabalho e pensa na possibilidade de pedir uma licença sem vencimentos da prefeitura, pois chega muito cansada em casa, não sente ânimo para “*pôr a cara na rua*” nem falar ao telefone, mas

financeiramente, hoje, para mim compensa, porque meus pais caíram o padrão de vida. Então, eu acabo suprimindo muita coisa do meu pai e da minha mãe.

O nível financeiro dos pais caiu com a aposentadoria e o fechamento da empresa que o pai tinha. Hoje, Alice contribui com a família, pagando diversas despesas:

Por exemplo, eu pago a empregada, é... a cesta básica daqui [da escola particular] fica em casa. Primeiro, que todo mundo come lá em casa, ninguém leva nada, todo mundo come lá em casa; da prefeitura a gente tem duzentos reais de vale-alimentação, eu não sei nem a senha do vale-alimentação. [...] Telefone sou eu quem pago, porque tem Speed [provedor de internet], não é? Eu pago as minhas coisas, então, assim, é... TVA [TV por assinatura], carro, tudo, tudo sou eu quem pago. É, dentista, meus pais precisaram de dentista agora, a dentista é minha cunhada. Eu que paguei. É... a minha mãe tem câncer de pele, precisa de protetor, não pode ser qualquer protetor, eu vou lá, mando fazer e pago. São coisas que se eu não tivesse os dois empregos eu não poderia fazer. [...] Isso seria mais limitado, bem mais limitado. E outra coisa que eu adoro fazer é dar presentes para os meus sobrinhos. Baixar na internet, entrar lá, eu estou lá comprando. Amo, amo. E isso me possibilita. Mas eu estou de uns quinze, vinte dias para cá, pensando nessa possibilidade de pedir licença sem vencimento da prefeitura, porque eu tenho esse direito. Eu tenho licença-prêmio, três meses que eu posso estar tirando, e tenho a licença sem vencimento. Se eu perder o emprego aqui, eu volto para lá e acabou. Continuo lá, não é? Mas eu estou pensando seriamente, porque eu estou, não estou vivendo, eu estou sobrevivendo. Então, isso está me sobrecarregando demais, eu não tenho paciência para atender um telefone à noite. Não tenho paciência para conversar no telefone. Por quê? Eu estou cansada, estou cansada, quero sossego, quero paz.

Sobre morar com a família, diz:

Há momentos bons e ruins. Em tudo. É..., há vários momentos que eu me pego pensando que eu preciso sair dali, preciso ter meu espaço, porque algumas coisas que acontecem não me agradam. [...] Tipo... A casa é dos meus pais, então, eu acredito que eles tenham prioridade no que acontece. Então, por exemplo, meus irmãos frequentam a casa, meus sobrinhos, meu quarto... é de todo mundo. Então, assim, se eu quiser ter uma privacidade maior, eu tenho que trancar a porta do meu quarto, trancar com a chave, não é nem fechar. [...] Não é? Eu preciso trancar e, se baterem na porta, tenho que dizer que estou ocupada, fazendo qualquer coisa, para que eles não interfiram, não entrem no meu quarto. Mas, assim, meu quarto é livre acesso. [...] Morar com os meus pais é... tem um, um muro, porque, na verdade, eu moro no meu quarto. Eu saio do meu quarto para me alimentar, porque não tem fogão nem geladeira no meu quarto. Se tivesse, talvez, eu não sairia, então, eu saio do meu quarto para me alimentar e, quando é necessário, saio para conversar, porque no meu quarto tem banheiro, tem computador, tem televisão, tem DVD, tem tudo o que eu preciso. A única coisa que não tem é a parte da alimentação, e mesmo assim, ainda dou um jeito de levar um chocolatinho, uma bolachinha, qualquer coisa para não ter que sair do quarto.

Alice aponta que há alguns benefícios por estar com a família:

É..., a minha mãe faz tudo para mim. Eu acordo de manhã, tem um suco de laranja pronto, porque o meu pai fez o suco de laranja. Então, eu tenho um suco de três laranjas, todos os dias eu tomo. Três laranjas todos os dias de manhã. É, as roupas a minha mãe lava, eu passo, mas a minha mãe lava, então, você tem empregada, da casa, não é? É, comida, minha mãe faz comida, ela não faz só para mim, ela faz para todo mundo.

Seu relacionamento com a mãe, segundo ela, sempre foi conturbado. Ela acredita ter uma diferença muito grande entre ela e a irmã mais velha. Para ela, após o falecimento da irmã mais nova, a mãe apegou-se demais à primeira filha e essa relação é de “total dependência”.

É nítido a ponto de, por exemplo, meu pai dá dinheiro... para mim, no meu aniversário, e para o meu irmão. [...] O meu [dinheiro] era dividido pelos três, o deles era cada um para cada um [em cada aniversário]. Meu pai não ficava sabendo disso, porque a minha mãe sempre tomou conta do... [...] Da parte financeira. Meu pai não sabe senha de cartão, não sabe nada disso. Tudo a gente que faz. Até hoje, até hoje.

O fato de ter os sobrinhos (filhos da irmã mais velha, que é casada) o tempo todo na casa de seus pais/dos avós é fruto dessa ligação forte da irmã com a mãe. Para Alice, a irmã é muito folgada e abusa da mãe, que faz tudo por ela e pelos netos. Atualmente, essa irmã mora na casa dos fundos, no mesmo terreno em que está a casa de Alice.

O irmão mais novo, já casado e com uma filha, não mora tão perto e fica mais afastado dos conflitos familiares, que se dão diariamente no horário do almoço, momento em que todos estão em casa: seus pais, ela, a irmã mais velha e os dois sobrinhos. Alice gostaria de paz nesse momento que antecede o outro turno de trabalho, mas diz que isso é impossível e que acabou criando uma barreira para não escutar a gritaria. Segundo ela, seu pai, já aposentado, “*pega o prato e vai comer na lavanderia*”.

Nesses momentos eu me pego pensando: ‘poxa, precisava ter meu espaço, precisava ter meu canto.’ Só que não ia (risos) ter comida fresca todos os dias, não é? Porque eu odeio cozinhar, então, eu acredito que eu continue lá por comodidade, porque para mim é mais tranquilo, é perto daqui [referindo-se ao local de trabalho], não é? É bem perto daqui. Por comodidade eu continuo ali. E porque assim, é... eu acho que as coisas foram acontecendo de uma forma que eu fui ficando. E eu sempre pensei muito assim, Renata, eu não saio da minha casa se não for para sair casada, é... se não for para ter o mesmo conforto que eu tenho lá dentro, porque eu sempre fui muito paparicada, muito mimada, sempre tudo na mão, sempre tive. Se eu não encontrar isso, não é? Não que tenha que ter tudo na mão, mas pelo menos o mesmo conforto, o mesmo nível, que eu não desça o meu nível, tanto social quanto financeiro, que eu não... Eu acredito que eu não vá sair da minha casa.

Com o pai, tem um relacionamento bem melhor. É dele que recebe a maioria dos agrados, desde que “*não tenha que passar pela minha mãe*”. O pai ofereceu-lhe tudo o que podia, pagando cursos como inglês, balé, jazz, nataço etc.

Meu pai, até hoje, se ele puder faz de tudo para mim... Muito mais que a minha mãe comigo, com os meus irmãos, não. Comigo meu pai, se ele puder tirar, se precisar tirar a roupa do corpo para me dar, ele vai tirar. Meu pai é aquele pai que olha para mim e fala: ‘você não está bem’. A minha mãe não, eu posso estar morrendo que ela não vai olhar para mim e falar: ‘você não está bem’. Ela vai olhar para mim e falar: ‘ai, sabia que fulano não sei o que, que sua irmã não sei o que, que seu irmão não sei o que’. Vem reclamar sempre de alguém, sempre reclamando de alguém. Meu quarto é meio que o quarto de terapia da minha mãe também.

Alice sabe que o pai é alcoólatra e tem receio de deixá-lo em casa com a mãe, pois, quando ele bebe um pouco, torna-se agressivo e briga com ela. Houve uma discussão em que ele agrediu fisicamente a esposa e isso preocupou demais Alice, que teve de lidar com a situação sozinha, acalmando a mãe e “*peitando o pai*”.

Quando ele bebe uma ou duas pingas, ele se torna agressivo e vai sempre para cima da minha mãe. E começa falar, e são palavras que agredem uma mulher, como se ela tivesse traído ele, não é? Fala que ela saiu com todos os

pedreiros que passaram na minha casa. Minha mãe sempre foi uma mulher muito correta, muito certa, muito centrada. Ele foi um ótimo pai. Marido e mulher eles já não... Acho que não deviam nem ter casado. Ela enquanto mãe, ele enquanto pai são pessoas excelentes, enquanto marido e mulher... [...]

Não consigo sentir o porquê. Eu não sei se é... eu, eu tenho muito medo de deixar a minha mãe sozinha com meu pai. Eu... [...] De que ele vá agredi-la, machucá-la, alguma coisa assim. É... no sentido de proteção. Então, por exemplo, eu viajo pouquíssimo, meus irmãos viajam para tudo quanto é canto, eu fico, não é? Eu sou a casada, parece que eu que sou a casada, que tenho filhos, que tem nã nã nã, que fico ali. Se eu viajo, ela liga: 'seu pai está aqui, bebeu, me xingou, me falou não sei o que, me falou não sei o que'. E acabou a viagem para mim, porque eu já fico com o coração apertado. Porque eu vou para cima dele mesmo. Vou mesmo... [...] Esse ano teve um episódio [de o pai agredir a mãe]. Foi o único. Nunca ele chegou a agredir. Mas ela, ela foi para cima dele e ele acho que meio que revidou. [...] Ficou a marca no braço dela. Nossa, na hora que eu vi aquilo, Renata, eu subi, eu falei: 'eu não admito!' Ele nunca encostou a mão na gente, meu pai. Porque ele foi muito agredido pela mãe dele. A minha avó morreu esquizofrênica. Então, ela era bem grossa, de jogar na parede mesmo, de acordar às quatro da manhã com balde d'água na cara... [...] No frio, no calor, onde fosse, para ele trabalhar, com oito anos de vida. Ele não admite que eu bata na minha cachorra, ele não admite que ninguém encoste a mão na Tiffany [nome da cachorra], não. Se ela chega machucada do veterinário onde ela foi tosar, ele vai lá. Reclamar porque machucou, o que aconteceu, sabe? Então, assim, com a gente, com os netos, ele nunca tocou a mão na gente, nunca.

“A única pessoa que meu pai respeita sou eu”. Alice sente-se responsável pelo bem-estar dos pais, emocional e financeiramente.

Com relacionamento complicado com a mãe, desabafa:

A minha avó [materna] era a minha mãe. A minha mãe sempre foi meio que madrastra comigo (risos). É verdade, apesar de eu ser a mais nova, eu costumo dizer que eu não sei, não sei, depois que eu fiz Psicologia... Você começa com essas graças, não é? Eu não sei se ela esperava que eu fosse igual à minha irmã que faleceu, sabe? Tentando substituir, não é? E eu não sou. Porque dizem que a minha irmã era muito doce, muito... tudo... meiguice... [...] Não deu tempo de ver muita coisa também. E eu sou muito..., eu sou muito de ajudar, mas não pisa no meu calo. Costumo dizer, não pisa no meu calo que não vai dar certo. E na minha casa eu sou assim também. Então, eu faço tudo numa boa, faço, mas não venha me encher. Me deixa quieta no meu canto. Eu sempre esperei essa atitude. É... quando eu estava com doze anos, eu estudava nessa sala [referindo-se ao local da entrevista], quando eu estava com doze anos meu pai traiu a minha mãe, e meu pai era o meu herói, meu pai me defendia de tudo, de todo mundo, inclusive da minha mãe, porque a minha mãe sempre foi muito apegada à minha irmã e meu irmão, porque quando ela acordou dos oito meses em que ela se estagnou [devido ao falecimento da filha], ela se deu conta de que tinha um outro filho que era meu o irmão, que foi a minha avó que criou durante esse tempo. Ela se deu conta: 'opa! Tenho um outro filho'. Então, ela até hoje se culpa por esse período. Até hoje.

A traição do pai foi difícil para Alice, que não se deixou abalar nos estudos; pelo contrário, afirma que a escola sempre foi seu refúgio e que, quando algo não está

bem, ela foca nos estudos, diferentemente de seus irmãos, que tiveram dificuldades e repetiram diversas séries. Foi ela quem viu o pai com a outra mulher, que era sua vizinha de frente.

Eu vi e encostei ele na parede. Ou você conta ou eu conto. E as minhas notas não caíram, então, eu, eu sempre fui assim, eu me enfio no estudo, sempre. Eu volto para o estudo. [...] É..., aqui [a escola em que estudou e atualmente trabalha] era uma fuga para mim, aqui sempre foi meu ponto de fuga. [...] Eu a via [a vizinha] provocando meu pai, ela colocava os seios para fora, abria as pernas sem calcinha, ela provocou muito meu pai antes de o meu pai sair com ela. [...] E ela foi e falou para minha mãe: ‘e tem outra coisa, eu só saí com ele porque eu queria ter uma filha igual a Alice, porque eu acho ela linda, agora, sua filha mais velha eu acho ela horrível’. Pronto, matou a minha mãe, não é? Matou a minha mãe. E com doze anos, eu ouvi da minha mãe que a culpa do meu pai ter traído a minha mãe era minha. [...] Ela falou que era minha. Trabalhei isso na terapia durante cinco anos. Cinco anos. [...] É. E aos doze anos, para você... compreender que, na verdade, não tem nada a ver, é meio complicado. Para, para tudo e vamos descer. Eu tive síndrome do pânico, que hoje eu sei que tive síndrome do pânico naquela época, mas que ninguém tratou como síndrome do pânico.

A partir da traição do pai, ela adoeceu e foi levada ao hospital diversas vezes, pois suava frio, tinha taquicardia e vomitava a ponto de ficar desidratada. A avó materna era a pessoa que a ouvia e acolhia nos momentos difíceis, com quem tinha liberdade para contar qualquer coisa. Foi para a avó que ela contou da hemorroida e sempre foi ela quem a acudiu nos momentos em que a saúde estava debilitada.

Ela conta que, aos 12 anos, dormia entre os avós. Preferia ficar na casa deles a ficar na sua casa e sua mãe, por diversas vezes, buscou-a na casa da avó, tirando-a de sua “zona de conforto”. Essa avó já faleceu e Alice recorda-se dela chorando, com saudades, durante a entrevista.

Eu acho que a perda da minha avó, já faz quatro anos que a minha avó faleceu, foi, vai ser uma coisa muito maior que a perda da minha mãe. Eu tenho essa impressão.

Após o episódio da traição, ela percebeu que o pai mudou em relação à mãe.

Porque depois que aconteceu isso, é... ele passou a ser dominado, eles não se separaram nessa época, porque minha mãe pensava: ‘ai, tem os três no colégio, a gente tem um padrão de vida legal, como que eu vou fazer, o que eu vou fazer?’ A minha mãe tinha quarenta e poucos anos, parou de trabalhar para cuidar dos filhos, parou de estudar para cuidar dos filhos e, na cabeça dela, ela não ia conseguir sobreviver sem o meu pai.

Alice está convicta de que o único motivo que mantém seus pais juntos é a questão financeira, pois já não dormem no mesmo quarto há muitos anos.

As questões de intimidade da família parecem não terem sido preservadas; tudo é exposto, tal como a traição do pai foi. Alice lembra-se de diversos episódios em que se sentiu constrangida com a fala da mãe em relação à sua sexualidade/intimidade.

Eu tenho uma hemorroida. Com dezessete anos surgiu, e eu tenho intestino normal, tudo normal, tudo bonitinho, nã nã nã nã. E eu fui tomar banho e senti aquela bolinha, entrei em desespero, eu pensei: 'o que é isso?' Fui para a casa da minha avó. Não mostrei para a minha mãe. E a minha avó falou assim: 'bem-vinda ao mundo (risos)'. Eu falei: 'por quê?' Ela falou: 'todo mundo tem, eu tenho, sua mãe tem, tua irmã tem, todo mundo tem'. Ela falou: 'mas seu intestino é normal, Alice, por que isso?' Eu falei: 'ah nona, eu não sei'. Ela falou: 'vai para o médico'. Eu fui para o hospital. O médico faz toda aquela... [...] [O médico lhe disse:] 'Você tem uma alimentação regrada, tem um intestino que funciona normalmente. É, provavelmente é hereditário'. Beleza! Saímos do consultório, ela [a mãe] olhou para a minha cara, naquela época eu tinha outro namorado, ela olhou para a minha cara e falou assim: 'você tem feito sexo anal?' Minha mãe! [...] E eu virgem. [...] Eu olhei para ela e falei: 'oi! O que?' Ela falou assim: 'você e o Henrique fizeram sexo anal? Você está com medo de perder a sua virgindade e tem feito sexo anal?' Eu falei: 'Imagina, mãe, não, nada a ver uma coisa com outra, não perdi a virgindade normal e vou perder a outra, para quê? (risos). Tenha calma, vamos com calma, não é?' Bem assim. Então eu ouço muitas coisas da minha mãe, a minha mãe... E é inacreditável como as palavras dela me abalam. [...]

Eu perdi minha virgindade com vinte anos, com vinte e um anos, vinte e dois anos, ela virou para mim e falou assim, não, eu quis voltar para o inglês, eu quis voltar para o inglês e eu falei: 'mãe, eu quero voltar, preciso terminar e tal'. [...] E ela falou assim para mim: 'por que você não pede para o Davi?' Era meu namorado na época. Eu: 'para ele? Mas não tem por quê.' Ela falou: 'ué, você dá para ele'. Daí pisou no calo. E eu olhei para ela... [...] E eu falei para ela: 'se você tem relação com meu pai por conta de dinheiro, isso é problema seu. Se você se caracteriza como uma prostituta, isso é problema seu. Eu tenho porque eu gosto, por prazer, porque eu me sinto bem com ele e porque ele se sente bem comigo. A partir do momento que não acontecer mais isso, acabou'. Eu fui e falei para o meu pai: 'quero voltar para o inglês'. Meu pai falou: 'vai fazer matrícula'. [...]

E sempre foi todo mundo, de um vivenciar a vida do outro, de dar 'pitacos', de dar palpites, não é? Ah, eu estava contando do Rodolfo, lá do interior. Eu comecei: 'gente, o que eu faço, eu vou ou não vou?' Só mulherada reunida na mesa, não é? Conversando, e minha mãe não estava lá. A minha prima e a minha irmã que são as 'santas' [em tom irônico], que casaram virgens: 'ó, você vai, passa o Ano Novo, volta e só dá no Carnaval (risos)'. Meu pai eterno! E a minha madrinha, que é minha tia: 'Alice, você vai, conversa por duas horas e você dá (risos)'. Gostei dessa, hein! Gostei mais dessa. Nisso, entra a minha mãe, eu falei: 'mãe, como é que vai decidir minha vida'. Ela: 'o que foi?' Eu falei: 'olha, a Karen e a Daniela falam isso, a tia Raquel isso'. E minha mãe: 'você vai, transa e volta com um neto na barriga'. [...] Falou para mim. Então, ela morre de vontade que eu tenha um filho e que fique ali. É o segredo, é o desejo dela, não quer que eu case...

Ao descobrir a talassemia⁶, Alice teve de lidar com uma dieta alimentar especial para que seu organismo absorvesse o ferro dos alimentos. A única fala positiva sobre a mãe durante a entrevista está permeada pela alimentação.

Na parte de alimentação eu não tenho o que reclamar, não tenho o que reclamar da minha mãe. Então, assim, eu tenho talassemia. Toda semana eu tenho fígado de boi para comer, toda semana eu tenho a beterraba para comer, suco de laranja é por conta da talassemia.

Mas, para Alice, a mãe também possui a capacidade de não tornar possíveis suas realizações.

E é assim também, outra coisa, que eu sinto na minha casa, se eu contar para minha mãe, as coisas não andam para o meu lado. É inacreditável, é inacreditável. Eu contei, acabou.

Em função da falta de vontade para sair de casa e se distrair, ela tem ficado mais tempo por lá e acaba contando muito de sua vida para a mãe.

Por eu estar tão sozinha, acho que acabo contando para ela, porque está sendo uma coisa legal, não tenho com quem conversar e ela está ali falando mal de todo mundo, eu pego, aproveito e conto alguma coisa boa para ver se vai, não é? Mas não adianta. Então, desse agora [referindo-se a um rapaz que conheceu há pouco tempo e com quem sai às vezes] ela não está sabendo de nada, ela não sabe de nada do que está se passando. Eu saio, falo que vou sair com as amigas e...

Alice faz tratamento psicológico e psiquiátrico por conta da síndrome do pânico e da depressão. Foi o padre que a batizou quem sugeriu a procura de ajuda, pois, num dos episódios de pânico, a família chegou a levá-la à igreja para ser abençoada. Ela negligencia a terapia medicamentosa, tomando-a apenas quando percebe que chega ao limite, tanto em relação às enfermidades emocionais quanto às físicas.

E eu sou muito assim, se eu peço ajuda é porque eu estou no fim, porque eu não tenho mais o que fazer, então, eu demoro muito, muito, muito. Para tomar um medicamento, por exemplo, eu tenho problema respiratório, bronquite. Para eu tomar o remédio da bronquite, você tem que estar, eu já estou com os dedos roxos, com a boca roxa, sem ar, sem ar, porque eu não tomo. Não gosto de tomar medicamento, então tomo em último caso. E é a mesma coisa para pedir ajuda, sou muito independente, eu fui criada assim. [...]

⁶ Doença hereditária que resulta na redução da taxa de síntese de uma das cadeias de globina que formam a hemoglobina, podendo causar a formação de moléculas de hemoglobina anormais e, consequentemente, anemia.

Estou com câncer. No rim, eu falava para minha mãe, senta aqui que eu vou morrer. Estou com câncer no rim, já deu metástase para o estômago, esôfago, olha a pessoa, traqueia, subiu laringe, faringe, pegou amígdala, vomitei sangue. Eu falava para a minha mãe: 'eu vou morrer, pode ficar sentada aqui que eu vou morrer'. Nisso meu pai entrou no quarto e falou assim: 'se você não for para o hospital comigo agora, eu estou chamando a ambulância. Você é quem sabe, você prefere ir comigo ou pagar um micão de ir com a ambulância? Faz o que você achar melhor'. [...]

Eu tomo até hoje. Tomo Lexotan⁷ e Sertralina⁸. Até hoje eu tomo. [...] E é assim também, Renata, como eu sou muito teimosa, quando eu vejo que o 'bicho está pegando', aí eu tomo. [...] Eu não tomo. [Não faço tratamento] Nem com um, nem com outro. Nem com a Sertralina, nem com o Lexotan. Nem com um... [...] Me engano, é. Eu faço [tratamento] na terapia. [...] Eu vou lá, faço com ela, faço com psicólogo... Porque o remédio a gente deixa lá. [...] Não, não. Tchu tchu tchu tchu, de forma alguma, não sabe [o psicoterapeuta não sabe que tomo o remédio]. Principalmente a psiquiatra, tem um monte de receita de Sertralina na minha casa (risos). Um monte. [...] Então, eu me sinto bem, mas tem horas que eu sinto que... que vai cair. Quando eu sinto que está caindo, eu fico uma semana tomando bonitinha. Depois eu paro de novo, eu paro de novo. [...]

Não tomo, eu falei que morro anêmica, mas não tomo [a vitamina prescrita pela médica, que a fez engordar], e ela quer me dar tudo, a minha mãe é a dona da vitamina, não é? Porque ela adora uma vitamina, adora dar uma vitamina. E eu estou levando, eu vou levando, e, nesse sentido, também eu me sinto é... assim, confortável na minha casa, porque se eu passar mal, eu sei que tem alguém. Porque na minha menstruação eu desmaio.

Chegando ao final da entrevista, Alice conta que tem medo de se tornar como a mãe.

Uma coisa que eu sempre critiquei na minha mãe, porque a minha mãe foi assim com a minha avó e meu avô. Eu sempre critiquei muito isso na minha mãe. [...] Porque a minha mãe vivia a vida da minha avó e do meu avô, e dessa minha tia, que é minha madrinha, que se separou do marido muito cedo, tinha dois filhos pequenos. E ela assumiu a família da minha tia, da minha avó e do meu avô. Cuidava da minha avó, minha avó sempre foi muito doente, desde os vinte e cinco anos, morreu com oitenta e sete. [...] E assim, é... sempre, é... Viveu muito a vida dos outros. Eu sempre, e eu sempre falei para ela que eu não queria, que eu não queria, que eu não queria, que eu não queria, porque todo mundo viveu e ela não viveu, a minha mãe. Entendeu? Então, ela abandonou a gente, e ela ia abandonando. Era do..., da mais velha para a mais nova. [...] E eu sinto que não estou vivendo. Eu sinto a mesma coisa, que eu não estou vivendo a minha vida, que eu vivo a vida dos outros. Eu vivo a vida que é melhor para os outros.

Pergunto a ela o que ela poderia fazer para começar a viver a própria vida e tenho como resposta:

⁷ Indicado para distúrbios emocionais, como estados de tensão e ansiedade, humor depressivo-ansioso, tensão nervosa, agitação e insônia.

⁸ É um antidepressivo inibidor específico da recaptação da serotonina, indicado para o tratamento da depressão e do transtorno obsessivo-compulsivo.

Não, eu tenho que começar a dizer não, não. Que nem... eu assumo muito a Vanessa e o Vitor [os sobrinhos] aqui, eu assumo demais, demais, é, eles, o meu pai e a minha mãe... sempre tentei resolver os problemas deles. Então, eu já falei para ela: 'ó, financeiramente até onde eu puder ir, beleza'. Ela nem sonha que eu tenho dinheiro guardado. Minha mãe não pode saber. [...] Minha mãe não pode sonhar que eu tenho dinheiro guardado. Se ela sonhar, ela faz da minha vida um inferno. [...] A minha mãe é uma pessoa muito amarga, eu tenho muito medo de ficar igual a ela. Muuuito medo, a minha mãe é uma pessoa muito amarga. Não sei se pelas perdas que ela teve, pelas decepções. Eu falo muito para ela: 'vamos para uma terapia, vamos fazer, a mãe precisa'. E o meu pai, eu acho que o alcoolismo é por conta de uma depressão. Meu pai é muito depressivo, ele começa a te contar alguma coisa, de sensibilizar, ele começa a chorar, começa a chorar, não é? Então, na minha família já tem esse histórico bom, não é? Todo mundo é muito normal lá em casa.

Antes de nos despedirmos, Alice fala que, se eu precisar conversar com mais pessoas adultas que moram com a família, é só lhe pedir, pois tem duas primas na mesma situação que ela. Agradeço-lhe e despedimo-nos.

4 DISCUSSÃO

Para voltarmos à análise das entrevistas realizadas, é importante ressaltarmos uma característica fundamental do fenômeno da pertença estendida de adultos na família de origem: trata-se de um fenômeno multideterminado, que articula os aspectos: a) econômico: relacionado ao montante financeiro, independência material, perspectiva de futuro, estabilidade, segurança para sair, ou seja, todos os elementos de uma estrutura material necessária à autonomia para sair da casa dos pais; b) cultural: relativo aos discursos e ao imaginário social, à ideologia corrente numa dada sociedade sobre o que é ser adulto; c) familiar: compreendendo a tradição, a estrutura, as expectativas e dinâmicas familiares; e d) psíquico: as determinações intrapsíquicas do sujeito adulto que permanece na família de origem.

Não estamos preocupados em legitimar como saudável aquele que sai ou aquele que fica em sua família de origem. Nossa preocupação é apontar os sentidos e motivos que os sete adultos inseridos no contexto da classe média da cidade de São Paulo, em 2010, perceberam, através da articulação dos determinantes citados anteriormente, sobre sua permanência na casa da família.

Berenstein (2002) auxilia-nos a pensar a questão quando afirma que os problemas familiares “são tais desde o momento em que se institui uma forma de família como oficial e as que não seguem esse modelo passam a ser ‘problemas familiares’” (tradução nossa)⁹ ou, dito de outra forma, “a família segue as diretrizes das normas sociais que são adaptadas ao critério vigente, concluindo-se daí que as condutas normais são as que a sociedade considera como tais de acordo com uma norma.” (BERENSTEIN, 1988, p. 80).

Ficou evidente que, para todos os entrevistados, há um sofrimento ou desconforto por permanecerem na casa de seus pais, mesmo para aqueles que não veem sentido em sair atualmente, por conta da idade da mãe e da responsabilidade que sentem por ela, nos casos de Elisa e Amanda; ou por conta da violência entre os pais que poderia surgir, no caso de Alice; ou por não estar casada, nos casos de Elisa e Alice; ou pelo fato de aguardar pelo montante financeiro que seria conquistado devido à permanência na casa da família, no caso de Neila. Todos sentem que o

⁹ No original: “Son tales desde el momento en que se instituye una forma de familia como oficial y las que no siguen ese modelo pasan a ser ‘problemas familiares’.”

momento de sua saída/independência já deveria ter acontecido, pois se comparam a pessoas da mesma idade que já têm sua autonomia, saíram da casa dos pais, têm família, filhos, inserção no mercado de trabalho que permite a manutenção da vida etc.

Assim, verificamos que a expectativa, em nossa cultura – ou, pelo menos, na cultura compartilhada por nossos entrevistados –, é a da conquista da independência, traduzida como saída da casa dos pais e manutenção financeira da própria existência.

Organizamos, adiante, a discussão das entrevistas em função de cinco eixos temáticos, que emergiram conforme nos apropriávamos das histórias que ouvimos. Para apresentá-los, trabalhamos as informações obtidas nas entrevistas e as articulamos com os achados de outras pesquisas sobre o fenômeno, amparados também na leitura de autores que se debruçaram sobre aspectos dos temas encontrados. São esses eixos: a) família: cultura, tradição, história e estrutura; b) ser adulto; c) expectativas para o futuro; d) trabalho e remuneração: vida profissional; e e) relações fora da família. Separá-los foi difícil, uma vez que estão inter-relacionados nos motivos e sentidos da pertença estendida, mas isso foi necessário para compreender as articulações que determinam esse fenômeno.

4.1 Família: cultura, tradição, história e estrutura

Reconhecer aspectos envolvidos na vida familiar dos entrevistados foi um de nossos desafios à medida que as entrevistas aconteciam. É sabido que os adultos que participaram das entrevistas não foram convidados a falar em função de uma problemática reconhecida por eles, nem se tratou em nenhum momento de atribuir saúde ou patologia à permanência ou à saída da casa da família. De fato, cada uma das histórias familiares mostrou uma dinâmica de funcionamento particular que articulava os seus membros; por isso, reapresentamos o que se destacou para nós como mais significativo nas narrativas, tendo como focos as multifacetadas determinações familiares. Portanto, a reflexão sobre os aspectos familiares envolvidos na pertença estendida conduz-nos ao estudo do fenômeno em si, determinado justamente em função da existência de uma família que abriga em seu interior um adulto.

Quando os entrevistados informaram sobre suas famílias, foi possível verificar que os membros de seus grupos familiares compartilhavam histórias, experiências e afetos, possíveis justamente porque se reconheciam pertencentes à mesma unidade familiar. Para Berenstein (1988), os membros de uma família compartilham, também, um inconsciente grupal familiar.

Um nível comum e universal aos indivíduos que constituem uma família encontra-se a nível inconsciente como sendo uma condição prévia para desenvolver certas disposições, um acervo comum cuja transformação durante o desenvolvimento permite a um grupo familiar ter um universo comum de significados partilhados, não conscienciável e sim produtor de sistemas de significação do tipo da organização familiar, as denominações, etc. O inconsciente é matriz de significações comuns e possíveis de serem partilhados com outros que passaram por experiências similares. (BERENSTEIN, 1988, p. 69).

Entre as situações partilhadas, encontram-se, em primeiro lugar, as próprias relações entre os membros. Ficou evidente que, para seis dos entrevistados, a relação com as figuras parentais comprometia-os em sua permanência em casa e que os pais, assim como os filhos, sustentam a pertença estendida na família de origem, por mais penoso e desconfortável que isso possa ser. Nesses casos, os vínculos formados com a família constituem fortes motivos para a pertença estendida na casa dos pais.

Ambiguidades nas relações com os pais aparecem quando há manifestações de medo de enfrentar o mundo fora da família, como demonstrado por Camila e Neila, em especial. Camila conta que tem medo de abrir mão de toda a sua história, que está impregnada na casa em que vive desde que nasceu. Para ela, sair da casa dos pais é abrir mão disso e ir para um mundo totalmente novo e desconhecido. Já Neila fala que a “*vida de gente grande*” é uma vida muito regrada, com necessidade de priorizar situações, controlar o dinheiro e que, nesse momento, seria difícil abrir mão do conforto, além de poder juntar recursos para pagar as parcelas do apartamento comprado com o namorado, justamente por não arcar com as despesas da casa dos pais.

No entanto, ao mesmo tempo que desfrutam dos benefícios da alimentação, cuidados com a roupa e ausência de compromisso financeiro, com exceção de Camila, Elisa e Alice, não se sentem felizes por estarem na casa da família de origem. Eles querem sair, mas não veem como fazê-lo. São instigados pelos pais, a um só tempo, a permanecer e a sair.

Podemos pensar que, para essas famílias, talvez seja necessária a presença de um filho que continua a morar em casa para que a família seja reconhecida como tal. Talvez esse filho que fica permita a manutenção das funções paterna e materna, que poderiam desaparecer caso ele não estivesse mais presente, levando o casal parental a ter de lidar, novamente, com os papéis de homem e mulher ou marido e esposa. Logo, a ambiguidade sentida pelos filhos em relação ao conforto x desconforto por estarem em casa também parece ser a dos pais, que ora querem o filho perto, ora longe.

Identificamos um tipo particular de relação entre os membros da família e o filho que permanece, especialmente, com a figura materna, que acaba, muitas vezes, por desautorizar e desacreditar esse filho, mesmo que de forma indireta, o que contribui para mantê-lo por perto como se fosse, por outro lado, a única pessoa a lhe garantir a manutenção da existência. Além disso, o filho também sente que teria maiores dificuldades se não pudesse contar com a manutenção oferecida pela mãe. É o que reconhecemos como uma forma de relação simbiótica, marcada por uma sensação de angústia e insegurança por parte desses adultos, impedindo-os de se desvincular da mãe e das expectativas maternas.

Em alguns momentos, nas entrevistas de Camila, Amanda e Gustavo, ficou difícil perceber alguma separação entre o filho e a mãe, alguma diferenciação. Camila sente-se invadida pelos comentários da mãe sobre suas escolhas afetivas e profissionais e, por outro lado, não deixa de partilhar com ela sua vida. Amanda conta com a mãe como única companhia, que exige sua presença e é considerada por ela merecedora de atenção em função da idade e por conta de ser a única filha com quem pode contar. Já a relação de Gustavo com a mãe é marcada pela dependência dele em relação às opiniões dela e dos recursos financeiros que ela disponibiliza a ele.

Por relação simbiótica, entendemos esse vínculo particular estabelecido entre duas pessoas, no caso, o vínculo entre a mãe e o filho adulto que fica. Winnicott (1983, 2001) esclarece essa relação particular quando se refere ao desenvolvimento emocional do bebê, que, no início, passa por um estágio de dependência absoluta do meio ambiente facilitador, entendido por ele como a mãe, que é capaz de ser devota ao seu bebê, não havendo diferença entre o bebê e a mãe, o eu e o outro, mas uma unidade indissolúvel. É como se formassem um todo indiferenciado, que

paulatinamente se diferencia e se distancia para que as características individuais possam ser reconhecidas e o desenvolvimento da mãe e do bebê possa continuar.

Sabemos que essa relação deve ser gradativamente interrompida para que o filho seja inserido no mundo da cultura e possa desvincular-se da mãe para tornar-se sujeito. Esse estágio deve ser superado para que a criança seja capaz de ter uma dependência relativa do meio e, posteriormente, caminhar rumo à independência.

O desenvolvimento, em poucas palavras, é uma função da herança de um processo de maturação, e da acumulação de experiências de vida; mas esse desenvolvimento só pode ocorrer num ambiente propiciador. A importância deste ambiente propiciador é absoluta no início, e a seguir relativa; o processo de desenvolvimento pode ser descrito em termos da dependência absoluta, dependência relativa e um caminhar rumo à independência. (WINNICOTT, 2001, p. 27).

Nas entrevistas de Amanda e Gustavo, em que a indiferenciação, indiscriminação ou simbiose é mais facilmente reconhecida, percebemos que eles têm dificuldades para desenvolver linhas pessoais e estão muito permeados pelas escolhas que os familiares realizaram para seus futuros. Sabemos que a

indiferenciação é uma condição para o desenvolvimento posterior: só após 'aprender' como ser dependente é que a pessoa torna-se autônoma. [...] Só após terem ambas, mãe e criança, experienciado sua recíproca dependência como meio de desenvolverem suas identidades, é que está preparado o terreno para relações objetais totais. (MEYER, 1987, p. 27).

Em outras palavras, a possibilidade da diferenciação eu-outro, necessária para o caminho rumo à independência em função da autonomia adquirida (WINNICOTT, 1983, 2001).

Nesse sentido, Camila e Alice têm dificuldades em manter a mãe afastada de muitos aspectos que envolvem suas vidas. Há uma relação simbiótica que é apontada por elas, nomeada durante as entrevistas com termos como “*simbiose*” e “*cordão umbilical*” mantido. As narrativas sugerem que, nessas famílias, a indiferenciação entre os membros torna a união insuportável e a separação impossível.

Gustavo apresenta dificuldades em relacionar-se com os membros da sua família e a namorada, com quem enfrenta problemas todas as vezes que precisa articular como será a vida futura do casal, pois, para ele, é difícil imaginar um futuro que possa ser garantido com seu esforço pessoal, sem o auxílio financeiro de seus pais. Observamos que, assim como ele, a namorada também foi incluída na família

dele numa relação de dependência, tornando-se mais uma filha a ser nutrida por seus pais.

A dependência emocional, portanto, é perpetuada na dependência financeira, tanto no caso de Gustavo quanto no de Amanda.

Por sua vez, com Caio e Alice, para quem parece haver uma maior discriminação entre os membros ascendentes e/ou a fratria, reconhecemos o isolamento, pois eles dizem que moram, na verdade, em seus quartos, evitando o convívio com as pessoas da casa nos outros cômodos e permanecendo a maior parte do tempo longe do convívio familiar, usando a casa, muitas vezes, como local para dormir, uma vez que preferem passar a maior parte do dia fora.

Amanda e Elisa são as únicas adultas do grupo que convivem apenas com a mãe. Os motivos para essa convivência são, no caso de Elisa, o abandono do pai e, no de Amanda, o falecimento dele. Nesses dois casos, a relação com a mãe é permeada pelo contato com tias, tios e primos da família materna.

Os demais entrevistados convivem com o casal parental na mesma casa. Nas histórias de Camila, Neila, Gustavo, Caio e Alice, notamos que a participação das mães em suas vidas, bem como da família materna em geral, também aparece com mais ênfase, sendo o pai reconhecido como alguém que legitima as ações da mãe ou que, pelo menos, não se opõe à forma como ela administra a rotina diária da casa e o trato com o filho adulto. Ainda, a família do pai não interfere na organização familiar. Para todas as famílias, há prevalência da atenção da mãe nos cuidados em relação ao filho adulto que fica.

Justificativas como o mau relacionamento com os irmãos, que seriam preferidos na fratria em detrimento do pesquisado, nos casos de Camila, Gustavo e Alice; a sensação de incapacidade para conquistar o que se quer, nos casos de Amanda e Gustavo; e a falta de recursos financeiros, em todos os casos, chamam nossa atenção para um sentimento de inferioridade do adulto que permanece em sua casa de origem, sentimento que se manifesta nas próprias relações familiares.

Percebemos, nas histórias de Camila, Amanda, Gustavo e Caio, certa desqualificação por suas escolhas; eles se sentem inferiorizados por seus pais, que os imaginavam, nessa fase da vida, como já sendo capazes de viver uma vida independente. Tal desvalorização é tanto em relação às escolhas afetivas quanto profissionais: os parceiros escolhidos não são adequados ou a carreira que

escolheram como profissão não é capaz de gerar os recursos para a sobrevivência de forma independente dos recursos econômicos familiares.

Em nosso grupo, três mulheres – Camila, Elisa e Alice – contribuem financeiramente com as despesas da casa, além de arcarem com suas despesas pessoais, e, apesar de disporem de algum recurso financeiro, não se sentem autorizadas a sair da casa dos pais por não estarem casadas.

Berenstein (1988) ajuda-nos a pensar sobre a questão do casamento ao definir a família como sistema de relações que “assenta-se na proibição do incesto como regra fundante reguladora do intercâmbio dentro do grupo familiar e desta com outras, para renovar o parentesco através da aliança heterossexual.” (p. 35). Em outras palavras, o casamento é visto como o meio que possibilita, ao mesmo tempo, a legitimação da sexualidade e a saída da casa da família.

Amanda, por exemplo, conta com a edícula para receber o namorado nos fins de semana e Neila recebe o namorado em seu quarto, onde está a cama de casal trazida no seu retorno à casa dos pais. Assim, a questão do casamento ou da união com o(a) namorado(a) aparece-nos como algo que autorizaria a saída da casa da família, independentemente de já haver ou não condições financeiras para ter a própria casa, ou seja, o casamento é percebido como uma via de saída da casa dos pais. Como afirma Lévi-Strauss (1983, p. 97) sobre as Escrituras: “‘Deixarás o teu pai e tua mãe’ fornece a regra de ouro (ou se preferir, a sua *dura lex*) ao estado de sociedade.”

Além disso, há uma diferença de oportunidades de expressão da sexualidade dentro da casa em função do gênero, o que vemos quando Camila, ainda atualmente, e Neila, quando mais nova, contam sobre seus irmãos, que podiam levar as namoradas e dormir com elas em seus quartos.

Os entrevistados são supridos pelos pais, seja financeira e/ou emocionalmente, que não confiam na capacidade do filho para garantir a manutenção da própria existência. A cada solicitação atendida do filho, os pais reforçam inconscientemente a fantasia de incapacidade ou impotência dele para manter-se e desenvolver sua autonomia. Por exemplo, Gustavo e Caio permanecem infantilizados e com dificuldades para desenvolver sua autonomia, tal como adolescentes que, apesar do crescimento e modificação corporal, ainda precisam de instrução e tutela para manejar adequadamente suas vidas. Por sua vez, Camila, Amanda, Elisa, Alice e Gustavo de algum modo sugerem estar deprimidos, o que nos leva a pensar que esse

sintoma pode ser uma forma particular de organizar a pertença estendida diante da frustração por não ver como sair.

Outro aspecto importante da convivência familiar está na administração das ações cotidianas que se realizam dentro de casa. A exceção quanto a ocupar um lugar de cuidado e proteção pelos pais ou pela mãe ocorre na história de Elisa, que, ao contrário dos demais entrevistados, é responsável pela mãe, garantindo-lhe uma casa, seu sustento e proteção. O dinheiro que a mãe recebe como aposentada é usado exclusivamente para pagar o seu próprio convênio médico, única despesa que Elisa não administra.

Na tentativa de minimizar as despesas dos pais, como já apontado no estudo da Agrilife Communications and Marketing (2010), os filhos de pais idosos poderiam dispensar o cuidado externo com os pais, o que se vê nos casos de Elisa e Alice, que garantem a manutenção da saúde de suas mães. A mãe de Elisa tem catarata e a de Alice, câncer de pele; as filhas compram-lhes os remédios e as orientam sobre como viver com essas dificuldades.

Especificamente em relação à decepção dos pais frente às escolhas profissionais dos filhos, para alguns pais, foi difícil lidar com elas, especialmente nos casos de Camila, Amanda e Caio. Camila mudou da área de RH para a área de Educação; Amanda, das aulas no Ensino Fundamental e Médio para as aulas na faculdade; e Caio, da formação em Direito para a formação em Psicologia. Apesar do desagrado da família, eles arcaram com a mudança de perspectiva profissional, independente do retorno financeiro, mas, com isso, continuaram na dependência familiar.

Não podemos deixar de assinalar que, apesar dos desconfortos apontados, há uma satisfação pela convivência, especialmente nos casos de Neila, Alice e Elisa, que contam com o prazer da convivência, comida fresca, roupas cuidadas, casa em ordem etc.

Outro aspecto interessante que envolve as dinâmicas familiares desses entrevistados é o fato de Camila, Neila, Gustavo e Alice ocuparem, na fratria, posição semelhante: eles são filhos caçulas. Teriam eles, por isso, uma condição diferente da dos irmãos mais velhos que os impeça de sair da casa da família de origem? Que expectativas parentais estão sobre o filho caçula e podem contribuir para inviabilizar a saída da casa dos pais? Será que o filho mais novo é mais dependente emocionalmente da família? Em nosso trabalho, verificamos que eles obtiveram um

tratamento diferenciado do casal parental em relação aos irmãos, ou seja, eles foram mais cuidados e protegidos.

Há uma passagem bíblica que trata do sacrifício do irmão mais novo: a história de Benjamim, filho de Jacó¹⁰. Identificamos, nessa história, o fardo dispensado ao filho caçula, destinado a permanecer em casa, enquanto os irmãos saem ao mundo. No início, isso pode ser um privilégio em relação aos afazeres familiares realizados pelos irmãos mais velhos, mas, posteriormente, é Benjamim, o mais novo, quem deve aparecer e oferecer sua vida para que os irmãos permaneçam vivos. Seria esse o preço a pagar daqueles que, sendo mais novos, permanecem com seus pais? Ser o sacrifício para que os outros membros da família desenvolvam-se? Em nossas entrevistas, esses filhos sentem-se como aqueles que suportam o cuidado com os pais, enquanto seus irmãos desfrutam da vida, como foi verificado nas histórias de Camila, Gustavo e Alice.

Ainda, nas histórias de Amanda, Camila e Alice, verificamos um sentimento de rejeição vivido por parte da mãe e a comparação delas com seus irmãos mais velhos. Essa situação pode perpetuar a relação de dependência, como nos apresenta Meyer (1987) ao conduzir esclarecimentos sobre o processo de desenvolvimento psíquico da criança.

Se, por exemplo, um bebê projeta na sua mãe a necessidade de dependência e a vê rejeitada, começa a ser tecido um modelo em que a dependência, enquanto objeto, é inconscientemente percebida como ameaça, para a qual deve aparecer um recipiente. Este recipiente pode tanto ser escolhido fora do círculo familiar quanto dentro dele, em termos de uma pessoa que irá corporificá-lo perante todos os demais familiares. A partir de então, a família pode comportar-se como que aliviada das necessidades de dependência, e de prestar cuidados a objetos dependentes. O recipiente escolhido ou o objeto ameaçador fica encurralado nesta posição por força de um controle do grupo. Porém toda vez em que se torna preciso manifestar necessidades de dependência, ou agir como mãe para um objeto dependente, ou mesmo quando o continente se revolta e tenta libertar-se da imposição desse papel, como consequência emergem ansiedades e conflitos na família. (MEYER, 1987, p. 25).

Isso nos leva a refletir sobre a comparação de Camila e Gustavo em relação aos seus irmãos mais velhos, que já saíram de casa e são vistos como melhores do que eles por suas famílias. Verificamos as pessoas escolhidas como alvos da dependência: o namorado, no caso de Camila; o pai, na história de Amanda; a avó materna, nos casos de Gustavo e Alice; e a mãe, nos casos de Caio e Elisa.

¹⁰ No Anexo D, segue a história de Benjamin.

Outro aspecto da dinâmica familiar envolve a questão financeira. Diferentemente do que ouvimos na entrevista de Luquet (2010) à Rádio CBN, os irmãos que não estão mais na casa da família, que são os mais velhos, não aparecem nas entrevistas sentindo-se usurpados pelo irmão que fica, como alguém que drena os recursos financeiros da família. Os irmãos mais velhos aparecem como vitoriosos pelo grupo entrevistado, enquanto os que ficam sentem-se inferiorizados, devido a comparações feitas pelos próprios pais e por eles mesmos.

Por fim, as determinações históricas também organizam a configuração familiar. Amanda, em especial, parece-nos invadida por uma determinação histórica em função da conduta paterna, que a incentivou a permanecer na casa da família, devido à construção de uma edícula, o que nos leva a pensar que

certos aspectos da estrutura inconsciente do grupo familiar são explicitados como normas e embora se originem na história do grupo, continuam a regulá-lo na atualidade e têm vigência e eficácia embora suas fontes sejam desconhecidas para os membros do grupo, assim como o são as condições atuais que as mantém. (BERENSTEIN, 1988, p. 63).

Amanda continua a estabelecer relacionamentos que a impedem de viver plenamente com alguém e que a mantêm perto de sua mãe, fazendo com que não a abandone, continuando a morar na edícula construída pelo pai. Por outro lado, Caio teve que sair da casa dos pais para que as relações melhorassem e seu retorno implica, ainda, desconforto nas relações familiares: ele acredita ser melhor isolar-se no quarto e juntar recursos para não conviver com os pais do que cogitar a possibilidade de viverem harmoniosamente.

Em suma, as dinâmicas familiares e os sentidos das relações familiares aqui apontados decorreram de um trabalho para “além dos depoimentos” (BERENSTEIN, 1988, p. 67), na tentativa de apontar aquilo que, para nós, foi mais representativo entre os adultos pesquisados sobre a percepção que têm de suas famílias, envolvendo aspectos de sua cultura, tradição, história e estrutura.

4.2 Ser adulto

Como já apontamos anteriormente, ser adulto, no Brasil, pode ser determinado legalmente em função de se ter mais de 18 anos de idade. No entanto, sabemos que a idade cronológica pode não realizar correspondência com outras determinações, como a de ter a condição de responsabilizar-se por si em função de seu próprio esforço e da possibilidade de garantir a própria existência, independente do amparo dos pais, como nos esclarece Oliveira (2004). Portanto, ser adulto é uma condição para além de questões biológicas e implica a possibilidade de corresponder às expectativas sociais de determinado grupo.

Como estamos abordando a classe média da cidade de São Paulo, talvez possamos apontar que, entre as expectativas sobre o que é ser adulto, estão: a condição de morar em outro local, que não a casa da família; arcar com suas despesas; ter projetos para o futuro; trabalhar de acordo com a profissão escolhida, em função do curso de graduação, ou, ao menos, trabalhar e ganhar algum dinheiro para arcar e responsabilizar-se por suas ações.

Durante as entrevistas, algumas situações permitiram-nos identificar o que significa ser adulto para alguns dos entrevistados. Por exemplo, Elisa não nos conta o que é, para ela, ser adulto, mas sabemos que ela é a única entrevistada capaz de garantir a manutenção da mãe, em função de seu esforço no trabalho. Percebemos, nesse caso, a inversão em relação aos cuidados: é Elisa quem cuida da mãe. Cuidar dos pais na velhice é esperado por muitas famílias e faz parte da vida adulta, mas seria essa uma condição que garanta o *status* de adulto? Poder auxiliar os pais na velhice? Mantê-los ou ajudá-los de alguma forma?

Encontramos diferentes respostas para o que é ser adulto. Camila diz que é não depender de pai e mãe, ter independência financeira e responder por aquilo que faz. Amanda diz que adulto é quem já cresceu e pode ajudar os pais, não implicando morar separado deles, desde que haja respeito. Neila diz que ser adulto é ter uma vida regrada, difícil, com o controle do dinheiro; é ter uma vida comum com o parceiro, poder pagar contas, ter preocupações. Gustavo diz que ser adulto é casar e ter uma casa. Por fim, Alice diz que é ter de lidar com o medo de ficar como a mãe, alguém que não viveu a própria vida e vive a vida dos outros.

Verificamos assim, como Oliveira (2004), as expectativas sociais sobre o universo adulto em função das repostas de nossos entrevistados. Com maior ênfase, aparece a independência financeira em relação aos pais como determinante para classificar alguém como adulto, ou seja, nesse grupo, há a manifestação da dificuldade de os entrevistados enxergarem-se como adultos, uma vez que são dependentes economicamente da família de origem, com exceção de Elisa. Além disso, os demais entrevistados, além de serem dependentes financeiramente dos cuidados providos pela família, encontram-se numa relação simbiótica, como vimos no item anterior, capaz de perpetuar a convivência na casa da família de origem.

4.3 Expectativas para o futuro

As expectativas para o futuro também nos trazem uma dimensão da situação de conforto ou sofrimento desses adultos que permanecem com seus pais.

Para Neila, conviver com a família é como estar numa “*enfermaria*”. Se pensássemos em termos médicos, estar numa enfermaria corresponderia ao período sob os cuidados de outras pessoas, que, através da administração de medicamentos, terapias e observação, poderiam avaliar a condição do paciente e lhe oferecer a internação ou alta, dependendo do prognóstico. O caso aqui é pensado como se a estadia na casa dos pais fosse um período que permite a saída na sequência, assim que as condições econômicas melhorem, ou a permanência, caso as condições continuem as mesmas. O único senão é saber por quanto tempo esse período pode durar para não ter de considerar o adulto um “internado”, necessitado dos cuidados da “*enfermaria*” cotidianamente.

A vida a dois está presente nos anseios de Camila, Neila, Elisa, Gustavo e Caio. Camila e Elisa gostariam de “*casar*”, enquanto os demais entrevistados dizem que gostariam de “*morar junto*”. Talvez a influência religiosa das famílias de Camila e Elisa, que são católicas, façam-nas organizar a vida com alguém através do casamento, que tem o sentido do sacramento que permite a vida em comum. Para os demais entrevistados, a vida com o outro pode ser expressa sem a realização do ritual da instituição religiosa.

Já Alice tem interesse em realizar outra graduação: Veterinária. Ela pretende cursá-la assim que estiver menos cansada, talvez através de uma licença sem remuneração de um dos turnos de trabalho como professora, para ter tempo de estudar.

Como anteriormente citado, Acock e Kiecolt (1989), em sua pesquisa, buscaram investigar se o ajustamento do adolescente à fase adulta dava-se em função do *status* socioeconômico ou do tipo de estrutura familiar e perceberam que baixas expectativas de futuro eram vistas nos casos em que o adolescente convivia com a mãe e o padrasto. Em nossa pesquisa, Amanda, que mora apenas com a mãe, em função do falecimento do pai, é quem não apresenta perspectivas de futuro; ela se refere a uma falta de expectativas.

Outra constatação dos pesquisadores americanos foi a de que as conquistas educacionais ou profissionais que não satisfaziam os adultos deram-se em função de uma diminuição da renda familiar após o falecimento do pai ou do divórcio. Nesta pesquisa, Amanda e Elisa passaram a viver de modo diferente com suas mães após a ausência do pai, com a dependência dos recursos financeiros da mãe na adolescência de Elisa e na vida adulta de Amanda. Já quando adulta, percebemos um investimento de Elisa para suprir as necessidades da mãe, enquanto, em Amanda, há um rebaixamento dos ganhos financeiros e a necessidade de a mãe suprir suas despesas.

Com exceção de Amanda, que tem dificuldades em se ver no futuro e não acredita poder ou não quer sair da condição de dependente da mãe, todos os entrevistados querem morar fora da casa dos pais, compartilhar a vida com alguém através do casamento ou morando junto, dispor de dinheiro para o lazer, arcar com as despesas financeiras e ter maiores recursos econômicos, em função do desenvolvimento da carreira profissional.

4.4 Trabalho e remuneração: vida profissional

Os entrevistados percebem-se invadidos por expectativas familiares de ganho financeiro através do trabalho remunerado, com registro em carteira. Isso lhes permitiria serem reconhecidos como adultos responsáveis, apesar de já o serem

legalmente em função da idade, e como autônomos, deixando de ocupar a casa dos pais para garantir a manutenção da existência através do trabalho.

Sabemos que o par trabalho e remuneração nem sempre caminha junto, ou seja, pode haver trabalho sem remuneração e remuneração sem trabalho. Entre os entrevistados, temos impressões diversas sobre a vida profissional, que, segundo a expectativa deles, deve estar vinculada ao trabalho e à remuneração.

Neila e Caio não precisam do dinheiro da família para sobreviver, apenas do teto e da manutenção das roupas e da alimentação oferecidas pela mãe. Eles não demandam dinheiro para suas despesas pessoais e não contribuem com as despesas da casa; apenas trabalham e somam recursos para sair da casa da família o quanto antes. O que tem sobrado, após o pagamento das despesas pessoais, está sendo guardado numa espécie de poupança para garantir essa saída futuramente.

Três entrevistadas contribuem com a família, além de pagarem pelas despesas pessoais: Camila, Elisa e Alice. Camila trabalha em dois turnos como autônoma, atuando como psicopedagoga em consultório e como professora numa faculdade particular; Elisa e Alice dobram o período de trabalho como professoras em duas escolas. Camila contribui com a despesa da faxineira; Alice, com a alimentação da família, os tratamentos de saúde dos pais, acesso à internet e TV a cabo; enquanto Elisa garante a sobrevivência da mãe, pagando todas as despesas da casa.

Por sua vez, Amanda e Gustavo, por não receberem remuneração suficiente pelo trabalho que realizam, seja com as aulas na faculdade, no caso de Amanda, ou com as investidas na carreira de músico, no caso de Gustavo, utilizam os recursos dos pais para sobreviver. Verificamos, assim, que o fenômeno observado por Luquet (2010) sobre a possibilidade de drenar os recursos da família quando um filho adulto nela permanece pode ser reconhecido aqui.

Ressaltamos, novamente, o estudo da Agrilife Communications and Marketing (2010), que apresenta formas de auxílio aos pais idosos, independentemente da possibilidade de o filho adulto que com eles mora arcar com despesas financeiras. Nesse sentido, Alice e Elisa, que têm pais idosos, oferecem a seus pais alguns dos cuidados apontados pelos pesquisadores americanos; elas cuidam da saúde, preocupam-se com a habitação adequada e administram os bens dos pais. Já Amanda e Camila, que também têm pais idosos, não relatam nas entrevistas que tipo de contribuições – para além do pagamento da faxineira, no caso de Camila – oferecem aos pais. Elas enfatizam as cobranças, exigências e benefícios por estarem

na casa da família de origem muito mais do que as contribuições que poderiam ou não fazer.

Ainda, Elisa não tem planos de morar longe da mãe e quer organizar-se melhor financeiramente para utilizar seu dinheiro em atividades de lazer, o que não tem conseguido em função do cansaço com as atribuições nas duas escolas em que trabalha como professora. Por outro lado, Alice tem dinheiro guardado, mas não há um destino certo para ele, pois não se vê saindo da casa dos pais sem estar casada. Assim, usa seus recursos para presentear os sobrinhos e pagar suas despesas pessoais, além de ajudar financeiramente toda a família.

Nas histórias de Camila, Gustavo e Caio, percebemos a nova configuração do mundo do trabalho, que privilegia o trabalho autônomo e a responsabilização do desenvolvimento na carreira através de questões pessoais (CAVALCANTI, 2009). Eles, apesar da identificação com a profissão que escolheram, estão cientes de que o retorno financeiro em suas áreas – Psicologia, nos casos de Camila e Caio, e Ciências Sociais, no caso de Gustavo – pode vir com o tempo, mas que não há garantia de sucesso financeiro imediato, em função do que escolheram estudar. São trabalhadores autônomos: Camila trabalha como professora e psicopedagoga, Gustavo como músico e Caio como pesquisador.

Na verdade, quando temos a expectativa de uma vida adulta possível através do trabalho, aqueles que não o conquistaram, que exercem um trabalho sem vínculo empregatício ou longe das expectativas familiares são considerados portando uma espécie de desajuste, especialmente, pela família, que, assim como eles, considera que não trabalhar é sinônimo de problema, bem como trabalhar sem vínculo empregatício ou receber aquém das expectativas familiares e individuais.

As pesquisadoras Silveira e Wagner (2006) verificaram, no contexto da classe média de Porto Alegre (RS), que a dificuldade de inserção no mercado de trabalho e da conquista de salários melhores, junto à vontade de desfrutar do conforto e da segurança da casa da família, é a grande motivadora da permanência dos filhos adultos com os pais. Esses aspectos foram também observados em nossa pesquisa.

Caio conta que seu pai dedicou toda a vida dentro de uma mesma empresa e que isso lhe proporcionou cuidar da família. Tal situação também foi observada por Henriques, Jablonski e Féres-Carneiro (2004), na pesquisa que realizaram sobre o prolongamento da convivência familiar no Rio de Janeiro. Os autores perceberam que

a geração dos pais via no trabalho a possibilidade de realização pessoal, mediante relações de compromisso e lealdade, o que não era verificado na geração dos filhos.

Nesse contexto, Caio não admite a possibilidade de trabalhar em algo para gerar dinheiro, algo que não o satisfaça também pessoalmente, pois, segundo ele, o pai não gosta do seu trabalho e o faz apenas em função do retorno financeiro. Ele quer seguir carreira acadêmica, o que, segundo ele, poderia garantir maior liberdade na situação de trabalho, mas não renderia tanto dinheiro.

A vida profissional dos entrevistados é permeada pela escolha feita na graduação, que, em alguns casos, gerou oportunidade de trabalho. Camila, Neila, Caio e Alice são psicólogos, sendo que os três primeiros atuam na área. Camila atende em consultório e ministra aulas numa faculdade, Neila realiza assessoria em Recursos Humanos numa empresa e Caio trabalha como pesquisador. Antes de se tornar psicólogo, Caio cursava Direito, mas não se identificou com o curso e prestou vestibular para Psicologia. Já Alice, que cursou Magistério antes de Psicologia, trabalha como professora.

Amanda, formada em Letras, ministrava aulas de Inglês e mudou a perspectiva profissional ao interessar-se pela formação em Psicanálise. Isso ainda não lhe rendeu retorno financeiro – ela ainda não concluiu o curso – e, atualmente, ao invés de ministrar aulas para adolescentes, conseguiu aulas numa faculdade para trabalhar com adultos. Elisa, assim como Alice, cursou Magistério, só que se graduou em Pedagogia, o que lhe ofereceu a possibilidade de trabalhar como professora na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Já Gustavo, que não se decidia sobre qual graduação concluir, acabou escolhendo Ciências Sociais ao invés de Jornalismo e busca reconhecimento profissional com a carreira de músico.

As escolhas na carreira não geraram nos entrevistados o retorno financeiro que esperavam. Todos são unânimes em afirmar que precisariam receber maior remuneração em função do trabalho, pois o dinheiro que recebem não é suficiente para garantir a autonomia financeira. Sobre isso, Silveira e Wagner (2006) observam que os adultos que permanecem com os pais acreditam que ainda não alcançaram a condição ideal de trabalho e, principalmente, de salário, o que foi aqui verificado.

Ainda, Camila, Amanda, Caio e Gustavo mudaram suas atuações profissionais na busca de maior realização pessoal, apesar da falta de perspectiva de ganhos financeiros. Isso não agradou os pais – nos casos de Camila, Amanda e Caio –, mas mesmo assim eles privilegiaram mais a liberdade de fazer o que queriam do que o

sacrifício que realizariam caso tivessem como único objetivo a conquista de recursos para a saída da casa da família. No caso de Gustavo, que teve uma educação mais “*persuasiva*”, seus pais nunca lhe exigiram qualquer tipo de formação específica; era apenas importante que ele cursasse uma faculdade, qualquer que fosse. É interessante observar que ele é o único que recebe “*mesada*” dos pais e que não se considera trabalhando, apesar dos “*bicos*” como músico.

Em resumo, nossos entrevistados trabalham. No entanto, nem todos ganham dinheiro suficiente com o que produzem para garantir a própria sobrevivência e conquistar a autonomia esperada por alguns deles e por seus familiares.

4.5 Relações fora da família

Todos os entrevistados têm amigos, vida social para além da família, lazer e prazer nas atividades com outras pessoas. Eles buscam estabelecer relações de intimidade fora da família e, quando conseguem, alguns preferem mantê-las afastadas do convívio familiar, como é o caso de Caio e Alice. Caio frequenta muito mais a casa da namorada e evita levá-la à casa de seus pais, apesar de saber que eles a tratariam bem. Já Alice sequer comenta com a família sobre os relacionamentos íntimos que tem, preferindo dizer que sairá com amigas a contar que sairá com algum rapaz, especialmente, para sua mãe, pois acredita que, se contar para ela, o relacionamento acaba, como se a mãe impedisse o andamento da relação.

Aliás, a intimidade de Alice sempre foi permeada de acusações de promiscuidade por parte da mãe, que esperava dos relacionamentos da filha a possibilidade de que ela conquistasse recursos materiais para garantir algum tipo de conforto na vida pessoal, sugerindo que seu namorado deveria lhe pagar o curso de Inglês, por exemplo, uma vez que ela já tinha tido relação sexual com ele. Esse sempre foi um ponto de atrito entre ela e a mãe, motivo de discussão calorosa. Numa dessas discussões, ela disse à mãe que, se ela estava com seu pai por conta do dinheiro, o mesmo não acontecia com ela, que se relacionava sexualmente com alguém pelo simples prazer e não por dinheiro.

Ainda sobre os relacionamentos íntimos, verificamos que Camila e Neila pretendem se unir aos namorados para viver longe da casa da família e ter uma vida

própria, independente dos pais, o quanto antes. Elas manifestam uma perspectiva de ruptura com relação à família, em função do investimento que têm realizado para sair da casa dos pais.

No caso de Neila, é interessante constatar que seu parceiro está passando pela mesma situação que ela: já saiu da casa dos pais e retornou após não conseguir emprego. Ela conta que eles estão “*na mesma enfermaria*” e se queixa da convivência com as famílias dela e dele nos fins de semana, afirmando que já levam uma vida de casados, apesar de ainda não o serem, pois dividem o relacionamento do casal com a família toda, em função de terem de se hospedar um na casa do outro.

Com Gustavo, a dinâmica é outra. Sua namorada, assim como ele, tornou-se dependente dos recursos financeiros da família dele, pois foi com os pais dele morar, assumindo o lugar de “*mais uma filha*” nessa configuração familiar. Ainda, esse relacionamento é marcado por amigos em comum, pois cresceram juntos no litoral e compartilharam a mesma turma. Eles namoram há onze anos.

Na história de Elisa, verificamos a ausência de perspectivas de encontrar um companheiro, pois ela tem saído muito mais com as amigas e não tem se preocupado em conhecer alguém. Apesar de ter namorado por sete anos um rapaz que morava sozinho, na época, não cogitou a possibilidade de morarem juntos; pelo contrário, queriam uma casa com edícula para que a mãe dela os acompanhasse. Ela acredita que esse relacionamento não tenha dado certo, também, por conta de a mãe estar tão presente. Outro fator para a ruptura foi, segundo ela, o desmerecimento dado pelo namorado para o casamento religioso.

Amanda, que já foi casada por cinco anos e permaneceu, nesse período, na casa dos pais, teve o casamento rompido em função da traição do marido, ficou por um ano sozinha e iniciou outro relacionamento, “*com uma antiga paixão*”, que também a traiu. Atualmente, ela mantém um namorado doze anos mais novo, que não oferece perspectivas de curto prazo para o estabelecimento de uma vida a dois, pois ele ainda está estudando e o dinheiro que recebe mal dá para suas despesas pessoais; é ela quem o ajuda financeiramente, seja pagando pelo seguro do carro ou por lanches e passeios quando saem, tal como um pai mantém seu filho. O namorado é ajudado por Amanda, que é ajudada pela mãe. A escolha de um parceiro, nesse caso, faz com que a pertença estendida continue, sendo ela a única, entre os entrevistados, a não ver sentido algum ou não querer morar fora da casa da mãe.

Com exceção de Amanda, a pertença estendida na família de origem não é desejada pelos entrevistados, que gostariam, caso tivessem condições, de morar fora da casa dos pais, para ter uma vida independente. No entanto, faltam condições financeiras e psíquicas para garantir a autonomia.

Tudo isso nos leva a reconhecer as dificuldades de nossos entrevistados em romper os vínculos familiares, bem como a identificar uma problemática nesse contexto de relações, que os impede de investir numa outra forma de relação com os pais, que não a da dependência.

...

Assim, reconhecemos que o fenômeno objeto de estudo desta pesquisa requer um olhar multifacetado, uma vez que, em cada uma das histórias ouvidas, encontramos arranjos diferentes organizando os determinantes desse fenômeno, na tentativa de justificar os motivos e sentidos que os adultos que moram com seus pais percebem sobre essa convivência.

Na história de Camila, identificamos uma dinâmica familiar que a coloca numa posição inferior em relação ao irmão mais velho, bem como em relação aos ganhos financeiros esperados por ela e pela família, o que determina a prevalência do papel de filha e reforça os papéis de mãe e pai em seus pais, garantindo certo equilíbrio familiar. Ela sente-se bem, em alguns momentos, por morar com os pais e ter acesso a tudo que precisa e justifica sua permanência pelo fato de não estar casada e ainda não possuir os recursos financeiros para sair.

No caso de Amanda, percebemos que ela ocupa o lugar do pai na relação com o atual namorado, provendo-o, enquanto é mantida financeiramente por sua mãe, por conta da impossibilidade de ganhos maiores em decorrência da atuação profissional como professora universitária. Para ela, morar com a mãe é sinônimo de conforto, por ter alguém ao seu lado, e, ao mesmo tempo, de desconforto, por ter de arcar com as carências da mãe, que demanda muito sua presença, além de inferiorizá-la ao compará-la com outras mulheres de sua idade que já conquistaram um bom casamento e levam uma vida independente da família de origem. Justifica sua pertença na família por se ver na obrigação de cuidar do legado deixado pelo pai, que construiu a edícula em que mora. Para ela, a vida poderia ser diferente caso tivesse irmãos, pois ter de lidar com a mãe é visto por ela, em alguns momentos, como um fardo.

Neila permanece com a família para não ter gastos e garantir o pagamento das parcelas do apartamento que comprou com o namorado. A estadia na casa da família é temporária, pois, assim que o apartamento ficar pronto, pretende se mudar, para morar com o namorado e levar uma vida independente. Além disso, ela já saiu da casa da família e retornou por questões financeiras. Assim, é como se a pertença na família de origem gerasse a possibilidade futura de sua saída. Ela é uma profissional da área de RH que ganha relativamente bem e tem juntado recursos maiores, justamente por não precisar contribuir com as despesas da casa dos pais.

Gustavo é dependente econômica e emocionalmente dos pais e, assim como Camila e Amanda, sente-se inferiorizado pelos pais, que o comparam ao seu irmão mais velho, já casado e com vida fora da casa da família de origem. Além da dependência financeira e de ter a garantia de sustento por seus pais, considera-se dependente emocionalmente das opiniões e desejos da família. Por esse motivo, não consegue usufruir do dinheiro deixado para ele por sua tia, pois talvez seus anseios de gasto sejam desaprovados pelos pais, o que faz com que ele permaneça dependente.

Por sua vez, Elisa está morando com sua mãe em decorrência de questões econômicas. Não que ela precise dos recursos da aposentadoria da mãe para se manter; pelo contrário, é ela a responsável por garantir a moradia, cuidados e sustento da mãe; não se vê abandonando-a e pretende ficar com a mãe, que lutou tanto para que ela estudasse numa escola particular e pudesse ter uma vida melhor do que teve. Ela lembra-se da mãe só trabalhando e hoje é ela quem só trabalha. Assim como Amanda, acredita que sua vida seria diferente caso tivesse irmãos com quem dividir os cuidados com a mãe.

Caio mora no seu quarto e fica o mínimo de tempo possível com seus pais. Tem planos de juntar mais recursos para voltar a morar fora da casa da família assim que conseguir outra bolsa de estudos, decorrente de seu plano de cursar o Mestrado, pois a convivência com a mãe é muito difícil, em função do controle que ela exerce sobre o dinheiro disponibilizado a ele.

No caso de Alice, é ela quem ajuda a família a manter-se, oferecendo recursos para a alimentação e saúde dos pais. Apesar de ter algum dinheiro, acredita que não há sentido em abandoná-los, pois queria sair da casa deles casada e mantendo o mesmo padrão de vida. É dependente do afeto do pai, com quem consegue

estabelecer uma relação mais afetuosa do que com a mãe, considerada por ela sua madrasta e alguém que impede a realização daquilo que deseja.

Entre os motivos que nossos entrevistados apontaram sobre o permanecer na casa da família de origem, estão: o conforto da casa dos pais, com a manutenção dos cuidados com a casa, roupas e alimentação realizada pela mãe, nos casos de Camila, Amanda, Elisa e Alice; a falta de recursos financeiros para sair, nos casos de Camila, Amanda e Caio; o fato de ainda não estarem casadas, nos casos de Camila e Alice; a possibilidade de juntar dinheiro para sair, nos casos de Neila e Caio; a responsabilidade por cuidar daquilo que foi construído pela família, no caso de Amanda; não ter construído nada que permita a saída, no caso de Gustavo; a responsabilidade pelo cuidado dos pais, nos casos de Elisa e Alice; saber que a família estará sempre presente, independentemente do que aconteça, no caso de Alice; não ter irmãos com quem dividir a responsabilidade pelos pais, nos casos de Amanda e Elisa; e o fato de a casa da família oferecer acesso a tudo, no caso de Camila. Em suma, verificamos que cada um deles justifica com um ou mais motivos a pertença estendida na casa da família de origem.

Nesse sentido, Toledo (2010) afirma que a comida, a roupa lavada e a privacidade no próprio quarto levam os jovens adultos brasileiros a não sair da casa da família muito mais do que a dificuldade financeira. Em nossa pesquisa, a questão do conforto também foi verificada com os cuidados dos afazeres domésticos garantidos pela mãe, bem como a precariedade da situação financeira, que impede a independência. No entanto, não podemos constatar que o grupo aqui apresentado esteja satisfeito com essa situação, muito pelo contrário. Com exceção de Amanda, todos eles já não queriam mais morar na casa da família de origem; todos gostariam de uma vida independente da dos pais.

A situação do conforto e do padrão de vida usufruídos também foi identificada por Henriques (2004) como um dos motivos para o prolongamento da convivência familiar, o que foi percebido, em nosso caso, nas histórias de Alice e Neila. A autora também aponta o isolamento dos membros familiares dentro da própria casa – o que foi verificado por nós com Camila, Caio e Alice – como mais um determinante desse prolongamento, pois eles permanecem muito mais em seus quartos do que nos demais ambientes da casa.

Ainda, a permissividade para manter relações sexuais com o parceiro em casa foi apontada pela autora como mais uma justificativa. Contudo, podemos dizer que, no

grupo feminino de nossa pesquisa, isso não foi apontado e que houve a consideração de que os irmãos podiam levar as namoradas para dormir em seus quartos, nos casos de Camila e Neila, enquanto elas não. No grupo masculino, essa questão não apareceu durante as entrevistas.

Verificamos, assim como Henriques, Jablonski e Féres-Carneiro (2004), que há uma dificuldade de separação entre pais e filhos, especialmente nos casos de Amanda, que não vê como abrir mão do legado deixado pelo pai; Elisa, que se vê totalmente responsável pela mãe; e Gustavo, que não trabalha e depende exclusivamente dos pais para viver.

Por fim, reconhecemos uma situação paradoxal que envolve tanto o sofrimento quanto o conforto desses adultos, que, nesse momento, percebem-se impedidos da saída da casa da família de origem, seja em função dos determinantes econômico, cultural, familiar e/ou psíquico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, apresentamos os motivos, as intenções e os sentidos que determinam a pertença estendida de adultos na família de origem, segundo o depoimento de sete adultos da classe média, em 2010, que estavam no momento da entrevista morando com seus pais, na cidade de São Paulo. Percebemos que há uma sensação de fracasso nos entrevistados e um sentimento de que o tempo de sair da casa dos pais já havia passado, além de uma sensação de conforto decorrente dos cuidados oferecidos pela mãe.

A convivência familiar é percebida como desgastante e dolorida, pois os entrevistados desejam estar fora da casa dos pais, mas, ao mesmo tempo, sentem-se impossibilitados de sair, seja por determinações culturais, familiares, econômicas e/ou psíquicas.

Apontamos como esses adultos vivem, identificamos suas perspectivas de futuro, como eles se percebem, percebem as suas famílias, reconhecemos as variáveis que aparecem como motivos para a pertença estendida e verificamos como eles lidam com essa situação. Também, não nos preocupamos em realizar generalizações, pois cada um dos participantes desta pesquisa ofereceu uma história envolvendo aspectos psicossociais específicos. Assim, constatamos que o fenômeno da pertença estendida de adultos na família de origem continua carecendo de maiores produções acadêmicas, pois cada um de seus determinantes – cultural, econômico, familiar e/ou psíquico – merece um grau maior de investigação.

Entre nossas descobertas, verificamos que: nas dinâmicas familiares dos entrevistados, há uma relação simbiótica com a mãe; a situação financeira é precária para possibilitar a saída da casa da família; a perspectiva de futuro, para alguns, inclui a saída da casa da família mediante novo rumo profissional ou casamento e, para outros, não há sentido em deixar a casa dos pais nesse momento; e há alguns benefícios por estar na casa dos pais, apesar do desconforto e do sentimento de fracasso por não corresponder às expectativas familiares e pessoais.

Seria interessante verificar a perspectiva dos pais sobre o filho adulto que na casa da família permanece, bem como a percepção dos irmãos que já saíram ou que ainda convivem com o irmão na casa. Dessa forma, talvez tivéssemos outras leituras

sobre esse fenômeno. Também seria interessante abordar a pertença estendida em outras culturas, contextos sociais e econômicos.

Esta pesquisa proporcionou um olhar para além daquele apontado pelos meios de comunicação, que enfatizam muito mais a sensação de conforto e de possíveis regalias disponibilizadas – especialmente pela mãe, tais como comida fresca, casa arrumada e roupa lavada – como aquilo que mantém o filho adulto em casa. Nossos entrevistados vivem o paradoxo de ter, ao mesmo tempo, a sensação de acolhida e a percepção de que já não são bem quistos na casa dos pais.

Além disso, outra questão que nos instiga está na possibilidade de responder à pergunta: o que é ser adulto hoje? Nesse sentido, as determinações psicossociais, que envolvem aspectos para além das determinações legais, fazem-nos refletir sobre a condição atual desse grupo pesquisado. Será que ousamos afirmar que os entrevistados são adultos?

Diante de todas as histórias compartilhadas, também nos questionamos sobre o que seria necessário para “cortar o cordão umbilical” com a família de origem. A esse respeito, Winnicott (2001) afirma que o caminho rumo à independência torna-se possível em função de dinâmicas familiares facilitadoras, compartilhadas por cada um dos integrantes de uma família, no encontro com as características individuais, ou seja, é em função do encontro das características biológicas com a cultura que um sujeito pode tornar-se adulto. Geralmente, o primeiro contexto cultural é reconhecido na família, no qual “os pais determinam o filho, assim como este a eles.” (BERENSTEIN, 1988, p. 38).

Portanto, o ambiente familiar pode facilitar o caminho rumo à independência e à saída da casa da família de origem, desde que as interações experimentadas na família e as potencialidades individuais sejam promotoras do desenvolvimento para que qualquer um de seus integrantes, inclusive, o filho adulto, possa exercer a capacidade humana de ser livre, até mesmo dos seus pais, evitando “a coisificação [ou a estigmatização] daquilo que é [ou pode ser] um estado transitório” (BERENSTEIN, 1988, p. 20), tal como pertencer à família de origem.

REFERÊNCIAS

ACOCK, A.; KIECOLT, K. Is it family structure or socioeconomic status? Family structure during adolescence and adult adjustment. **Social Forces**, v. 68, n. 2, p. 553-571, Dec. 1989.

AGRILIFE COMMUNICATIONS AND MARKETING. Brothers, sisters and aging parents: adult children and aging parents series. **Agrilife Extension**, L-2117, p. 8-99, 2010. Disponível em: <https://agrillifebookstore.org/publications_details.cfm?which_publication=300&CFID=16728315&CFTOKEN=e28ed00e6f120f05-59EB52E2-C019-729F-FDAD23ECE01C1F48&jsessionid=90305509e9b97d61c06cd372193025851a72>. Acesso em: 6 jul. 2010.

BERENSTEIN, I. **Família e doença mental**. São Paulo: Escuta, 1988.

_____. Problemas familiares contemporâneos o situaciones familiares actuales: invariancia y novedad. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 13, n. 2, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642002000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 set. 2011.

BLEGER, J. **Temas de psicologia**: entrevista e grupos. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BORDIEU, P. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

_____. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 16 jul. 1990.

CASTRO, R. Morando com mamãe. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 fev. 2010. Disponível em: <http://www.compassosrh.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=163:morando-com-a-mamae>. Acesso em: 25 fev. 2010.

CAVALCANTI, M. Desafios contemporâneos: o trabalho. **CPFL Cultura**, Café Filosófico, 18 set. 2009. Disponível em: <<http://www.cpflcultura.com.br/site/2009/12/01/integra-desafios-contemporaneos-o-trabalho-marcos-cavalcanti/>>. Acesso em: 24 maio 2010.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FREUD, S. El malestar en la cultura. In: FREUD, S. **Obras completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973. 3 v. p. 1-65.

_____. A dinâmica da transferência. In: FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia**: (“O caso Schreber”): artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 133-146.

HENRIQUES, C. R. **Geração canguru**: o prolongamento da convivência familiar. 2004. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

HENRIQUES, C. R.; FÉRES-CARNEIRO, T.; MAGALHÃES, A. S. Trabalho e família: o prolongamento da convivência familiar em questão. **Paideia**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 35, p. 327-336, dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2006000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 abr. 2009.

HENRIQUES, C. R.; JABLONSKI, B.; FÉRES-CARNEIRO, T. A “geração canguru”: algumas questões sobre o prolongamento da convivência familiar. **Psico**, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 195-205, 2004.

LÉVI-STRAUSS, C. **O olhar distanciado**. Lisboa: Edições 70, 1983.

LUQUET, M. Jovens que demoram a sair de casa podem prejudicar aposentadoria dos pais. **CBN**, Comentaristas, Mara Luquet, 17 maio 2010. Disponível em: <<http://cbn.globoradio.globo.com/comentaristas/mara-luquet/2010/05/17/JOVENS-QUE-DEMORAM-A-SAIR-DE-CASA-PODEM-PREJUDICAR-APOSENTADORIA-DOS-PAIS.htm>>. Acesso em: 17 maio 2010.

MANDELBAUM, B. **O desemprego em situação**: esboços de estruturação de uma clínica social. 2004. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

MELLO, S. L. **Trabalho e sobrevivência**: mulheres do campo e da periferia de São Paulo. São Paulo: Ática, 1988.

MEYER, L. **Família**: dinâmica e terapia. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MEZAN, R. Que significa “pesquisa” em psicanálise? In: SILVA, M. E. L. (Coord.). **Investigação e psicanálise**. Campinas: Papirus, 1993. p. 49-89.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

NERI, M. C. (Coord.). **Consumidores, produtores e a nova classe média**: miséria, igualdade e determinantes das classes. Rio de Janeiro: FGV/VIBRE/CPS, 2009.

_____. (Coord.). **A nova classe média: o lado brilhante dos pobres**. Rio de Janeiro: FGV/CPS, 2010.

OLIVEIRA, M. K. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. In: RIBEIRO, V. M. (Org.). **Educação de jovens e adultos: novos leitores, novas leituras**. Campinas: Mercado de Letras/ABL; São Paulo: Ação Educativa, 2001. p. 15-43.

_____. Ciclos de vida: algumas questões sobre a psicologia do adulto. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 211-229, maio/ago. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022004000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 abr. 2009.

PERTENÇA. In: MICHAELIS. **Dicionário on-line**. 2009. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=perten%E7a>>. Acesso em: 30 set. 2011.

RODRIGUES, A. M. **Operário, operária: estudo exploratório sobre o proletariado industrial da Grande São Paulo**. São Paulo: Símbolo, 1978.

ROMANELLI, G. **Famílias de camadas médias: a trajetória da modernidade**. 1987. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

ROMANINI, C. Daqui eu não saio. **Veja**, São Paulo, n. 2108, 15 abr. 2009. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/150409/p_090.shtml> Acesso em: 30 nov. 2010.

SARTI, C. A. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, M. E. L. (Coord.). **Investigação e Psicanálise**. Campinas: Papyrus, 1993.

SILVEIRA, P. G.; WAGNER, A. Ninho cheio: a permanência do adulto jovem em sua família de origem. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 23, n. 4, p. 441-453, out./dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2006000400012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 mar. 2011.

SOLIS-PONTON, L. **Ser pai, ser mãe: parentalidade: um desafio para o terceiro milênio**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

SPILLIUS, E. B. **Família e rede social: papéis, normas e relacionamentos externos em famílias urbanas comuns**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

TOLEDO, K. Parcela de jovens adultos que moram com os pais dobra em duas décadas. **Estado**, São Paulo, 18 abr. 2010.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artmed, 1983.

_____. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ANEXOS

Anexo A – Entrevista de Mara Luquet com Carlos Alberto Sardenberg

Mara Luquet conversa com Carlos Alberto Sardenberg em Entrevista à Rádio CBN em 17 de maio de 2010, cujo tema era “Jovens que demoram a sair de casa podem prejudicar aposentadoria dos pais”

Leia-se: M = Mara Luquet e S = Carlos Alberto Sardenberg

S: E aí Mara!

M: Tudo bem Sardenberg? Boa tarde, ouvintes.

S: Um fenômeno bem contemporâneo que é os rapazes e as moças que continuam morando na casa dos pais com já 30, 31, 32, 33...

M: 40.

S: 34. Continuam morando lá na casa dos pais que aí a vida fica bem folgada, não é? É porque não paga casa, comida, roupa lavada.

M: Ah, várias outras coisas e ainda podem contar com uma ajuda financeira dos pais, não é?

S: Não paga internet, telefone, televisão.

M: Custo fixo é zero.

S: O custo fixo como você diria é zero, e aí tem bastante dinheiro pra guardar pra aposentadoria, não é?

M: Então...

S: E dinheiro pra guardar e ajudar os pais quando os pais precisarem, não é?

M: O problema é que nem sempre funciona assim Sardenberg. Eu conversei com alguns consultores financeiros semana passada. E engraçado como isso está. Realmente é um fenômeno que tem... Foi feito até um estudo numa universidade, a de Oregon, sobre o que está acontecendo com os jovens de hoje, não é? Que eles não querem sair de casa. Eles usam *lphone*, eles usam *lpad*, mas não saem de casa, não é? Agora o que os consultores financeiros dizem é o seguinte: podem criar um problema pra aposentadoria dos pais. Então se esse rapaz essa moça, está demorando pra sair de casa, é uma situação que tem que ser discutida em família. O que é que eles dizem?: tem que conversar com o filho sobre a independência financeira dele, quer dizer, não precisa por o menino nem a moça pra fora de casa, mas é importante saber se ele está se planejando para a independência financeira dele ou se o fato dele estar morando com os pais simplesmente permite que ele seja mais irresponsável financeiramente, gaste mais, tenha...

S: Viver como rico, não é?

M: Exatamente!

S: Viver como rico!

M: Porque na verdade ele vai drenar a riqueza dos pais e num contexto de aumento da expectativa de vida, vai criar um problema sério para os pais lá na frente, não é? A primeira recomendação é essa: é conversar com o filho.

S: Drenando a poupança dos pais porque se ele saísse de casa o custo da casa diminuiria?

M: Porque o custo da casa diminuiria, é porque... Se ele está, se ele não está se planejando, a sua independência, vamos supor que ele é uma pessoa que, está só gastando todo o dinheiro, ele pode estar inclusive requisitando dinheiro dos pais pra pagar um mês que avançou no cheque especial ou que extrapolou o cartão de crédito, esse tipo de coisa!

S: Ele dá uma de, ele dá uma...

M: Ele continua vivendo como adolescente.

S: Dá umas mordidas ali, não é?

M: É lógico. Está ali próximo. Isso pode criar um problema sério. Quer dizer, mordidas pequenas que podem ficar maior e, principalmente, Sardenberg, qual é o grande problema? É

que não é um adulto que vai conseguir se virar sozinho, ter uma vida adulta. Nesse estudo, por exemplo, de Oregon eles falam que eles estão inseguros financeiramente. O outro ponto é estabelecer uma contribuição deles com a despesa de casa. Então os pais falam assim: Tudo bem! Você quer morar aqui? Legal, perfeito! Mas você vai ajudar aqui nas despesas. Vamos ver como você pode ajudar!

S: Vai morrer com um pau por mês!

M: É. Depende. Aí tem que ver as despesas, quais são os custos e tal e como é que ele pode contribuir. Isso é importante, é importante financeiramente e para a formação dele!

S: Uma educação, não é?

M: Exatamente. Outro ponto que os planejadores levantaram e que eu achei muito importante é naquele caso se ele tem irmão, se é mais de um filho... Então, um dos filhos mora em casa e os outros não, isso pode criar um problema com os outros filhos, entendeu? Porque ele vai falar: poxa! O outro está ali mordendo todo o patrimônio da família, não é? E nós estamos aqui e ele está lá, não é? Enfim...

S: É. Aí fica desigual, claramente desigual, não é?

M: Fica claramente desigual e isso pode criar um problema familiar sério, segundo esses planejadores que têm acompanhado algumas famílias, inclusive pra resolver esse problema. Por fim eles dizem que os pais têm que lembrar que a casa é deles, não é? Quer dizer, se esse outro adulto está ali, embora seja filho, uma pessoa querida, você ame seu filho e tudo isso, ele não pode ser o dono da casa, não é? Quer dizer, o dono da casa é você e você estabelece as regras, os pais estabelecem as regras de convivência. Na parte do filho, ele tem que ser franco com o pai, tem que dizer: olha eu estou morando aqui. Por quê? Por que eu quero uma independência financeira? Por que eu não tenho dinheiro pra...? Por que o que eu ganho é pouco pra me sustentar sozinho? É nessa conversa que eles vão chegar num acordo e estabelecer... Enfim, pegar informações, orçamentos.

S: Porque ele gosta da comida da mãe, não é!

M: Pode ser, não é? Pelo menos pode morar perto da mãe e almoçar lá, não é? De vez em quando!

S: Não é a mesma coisa, não é?

M: É Sardenberg... Mas ainda assim...

S: Você acordar de manhã... Vai estar lá a comida da mãe...

M: É claro que é um conforto, não é? Mas, enfim, ele tem que entender que a mãe pode estar cansada de cozinhar pra ele, não é? Que está querendo outras coisas. Ela já cumpriu a etapa dela que é dar formação, criar o filho.

S: Enfim, tem que conversar e o rapaz ou a moça tem que poupar dinheiro e participar.

M: É lembrar que...

S: Não basta ser filho, tem que participar!

M: Tem que participar (risos). Boa essa, muito boa. Lembrar que por conta do aumento, principalmente do aumento [da expectativa] de vida, seus pais vão precisar que você seja financeiramente independente, porque ele não vai ter condições de ficar sustentando você por todo esse tempo, principalmente depois de aposentados, não é?

S: Está certo, Mara. Obrigado, Mara! Até amanhã!

M: Até amanhã.

Anexo B – Temas da entrevista semiestruturada

1. História do adulto pesquisado e de sua família.
2. O que é ser adulto hoje.
3. Como estes adultos percebem a si mesmos.
4. Como estes adultos percebem a sua família.
5. Como estes adultos gostariam de estar hoje.
6. Como está estabelecida a convivência familiar com:
 - a. os pais;
 - b. a mãe;
 - c. o pai;
 - d. o(s) irmão(s) caso exista(m);
 - e. outra pessoa que viva na mesma residência;
 - f. amigos e contexto social mais amplo.
7. Quais sentidos estes adultos atribuem para esta convivência familiar.
8. O que motiva estes adultos a continuarem na família de origem.
9. Como estes adultos lidam com os motivos pelos quais justificam sua pertença estendida na família de origem.
10. O mundo do trabalho.
11. Dependência x Independência.
12. Relações afetivas.
13. Intimidade.
14. Expectativas para o futuro.
15. Orçamento doméstico.
16. Como a família lida com a questão da mulher/do homem.

Anexo C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Documento emitido em 2 vias

1ª via – Pesquisadora 2ª via – Sujeito da Pesquisa

Como parte do meu trabalho em pós-graduação pelo Departamento de Psicologia Social e do Trabalho (nível Mestrado), estou realizando uma pesquisa para compreender a pertença estendida de adultos na família de origem. Caso você concorde em participar desta pesquisa, serão necessários dois encontros de uma a três horas para a realização de uma entrevista que será gravada. As entrevistas transcritas serão apresentadas e discutidas com você.

Gostaríamos de deixar claro que estão garantidos a confidencialidade e o anonimato das informações que você fornecer e que, a qualquer momento durante o processo de realização da pesquisa, você terá a liberdade de retirar seu consentimento e deixar de participar do estudo, caso assim deseje, sem quaisquer consequências, penalizações ou prejuízos.

Os resultados obtidos com esta pesquisa farão parte de publicações na forma de dissertações, outros trabalhos acadêmicos e artigos científicos.

Caso exista alguma dúvida sobre a pesquisa, favor entrar em contato com a pesquisadora responsável nos endereços ou nos telefones abaixo:

Renata do Nascimento Vieira Munhoz
Universidade de São Paulo – Instituto de Psicologia
Departamento de Psicologia Social e do Trabalho
Laboratório de Estudos da Família, Relações de Gênero e Sexualidade
Av. Prof. Mello Moraes, 1721, Bloco A
Cidade Universitária – CEP 05508-030 – São Paulo
Telefones: (11) 3091-4004/ 3091-4184 – Fax: (11) 3091-4460
munhozrenata@usp.br

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
Universidade de São Paulo – Instituto de Psicologia
Av. Prof. Mello Moraes, 1721, Bloco F, sala 22
Cidade Universitária – CEP 05508-030 – São Paulo
Telefone: (11) 3097-0529
ceph.ip@usp.br

Declaro que, após convenientemente esclarecido pela pesquisadora e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar desta pesquisa.

Nome completo: _____

Assinatura: _____

São Paulo, ____ de _____ de 20____.

1ª via – Pesquisadora

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Documento emitido em 2 vias

1ª via – Pesquisadora 2ª via – Sujeito da Pesquisa

Como parte do meu trabalho em pós-graduação pelo Departamento de Psicologia Social e do Trabalho (nível Mestrado), estou realizando uma pesquisa para compreender a pertença estendida de adultos na família de origem. Caso você concorde em participar desta pesquisa, serão necessários dois encontros de uma a três horas para a realização de uma entrevista que será gravada. As entrevistas transcritas serão apresentadas e discutidas com você.

Gostaríamos de deixar claro que estão garantidos a confidencialidade e o anonimato das informações que você fornecer e que, a qualquer momento durante o processo de realização da pesquisa, você terá a liberdade de retirar seu consentimento e deixar de participar do estudo, caso assim deseje, sem quaisquer consequências, penalizações ou prejuízos.

Os resultados obtidos com esta pesquisa farão parte de publicações na forma de dissertações, outros trabalhos acadêmicos e artigos científicos.

Caso exista alguma dúvida sobre a pesquisa, favor entrar em contato com a pesquisadora responsável nos endereços ou nos telefones abaixo:

Renata do Nascimento Vieira Munhoz
Universidade de São Paulo – Instituto de Psicologia
Departamento de Psicologia Social e do Trabalho
Laboratório de Estudos da Família, Relações de Gênero e Sexualidade
Av. Prof. Mello Moraes, 1721, Bloco A
Cidade Universitária – CEP 05508-030 – São Paulo
Telefones: (11) 3091-4004/ 3091-4184 – Fax: (11) 3091-4460
munhozrenata@usp.br

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
Universidade de São Paulo – Instituto de Psicologia
Av. Prof. Mello Moraes, 1721, Bloco F, sala 22
Cidade Universitária – CEP 05508-030 – São Paulo
Telefone: (11) 3097-0529
ceph.ip@usp.br

Declaro que, após convenientemente esclarecido pela pesquisadora e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar desta pesquisa.

Nome completo: _____

Assinatura: _____

São Paulo, ____ de _____ de 20____.

2ª via – Sujeito da Pesquisa

Anexo D – História de Benjamin¹¹

Gênesis 41:53-57

Tendo acabado os sete anos de abundância que houve no Egito, os sete anos de miséria começaram, assim como o tinha predito José. A fome assolou todos os países, mas havia pão em toda a terra do Egito. Em seguida houve fome também no Egito, e o povo clamou ao faraó pedindo pão. Este disse a todos os egípcios: “Ide a José, e fazei o que ele vos disser.” Como a fome assolasse toda a terra, José abriu todos os celeiros e vendeu víveres aos egípcios. Mas a penúria cresceu no Egito. E de toda a terra vinha-se ao Egito comprar trigo a José, porque a fome era violenta em toda a terra.

Gênesis 42:1-22

Jacó, sabendo que havia trigo no Egito, disse aos seus filhos: “Por que estais olhando uns para os outros? Eu soube que há trigo no Egito. Descei lá e comprai-o para nós; poderemos assim viver e escaparemos à morte.” E os dez irmãos de José desceram ao Egito para comprar trigo. Jacó não deixou partir com seus irmãos Benjamim, irmão de José, “com medo, pensava ele, de que lhe acontecesse alguma desgraça.” Os filhos de Israel chegaram, pois, no meio de uma multidão de outros para comprar víveres, porque a fome reinava na terra de Canaã. José era o governador de toda a região, e era ele quem vendia o trigo a todo o mundo. Desde sua chegada, os irmãos de José prostraram-se diante dele com o rosto por terra. José reconheceu-os imediatamente, mas, comportando-se com eles como um estrangeiro, disse-lhes com rudeza: “Donde vindes?” “Da terra de Canaã, responderam eles, para comprar víveres.” Foi assim que José reconheceu a seus irmãos, mas eles não o reconheceram. E lembrava-se dos sonhos que tivera outrora a respeito deles; disse-lhes: “Vós sois espiões: viestes explorar os pontos fracos do país.” “Não, meu senhor, responderam, teus servos vieram comprar víveres. Somos todos filhos dum mesmo pai, somos gente honesta; teus servos não são espiões.” “Não é verdade —, disse-lhes ele, viestes explorar os pontos fracos do país.” Eles responderam: “Somos doze irmãos, filhos dum mesmo pai, na terra de Canaã. O mais novo está agora em casa de nosso pai, o outro já não existe.” José disse-lhes: “É bem como eu disse: sois espiões. Sereis, aliás, postos à prova: pela vida do faraó, não saireis daqui antes que tenha vindo vosso irmão mais novo. Mandai um de vós buscá-lo; enquanto isso, ficareis prisioneiros. Vossas palavras serão assim provadas, e veremos se dissestes a verdade. Do contrário, pela vida do faraó, sois espiões!” E mandou metê-los numa prisão durante três dias. No terceiro dia, José disse-lhes: “Fazei isto, e vivereis, porque sou cheio do temor a Deus. Se sois gente de bem, que um dentre vós fique detido em prisão; e os outros partam levando o trigo para alimentar vossas famílias. Trazei-me então vosso irmão mais novo, para que eu possa verificar a verdade de vossas palavras, e não morrereis.” Foi o que fizeram. Disseram uns aos outros: “Em verdade, expiamos o crime cometido contra o nosso irmão, porque víamos a angústia de sua alma quando ele nos suplicava, e não o escutamos! Eis por que veio sobre nós esta desgraça!”

¹¹ BÍBLIA CATÓLICA. Gênesis. **Bíblia católica on-line**. Disponível em <<http://www.bibliacatolica.com.br>>. Acesso em: 8 out. 2011.

CD-ROM com as Entrevistas¹²

¹² Na versão digital as entrevistas estão nas próximas páginas.

1ª entrevista – Camila

Entrevista realizada no dia 26 de agosto de 2010, das 14:00h às 16:00h, na sala do Laboratório de Estudos da Família, Relações de Gênero e Sexualidade, do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho

Pré-entrevista

Camila sempre se apresentou bastante solícita a participar deste estudo. Desde o piloto feito pela Internet, ela já havia iniciado sua contribuição.

Começando

Ao encontrar-me, Camila me abraçou, dizendo estar com saudades, que fazia tempo que não nos víamos. Eu retribuí dizendo que era muito bom revê-la.

Conheci a Camila numa das universidades em que trabalhei como professora em 2008. Fazia dois anos que não nos encontrávamos.

Ao chegar, apresentei e li o termo de consentimento livre e esclarecido. Diante do entendimento e assinatura do termo, retirei o gravador da bolsa, coloquei sobre a mesa, apertei o botão *REC* e continuamos a conversar.

A entrevista

Renata: Bom Camila, o tema da entrevista é este: Pessoas adultas que moram com a família. Eu queria que me contasse como é isso, o que você acha disso, quais são suas expectativas, como é isso para você?

Camila: Bom, meu nome é Camila, tenho trinta e um anos, ainda moro com meus pais, na verdade por dois ou três motivos: primeiro porque financeiramente ainda não tenho recursos para morar sozinha ou dividir com alguém um apartamento, enfim; segundo pelo verdadeiro comodismo, comidinha pronta, um acesso mais fácil a tudo que preciso, né? E exatamente na região que moro hoje, região de Interlagos, é longe do centro da cidade, é longe de qualquer lugar que eu for, mas de outra maneira eu tenho condução fácil, tenho metrô, tenho trem, tenho ônibus, tenho carro, meios de transporte que me facilitam ter esse acesso aos lugares que preciso.

Renata: Entendi. Esse comodismo que você se referiu, você acha que é um comodismo em relação a quê?

Camila: A tudo.

Renata: O que é tudo?

Camila: É o medo do novo, o medo de se arriscar. Eu sei que estou numa idade que eu preciso ter experiência nova em morar sozinha, eu tenho essa vontade, estou me preparando emocionalmente para que isso aconteça, estou fazendo terapia, estou me preparando para que isso aconteça, só que ainda não me sinto preparada. Na verdade a gente nunca se sente preparada para fazer qualquer tipo de coisa. Mas eu acredito que morar sozinha é uma responsabilidade muito grande, principalmente uma responsabilidade financeira muito forte. E, hoje, eu ainda não tenho uma estrutura financeira que eu possa assumir essa responsabilidade sozinha. Mas realmente... Financeiramente falando eu não tenho essa estrutura financeira mesmo.

Eu não tenho uma reserva financeira que eu possa falar: A partir do mês que vem vou morar sozinha, vou deixar, sei lá, de fazer algumas coisas para investir num aluguel, pra eu investir em qualquer outra coisa. Eu guardo meu dinheiro, por enquanto, para daqui a um ano e meio, mais ou menos, eu conseguir fazer isso.

Renata: Então você tem esse projeto: guardar seu dinheiro para fazer alguma coisa. E você acha que com esse tempo, de um ano e meio, você vai conseguir.

Camila: Sim, porque eu estou me esforçando ao máximo. Estou trabalhando em dois períodos hoje, no consultório e estou dando aulas à noite, juntando, fazendo minhas economias para eu realmente ter esse retorno depois.

Renata: Entendi. E esses comodismos que você falou, o jeito que você explicou, que está tentando... Quanto você acha, não sei quanto você recebe pelo seu trabalho, mas qual a renda que você imagina ser para você conseguir sair?

Camila: Olha... Eu acredito que em torno de uns dois mil, dois mil e quinhentos reais.

Renata: Isso está muito longe do que você ganha hoje?

Camila: Mais ou menos. Não está tão longe em questão de retorno financeiro mensal, mas talvez... como posso te explicar... o longe que eu digo é assim, porque o que eu recebo hoje... Eu tenho alguns compromissos financeiros, então eu preciso concluir esses compromissos, pelo menos uns dois, para que o que eu usaria com esses dois compromissos, eu investir em outras coisas.

Renata: E que compromissos são esses?

Camila: Dentista.

Renata: Estou vendo que está de aparelho.

Camila: Estou. Já tem mais ou menos oito meses, a manutenção mensal é um pouquinho “salgada”, e a terapia. Que são dois investimentos que não quero mesmo abrir mão nesse momento. E que eu sei que mais para frente, eu deixando de ter, não tendo mais estes dois compromissos financeiros, eu sei que é um pouco mais que posso juntar para ter o meu cantinho futuramente.

Renata: O que você tem feito com seu dinheiro além de guardar. Com o que você gasta?

Camila: Bom, eu compro algumas coisas para mim. Primeiro pago minhas contas, INSS, convênio, ajudo em casa mensalmente, pago terapia, dentista. O mês que sobra um dinheirinho compro roupa, enfim, compro uma roupinha, nada assim de esbanjar, compro sapatos. Querendo ou não, para atender um paciente você precisa estar com uma aparência legal, porque você, muitas vezes, conversa com os pais desse paciente se for uma criança; para você dar aula você precisa ter uma aparência adequada também, porque você não pode... Não necessariamente com a roupa que você atendeu uma criança você vai dar aula, muitas vezes. Estou juntando dinheiro para comprar meu carro também. Então são coisas que estou

tentando dividir, o que eu ganho hoje, muito ou pouco não sei, mas o que ganho hoje, eu estou tentando dividir tanto para o imóvel quanto para a compra do carro. E aí é assim... São duas coisas que preciso decidir futuramente... Comprar um carro (risos) ou comprar um imóvel.

Renata e Camila: Comprar uma casa ou uma bicicleta? (risos)

Camila: Claro que comprar um carro é mais fácil e o retorno é muito mais rápido, mas eu não estou pensando em retorno, estou pensando em otimização de tempo e, logicamente, uma facilidade até para eu me locomover e não ficar dependendo do carro dos meus pais, porque é um carro só para o uso da família. Então estou juntando esse dinheiro e dividindo um pouquinho para cada.

Renata: Você falou que ajuda nas despesas da família. Como você ajuda?

Camila: Então, tem uma moça que vai a casa duas vezes por mês, limpa a casa. Minha casa é um sobrado, são três quartos, dois banheiros, cozinha, copa, sala, o quintal e a garagem, são dois quintais na verdade e a garagem. Minha mãe não tem mais o pique de uma moça de trinta anos.

Renata: Quantos anos ela tem?

Camila: Ela tem sessenta e três anos, meus pais têm sessenta e três anos.

Renata: Os dois?

Camila: Os dois. São aposentados, meu pai trabalha com transporte escolar, até para uma ocupação para ele mesmo. Minha mãe também é aposentada e trabalha... Faz trabalhos manuais para se distrair. Que eu acho extremamente importante e incentivo muito os dois para que estejam sempre se ocupando com alguma coisa. Eu não tenho paciência, não tenho tempo pra ficar limpando casa. Tempo até tenho um pouco, mas eu não tenho paciência, prefiro me dedicar aos estudos, prefiro me dedicar a qualquer outra coisa, e aí eu não acho justo também, minha mãe, com a idade que tem, ficar limpando tudo, limpando janela, ficar esfregando carpete. Então, o que eu faço? Eu combinei que ajudaria mensalmente a pagar essa pessoa e mais uma conta em casa, então, normalmente eu ajudo em casa entre R\$200,00 e R\$250,00 mais ou menos.

Renata: Por mês?

Camila: Por mês. É o que eu combinei com meus pais que, depois de tudo que fizeram por mim, pagando faculdade, me ajudando na pós, é o pouco que posso retribuir para eles. Então é uma situação que eu me sinto bem, porque eu não fico: ai eu estou aqui por... É como se eu fosse um encosto em casa.

Renata: Você acha que pode ser vista assim?

Camila: Sim, como já aconteceu.

Renata: Como assim? Me explica.

Camila: Então... Até um ano atrás... Eu trabalhei muito tempo com recursos humanos, e em recursos humanos você tem um retorno financeiro muito rápido. Comecei como estagiária há muitos anos atrás na época da graduação, em 2002, aproximadamente, e trabalhei até o ano passado. Só que é assim, trabalhando com recursos humanos eu nunca me senti cem por cento feliz na profissão como hoje eu estou, e o ano passado logo que terminei a pós, eu fui dispensada do serviço onde estava, eu trabalhava próximo a minha casa, na área de RH, fiquei dois meses e não completou o terceiro mês e a gerente de RH me dispensou. Dizendo que eu não tinha o perfil adequado. Então, eu não sou mais uma estagiária, já fui há muitos anos atrás, aprendi muita coisa, mas hoje não me vejo mais como uma estagiária que fica dois ou três meses e depois falam que você não tem o perfil. Hoje sou uma profissional e preciso valorizar a profissional. Eu não fiz cinco anos de faculdade mais dois de pós, são sete anos de investimento e preciso ter esse retorno, preciso ter retorno de algum lado. Quando aconteceu isso, conversei com meus pais, eu tive sim algumas propostas para voltar pra área de RH com um salário bom, propostas que eu conseguiria facilmente comprar meu carro em seis meses, com a reserva que eu já tinha e mais um pouco do que estaria ganhando. Eu conseguiria facilmente comprar meu carro em seis meses e certamente dar entrada num apartamento e morar sozinha ou morar com meu noivo... Enfim, mas não quis isso para mim, porque assim, voltar para o RH, ter o mesmo pesadelo de novo, então vou ficar três meses e vai chegando os três meses e vai dando pânico, será que vai ser dessa vez, será que vou ser mandada embora? Será que vou ser aprovada na experiência? E nesse meio tempo fui convidada pela minha ex-terapeuta em dividir o consultório com ela, porque ela estava com a agenda cheia de pacientes. Ela ofereceu se eu queria e eu aceitei até porque era um segmento novo, uma coisa bem diferente que eu não havia tido experiência e tentei. Conversei com meus pais explicando a situação, inclusive financeiramente, que o que eu ajudava em casa antes, que o que eu ajudava em casa antes era entre R\$ 300,00 e R\$400,00, e que com isso eu precisava de um tempo para me organizar financeiramente. Eu iria continuar ajudando só que não com a mesma quantia. E aí, a sensação que eu tive é que eles me viram como “a coitadinha” e não é isso que quero.

Renata: Quem te viu como “a coitadinha”?

Camila: A minha mãe. Porque ela uma vez conversando com minha tia, a irmã dela, comentou que eu propus pagar uma pessoa para ajudar em casa, que é a pessoa a qual está hoje conosco, e ela conversando com minha tia falou: Mas ela ganha tão pouquinho, coitada.

A forma como ela se expressou eu falei poxa... Mas não é isso, eu ganho pouco, mas estou no começo, estou há um mês no consultório, tenho dois pacientes, então com o tempo eu vou conseguir, vou me reerguer, vou mostrar realmente quem sou, não mostrar para o outro, não preciso mostrar para ninguém, preciso ter esse retorno pra mim, é uma satisfação profissional em primeiro lugar. E eu fiquei um pouco chateada porque eu tive aquela sensação assim: a Camila está trabalhando num consultório. Ah... Ela está desempregada! Para meus pais um serviço, um trabalho é registro em carteira, não autônomo. E aí eu tive que conquistar um novo espaço em casa, tive que conquistar outro respeito. Que eu sou uma profissional sim, talvez não o que eles queriam que eu fosse, mas isso é um problema deles, eles que vão lidar com essa decepção em outro lugar. Eu sou a profissional sim, sou a psicóloga sim, estou com consultório, vou dar aulas à noite e vocês vão ter que se

acostumar com isso. Primeiro eu precisei acreditar em quem realmente eu sou, eu sou Camila. Qual minha profissão? Eu sou psicóloga. Se é empresarial ou não, isso é outro departamento. Eu tive que conquistar um novo respeito deles, porque eu comecei a ser vista como: ai o que a Camila faz? Ela está trabalhando num consultório, mas ela está desempregada. Não eu não estou desempregada. Hoje meu serviço, a minha renda é meu consultório. Minhas duas rendas são da escola e do consultório. Eu tive que mostrar de uma maneira ou de outra, eu tive que mostrar para eles aos poucos que eu não estava dependendo deles. Porque em um mês eu me organizei financeiramente. Tudo o que eu tinha comprado, coisas que eu precisava, que eu não tinha como devolver, que eu tinha assumido compromisso eu falei eu vou pagar, em momento algum eu pedi dinheiro emprestado, nem pra eles nem pra ninguém. Fui, trabalhei dia e noite sem parar, trabalhava de segunda a segunda sem parar, com sol ou chuva, doente, com febre, não importa, mas eu vou pagar, para não dar motivo. Sem ter eles já falavam, tendo então ia ser a “festa do caqui”. Hoje, depois de pouco tempo, menos de um ano, eu percebo que eles estão vendo isso de outra maneira. As pessoas perguntam para minha mãe: sua filha trabalha. Ah, ela trabalha, atende em consultório. Então criou-se outra visão.

Renata: Entendi. Você estava falando que sua mãe te viu como uma pessoa que... O emprego hoje, a situação a gente sabe qual é e... Profissional que tem registro está cada vez mais escasso.

Camila: A tendência é cada vez mais autônomo e menos registro.

Renata: A situação é esta. Agora, você falou que sua mãe te viu como coitada, como é seu relacionamento com eles em casa?

Camila: Então, hoje tenho um relacionamento bom. O que considero um relacionamento bom? Hoje chego para minha mãe e converso com ela tranquilamente sobre coisas que eu sinto, que eu penso. Eu tive que conquistar um espaço em casa, onde as pessoas me respeitassem. Até um tempo atrás... Hoje tem uns três anos. Até uns cinco anos atrás era a “ovelha negra” da família. Eu assumia muito este papel: a “ovelha negra da família”.

Renata: O que é ser a “ovelha negra” da família?

Camila: Tudo era a Camila, tudo que acontecia era a Camila, se o tempo estava chovendo ou se o tempo estava sol, se está bonito ou se não está era a Camila.

Renata: Você tem irmãos?

Camila: Tenho um irmão mais velho. Eu venho de uma família, minha família é italiana. Eu venho de uma família onde... Meu pai era muito mais, hoje está melhorando, mas era muito machista. Minha mãe é a filha mais velha de oito irmãos, então acabou assumindo... Dentro da cultura italiana, o filho mais velho assume a casa na ausência dos pais. Então meus pais não tiveram oportunidade de estudar e tudo o mais. Tanto minha mãe quanto meu pai, ambos são os mais velhos das famílias.

Renata: Que interessante!

Camila: Muita coincidência assim, sabe? Mesma idade, meu pai tem três meses a mais do que minha mãe, meu pai faz aniversário agora em setembro e minha mãe em dezembro. Se conheceram e vieram para São Paulo, conquistaram muitas coisas...

Renata: De onde vieram?

Camila: Meu pai veio de Marília, cidade do interior, e minha mãe veio de Palmeira do Leste.

Renata: Também interior.

Camila: Há 700 km de São Paulo, bem longe daqui de São Paulo. Minha mãe, na verdade, sempre foi o esteio da família, tanto ela quanto meu pai. Só que a minha mãe carregou muito o espelho da minha avó, minha avó sempre foi uma pessoa muito autoritária, muito mandona. Minha mãe nasceu no final da Segunda Guerra Mundial, praticamente, acho que... Minha mãe é do final de 46. A Segunda Guerra foi no final de 45. Quer dizer, foram resquícios da Segunda Guerra que aconteceram e assim... Uma questão de sobrevivência. Minha mãe é uma pessoa muito sofrida, se você olhar para ela você fala assim... Ela aparenta muito mais idade do que tem hoje, uma pessoa muito dinâmica, teve que aprender a ser dinâmica por conta da época em que viveu. Mas ao mesmo tempo muito sofrida. Meu pai já não é tão dinâmico quanto minha mãe. E ... O que aconteceu? Minha avó, ela com uma turma de oito filhos, naquela época não se tinha tantos recursos, então minha vó teve um filho atrás do outro. Minha mãe, quando um filho desmamava... Minha mãe colocava no quarto porque minha avó já estava grávida de outro. Então é uma coisa muito seguida da outra.

Renata: Produção em série?

Camila: Totalmente (risos). Então quando minha mãe veio para São Paulo, eles vieram, se não me engano, em 1970, 71, mais ou menos. Foi uma época em que eles não tinham nada. Eles vieram em setembro de 71 pra cá. Moraram de aluguel por mais ou menos dois anos, aproximadamente. Meu irmão nasceu em 1975... Foi... É... Eles moraram de aluguel por mais ou menos quatro anos, num quarto e cozinha na região da Santa Cruz, trabalhando os dois de final de semana, segunda a segunda sem parar e compraram a casa onde estamos hoje.

Renata: Deixa ver se entendi. Eles vieram do interior para cá.

Camila: Isto.

Renata: Em meados de 70. Então eles se casaram no interior, se conheceram por lá, mesmo as cidades sendo uma longe da outra, como eles se conheceram?

Camila: Eu não sei quem mudou pra perto de quem. Eu não lembro como se encontraram. Meu pai mudou para perto da cidade onde minha mãe morava. Naquela época o meio de transporte era cavalo, cavalo e charrete. Minha mãe fazia parte das Irmãs de Maria, era um grupo de jovens que acontecia nas igrejas, e meu pai era Mariano, faziam parte dessa turma e todo domingo iam pra igreja. Eles se

conheceram por acaso, por amigos em comum, se conheceram, namoraram por, aproximadamente, cinco anos e casaram.

Renata: Namoraram bastante...

Camila: É... E casaram. Minha mãe nunca teve pressa de casar, ela acreditava que tinha que ter uma estabilidade financeira, que pouco isso acontecia naquela época, onde não se tinha nada, quanto mais financeiramente. Mas assim, ela não teve muita pressa de se casar embora a pressão fosse muito grande.

Renata: Pra casar...

Camila: Família italiana. Minha filha está namorando mais de um ano, vai ficar falada na cidade, aquela coisa de cidade do interior pequena. Mas ela nunca teve pressa, foi no tempo dela. Isto eu... Admiro muito isso nela. Só que ela repetiu muito os modelos que minha avó fazia com meus tios. Minha mãe, por ser a filha mais velha... A responsabilidade da casa, de tudo, era da minha mãe. E os meus tios era: ah porque fulano está assim, fulano está assado, porque ai cuidado de fulano... A família da minha mãe sempre foi unida, totalmente unida. A do meu pai já é todo mundo... O pessoal já é mais... Não tem uma união como a da minha mãe. Fora que eu brinco que se passar o caminhão de gás faz festa na família da minha mãe. A do meu pai, assim, acho que só liga para falar parabéns no aniversário e olha lá. Não tem muito esta proximidade.

Renata: Você tem alguma proximidade com a família do seu pai?

Camila: Converso com meus primos, sei... Tem um pouquinho, mas já teve mais. Não sei por que, mas depois de uns três, quatro anos, cada vez vai separando mais. Na família da minha mãe tenho uma proximidade muito grande com meus primos, a gente conversa, troca e-mail, liga um pro outro, como se fossem os meus irmãos.

Renata: Entendi.

Camila: Você percebe a diferença, é muito nítida a diferença. E meu pai... Ele se sente muito sozinho pela família dele, tanto que ele se apegou a família da minha mãe em muitas coisas. E depois quando minha avó paterna faleceu a família se distanciou mais ainda. Minha avó materna faleceu vai fazer... Há seis anos, agora, no final deste ano. Mesmo com a morte dela a família continua unida. Ela deixou essa "sementinha plantada" e é uma coisa que carrego comigo, assim, sabe? Acho que a família é a base de tudo, acho não, tenho certeza, família é a base de tudo, é um alicerce que você tem que ter para o resto da vida. E eu sempre tive... Quando eu nasci, meu irmão já era nascido, eu tenho um irmão que ele tem três anos e meio a mais que eu e sempre tivemos briguinhas de irmãos. Não sei por que motivo, meu irmão sempre foi o mais distante, ele sempre foi uma pessoa mais racional e eu sou mais emocional. Ele sempre foi.

Renata: O que você chama de uma pessoa racional e outra emocional? Para eu entender.

Camila: Racional é uma pessoa muito fria, muito distante, para ele tinha que fazer uma coisa com objetivo para outra. Ele pensa assim: Vou pra escola, tenho que estudar, tenho que ir bem na prova para passar de ano.

Eu já penso diferente: vou pra escola, preciso primeiro aprender, primeiro vem o emocional, preciso criar um vínculo com alguém, esse alguém quem é? É a professora, e aí vai ser uma consequência, eu aprender, eu estudar, eu ir bem na prova e passar de ano. Pra meu irmão, a questão, a diferença assim que... Pra ele criar um vínculo pode acontecer ou não, pra ele não faz diferença. Ou talvez até faça, mas eu acho que ele não sabe lidar muito com esta questão da emoção, do lado emocional dele e aí o lado racional vem à tona.

Renata: Está mais presente, você acha...

Camila: Totalmente... Totalmente. Tanto que ele e minha mãe são muito parecidos.

Renata: Você também acha sua mãe também extremamente racional?

Camila: Metade, metade. O lado homem dela, o lado pai dela, é o lado mandão, autoritário, e o lado mãe é aquele que chega e pergunta: Então tudo bem? Como você está? – Ela não foi ensinada, ela não teve isso de chegar, fazer um carinho, de abraçar, de beijar. Eu sempre fui de chegar, abraçar, beijar, fazer carinho, enfim...

Renata: Você sofria com isso? Com a ausência destas atitudes da tua mãe?

Camila: Total, total.

Renata: Você fala agora que a relação está boa, mas antes devia estar...

Camila: Então Rê, eu sempre tive muito medo dos meus pais. Eu sempre tive respeito, mas muito fundo de medo.

Renata: Medo do quê? Você sabe nomear?

Camila: Era medo do que... De uma pessoa autoritária. Porque assim... Minha mãe sempre... Por exemplo: quando eu ia pedir alguma coisa pra ela. Mãe, posso ir em tal lugar? Posso ir para a uma discoteca? Não. Por quê? Porque não é pronto. Era muito simples. Ela sabe a razão. Eu não sei o porquê. Mãe posso ir à casa de fulano? No final da minha rua tem um barzinho, literalmente um barzinho mesmo, um botecão. Na época nós tínhamos... Morava ao lado deste bar... Tinha uma garagem... E morava um senhor que era pedófilo... Hoje em dia a gente conhece como pedofilia. Eu tinha mais ou menos dez anos, era totalmente ingênua, não sabia nada, eu achava que pra mim todo mundo era bonzinho. Na época eu fazia catecismo e tinha outra amiga que morava na minha rua, que era desse bar, e ela comentava comigo que ia na casa desse senhor, que ele a chamava e lhe pedia para ficar nua. Eu comentei com minha mãe. Aí minha mãe ficou em pânico, não me disse o porquê, mas eu percebi que ela ficou estranha. Não comentava nada, mas cada vez que eu pedia para sair para a rua ela me questionava, fazia milhões de perguntas, mas não me dizia porquê. Eu ficava sem entender.

Renata: Quando a sua colega te falou e você repassou para sua mãe, pra você o ficar nua na frente de uma pessoa estranha... Como é que você viu na época?

Camila: Eu achei muito estranho aquilo, porque eu sempre fui ensinada que ficar nua era na frente, no máximo da minha mãe, nem do meu pai eu ficava porque era falta de respeito. Até meus dez anos no máximo eu me trocava e ficava de calcinha e sutiã na frente... Eu lembro que eu tinha uns oito anos eu tomava banho com meu irmão, mas assim... Era com minha mãe dentro do banheiro, todo mundo no banheiro. Minha mãe escovando os dentes, aquela coisa de vamos fazer as coisas rápidas para gente dormir. E minha mãe explicava: gente olha, isso aqui é assim. Seu irmão é assim porque ele é homem, você é assim porque você é mulher, daqui frente mais nada aconteceu. Minha mãe sentou um dia e disse: daqui pra frente você não toma mais banho com seu irmão nem na frente do seu pai, porque você está se tornando uma mocinha. Me explicou sobre menstruação e um monte de coisa. Eu achei muito legal isso. Falei nossa... Minha mãe não teve nada daquilo e está me explicando isto hoje e ela falou assim: jamais você faça o que fulana está fazendo. Não lembro o nome da menina, mas jamais você faça o que fulana está fazendo.

Eu: mas por quê?

Ela: porque não pode, isto é muito feio.

Pensei, tudo bem. Talvez fosse a maneira mais adequada que ela achou de explicar. Ela me falou: O dia que você quiser ter um namorado você pode ter, mas vai me contar.

E ela me deu uma enciclopédia pra aprender sobre sexualidade, sobre como acontece... Como fala... A gravidez e tudo o mais. E eu perguntando e tudo o mais. Foi uma época muito gostosa. Daí pra frente eu comecei a perceber que ela direcionava a atenção mais pro meu irmão e menos pra mim. Mas uma questão de afinidade, tanto que eu falo que se ela não fosse mãe do meu irmão, talvez fosse irmã. Porque até do mesmo signo eles são. Meu irmão faz aniversário três dias depois que minha mãe.

Renata: Você acha que eles são parecidos?

Camila: Total, total, total... Tanto que até hoje minha mãe fala, porque o Faaaaaaaaaaaaabio, quando ela fala porque o Faaaaaaaaaaaaabio...

É o príncipe encantado dela. Não adianta Renata.

Renata: Se o Fábio é o príncipe encantado, o que a Camila é para ela?

Camila: Eu continuo sendo a filha dela, mas fico mordida de raiva com isso.

Renata: E ela sabe disso?

Camila: Sabe, sabe, tanto que outro dia eu estava conversando com esta moça que trabalha em casa, fui adiantar o almoço pra ela, ela tinha ido à aula de computação, e a moça que trabalha aqui falou: Nossa que arroz gostoso, tudo o mais. Seu arroz ficou muito bom! Aí minha mãe falou: - Então... Meu filho cozinha que é uma maravilha.

Renata: Como você ouviu isso?

Camila: Continuei ouvindo, né? Eu pensei: Para variar é sempre o meu irmão... Para variar. Existe um endeusamento pelo meu irmão muito forte Renata. Sabe aquela coisa, como diz minha terapeuta, meu irmão é o filho que deu certo (risos).

Renata: Mas como assim? A Camila também é... Deu certo! Está aqui!

Camila: Hoje estou conseguindo resolver isso, conseguindo elaborar isso de uma maneira melhor, falo brincando, dando risada, já fui o “patinho feio” hoje não sou mais, hoje sou a Camila, psicóloga, psicopedagoga, quem não gostar, problema de quem não gostar, eu sou o que sou. Quem quiser me aceitar vai ser assim, problema de quem não gostar, não sabe o que está perdendo (risos). Ela começou a falar do meu irmão: porque o Faaaaaaaa.... Porque o Fábio cozinha, e não sei o que lá.

Porque outro dia fomos a casa dele... Meu irmão é casado há um ano, e nós fomos a casa dele e ele fez o jantar.

A mulher falou assim: Então, mas a Camila também cozinha muito bem.

Ela: não porque o Fábio...

Eu falei: mãe pára de defender – minha mãe me olhou assim, com uma cara e disse: eu não estou defendendo...

Eu pensei: Ser feliz ou ter razão? Deixa ela com a razão dela e eu fico com a minha felicidade (risos). E abafa o caso. Isto minimiza a minha tristeza... Por que Rê? Essa tristeza que tenho, não sei se é tristeza, sei lá o nome que dá pra isso. Minha mãe sempre teve vontade de ter uma filha, desde mil novecentos e... Tanto que esse nome Camila, ela tinha 7 anos e conta essa história milhares e milhares de vezes, ela tinha sete anos e conheceu uma amiga chamada Camila e elas eram muito próximas, ela gostou do nome e o guardou esse nome por muitos anos. Quando ela estava grávida de mim, foi levar meu irmão ao médico, estava descendo, escorregou na escada e caiu. E aí ela ficou preocupada se tinha me perdido ou não, enfim, ela teve muitos problemas depois... Estava, acho, com quatro meses de gravidez. Teve muito enjoo... Quando nasci, nasci com problema no fêmur, na formação do fêmur, mas não tem nada a ver com esse tombo que ela teve, foi por outras...

Renata: Outros motivos...

Camila: É, que aliás nenhum médico sabe porquê na verdade. Mas hoje estou bem, estou normal. Está tudo certinho. Mas fico me perguntando se ela sempre quis uma menina por que é o meu irmão o príncipe encantado da família? (risos) Você concorda? Quando eu era mais nova, até começar a fazer faculdade, a graduação, sempre me perguntava: Se minha mãe sempre quis uma menina, por que eu sou o “patinho feio” e meu irmão é o “príncipe encantado”, o meu irmão é o filho que deu certo?

Renata: Ela consegue te responder isso?

Camila: Não. Hoje, depois de muitos anos de terapia, consigo entender. Na verdade existe assim... Aquela coisa que eu amo todo mundo igual... Mas existe uma afinidade muito grande com meu irmão, e, no fundo, no fundo o que ela sempre teve vontade é de ter uma filha que fizesse tudo que ela fez pela minha avó.

Renata: E o que ela fez pela sua avó?

Camila: Cuidou dos irmãos, cuidou da família. Ela foi a segunda mãe de todo mundo. Então é assim: a filha real e a filha ideal. Teve um dia que nós conversamos e consegui vomitar, literalmente, isso pra ela, eu falei: então mãe, você sempre quis uma filha que fizesse tudo, mas não sou assim. Ela idolatra meu irmão por quê? Porque quando ele está em casa, se todo mundo terminou de almoçar ele recolhe a mesa. Ele faz o que eu deveria fazer. Que ela acha que eu deveria fazer. Eu acho um desaforo terminar de comer e ter que tirar a mesa naquela hora. Eu espero um pouco, vou ver TV, espero a comida assentar um pouquinho, depois vou lavar a louça, fazer o que tem que fazer. Mas por que tem que ser naquela hora?

E meu irmão é muito o ritmo da minha mãe. Meu irmão se pede um copo d'água pra você e, por algum motivo, você demorar um pouco, ele vai e pega ele mesmo. Minha mãe é muito assim. Agora ela melhorou muito. Mas se ela fala: pega por favor, ela pede, no máximo, duas vezes, se você não faz ela vai e faz ela mesma; não fica brava, mas vai e faz. Meu irmão é muito parecido nesse sentido.

No domingo, dia dos pais, a família do meu noivo estava lá, o sogro do meu irmão estava lá e tinha um casal de irmãos da minha mãe e conversando e tudo, fui pegar um guaraná para minha cunhada e meu irmão falou pra mim: Me ajuda a recolher aqui as coisas?

Eu falei: Espera um pouquinho. – E fui buscar o guaraná.

Ele já ficou... Já fez uma cara totalmente fechada, foi recolhendo, e falando: porque ninguém me ajuda...

Eu pensei, problema dele se não sabe esperar, eu que não vou me estressar por conta disso, o problema é dele. Depois fui, lavei a louça e fiz o que tinha que fazer.

Mas ele é muito assim, é muito... Tem que ser na hora que ele quer, na hora que ele está fazendo as coisas. Ainda brinco com a minha cunhada.

Eu falo: meu Deus do céu, qual a receita mágica?

Porque meu irmão melhorou muito depois. Não necessariamente porque casou, mas depois que conheceu minha cunhada. Estão juntos há três anos entre namoro e casamento. Mas melhorou muito.

Minha mãe, sempre que ela fazia... Eu deixava de fazer alguma coisa que ela pedia, era porque a Camila não faz, a Camila é isso, a Camila é aquilo, porque a Camila é assim, a Camila é assado. Sempre coisas negativas. E isso me deixava muito insegura. Puxa! Por que minha mãe que sempre quis ter uma filha, quando tem não valoriza?

Depois de muito tempo trabalhando isso na terapia, eu falei: Quer saber de uma coisa? É o jeito que minha mãe aprendeu a ser. Eu posso fazer o quê? Eu tenho que aceitar a mãe que eu tenho. Não dá para jogá-la fora (risos). E, hoje em dia, tenho uma proximidade com minha mãe. O que aconteceu? Eu percebi que meu irmão conseguia se aproximar porque comentava coisas dele, ele sentava com minha mãe e conversava como se fosse amigo dela. E eu queria essa aproximação.

Uma vez eu falei para minha mãe, porque toda vez que eu te ligo para falar qualquer coisa durante o dia, você fala: Oi, fala, hã, tá, tchau! É um monólogo e não um diálogo.

Quando meu irmão liga...: Oi tudo bem? Tá sol? Então passa protetor. Tá chovendo? Leva o guarda chuva. Tá frio? Leva blusa. Não sei o que lá... É uma diferença muito grande. Falei: Por que com ele é assim e comigo é de outro jeito? Não sei, ela falou.

Renata: Ela te respondeu não sei.

Camila: É... Exatamente, ela falou não sei. Eu respirei fundo e falei: Está difícil, está muito difícil. Estou com um peso enorme em cima de mim.

Ela falou: o que é que está pesado?

E eu: tudo.

Ela: eu estou pesada pra você?

Eu falei: está, você está. Você é minha mãe, eu te amo, mas está muito pesado pra mim.

Naquele dia foi assim... Acho que eu dei meu grito de liberdade em casa.... Total. De duas uma: ou ela me ama ou ela me odeia (risos). Dei meu grito de liberdade em casa. E eles começaram a me respeitar. A Camila cresceu, a Camila não é mais a menininha, princesinha, bonitinha do papai. Em 2004, final da faculdade eu conheci meu namorado. A gente começou a namorar. Antes disto eu namorei duas vezes. Primeiro eu tinha quinze para dezesseis anos. Namorei durante um ano e não deu certo, depois namorei outro garoto, meu primeiro namorado, primeira transa, meu primeiro tudo e assim foi... Nossa. O príncipe dos príncipes. Hoje a gente mantém contato, ele está noivo, vai casar. Eu estou noiva. A gente sabe o que aconteceu, mas assim, não tem mais nada a ver. Somos colegas, no máximo amigos.

Renata: Você ainda tem uma proximidade com ele, por isto é que você sabe?

Camila: Nós dois temos uma ... A gente ainda tem um vínculo, a gente tem uma amizade muito forte ainda. Toda vez que a gente se vê a gente se abraça, é uma amizade muito gostosa, é muito saudável isso. Tanto que da última vez que nos encontramos, foi a missa de sei lá o que do meu tio, de bodas de ouro, eu acho, e ele estava. Meu noivo viu... Tipo: O que está acontecendo? Opa! Tem gente estranha no pedaço. Eu estava toda de vestido, toda maquiada. Assim... Eu comecei a mudar muita coisa em mim. Ele veio, me abraçou e: tudo bem? Como é que você está? Você está bonita, cheirosa, maravilhosa...

Eu pensei, ai meu Deus, não fala isso de novo (risos).

Renata: Você ainda sente alguma coisa por ele?

Camila: Não que eu sinta, Rê, mas foi uma pessoa que marcou muito minha vida. Foi o primeiro cara com quem eu transei. Eu entreguei minha virgindade para ele Renata. Sabe? Uma pessoa que marcou muito para mim. Uma pessoa extremamente romântica, extremamente carinhosa. Foi tudo, sabe, nós ficamos quase três anos juntos. Foi aliancinha de compromisso, foi... Foi o namorado dos sonhos.

Renata: E isso se rompeu por quê?

Camila: Porque nós entramos na faculdade, ele fazia Mackenzie, ele entrou seis meses antes que eu, ele entrou em 1998 e eu no início de 1999, e começou distanciando. Ele conheceu outras pessoas e eu também. Quando nós terminamos sofri como uma condenada, eu chorava o tempo todo, foi um luto assim de três meses seguidos, eu não parava de chorar. Eu chorava assim desesperada. E eu esperava da minha mãe que ela chegasse, conversasse comigo, falasse: Filha não é assim, calma, tudo vai melhorar.

Mas, não foi assim: Quer chorar, chore.

Renata: Você sentiu que ela não te acolheu da forma que você esperava.

Camila: Eu senti assim, sabe, nossa. Que raiva!

Renata: E isso você tinha dezenove, vinte...

Camila: Vinte anos. Foi muito assim, muito forte, porque... Nossa, ele é o cara, o homem da minha vida. Hoje eu vejo que não, ele serviu para meu crescimento. Eu precisava de uma pessoa assim do jeito dele do meu lado para eu aprender muita coisa. Me incentivou a entrar na faculdade, não só ele, minha família também. Mas assim, foi uma pessoa diferente, uma pessoa que marcou.

Renata: Sua família o aceitou na época?

Camila: Sim total. As duas famílias se encontravam, iam uma na casa da outra. Foi uma coisa muito legal. É... Mas assim, não era para ser. Acabou. Tanto que no dia que a gente terminou eu senti que ele estava muito chateado, ele queria, mas estava com medo de me machucar. Eu já estava sentindo isso há tempos, que ele estava distante, que a gente não estava mais como era antes. Eu tentava segurar de tudo quanto era jeito, eu pensei, quer saber de uma coisa, o que tiver que acontecer vai acontecer, não sou eu... Vou entregar pro universo. O que tiver de ser que aconteça. Mas eu senti que precisava ter esse contato, essa coisa de carne. E isto tudo... Depois disso tudo, o que aconteceu? Eu criei uma dependência muito forte dos meus pais, deixei de sair muito de casa, deixei de....

Renata: Você acha que criou esta dependência depois desse rompimento?

Camila: Depois, depois. Durante o namoro, quase três anos, eu nunca fui muito de sair para balada e coisa e tal. Mas durante o namoro, eu sempre participei de um grupo de jovens numa igreja ali na Vila Mariana, São Francisco de Assis. Me sentia muito bem, aliás, me sinto muito bem até hoje, de vez em quando ainda vou para lá... E lá eu encontrava muita energia, não necessariamente no grupo, falando, rezando, mas eu encontrava muita energia... Aquilo me carregava, era minha fonte de energia aquele lugar, e era uma das maneiras que eu conseguia, que eu tinha para sair de casa, para não ficar dependendo do meu pai para me levar, da minha mãe para buscar.

Renata: Isso depois dos vinte?

Camila: Antes. Dos dezesseis aos dezenove.

Renata: Dos dezesseis, do período do namoro?

Camila: Depois dos vinte anos eu fiquei mais caseira.

Renata: Você não ia mais lá na Vila Mariana?

Camila: Não, porque eu evitava encontrar com ele. Eu o encontrei algumas vezes. Às vezes que nós nos encontramos eu segurei. Eu quero falar, mas eu não posso, eu amo e não amo, gosto e não gosto; uma mistura de sentimentos, eu estava

naquela fase de mudança para a vida adulta, e tudo acontecendo, faculdade, muita coisa acontecendo, eu comecei num emprego novo, mudei o horário na faculdade, tudo foi acontecendo, foi um estresse emocional muito forte... Ficava doente a cada três ou quatro meses, era... Tudo, tudo o que se podia imaginar de negativo acontecia comigo. Eu quebrei o pé na faculdade. No final do primeiro ano, saí no primeiro dia de férias, voltando pra casa e quebrei o pé. Então tudo, tudo, tudo o que você imaginar aconteceu. Eu criei uma dependência muito forte dos meus pais. Na verdade, o que eu não conseguia encontrar. Eu procurava... Pois chegou o final de semana, e cadê o fulano. Não tem mais. Eu não conseguia trabalhar isto em mim. Que droga. Eu chorava que nem uma louca. Chorava, chorava... Foi aí que eu fui procurar a terapia... Meu, será que isso não vai ter fim, este sofrimento, será que não vai ter fim nunca, sabe?

Renata: Depois de quanto tempo, você assim, nesta situação de tristeza, buscou ajuda?

Camila: Terminamos em agosto de 99... Mais ou menos um ano depois. Meu pai sempre foi contra a qualquer tipo de mudança emocional.

Renata: Como assim?

Camila: Eu fazer terapia era imagina, minha filha é uma louca.

Renata: Ah... Neste sentido...

Camila: Minha mãe sempre foi a favor: não, vai, vai, te ajudo a pagar.. Minha mãe sempre foi muito de mudanças, muito de coisas novas. Eu pensei: Nossa... Estou começando a conquistar a "véia" (risos). Vamos lá... (risos). Vamos lá mãe, a gente vai junto e faz uma coisa só. Terapia de família (risos). Vamos resolver agora (risos). E eu fui procurar. Foi assim, vou, não vou, vou, não vou e fui. Demorei um pouco para começar, comecei em 2001 até procurar um profissional e aquela coisa toda. Bom... Foi. E nesse meio tempo eu parei de frequentar essa igreja, parei até para não encontrar com ele, quando encontrava sofria feito uma condenada, começava a missa chorando e terminava aos prantos, alguém me tirava de dentro da igreja porque eu não conseguia parar de chorar. Foi uma coisa assim muito... Ai meu Deus.

Renata: E ele vendo seu sofrimento...

Entrevista: Via e fazia de conta que nada estava acontecendo. Fazia de conta assim: ela está chorando porque deve estar com problemas em casa ou qualquer coisa assim. Eu nunca tive coragem de chegar pra ele e falar: olha fulano, ainda estou muito chateada com aquilo que você me falou. Nunca tive coragem, nunca, nunca. Depois de muito tempo, na verdade foi ano passado... Acho que foi o ano passado, nós nos reencontramos por acaso, na verdade foi, literalmente, por acaso mesmo, foi: tudo bem?

Ele: tudo bem! Como vai e tal?

Eu: ah, tudo ótimo. Como você está?

Ele: estou noivo.

Eu: eu também estou noiva, vou casar, não vou, enfim...

E ele: e a gente nunca mais conversou...

Eu falei: pois é – é agora a oportunidade, é agora ou nunca. Vamos lavar roupa suja, costurar o que tem que costurar, remendar e jogar fora. Eu falei: a gente nunca mais conversou por quê? Porque eu fiquei muito chateada, faz tanto tempo que terminamos, não quero mais nada com você, foi muito legal, me fez crescer muito, porém, você foi um estúpido quando nós terminamos...

Vomitei tudo, sabe, foi tudo pessoalmente e na semana seguinte nós nos reencontramos, ele com a noiva dele e eu com o meu. Tenho uma prima, que é quase dez anos mais velha que eu, estava ela, o marido e a filhinha deles, minha prima, eu sempre fico próxima dela, a gente troca figurinhas e ele chegou. Estava eu, minha prima e meu noivo. Ele chegou com a noiva dele, nós temos um grupo de amigos em comum, cumprimentou minha prima, cumprimentou a todos e olhou para mim: Oi, tudo bem?

Renata: Não te cumprimentou.

Camila: E a noiva dele estava do lado. Eu percebi e pensei: opa!... É um pit bull ou rotweiler, deixa eu ficar na minha (risos).

Renata: Então você ainda estava na disputa?

Camila: Não na disputa, Renata. É uma coisa assim. Eu acho que a partir do momento que você cumprimenta todo mundo, é muito desagradável você não cumprimentar quem está do seu lado. E eu, modéstia a parte, estava muito bonita. Coisa que eu nunca fiz foi usar decote. Estava com vestido de alcinha, um vestido longuinho de alcinha, decotado, estava maquiada, estava um dia ensolarado, eu estava me sentindo a “bolacha Traquinas do pacote”. Ele me olhou de cima a baixo e eu pensei: tomara que não surja nenhum comentário, daqui a pouco vou embora porque eu também não vou conseguir dar conta de tudo. Bom... Toda vez que eu falava: tchau fulano, tchau sicrano, ele baixava a cabeça.

Renata: Ele não te olhou?

Camila: Em momento nenhum. Meu noivo percebeu que tinha alguma coisa, que poxa... Meu noivo é muito... Ele pega a coisa no ar, falou assim: Quem é fulano?

Eu pensei: agora vai.

Eu falei: Fulano é um ex-namorado meu.

Ele: Por que não cumprimentou você?

Eu falei: Boa pergunta, se eu soubesse as coisas seriam mais fáceis.

Ele: Vocês foram namorados? E aí o que aconteceu?

Ela: Você quer mesmo saber? Então senta ... É de A a Z. Tem coisas que a gente não precisa contar, mas você quer saber. Você quer saber, tudo bem! Então vou te contar... Foi meu primeiro namorado, minha primeira transa, foi tudo... Marcou muito minha vida, assim como acredito que você deve ter tido primeira namorada, ou qualquer coisa assim, eu também tive, não pulei esta fase, graças à Deus.

Ele falou: Você ainda gosta dele?

Eu: Querido estou com você. Tive que resolver algumas coisas com ele depois de terminado, a gente sentou, conversou, resolveu e pronto já passou, não tem mais nada a ver.

Ele: Não mesmo?

Eu: Não. Por que, você ainda tem dúvidas?

Ele: É que eu percebi que ele te olhou diferente.

Eu: Modéstia a parte é porque estou bonita (risos).

E passou, de vez em quando vou à missa, por coincidência ele está lá também, meu noivo está comigo. Este é meu noivo!

Renata: Vocês se conheceram na igreja, você e este noivo?

Camila: Não, meu noivo não. A gente se conheceu na faculdade.

Renata: Na faculdade. Quem foi da igreja...

Camila: Foi este namorado. Passou... No dia seguinte, nós nos reencontramos num domingo, eu preciso tirar esta história à limpo. Passei um e-mail para ele dizendo: você estava estranho, o que aconteceu? E ele escreveu: minha noiva é muito ciumenta, não posso falar com nenhuma ex-namorada. Eu respondi: então tá bom, continue assim, boa sorte.

Renata: Acabou, encerrou...

Camila: A gente se fala por e-mail, mas se ele estiver sozinho, mesmo eu estando com meu noivo, a gente se cumprimenta normal, ele cumprimenta meu noivo, quem estiver perto de mim. Quando ele está com a noiva dele eu passo e finjo que não vejo. Para evitar confusão, entendeu? Porque é assim... Foi outra coisa que eu tive que trabalhar muito em mim e amadurecer na relação, nesta relação que eu tenho hoje... Meu namorado, aliás, meu noivo, ele... Quando nos conhecemos, ele tinha... Antes de mim, ele sempre foi uma pessoa de muitos amigos e amigas também, por ele ser uma pessoa muito gentil e tudo o mais. Muita gente confundia muita coisa, amizade com outras coisas. Ele teve uma namorada que marcou muito a vida dele e tudo o mais. Quando nos conhecemos, ela ainda estava... Eles ainda estavam muito próximos, não necessariamente com relacionamento, mas próximos. E eu tive que saber controlar muito bem isso, até que ponto ele gosta dela, até que ponto ele gosta de mim. Ao ponto de falar pra ele, bom de quem você gostou mais. Ele falou: não dá para quantificar isso, pelo amor de Deus, não dá para medir sentimento, uma coisa tão...

Renata: Mas ele estava com ela ao mesmo tempo em que estava com você?

Camila: Não. Nós começamos namorar em outubro, eles terminaram em julho, agosto mais ou menos.

Renata: Foi pouco tempo entre você e ela... É isto que você está querendo dizer?

Camila: Sim. Mas foi uma pessoa, Renata, que marcou muito a vida dele. Toda vez que ele estava com uma pessoa diferente, uma namorada nova, ela ligava, conversava, jogava um "xaveco" nele e ele de volta pra ela. Eu pensei: até quando vai ficar assim?

Renata: Você acha que ela o seduzia para tê-lo de volta?

Camila: Totalmente... Eu precisava ter essa confiança com ele... Na época... Eu tinha pra mim assim. Eu pensei nossa eu preciso gostar muito, eu preciso amar. Eu preciso não, eu amo, amo demais, é até uma coisa obsessiva.

Renata: É esse seu atual noivo? Começou isto faz tempo então?

Camila: Isso, faz seis anos quase. Seis anos. Eu comecei a perceber que por questões de não ter um vínculo familiar, ele com a família, ele buscava... Sabe esse acolhimento que eu tenho com minha família, meus primos, etc.? Ele buscava isso nos amigos, porque ele não tinha com a família. Ele buscava nos amigos. Ele era muito boêmio... Barzinho, amigos e tudo o mais.

Teve um dia que eu falei: então tá, você vai com seus amigos, fica com seu barzinho, seus amigos e me esquece.

Meu namorado é muito parecido com meu irmão, muito racional... Ele é assim: não sei lidar muito com as emoções, demonstrar o que sinto, o que quero, não sei demonstrar o que sinto. Eu amo essa menina, mas eu não consigo chegar e falar olha eu te amo, dar um beijo diferente, abraçar e tudo o mais. Ele não sabia isso.

Renata: Deixa ver se entendi, você me falou que sua mãe era é um pouco assim.

Camila: Era (risos).

Renata: É isso mesmo?

Camila: É... Então, eu comecei a perceber que estava buscando no meu namorado tentar resolver coisas da minha mãe e do meu irmão (risos). Que situação eu me encontrava. Eu chegava na terapia, só chorava (risos). Eu não sei mais o que falo, o que faço (risos).

Renata: Você percebeu que havia essa semelhança?

Camila: Total, total. Porque, em casa, embora meu pai sempre tenha sido muito machista... Aquela coisa de domingo... Quando eu e meu irmão éramos pequenos, de domingo todo mundo almoçava... E quem vai lavar a louça? Ah! A Camila lava a louça e o Fábio, no máximo, varre a cozinha, no máximo. Com dezenove anos meu irmão arrumou uma namorada um pouquinho mais velha que ele, a namorada ia dormir em casa. Eu, com esse meu ex-namorado, eu ficava na sala.

Renata: Este dos dezesseis aos vinte?

Camila: É... Eu ficava na sala com ele e meu irmão ia para o quarto com a namorada. Meus pais, sei lá, saiam, qualquer coisa assim. Comecei: caramba, o que está acontecendo?

Com vinte e um anos ele arrumou outra namorada, ele nunca foi muito de... Quando a menina percebia que... Quando ele percebia que a menina estava se prendendo muito a ele, ele caía fora, ele não foi muito de se prender... Com vinte e um anos ele arrumou outra e comprou uma cama de casal. E eu, Camila, não podia levar meu namorado para o quarto, com a porta aberta, a televisão ligada, computador ligado. Não podia nada disso, era na sala.

Renata: Você só podia namorar na sala.

Camila: Na sala. Tanto que minha primeira transa foi na sala (risos).

Renata: Interessante!

Camila: Eu sempre achei que, apesar da casa ser dos meus pais, se o meu irmão pode, eu também posso.

Renata: Desculpe te interromper, mas como foi essa transa na sala apesar de ter o quarto?

Camila: Então... Porque meus pais foram dormir, porta fechada, meu irmão no quarto com a namorada, porta fechada. E eu não podia subir, porque a qualquer momento a porta podia se abrir...

Renata: Entendi. São andares diferentes.

Camila: Eu falei pro meu namorado: vamos fazer o seguinte, abre a camisinha no banheiro e já vem pronto, eu vou estar aqui pronta, porque qualquer barulhinho que eu ouvir a gente pára... (risos) e foi muito engraçado... Depois que aconteceu tudo, um olhava para a cara do outro e ria. A gente é louco! Escondido é mais gostoso.

Renata: Foi o possível (risos).

Camila: E meu irmão comprou a cama de casal. Só que mesmo com a cama de casal, com a primeira namorada dele, teve uma vez que meus pais foram viajar e meu irmão dormiu na cama dos meus pais com a namorada. Porta aberta, tudo com a namorada. E eu: espera aí, chegou neste ponto! Sabe aquela rixa de irmãos... Uma vez meus pais brigando comigo, eu falei vou colocar o dedo na ferida dele. Uma vez meu pai discutindo comigo eu falei: seu filho dormiu na sua cama com a namorada dele.

Ele falou: meu filho é homem.

Ai Renata, acho que eu fiquei da cor do seu esmalte. (Eu estava com um esmalte cor de beterraba, vermelho bem escuro)... Aquilo subiu, voltou, subiu... O que estou fazendo nessa casa? Pra que é que eu sirvo então? Para lavar, passar... Ser a empregada? Então me paga um salário que fica tudo certo.

Renata: E então?

Camila: Bom... Minha mãe não era muito... É não aceitava muito essa opinião do meu pai, mas o que ela ia fazer? Bater de frente com meu irmão? E o medo do filho sair de casa?

Renata: Você acha que ela tinha esse medo? Que por conta disso, qualquer coisa que o desagradasse ele sairia?

Camila: Tanto tinha, que uma vez falou pra minha tia: Eu não bato de frente com o Fábio e nem contrário ao Antonio (meu pai) porque, se de repente, pegam as coisas e saem de casa. Eu não tenho dinheiro para me sustentar. Não tenho dinheiro...

Minha mãe usou de justificativa o seguinte: fulana, fulana, fulana, fulana... Dormiam em casa, não foram tantas assim, mas dormiam em casa.

Minha tia perguntou: por que elas dormiam?

A mãe: porque ele era estagiário, não tinha emprego fixo, etc., eles não tinham dinheiro para pagar aluguel, então dormiam em casa.

A tia: e a Camila também pode?

Minha mãe falou: A Camila não pode, o Antonio não deixa.

A tia: Porque ele não deixa.

A mãe: Ah, porque ela é mulher... Corre-se mais o risco dela engravidar.

A tia: Então, mas seu filho também engravida. Não fica grávido, mas ele faz o filho. Então assim, sempre teve essa diferença em casa.

Renata: Você sente que ele podia muito mais coisas que você.

Camila: Total, total, total, Rê. Minha mãe justifica algumas coisas assim: seu irmão não podia fazer churrasco em casa porque fazia muito barulho e seu pai não gostava de barulho, hoje você faz churrasco em casa. Espera aí gente, é uma diferença muito grande! Quando meu noivo dorme em casa, quando dorme, em 6 anos de namoro, acho que ele dormiu três ou quatro vezes em seis anos, ele dorme em quarto separado. O que aconteceu? Meu irmão casou. Antes dele casar ele já morava sozinho há um tempo. Eu passei para o quarto dele e ficou um quarto vazio. Meu noivo dorme neste quarto e eu durmo no outro.

Renata: E cogitar a possibilidade dele dormir junto com você... Como é?

Camila: Eu não toco nesse assunto porque isso me incomoda, eu acho que assim, meus pais não se sentiriam à vontade e eu também não. Porque eu estaria dando abertura para eles falarem da minha intimidade e eu não quero. Entendeu? Então meus pais viajam, eu sei que eles vão passar três dias fora, então meu noivo vem dormir em casa comigo.

Renata: E seus pais sabem que ele vem?

Camila: Eles sabem que vem, mas não que ele dorme.

Renata: Ah tá!

Camila: Porque é assim: Ah, fulano dormiu aqui? Isto não! O que acontece é assim: Fizemos um churrasco, dormiu todo mundo, e fulano também dormiu. Aí tudo bem. Eles sabem que é assim.

Renata: Quer dizer, você sozinha com ele na casa, dormindo, você acha que ainda é um pouco difícil?

Camila: É, porque a qualquer momento meu pai pode chegar, entendeu? A qualquer momento meus pais podem chegar. Por exemplo, aconteceu uma situação há pouco tempo atrás, sei lá, um feriado que teve, meus pais foram viajar, e meu noivo foi lá para casa e falou: vou dormir com você, porque é casa.

Ela: A casa é grande, não corre risco.

Ele: Mas eu não tenho segurança de que você fique sozinha – o que é uma desculpa pra dormir em casa.

Nós fizemos um... Juntamos a turma para um *fondue* à noite. O pessoal foi embora e ele ficou. Era umas 2:00h da manhã. Quer saber, eu vou dormir. Se minha mãe chegar, chegou. Paciência. A gente estava com uns colchões na sala, dois colchões de solteiro na sala vendo TV, tudo bonitinho. No dia seguinte minha mãe ligou e perguntou: fulano está aí?

Eu: está aqui – mas assim, está aqui. Se ele dormiu ou se chegou agora, é outra situação. Ela não perguntou nada e eu também não falei. Não dei abertura para perguntar nada. Passou. E depois deste término de namoro com meu ex-namorado, eu me apeguei muito aos meus pais porque foi a maneira que eu consegui... Eu queria ir em tal lugar, meu pai me levava e me buscava, eu ainda não tinha tanta habilidade com o carro.

Renata: Hoje você dirige?

Camila: Dirijo. Eu só não pego mais o carro porque é do meu pai. Carro novo. É aquela coisa toda, sabe? Qualquer arranhado é a “vuvuzela” no meu ouvido. Então não dá certo. Pra eu evitar este tipo de coisa, meu namorado me pega e me traz. Este tipo de coisa.

Renata: Seu namorado tem carro?

Camila: Tem. Então assim, ele me pega, me traz, eu vou de ônibus, durmo fora, sabe? Eu estou vivendo...

Renata: Hoje você pode fazer isto?

Camila: Não sei se eu posso, mas eu faço.

Renata: Tá!

Camila: Né! Eu não pergunto. Digo: mãe, estou saindo. Eu comecei a conquistar meu espaço dessa maneira. Aos 26 anos, 25, 26 anos, nós fomos viajar, eu e meu noivo, fomos viajar para Porto Seguro. E minha mãe falou: Tudo bem, vão dois e voltam dois, não vão dois e voltam três.

Renata: A preocupação dela era a gravidez.

Camila: Totalmente.

Renata: Mas ela sabe que vocês têm uma vida sexual ativa embora vocês não conversem sobre isto?

Camila: Eu acho que sim, porque outro dia fui pegar uma Neosaldina pra tomar e em vez de puxar a Neosaldina, eu puxei a cartelinha de pílula.

Renata: Como assim?

Camila: Tem um saquinho!

Renata: Ah! Tem um saquinho... Da sua própria bolsa.

Camila: Eu estava no carro com ela, nós saímos, fomos até o shopping. Estava aquele sol na minha cabeça e falei assim: vou tomar um remédio.

Peguei aquela coisa de Neosaldina e ela viu a cartela que estava na frente e eu tirei. Ela me olhou. Pensei bom, não vou ficar justificando, não sei nem o que ela viu também. Passou. Se ela sabe ou se não sabe, se ela vê ou se não vê, problema dela, sabe. Eu não vou deixar de ser o que sou. Ela deve, com certeza absoluta saber por conta... De uma situação muito engraçada. Eu não sei o que estávamos conversando e ela falou assim: emprego é que nem homem. Nunca vá para a cama com o primeiro. Sempre faça-se de difícil e vá com o segundo (risos).

Renata: Qual a relação que ela fez com o emprego (risos)?

Camila: Do tipo assim... Não seja muito fácil, entendeu? E eu: hã... Hã, está bom, obrigada pela dica. Legal, valeu. Pensei: minha mãe agora anda lendo o Kamasutra, mas tudo bem (risos)! Eu pensei, olha que progresso!... Essa relação de dependência foi se estendendo por algum tempo, tanto que quando conheci meu noivo, nós saíamos e eu voltava de madrugada. Minha mãe começou: mas de madrugada? Isso é horário? E não sei o que lá, e aquela coisa toda.

Renata: Quanto tempo você ficou sozinha? Desculpe te interromper.

Camila: Imagina! Sozinha mesmo fiquei dos vinte aos vinte e cinco.

Renata: Faz seis anos que você está com este noivo. Você terminou com vinte, então o período que você ficou sozinha...

Camila: Sozinha, mas beijava na boca. Eu ficava com um cara, com umas pessoas na faculdade. Nesse meio tempo eu encontrei um homem, um cara já dos seus... Vinte e dois... Vinte e oito... Um cara dezoito anos mais velho do que eu, né!

Renata: Hã... Hã.

Camila: Não é, papai vai bem, obrigada (risos)!

Renata: Você acha isto?

Camila: Total, Renata, total (risos). Que aconteceu? Eu estava na faculdade e eu tinha tido muitas perdas, no segundo ano de faculdade tinha perdido meu avô materno, eu tinha presenciado minha mãe ser assaltada na minha frente. Ela transportava crianças... E na nossa garagem não cabia o carro. Tinha um carro que ela trabalhava e outro carro de passeio e não cabiam os dois. Então o que ela fez, ela guardava o carro que trabalhava na garagem de uma vizinha nossa que ficava a 30 metros mais ou menos...

Renata: Pertinho...

Camila: Eu estava saindo de manhã pra faculdade e era horário de verão ainda e o que aconteceu? A rua estava totalmente vazia, justo naquele dia a rua estava vazia.

A minha rua é sem saída, só que da garagem onde ela estava, dava saída para a rua de baixo. O cara veio, armado... Enquanto ela fechava o portão, o cara veio e subiu. A hora em que ela virou para entrar no carro, o cara apontou a arma e levou o carro. Então assim... Pra mim aquilo foi um... Meu Deus, o que é que está acontecendo? A hora em que eu me dei conta já tinham levado o carro. Foi um chama polícia, chama não sei quem... Meu irmão estava saindo para o serviço. Eu comecei a fazer um escândalo na rua, porque eu sou um pouco escandalosa... Na hora em que o “negócio ferve”, eu não tenho controle de nada. Eu comecei a fazer um escândalo na rua e chamamos a polícia e tudo o mais. Nesse meio tempo, nesse ano eu fiquei... Eu nunca tinha pegado DP na faculdade. No primeiro ano de faculdade eu passei em todas, tudo bonitinho. No segundo ano, eu peguei assim, 4 DPs de uma vez. O emocional foi... Eu nem conseguia trabalhar com nada, sabe? Peguei DP... Num dia antes de acontecer esse assalto, eu fui entregar currículo numas empresas na... Lá na Paulista. No dia do assalto me ligaram para começar no dia seguinte. Eu pensei: ai meu Deus do céu, eu preciso trabalhar, como eu vou trabalhar... Estou com medo de sair na rua, gente. Estava tudo muito recente, perdi namorado, perdi meu avô, minha mãe foi assaltada, peguei DP na faculdade, o que mais vai acontecer? O cachorro da vizinha vai morrer agora também?... Bom, vamos lá, Camila, respira fundo e vamos, emagreci seis quilos em uma semana.

Renata: Nossa!

Camila: E nesse meio tempo eu conheci esse rapaz, esse homem, ele trabalhava na faculdade, no laboratório de informática, eu estudava de manhã e na hora em que eu saía das aulas, da última aula, era por volta de umas 11:30h, eu almoçava na faculdade, porque eu levava marmita. Eu almoçava na faculdade e depois eu ia trabalhar e nós fomos nos conhecendo e, conversa vai, conversa vem. Ele era divorciado, tem duas filhas, a filha mais velha tem uns vinte e cinco, vinte e seis anos, era uns cinco ou seis anos mais nova que eu. Eu tinha uma coisa na época com meu pai, eu via meu pai chegar perto da minha mãe e eu queria voar nele, sabe aquela coisa de complexo de Édipo mal resolvido...

Renata: Você com vinte e...?

Camila: Vinte e dois anos. Foi por isto que fui buscar terapia mega urgente, para ontem. Pensei: pago um milhão de reais, mas me ajuda pelo amor de Deus. Estava tudo muito... Falei, gente, o que eu faço? Sento e compro uma bicicleta, sento e choro? Tinha dia que eu entrava no metrô, o povo devia pensar que eu era louca, colocava óculos escuros e ia chorando. Chorava, chorava, chorava, porque eu não sei, mas eu chorava.

Renata: Você não consegue responder o porquê ainda...

Camila: Era muita coisa, Rê. Eu não conseguia. Não tinha trabalhado ainda a perda do meu avô...

Renata: Perda do namorado, perda do vô... Quer dizer, motivos tinham...

Camila: Era só perda!

Renata: Exatamente! Eu acho que você consegue nomear muito bem.

Camila: Hoje eu falo: eu fui muito forte, minha mãe foi assaltada num dia e comecei a trabalhar no dia seguinte. Eu pensava: preciso ajudar meu pai pagar a faculdade. Tenho que ajudar o meu pai a pagar faculdade. Detalhe, eu sempre fui cobrada de tudo, até do que eu respiro. Hoje em dia que aperto o botão, dane-se, aberto o botão, dane-se. Eu vou fazer o que vou fazer. O que pensam, o que falam, o que vão falar é problema de cada um.

Renata: Você acha que é no sentido de ter que dar satisfação, explicar?

Camila: Hoje eu melhorei muito. Porque assim, eu penso, quem paga minhas contas? Sou eu. Mesmo desempregada? Sempre fui eu. Então os únicos que têm o direito de palpar para positivo ou não, são meus pais. Passou disso, não me enche o saco.

Renata: Entendi.

Camila: Eu tenho quantas mães? É uma. Ela já faz o serviço dela muito bem feito. Não vem querer me encher o saco não! Eu tive que ser, de certa forma, agressiva para eu conseguir conquistar respeito, conquistar um espaço, conquistar respeito em casa e por todos, na verdade. Tanto que até hoje o meu irmão olha pra mim e diz: Ah... você... E eu: o quê? Algum problema?

Renata: Hoje você responde.

Camila: Hoje vamos de igual pra igual. Há algum problema? Se tem vamos resolver agora. Vamos chamar para a briga. E meu pai endeusa meu irmão.

Renata: O seu pai e sua mãe?

Camila: Aliás, meu pai, minha mãe, a família, a torcida do Corinthians e o mundo inteiro (risos). Talvez, algumas coisas que eu sempre tentei fazer, na verdade eu fazia mais assim... Alguém olha pra mim, por favor? Levantar a bandeirinha. Será que alguém pode olhar para mim?

Renata: Você vê suas atitudes como algo para chamar a atenção?

Camila: Não hoje! Hoje vejo que não é por aí. Quando faço, faço porque quero. Fazer para mostrar aos outros? Não preciso, obrigada. Mas até uns vinte e dois, vinte e três anos, eu fazia. Tanto que quando comecei a namorar esse cara bem mais velho que eu, minha mãe quase me prendeu em casa. Te juro por Deus! Ela não estava errada, porque a preocupação dela era a de ser mais um cara que vai chegar, vai aproveitar da situação. O cara era operado, não podia mais ter filhos. Ele teve os problemas no casamento, se separou. Mas eu precisava de alguém que me ouvisse, alguém que olhasse para mim, alguém me desse carinho, alguém me beijasse, me abraçasse. Se ele fazia papel de pai, de mãe, família inteira, eu não sei, mas naquele momento era alguém que me dava este suporte.

Renata: Te ouvia...

Camila: Alguém que me ouvia. Tanto que na terapia, uma vez, eu falei para a minha ex-terapeuta: eu estou namorando.

Ela falou: nossa, com essa cara de felicidade que você está. Uma cara de quem morreu, uma cara de velório... É mesmo! Quantos anos ele tem?

Eu: 40!

Ela: Ah tá. E aí?

Depois que eu consegui... Na verdade eu não consegui nada com ele. Quando eu comecei a perceber... Ele fazia faculdade. Ele perdeu o emprego. Ele começou a se enfiar em dívidas para poder pagar a faculdade. Então, o que eu fazia? Eu ajudava, muito camufladamente, a pagar a faculdade... Não pagar a faculdade... Mas por exemplo, se num mês ele precisava de R\$200,00 eu ia lá e emprestava. Mas emprestava mesmo, porque depois ele me devolvia... E eu menti para minha mãe, para os meus pais. Nós nos conhecemos em maio. Quando chegou as férias, não nos encontrávamos mais por conta do tempo. E minha mãe: você vai terminar com este cara.

Minha mãe tinha um medo muito grande, porque foi na época em que se começou a falar sobre pedofilia, sobre abuso... Matar, morrer, jogar.

Minha mãe: você vai terminar com este cara.

Eu falei: está bom. Eu vou terminar. Se é a sua vontade que eu termine, eu vou terminar – pensei, eu vou terminar para ela, pra mim eu não vou terminar. Alguém tem que me ouvir. De algum lugar eu tenho que extravazar minha raiva e tudo que eu estou sentindo.

Eu pensei: não é só de terapia que eu preciso. Eu preciso sair, sabe? Eu preciso... As pessoas precisam parar de achar que eu sou nenê. Eu não sou mais assim!... Bom teve um dia que eu cheguei em casa e falei: Terminei.

Ela: o que é que você falou pra ele?

Eu: O que eu falei... Não interessa o que eu falei. Além de eu terminar, você quer saber o que eu falei. Quer saber o tipo de sangue e o RG dele também?...

Bom, e a gente se encontrava às escondidas, literalmente. Eu me sentia a adolescente... Com o primeiro namoradinho, que já não era mais o primeiro (risos)... Foi o primeiro cara que me levou num motel... Teve um dia que ele foi me deixar perto de casa e eu entrei em pânico.

Falei: pelo amor de Deus, você pára o carro aqui – eu tinha a sensação de que a minha mãe estava do meu lado.

Eu: Pára o carro, pára o carro, pára o carro...

Quando eu conheci meu namorado... Eu falei: agora é a chance – eu não conseguia terminar com ele. Com este cara.

Renata: Você estava com este mais velho e conheceu outro...

Camila: Eu tinha uma relação... Eu comecei a criar uma relação de dependência emocional. Como eu não conseguia me aproximar, literalmente, do meu pai, eu me aproximava dele. Era aquela coisa assim, como é que é transar com meu pai? Ah, era isto! Então está bom! Eu ia lá, transava com o cara e pronto. Como é que é beijar meu pai? É mais ou menos isso? Pensei, nossa que coisa podre estou fazendo, vou para a terapia.

Renata: Você via nele seu pai?

Camila: Total, total, total. Eu preciso fazer este exercício... Eu tinha uma dificuldade enorme de olhar para meu pai e ver o meu pai. O meu pai é meu pai, gente. Ele é meu pai!

Renata: Você o via como?

Camila: Na verdade eu via minha mãe como minha rival. Eu sempre cresci ouvindo que sexo era coisa de adulto, sexo não podia ser feito, era uma coisa feia, só podia ser feito depois do casamento, era uma coisa de adulto... Só que por que de tudo isto? Eu sempre ouvi que tinha isto, mas por que, explicar e tudo o mais, eu não... Pra mim...

Renata: Ninguém te falou.

Camila: Nunca ninguém me falou. Nunca vi cena nenhuma, meus pais sempre foram super discretos neste sentido e tudo o mais. Só que um belo dia, eu cheguei da rua, estava tomando banho e... O quarto da minha mãe não é suíte, o quarto dos meus pais é geminado com o banheiro. Meus pais nunca foram de fechar a porta para dormir. Naquele dia a porta estava fechada, e na hora em que eu saí, eu escutei um barulhinho, encostei o ouvido na parede e escutei a minha mãe, uns aí está gostoso. Eu falei: ah então é isto!

Renata: Mas você já sabia o que era ter uma relação, o que era transar, etc.?

Camila: Sim, sim. Eu nunca tinha feito, mas já sabia.

Renata: Isto foi antes da sua primeira relação?

Camila: Não, eu já tinha feito sim. Eu já tinha feito. Foi logo que aconteceu comigo. Foi uns três ou quatro meses depois que aconteceu comigo. Eu ouvi. Ficou aquela coisa estranha. Mas, minha mãe também faz isso? Por que ela pode e eu não posso? Mas... Porque ela pode e eu não posso. E foi indo assim... Com este cara mais velho... Meu pai não sabe, literalmente, o que é chegar e abraçar, dar um beijo carinhoso num filho. Tanto que eu chego pra ele e falo: vem cá meu "jabulâninho", vem aqui que vou te abraçar, vem aqui minha criancinha... Ele é meio gordinho. Hoje está muito diferente a relação. Ele se encolhe todo porque para ele contato entre homem e mulher é para sexo, entendeu?

Renata: Entendi.

Camila: Consegui descobrir isso na terapia. Mais uma estrelinha, viu (risos).

Renata: Você descobriu que para ele qualquer aproximação homem-mulher é para isto.

Camila: Exatamente. Minha mãe beija, abraça todo mundo, não tem terror com ela. Meu pai, já fica meio assim... Eu comecei a projetar neste homem... Comecei a ver meu pai nesse homem. Tanto que teve um dia, que eu precisava fazer alguma coisa diferente. Eu precisava chegar e abraçar meu pai, e falar: ele é meu pai. Fui fazendo esse exercício. Era como matar um leão por dia para comer a carne. Ficava fazendo

este exercício, repetindo este exercício. Estava indo três vezes por semana na terapia porque estava muito intenso, muito forte.

Renata: Você acha que de fato você queria seu pai para você?

Camila: Não queria carnalmente, mas eu precisava, emocionalmente, de alguém para me olhar. Poxa, até... Eu olhava as fotos e via que quando eu tinha cinco ou sei anos eu sentava no colo do meu pai, meu pai brincava comigo... Quando eu usava berço, meu pai entrava no meu berço para brincar comigo, e por que agora ele não me abraça? O que está acontecendo? Eu me sentia rejeitada. Total!... Ligava para minha terapeuta desesperada, pelo amor de Deus, eu preciso de você, me atenda. Aquela coisa assim... Teve um dia que surtei. Meus Deus, o que está acontecendo comigo? Meu Jesus amado. Toma conta, senhor.

Renata: Por que você acha que surtou?

Camila: Porque assim... Meu pai veio falar comigo... Minha mãe veio falar comigo, chamar a atenção por alguma coisa que não fiz, eu não sei o que é que foi e meu pai veio confirmar o que ela estava dizendo, sempre apontando o dedo. Me senti uma formiguinha perto de dois elefantes. Teve uma hora que eu falei assim: então, vocês querem saber, eu me sinto rejeitada aqui dentro – nossa, agora que eles me expulsam de casa.

Eu: Me sinto rejeitada, vocês só falam no Fábio, tudo é o Fábio, o Fábio é a vida de vocês, e eu sou o quê? Sou um zero a esquerda? Continuo sendo o patinho feio na lagoa, até quando vai ser isso?

Em questão de fração de segundo me veio à cabeça: até quando eu me permitir viver esse papel. A hora que eu deixar esse papel de lado as coisas vão mudar. Não adianta eu querer que as pessoas me respeitem, me amem, se não faço isso comigo.

Renata: Muito bem...

Camila: A partir daí... As roupas que eu usava, Rê, nossa... Eu tinha vinte anos, vinte e dois anos... Eu parecia que tinha 50. Eu comecei a me maquiar... Hoje tenho consciência disso, entrei numa depressão profunda. Acho que por tudo que eu...

Renata: Por essa somatória de acontecimentos...

Camila: Por tudo, por tudo. Para variar, na faculdade eu ouvi a professora de psicanálise, ela era uma japonesa, uma psicanalista fortíssima, Freud do começo ao fim, dizendo que quando a mãe não quer o filho, a mãe faz tudo para abortar, a mãe cai da escada... Quando ela falou caiu da escada, eu liguei, sabe? Pronto, minha mãe caiu da escada, minha mãe não me quis.

Renata: Você fez um link por sua conta.

Camila: Influenciou um pouco. Pensei: socorro. Onde eu vou parar? Que o mundo acabe amanhã para eu morrer em barrancos chorando.

Renata: Quer dizer, você achou que daquela fala você amarrou toda a explicação pelo por que da sua vida ser desse jeito.

Camila: Exatamente. Montei um quebra cabeça, fui para a terapia. Conversa daqui, conversa dali... Quando eu conheci... Quando foi em agosto de 2004, não, em julho, quando entrou as férias da faculdade decidi que não queria mais esse cara mais velho, não quero mais ficar com ele, eu decidi por conta e risco, eu não preciso ficar com ele. Ele não é o último cara do mundo. Comecei a brincar com algumas amigas, preciso de um namorado, preciso de um namorado. Sempre a minha questão de namorado, eu preciso de afetividade, não só beijar na boca e transar, eu preciso de alguém para me ouvir, me sentia muito sozinha. Era trabalhar, ir para a faculdade e casa. Trabalhar, faculdade e casa.

Renata: Trabalhando no RH...

Camila: É... E falei: bom, não quero mais este cara na minha vida. Não nos encontrávamos com frequência, pois como ele tinha as filhas... Da mesma forma que era escondido da minha família era escondido para as filhas. Ele era separado e morava na casa com os pais e duas irmãs. E uma das irmãs tinha uma filha adolescente. A família... Onde ele morava, todo mundo sabia. Eu ia pra lá e tudo o mais, mas as filhas não podiam saber. E... Quando eu conheci o meu noivo pensei: quer saber de uma coisa, é agora, é o momento, Camila, é o momento da sua vida, você vai pegar a tábua de salvação da sua vida (risos)... Que espero que um dia nunca afunde, mas... É a tábua de salvação (risos).

Eu falei: bom, se vai dar certo não sei, mas preciso tentar.

Minha terapeuta: vai, arrisca, vai, você consegue.

Nos saímos para o aniversário de uma amiga nossa e quando foi me deixar em casa demos o primeiro beijo e aquela coisa toda. Pensei, bom, preciso resolver essa situação, preciso dispensar a pizza. Liguei para o cara no dia seguinte... Foi... Liguei pra ele no dia seguinte e: vamos fazer alguma coisa?... E falei que precisava conversar, e ele falou que não ia dar. Na semana seguinte foi eleição e ele me ligou: estou te esperando aqui na Vila Mariana.

Eu: por quê?

Ele: pra aliviar o estresse – aliviar o estresse para ele era me levar para o motel.

Eu: então, vamos fazer uma coisa, vai aliviar o seu estresse com outra pessoa porque eu não te quero mais.

Ele: como assim?

Eu: como assim digo eu... Você paga bem? Se pagar bem não tem problema (risos).

Eu não sou garotinha de programa não, tá querido?! Então, não quero mais, agora chega.

Renata: Por telefone...

Camila: É, tudo por telefone.

Ele: Então vamos nos encontrar.

Eu: Não quero! Não vou. Chega. Acabou.

Tudo que estava entalado foi... Fiquei acho que umas três horas no telefone.

Renata: Falou tudo...

Camila: Tinha emprestado uns materiais... A sobrinha dele que queria fazer psicologia.

Renata: Você fez psicologia onde?

Camila: Na Paulistana. É onde ele trabalhava.

Ele: mas e os papéis que estão com a minha sobrinha?

Eu: depois você manda por Sedex. Chega!

Renata: Cortou...

Camila: Cortou... Acabou. Não quero mais. Ele ficou me ligando, tentando voltar por um bom tempo... Tem seis anos que estou junto com o meu noivo... Durante uns dois anos ele ficou tentando, insistindo, insistindo.

Renata: Se aproximar de novo, te ligar...

Camila: Ele veio com um papo de que... De... Que ele precisava... Como eu trabalhava com RH, ele queria mandar currículo pra mim.

Eu falei: Então, *e-mail* já existe. Manda por e-mail que eu olho (risos). *Hello!?*

Renata: Talvez ele não tivesse entendido que você realmente havia posto um ponto final ali...

Camila: Eu até poderia, talvez, continuar com certa amizade, mas não quis mais nada. Não é uma coisa saudável, não foi uma pessoa que me fez crescer, nada, ele serviu só para transar, mais nada. Como diz uma amiga minha, ele foi PA, pinto amigo (risos).

Aponta para o gravador e diz.

Camila: Meu Deus, desculpa (risos)!

Renata: Imagina... Não se preocupe com isto.

Camila: Passou... Quando conheci meu namorado, eu mudei completamente, tanto que nos conhecemos numa sexta, não, num sábado e na semana seguinte eu tinha terapia. Oba! Terapia! Eu preciso ir para a terapia.

Renata: Para contar...

Camila: Para contar, alguém precisa me ouvir.

Renata: Sua mãe e seu pai não...

Camila: Na época eu falei pra minha mãe: Mãe, fulano vai começar frequentar aqui em casa. Ela deu uma risadinha e disse: Nossa, está de namorado novo, que legal.

Renata: Então eles acompanharam toda esta sua aproximação...

Camila: Sim, com esse pôde (risos).

Renata: Com este pôde... Este não era mais velho...

Camila: Não...

Renata: Então ela sabe que vocês têm uma relação começada faz tempo.

Camila: Sabe, sabe. E foi engraçado, porque quando nos conhecemos comecei mudar muita coisa, o jeito de vestir, o jeito de andar, tudo, tudo. Eu cheguei na terapia e falei: Estou namorando.

A terapeuta: agora você está namorando, agora você é a Camila, agora você está fazendo terapia. Depois de muito tempo... Agora você está namorando de fato. Conta tudo.

A terapia que demorava uma hora, durou 2:15h, Renata.

Eu: Então, eu pago, não tem problema.

Naquele dia extrapolei totalmente. Eu preciso de alguém que me veja, me ouça, me veja. Pelo amor de Deus, olha pra mim. Fala que eu estou ridícula, que eu estou feia, mas fala alguma coisa. E foi indo, Rê... Um pouquinho do resumo de tudo é que sempre me senti muito sozinha. Sozinha assim... Tenho pai... Mãe... Irmão... Família, mas quem olhava para mim? Porque hoje me olho, hoje me vejo, hoje sei que eles me olham, sei que eles me veem, talvez, como ainda uma menininha. Talvez seja um pouco difícil... A Camila cresceu... A Camila hoje é psicóloga, hoje ela é profissional.

Renata: Você acha que ainda é difícil isso?

Camila: Um pouquinho. Um pouquinho. Para minha mãe, talvez, um pouquinho. Minha mãe tenta do jeito dela, da forma dela, talvez até discreta, ela tenta cuidar um pouco.

Renata: Como assim?

Camila: Ela começou a perceber que, em alguns momentos, ela poderia ter dado colo, que... Foi um momento... Como no término com meu ex-namorado, que ela poderia ter me dado um pouco de colo e não fez isso.

Renata: Você acha que hoje ela consegue dar conta disso?

Camila: Hoje ela consegue. Mas é porque eu me mostrei... Eu tive que crescer de uma forma muito radical, ou eu cresço, ou eu cresço. Quando eu estava com esse cara mais velho, eu comecei, de certa forma a ficar com ele... Quando eu ia embora eu pensava: por que eu estou com ele? Eu não gosto dele!

Renata: Você sabia disto...

Camila: Eu tinha muito claro pra mim: não gosto dele, não quero ficar com ele, imagina... Eu vou ter quarenta e ele sessenta anos, não quero isto... Mas eu preciso enxergar nele alguma coisa que ainda não vi... Com as saídas... Quando comecei fazer pós... Com as saídas de uma empresa para outra...

Meu pai falava: eu pago a pós.

Eu falava: não, vou deixar de fazer unha, de fazer um monte de coisas, mas eu vou pagar a pós. Eu vou pagar.

Era o momento que eu tinha de mostrar que eu estava crescendo, sabe?... Fiz uma análise comigo: Talvez este momento seja um pouco tarde. Eu tinha vinte e nove para trinta, talvez fosse um pouco tardio, porque tem muitas pessoas da minha idade que já são totalmente independentes, mas, também eu fui muito cobrada, eu sempre me senti muito cobrada minha vida inteira.

Eu pensei: espera aí, por que eu vou continuar me cobrando? Se eu quero me livrar disso, vou fazer no meu tempo, eu não vou fazer para mostrar para as pessoas que eu estou fazendo. Quando fui prestar vestibular para a graduação todo mundo falava faz USP, faz isso, faz aquilo.

Eu pensei: vou fazer o que eu quiser. Vou fazer USP para fazer bonito para todo mundo? Não. Vou fazer o que eu quiser. Vou trabalhar de sábado, vou trabalhar de domingo, não importa, mas vou dar um jeito de pagar a faculdade, sabe? Com a pós foi a mesma coisa... Depois que eu terminei a faculdade, trabalhei numa empresa na área da saúde por dois anos e meio, quando eu saí, recebi a rescisão, tudo certinho e guardei, o que é uma parte da minha economia. Fiz a pós e tudo, e muitos tombos que eu tive, eu ia lá, pegava o dinheiro para pagar a pós e mais nada. Minha primeira prioridade era a pós.

Renata: E sua família, seus pais te ajudavam?

Camila: Não necessariamente. Minha mãe me ajudava, não financeiramente, ela ia me buscar na faculdade porque era à noite. Para voltar à pé para minha casa é perigoso. Eu não gosto, tenho medo. Quando minha mãe viajava e tinha aula eu pegava um táxi. Eu dividia carona com uma colega.

Ela me ajudou muito emocionalmente: Vai minha filha, vai lá e faz, se você não conseguir pagar eu te ajudo.

Mas eu pensava assim: bom, se até agora eu não precisei deles, se eu estou conseguindo me desvencilhar deles financeiramente, não quero ter recaída. Porque se eu tivesse uma recaída, seria um motivo a mais pra... Não a Camila... A Camila é a coitadinha, a Camila depende da gente, a Camila não consegue pagar as contas dela. Tudo é motivo para tudo.

Renata: Então Camila, só para eu entender, você começou a trabalhar na faculdade... Na graduação...

Camila: Não, na verdade eu comecei a trabalhar, eu tinha uns dezesseis anos...

Renata: Dezesseis...

Camila: Fazendo bicos, fazendo recepção, shopping, qualquer coisa assim, pra eu ter um dinheirinho.

Renata: Esse dinheirinho era para você manter suas coisas?

Camila: Como eu era menor, não tinha o colegial completo, eu sempre pegava serviço temporário para garantir o presentinho do final do ano para sei lá eu quem, para garantir uma roupinha melhor no final do ano. Sempre procurei muito isso. Quando tive a oportunidade, que foi quando roubaram o carro da minha mãe, de

trabalhar registrada, eu pensei: agora vai. Sofri, penei, chorava que nem uma louca, como uma condenada, porque... Eu estava muito acostumada à minha mãe fazer as coisas por mim, eu começava a fazer e minha mãe ia lá e me ajudava. No serviço não, o chefe manda e você tem que fazer, tem prazo para fazer; se não fez, por quê? Você vai ter que prestar contas. Qualquer coisa que acontecesse... Então eu tive que crescer muito rápido e não deu tempo para digerir tudo.

Renata: Você acha que na sua casa você ainda tinha alguns mimos que em outro ambiente você passou a não ter mais?

Camila: Total, total.

Renata: E quando você estava falando, você comentou: eu entrei na vida adulta. O que você acha que é essa vida?

Camila: Eu considero a vida adulta assim... Você não depender, em nenhum momento, de pai e mãe para algumas coisas. Hoje considero vida adulta uma pessoa que tem independência financeira, que é o que tenho hoje, ela não necessariamente... Não precisa morar no mesmo teto com os pais, com a família, ela pode ter um canto dela, ela tem... Não necessariamente precisa ter um carro, mas ela tem um salário e tem uma... Ela responde por tudo aquilo que ela faz.

Renata: Você se vê assim...

Camila: Hoje me vejo assim. Hoje me vejo trabalhando, se precisar trabalhar de domingo vou feliz e contente, se precisar trabalhar vinte horas por dia, vou trabalhar, vou com gosto. Se precisar vou trabalhar, mas coloco meus limites: hoje estou cansada. Teve um feriado que dispensei meus pacientes no final de semana e falei: olha, estou cansada, também sou filha de Deus e preciso descansar, preciso estar inteira aqui para atender, se não? Não dá. Fui viajar. Fui para Campos do Jordão com meu noivo e amigos e descansei bastante, sabe? Hoje eu vejo que eu não preciso mais ficar assim... Mãe, posso ir em tal lugar?... Não preciso pedir as coisas... Da mesma forma que eu: mãe, estou fazendo, estou indo lá. Mas por que eu faço isto? Porque eu tenho consciência das consequências que podem acontecer e eu vou responder por elas.

Renata: Entendi.

Camila: Então, talvez fosse esse o medo dos meus pais, que com meu crescimento... Por conta de não saber se eu ia dar conta de responder por tudo. Será que ela dá conta? Será que ela vai conseguir? Será que não sei o quê? Será que?... Tudo será?... Gente, dá um voto de confiança para mim.

Renata: Você já me falou que daqui a um ano e meio você pretende estar com sua vida organizada, já estar morando num lugar seu...

Camila: Total...

Renata: Não sei se esse plano é carreira solo ou é com alguém...

Camila: A intenção é que seja com meu noivo, mas, Rê, hoje estou muito mais “pé no chão”. Eu penso assim: eu tenho, literalmente, vontade de morar com ele, não sei se casar, morar junto, não sei. Se isso for para ser daqui mais algum tempo... Mas eu tenho vontade de ter a experiência de morar sozinha.

Renata: Você tem vontade de morar sozinha.

Camila: Tenho. Por um lado eu fico preocupada, porque é assim, eu chego em casa e brinco com minha mãe: vem cá minha nenezinha, minha criancinha.

Renata: Quem fala o quê para quem?

Camila: Eu falo para minha mãe.

Renata: Você fala para sua mãe.

Camila: Uma vez ela falou: porque meu bebê.

Eu: meu bebê não, já cresci faz tempo, eu já passei desta fase.

Renata: Então agora quem virou bebê foi você (referindo-me à mãe)...

Camila: Porque eu gosto de cuidar, eu me sinto bem fazendo isto por ela, embora ela não possa me dar... Enfim, o que eu esperava. Se eu posso fazer isto por ela, não tem problema nenhum. Eu: ei minha bebezinha, minha criança.

Brinco com ela... Se eu tiver morando sozinha. Eu vou... Eu sei que se eu chegar em casa e não tiver ninguém, vou ver TV, mas a TV vai me enjoar, vou para o telefone, porque me sinto muito sozinha. Tem hora que eu gosto de ficar sozinha e penso: que delícia, vou tomar um banho, ascender um incenso, tomar um vinho, ler um livro, que delícia, tudo de bom... Tem dia que penso: que tédio. Pego o carro e saio... Ligo para um, ligo para outro. Tem aqueles picos... Supernormal. Mas tenho vontade de ter essa experiência, ter meu canto, organizar as coisas como eu gosto, sabe? Não ficar só nas regras da minha mãe pra organizar.

Renata: Você ainda tem regras a cumprir na sua casa?

Camila: Então, minha mãe é muito do jeito que... tudo tem que ser feito naquele momento e antes ela fazia, pedia pra eu fazer. Eu fazia e não estava bom, tinha que ser do jeito dela. Teve um dia que eu falei: vamos combinar uma coisa? Ou você me deixa fazer ou você faz. Porque eu sei fazer do meu jeito e você sabe do seu. Não significa que um ou outro esteja errado. Você me ensinou e eu aprendi. Confia no que você me ensinou e eu vou confiar no que eu estou fazendo... Morreu o assunto.

Renata: E depois desse dia?

Camila: Ela pede: faz o arroz? – mas fica de olho.

Eu falo: mãe, quem está fazendo, eu ou você?

Eu comecei a podar algumas coisas. Meus pais não aceitam muito que eu... Que eu batia muito de frente com meu irmão. Quando meu irmão saiu de casa. A situação que eu te falei do domingo do dia dos pais.

Renata: Do lavar a louça e...

Camila: Meu pai não aceita muito isto. Porque é o Fábio, porque é o Fábio... Teve uma época em casa, em 2005, que estávamos os três desempregados: eu, meu pai e minha mãe. Minha mãe já era aposentada e meu pai também era. Só que a gente estava com uma dívida alta, porque como roubaram o carro da minha mãe há uns anos atrás... O que aconteceu? Meu pai... Eu e meu irmão estávamos na faculdade, eu no começo e meu irmão terminando, só que ia pagar com o quê?... E meu pai pediu um empréstimo no banco, altíssimo e... Meu irmão depois de um tempo emprestou um dinheiro para o meu pai quitar esta dívida no banco. Meu irmão virou o deus em casa.

Renata: Porque ajudou a quitar esta dívida.

Camila: Exatamente. Então muitas coisas que houve, que minha mãe comenta... Porque o Fábio, porque o Fábio...

Renata: Você acha que ele é visto como o “salvador da pátria”?

Camila: Mais ou menos. Mesmo ele estando casado, com a esposa dele. Ele ainda é visto assim... Tudo bem. Tudo bem e ao mesmo tempo não está tudo bem. Porque eu também gostaria de ter este sentimento.

Renata: De ser vista assim.

Camila: Mas eu falo que se meus pais não podem me ver assim agora, as coisas acabam acontecendo de outra maneira, o mercado me reconhece... Estou com consultório, estou dando aula à noite... Cada vez que ligam oferecendo aula eu pego, sabe? Vou sim. Outro dia meu noivo fez um comentário muito estúpido que paguei na mesma moeda...

Ele falou: o que você fez para te oferecerem aula?

Eu respondi: não fiz nada. Eu sou uma boa profissional, a diferença está aí. Se você não confia no seu taco, meu filho, eu confio no meu, mais as bolas juntas (risos)...

Rê, sabe?! Agora sim, eu vou ser bem irônica: se fui pobre não me lembro, se fui rica me roubaram (risos).

Renata: Esta também é boa (risos).

Camila: Então são coisas que... A minha relação atual me ensinou muita coisa, sabe? Eu me sinto fortalecida, hoje, para olhar para qualquer pessoa e dizer: eu sim, por que eu não? Outro dia teve... Foi interessante... Eu estava lá no consultório e passei um cafezinho. Ontem, foi ontem de manhã... É, passei um cafezinho e esta minha ex-terapeuta, a gente virou colega, comentou: nossa, seu café é maravilhoso. Eu falei: muito obrigada. Não é porque eu faço, quer dizer, é porque eu faço sim. Se fosse outra pessoa, não ficaria tão bom.

Eu me vejo assim... Há dois anos atrás, na pós, às vezes meu noivo me ligava e falava que ia sair. Eu ficava louca, ensandecida. Como assim? Eu estou aqui... Me esforçando na faculdade e tudo o mais enquanto ele está aproveitando. No fundo, no fundo é assim: por que eu não me permito fazer o que ele está fazendo?

Renata: Você acha que tinha vontade de estar lá, naquele lugar?

Camila: Não, não. Não necessariamente naquele momento, entendeu? Mas muitas vezes eu deixei de fazer as coisas pensando no que os outros iriam pensar. Hoje não. Se quero sair, eu vou sair. Vou de ônibus, vou a pé, mas vou. Vou medir o que posso, o que não posso, sabe? E hoje eu estou ao contrário. Mas um dia ele vai dar valor pra mim. Um dia ele vai me valorizar tanto, mas ao ponto dele pedir para eu não deixá-lo e ao ponto de... É... De ele sentir realmente a perda... O que é realmente perder uma pessoa. Ele vai me valorizar e eu vou fazer por onde... Teve um dado momento da... Não no final da pós... Eu cheguei em casa... A gente passou por uma situação difícil no final do ano passado... Eu tive um primo que se envolveu com drogas e foi preso. E minha mãe, mais uma vez, estava extremamente triste, preocupada porque era da família... Pensei: o que eu posso fazer? O problema é dele, está pagando pelos erros... Como diz minha terapeuta: Camila você é muito boa, mas quando é ruim, você é melhor ainda (risos)... Pensei: ele foi preso? Senti, chorei... Porque não precisava disto, mas o que é que eu posso fazer? Cada um com seus problemas.

Renata: A vida era dele...

Camila: E cada um no seu quadrado... Depois foi solto, no final do ano passado. Cheguei em casa toda contente e falei: Mãe, acabei! (referindo-se à pós). Do jeito que ela estava fazendo crochê continuou. Eu fui pro quarto e comecei chorar. Chorei, chorei, chorei, chorei...

Meu namorado ligou e perguntou: O que é que aconteceu?

Eu falei: pra variar, mais uma vez, eu falo as coisas e ninguém me ouve, pra variar, mais uma vez eu sou colocada de lado, um dia na vida vou pegar a senha e vou para o final da fila, algum dia na vida, quem sabe alguém vai me olhar...

Ele: olha como você é forte – eu chorei mais ainda. Eu chorava, chorava, chorava. O que será, que será, será... Isso foi em março, não, foi em julho quando terminei a pós. No final daquela semana minha ex-gerente ligou e me dispensou do serviço... No final daquela semana, naquele mês descobri que minha sogra estava com câncer... Falei ai meu Deus, tudo de novo. Eu falei, Camila, é pra gente pensar. Chora tudo! Eu determinei, resolvi me dar um prazo, chorei três dias, chorei, chorei, chorei, não queria ir à terapia, fiquei um mês sem ir pra terapia, falei, eu não quero nada, não quero ninguém, não olha pra minha cara, não olha, não me irrita... Veio tudo à tona, veio aquela época em que eu perdi meu avô e tudo aquilo que eu não tinha...

Renata: Todas aquelas perdas... Elas reapareceram, você acha?

Camila: Tudo de novo, tudo de novo, Rê. Aquela coisa assim... Três dias... Eu falei assim: agora chega... Fui indo, trabalhando isto em mim...

Liguei pro meu namorado e falei: Bom, o que é que você precisa de mim? O que você quer que eu faça? No que eu posso te ajudar? ...

Eu já estava assim, com três ou quatro pacientes..Eu desmarquei o paciente de um dia para o outro. Fui para o hospital, dormi com a mãe dele. A mãe dele teve um problema muito sério, além do câncer de tórax, não sei, ela teve uma anemia muito forte, ela pesava sessenta quilos e passou a pesar trinta quilos...

Renata: Nossa... Estava pele e osso...

Camila: Estava pele e osso total, total. Eu tinha medo de ajudá-la tomar banho, porque se eu encostasse o dedo nela, quebrava.

Renata: E você teve que ajudar?

Camila: Eu ajudei porque ela estava muito debilitada. Ela não conseguia pegar um copo de plástico.

Renata: Ela não tinha força...

Camila: Nenhuma! A anemia foi tão forte que ela não tinha força nenhuma. Minha cunhada...

Renata: E a Camila teve de ter...

Camila: Eu resgatei do oceano... Não sei de onde tirei... Não sei. Minha cunhada na faculdade, com apresentação de trabalho, de um monte de coisas, se ela não apresentasse repetia tudo, perdia. Eu pensei: e aí? É hora de a gente sentar, sentar e pensar. Deixa pra chorar depois.

Renata: Você chorou depois?

Camila: Chorei tudo, tudo e mais um pouco, Rê, tudo e mais um pouco. Crise no relacionamento, comecei no consultório... E minha mãe assim... Hoje eu consigo entender: mas Camila, você vai desmarcar os pacientes, vai perder?

Eu falei: mãe, pelo amor de Deus, pára, pára e pára, você é mãe, eu te amo, sou sua filha, mas chega, dá um tempo na minha vida, eu não aguento mais, sabe... Eu preciso de alguém para me apoiar, pra derrubar deixa que o mundo está fazendo isso, chega, chega, não dá...

Vai para o hospital, dorme no hospital, minha sogra levantando de madrugada, com tudo feito em cima, ela vai para o banheiro, toma banho, eu com a mangueirinha do chuveirinho ajudando...

Renata: Você dormiu no hospital?

Camila: Dormi porque ela surtou, teve um estado de surto muito forte, com todos os remédios que estava tomando para melhorar a anemia, ela teve um estado de surto muito forte, juntou depressão, anemia....

Renata: E tudo mais que ela estava...

Camila: Tudo! Ela teve um estado de surto extremamente forte. O que aconteceu? Ela teve delírio, via barata. A cama dela estava como esta mesa e a janela. Ela queria se jogar, sabe? E minha cunhada perdendo aula na faculdade. Eu pensei: bom, alguém tem que fazer alguma coisa... E meu namorado, também, trabalhando, meu sogro revezando com todo mundo, todo mundo se revezando. Eu pensei: bom... não dá, alguém tem que fazer alguma coisa. E ninguém... Ninguém assim... Todo mundo cheio de dedos para conversar com os médicos e com o psicólogo. Eu

pensei: então está bom, vamos resolver? Vamos lá, vamos fazer, vamos fazer... Mas é para fazer começo, meio e fim, não dá para parar na metade. Eu cheguei na Santa Casa... Fui no hospital Tatuapé, conversei com a médica, com a equipe de oncologia, ninguém tinha um diagnóstico fechado, mandaram para a Santa Casa que era a mesma equipe, acho que três ou quatro médicos da equipe e mais o grupo de psicólogos. Eu cheguei um dia para o psicólogo e falei: então, preciso falar com você. Vamos conversar... O gato subiu no telhado... Acontece isso, isso e isso, e aí? Ele: ela tem como se recuperar, mas tudo depende dela.

Eu: bom, ótimo. O que você pode fazer por ela? Porque eu, da família, não posso. Eu escolho ou ser psicóloga ou ser nora. Eu escolhi ser nora. Não foi uma boa opção neste momento (risos). E o seu papel aqui, qual é?

E vamos lá, conversa daqui, conversa dali... Eu fiquei mais uns dois ou três dias, não seguidos, mas fiquei com ela no hospital... E eu pude acompanhar um pouquinho o como foi difícil para ela olhar para ela mesma. Eu pensei: não quero daqui trinta anos estar na mesma situação, ficar num hospital para ser reconhecida...

Renata: Você se viu ali?

Camila: Muito, Rê, muito... Por quê? Não por conta da minha família, mas por conta do meu namorado... Ah um dia na vida, quem sabe eu faço, se eu puder adiar para amanhã eu vou fazer isso...

Renata: Quem é assim?

Camila: Ele era assim.

Renata: Ele era...

Camila: Era até que viu a mãe dele em cima da cama. Por isso que eu te falo, o que ele não tinha, agora ele tem... Ele não conseguia chegar e beijar a mãe dele, hoje ele chega, beija, abraça, dá carinho, carrega no colo, enfim...

Renata: Mudou. Você sente que mudou...

Camila: Há males que vem pra bem, não é? Cheguei pra ele e vai, agora vamos conversar, rever algumas coisas, ou tudo ou nada. E eu estou decidida, ou tudo ou nada.

Renata: Quando foi isso?

Camila: Em julho do ano passado. Ou tudo ou nada.

Eu falei: chega, não dá mais para brincar de namorado, eu não tenho mais vinte anos, nem você... Aliás, faz tempo.

Ele: não! Vamos fazer.

Eu: quando?

Ele: o mais rápido.

Eu: quando que é o mais rápido? O mais rápido é agora!

Ele: o que você quer?

Eu: não é o que eu quero. É o que nós queremos, eu não estou namorando sozinha...

E eu sei que ele estava estressado por tudo que estava acontecendo, toda aquela coisa... Decidimos então ficar noivos.

Eu falei: tá! É realmente o que você quer?

Ele: sim.

Eu comigo: Camila, bem, agora não é hora de fazer pergunta nenhuma sobre isto, é hora de observar, observar o campo, senta, pega um banquinho, senta no banquinho e vê o filme passar... É a sua tábua de salvação, pode ser que ela afunde, tome cuidado... Quando foi...

Ele falou: vamos só esperar minha mãe sair do hospital, a gente reúne a família e já fica noivo!

Eu pensei: alguma coisa não está me soando bem, está parecendo forçado, meio que... Vou fazer porque ela quer.

Renata: Ela quer... Quem?

Camila: Eu! ... Não está muito legal.

Renata: Muito natural... Foi isto que você achou?

Camila: Não está natural... Mas espera. Eu vou esperar. Quando foi em outubro, a mãe dele saiu do hospital em agosto, passou setembro sem problemas, maravilhosa... Quando foi outubro ele falou: vamos comprar aliança?

Eu: tem certeza? É comigo? Tem alguém aqui? É comigo? É comigo! Está bom! Eu vou!

Pensei comigo: não falo nada do que eu gostaria, vou esperar ele ter a iniciativa de todas as coisas. Teve um final de semana, fomos ao centro da cidade, compramos as alianças, tudo certinho e quando foi janeiro, deste ano, quinze dias depois do ano novo, fizemos lá em casa mesmo... E, agora que estamos numa fase legal, mas existem algumas coisas que precisam ser melhoradas, tanto da minha parte quanto da parte dele. Mas Rê, eu não sei da onde que eu tiro tanta força, eu não sei, as coisas vão acontecendo e quando me vejo estou fazendo, sabe? Não que eu pego para eu resolver. Na situação da mãe dele e do meu primo eu fui muito racional. Muito. Primeiro que assim, minha tia, a irmã da minha mãe, ela sempre foi muito materialista, uma pessoa que gosta de dinheiro. Como é mesmo quando uma pessoa gosta muito de dinheiro?... Mercenária! Uma pessoa muito mercenária. Tudo para ela... E sabe aquela coisa assim... Hoje, minha mãe com toda aquela chatice que ela tem, se eu chegar com um copo... Ela na sutileza dela vai perguntar: Camila, onde você arrumou este copo? De onde vem?...

E meu primo chega em casa com rádio, aparelho de som...

E meu tio, que é irmão da minha mãe... Ele é muito papel de pai. Ele fala que é a "Grande Família", que meu primo é o Tuco, é o Lineu e a Dona Nenê (risos). É o id, ego e superego, pronto (risos) sabe Renata?... E tudo bem! Teve um dia que cheguei em casa, comezinho do ano passado, acho que março do ano passado, minha mãe branca, apavorada, o telefone tocava e ela pulava em cima.

Eu: o que aconteceu?

Ela: Nada.

Perguntei: Mãe, o que aconteceu?

Ela: Nada.

Eu: mãe, pela terceira vez e última. O que aconteceu?

Ela: o Gustavo foi preso.

Eu: Ah!

Renata: É este seu primo envolvido com droga.

Camila: É este.

E eu: Por quê?

Ela: ele estava com droga...

Chorei, chorei, porque não tem por que, não tinha motivo daquilo. Eu pensei: ele procurou, está sendo punido pelas coisas que ele passou. Mas eu via todo mundo de descabelando.

Falei: Mãe, não vou gastar vela com defunto vivo, a hora que alguém ligar e avisar que ele morreu, eu vou no velório. Chega!

Eu estava com meu irmão pra casar, eu no final da pós, sabe? Tem estágio... A vida continua. Eu não vou ficar... Não vou!... Não vou. Se é uma pessoa que está doente é diferente, como aconteceu com a minha sogra, mas uma pessoa que, por safadeza... Não! Não precisa disso.

Minha mãe: mas ele precisa de um psicólogo.

Eu: vai arrumar algum, tem um monte de psicólogo de graça. Eu não!

Renata: Até porque é da sua família... Tem outro tipo de vínculo...

Camila: A mãe: mas por quê?...

Eu: graças à Deus eu não posso atender ninguém da família, pois se não eu começava internando todo mundo... A primeira a internar... Sou eu (risos).

Sabe Rê, eu percebo que é assim, depois que eu parei de me preocupar com a imagem que o outro poderia ter de mim, nossa...

Renata: Você acha que a sua vida melhorou...

Camila: Viver sem ter medo de ser feliz... Sem ter vergonha de ser feliz.

Renata: Você falou do seu noivado, e o que representa esse noivado?

Camila: Muita coisa. Representa um sonho, um sonho meu, representa um crescimento, não só um compromisso. Essas coisas de compromisso.

Renata: Há alguma perspectiva para casar?

Camila: Sim, sim. A gente tem essa... Esse plano, mas só estamos esperando um pouquinho porque ele ficou desempregado, ele está empregado, mas é temporário, então agora não dá para a gente fazer os planos. Mas a gente tem sim essa ideia. É muito legal quando a gente sai de final de semana, e vamos ver tal coisa, ver não sei o que lá, a gente ainda não tem nada, nem onde morar ainda, precisa colocar no papel. Tem tanta coisa bonita para casa, mas a gente não tem casa! Eu brinco com ele: vamos morar de baixo da ponte? Vamos morar na rua? A gente vira andarilho. A gente não tem casa, mas por outro lado a gente não paga nada. É tudo de graça (risos). A gente almoça ao ar livre...

Mas está muito gostoso. Está uma fase muito gostosa. Eu estou postergando um pouquinho mais, porque estou me sentindo muito mais independente agora, apesar de morar com meus pais, do que antes. Eu estou saindo a hora que eu quero. Não

estou com aquela... Aquela necessidade, aquela coisa doentia, que de onde eu estava: Mãe! Agora é: estou saindo, vou dormir fora, volto amanhã. Eu cresci, literalmente, me tornei a Camila. Se vão reconhecer, se não vão, se vão falar mal, se não vão, é problema de cada um, eu pago minhas contas no final do mês.

Renata: E essa casa que você volta, o que é para você?

Camila: Como assim?

Renata: A sua casa.

Camila: Minha casa, em alguns momentos, é meu aconchego, na maioria das vezes ela se torna meu aconchego, principalmente meu quarto que é meu mundo, onde tem tudo, momentos bons e ruins, eu falo que meu quarto é a extensão da minha terapia. E minha casa em si, é um lugar onde eu tenho boas recordações da minha infância.

Renata: Você sempre morou nessa casa?

Camila: Faz trinta anos que moro lá. Eu tenho recordações muito boas. Eu falo que o dia que eu sair daquela casa e for para outro lugar, vai ser um... Para eu me acostumar em outro lugar... Embora eu sempre tivesse vontade de morar em outro lugar, por conta do bairro, que embora eu tenha acesso fácil... Que enjoa morar na mesma casa... É minha infância que tenho ali, meu primeiro namorado, é o cara mais velho que levei em casa, meu noivo... Os churrascos com os amigos... Os vizinhos... É o andar de bicicleta, cair da bicicleta e ralar o joelho e meu tio e meu pai me pegarem no colo. Meu pai me pegava no colo, ia e passava remédio no meu joelho. Tenho muitas recordações... Dos meus avôs irem em casa... Do natal em casa... Dos aniversários... Meu noivado... Tem tudo lá dentro, tem tudo.

Renata: É sua história?

Camila: Totalmente. É a Camila lá em casa.

Renata: Está difícil para sair.

Camila: Está, preciso cortar, literalmente, o cordão umbilical (risos).

Renata: No seu tempo... Mas eu acho que você já tem este projeto. Todas as coisas... O noivado... E seu projeto como fica, vai casar ou morar sozinha?

Camila: O que vier primeiro. O que tiver que acontecer, o que vier primeiro, será bem vindo. Eu penso que não é só o que quero, mas o que tem que acontecer. Ano passado quando comecei no consultório, eu penei. Eu pensei: nossa, não vai dar certo, não vai dar certo... Fui à igreja aonde vou, olhei bem para umas imagens e falei: quer saber de uma coisa, estou fazendo a minha parte, o que tiver que acontecer, o que for melhor para o meu crescimento, não financeiramente, porque financeiramente é uma consequência, se for para acontecer, que aconteça. Se for pra eu continuar, muito bem, se não for, me tira do caminho, mas tira logo porque não quero sofrer. A gente não tem como escolher sofrer ou não, mas não quero

investir tanto para não ter um retorno e saber que não era isso, entendeu? É como o carro, estou fazendo planos, hoje, para comprar, mas se você me perguntar o que quero, se é comprar um carro, casar ou fazer o mestrado? Eu digo que primeiro é fazer o mestrado, depois casar e por último comprar meu carro. É uma coisa que não me faz falta. Preciso? Preciso. Mas andei de ônibus minha vida inteira, não é agora que vou morrer por isso. Economizo dinheiro de andar de táxi e ponho na poupança. Isso pesa muito para meus pais porque eles veem desse jeito, mas não concordam muito. Por quê? Porque vem a comparação, porque meu irmão com vinte e cinco, vinte e seis anos já morava sozinho, ele comprou o primeiro apartamento dele, depois comprou um carro. Só que meu irmão sempre teve outro tipo de pensamento, sempre foi racional, ele tinha metas para cumprir e eu tenho sonhos. São coisas muito diferentes. Meu irmão sempre teve para ele que um dia seria gerente, e hoje é gerente. Parabéns! Mérito dele! Eu não preciso chegar a um cargo de liderança para me satisfazer. Eu sou o que sou, entendeu? Meu irmão com trinta e três anos casou, mora em Moema, tem o carro pela empresa, tem todas as facilidades. Parabéns para ele. É ele, não sou eu, sabe? É isso que estou tentando deixar claro em casa, meu irmão é meu irmão, eu sou eu.

Falei para minha mãe: quando você vai reconhecer isso, que eu tenho as minhas coisas também? Cadê o meu reconhecimento?

Minha mãe fica toda sem graça, porque ela percebe que... Eu sei que ela não faz por maldade. Ela faz sem perceber e depois não consegue contornar, entendeu? Mas por outro lado, como sei que ela faz sem maldade, faz sem perceber, então eu evito. É uma coisa muito interessante. Outro dia vi uma frase que é: "ser feliz ou ter razão". Tem coisa que não adianta ficar discutindo, fica com a sua razão que eu fico com a minha felicidade. Eu sei dos meus valores, sei o que acredito, sei até onde posso, o que posso e o que quero. Daí pra frente, o tempo disso acontecer, é outra coisa.

Renata: Como você se vê no futuro?

Camila: Humm... Uma consultora para adolescentes sobre orientação vocacional e profissional, atendendo no consultório, não só onde estou hoje, mas tendo mais outra sala, sublocando outra sala, dando aula numa faculdade.

Renata: Dando aula numa faculdade. Muito bem... Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar por ora sobre como é esta convivência com sua família?

Camila: Olha Rê, estou aprendendo a conviver, antes era muito difícil, eu até comentei que para me aproximar da minha mãe percebi que conversando com ela, falando um pouquinho sobre a minha pessoa, talvez fosse mais fácil, só que isso se tornou uma dependência. E estou começando cortar essa questão de dependência. Tudo que acontecia eu falava... Nem tudo a gente precisa contar, mãe é mãe, mãe não é amiga. E... Por outro lado, esta questão de cortar esse cordão umbilical, trás muito a minha independência. Por que minha mãe precisa me ajudar a decidir se vou continuar no RH ou se vou partir para o consultório? A decisão é minha. Por que minha mãe tem que ajudar eu decidir se é melhor eu comprar um carro agora ou mais para frente? O dinheiro é meu. Quem vai comprar e pagar sou eu. Por que ela precisa me ajudar decidir se meu noivo é uma pessoa de... Sei lá... Honesta, uma pessoa boa para eu casar? Quem vai casar, viver com ele sou eu. Ela pode até comentar que percebeu isso nele e não achou legal, ou se meu consultório for no

centro da cidade terei mais paciente... Legal. Mas a decisão quem vai ter sou eu. Então isso tudo eles estão percebendo, que eu parei de fazer isso. Antes eu comentava que estou com um, dois, três, dez pacientes, hoje eu deixei de comentar isso. Os pacientes que entram sou eu, quem recebe sou eu, quem dá alta sou eu. Ela não faz nada disto. Ela é minha mãe, estou deixando muito claro este papel para ela. Outro dia foi até interessante... A mãe do meu primo que foi preso foi em casa e o telefone estava ocupado, porque eu estava no telefone. Dois dias depois a minha tia ligou para falar para a minha mãe. Antes de ela ligar, haviam ligado outras pessoas. E na sequência ela ligou e disse: até que enfim.

Eu: realmente estava, eu estava no telefone.

Ela: depois a sua mãe.

Eu: quantas mães eu tenho? Porque se for uma ela já faz o papel dela. Cuida do teu filho, porque, aliás, você tem dois.

Aí eu sou a bruxa malvada, eu sou... Eu sou tudo o que vocês querem. Não me irritem. Se falou é toma lá da cá!

Renata: Bom Camila, eu espero ter ouvido tudo que precisava...

Camila: Estou me sentindo numa terapia aqui, que ótimo, que delícia (risos).

Renata: Que bom, fico muito feliz. Se eu precisar, e se você puder, se de repente eu perceber que faltou alguma coisa, você pode se disponibilizar de novo?

Camila: Com certeza. Fique à vontade. A hora que você precisar.

Renata: Eu fiquei preocupada com seus compromissos.

Camila: Não tem problema. Se precisar, fique à vontade.

Renata: Fico muito feliz. Agradeço demais sua participação, colaboração e vai ser um prazer apresentar para você o que a gente conversou, para você ver se tem que mudar, se está bom...

Camila: Fica tranquila. O que eu puder contribuir para esta ou para as próximas pode contar comigo.

Renata: Muito obrigada. Então eu vou parar o gravador.

Camila: Tudo bem.

Pós-entrevista

Caminhamos pelo corredor e descemos a rampa. No caminho ela me pergunta sobre o mestrado e conversamos sobre as leituras, os trabalhos escritos e me pergunta: e você? Quando é que você vai ter filhos? Eu respondo: em breve! Assim que for possível.

No térreo nos despedimos.

2ª entrevista – Amanda

Entrevista realizada no dia 20 de setembro de 2010, das 17:15h às 18:30h, no
Fran's Café da Vila São Francisco

Pré-entrevista

Amanda foi minha colega de trabalho em uma das escolas onde trabalhei. Fazia 6 meses que não nos encontrávamos. Realizei contato por *e-mail* e ela aceitou participar da pesquisa. Agendamos a entrevista com 2 semanas de antecedência. No dia combinado, confirmei por telefone sua contribuição.

Começando

Ao encontrar-me, Amanda me abraçou, dizendo que seu atraso deveu-se ao trânsito do Jaguaré até a Vila São Francisco. Ela chegou com 10 minutos de atraso.

Ao sentar, começamos a conversar sobre o trabalho e ela já disse de antemão que não estava satisfeita com sua precariedade de emprego. Apresentei e li o termo de consentimento livre e esclarecido. Diante do entendimento e assinatura do termo, retirei o gravador da bolsa, coloquei sobre a mesa, apertei o botão *REC* e continuamos a conversar.

A entrevista

Renata: Queria que você me contasse como que é morar na casa da família.

Amanda: Bom, eu nunca me afastei dos meus pais e o curioso é que eu já fui casada.

Renata: Uau!

Amanda: E ainda assim eu me casei e optei por morar com os meus pais.

Renata: Hum, hum.

Amanda: Talvez por ser filha única, ter muito apego tanto com meu pai quanto com a minha mãe... Meu casamento não deu certo e eu continuei morando com os meus pais. Só que meu pai já faleceu fez seis anos. Então atualmente, moramos eu e minha mãe.

Renata: Deixa ver se eu entendi: você falou que você casou...

Amanda: Sim.

Amanda: E mesmo assim você morou na casa da sua...

Amanda: Morei na casa com o meu ex-marido.

Renata: Quantos anos você tem?

Amanda: Trinta e sete.

Renata: Trinta e sete.

Amanda: E eu me casei aos vinte e cinco.

Renata: Casou com vinte e cinco...

Amanda: Fiquei casada até os trinta.

Renata: Durou cinco anos o casamento lá?

Amanda: Isso.

Renata: E como é que foi isso de você casar e continuar morando lá?

Amanda: Bom, para mim foi tranquilo e acredito que pro meu ex-marido também, porque essa nem foi a causa...

Renata: (risos)

Amanda: E, assim, foi muito engraçado porque meu pai, quando ele construiu a nossa casa atual... A gente sempre morou no mesmo bairro. Eu nasci onde eu moro, mas era uma outra casa... O meu pai construiu uma nova casa e na cabeça dele, ele sempre deixou muito claro que já seria para eu continuar junto com eles mesmo após o... Se eu casasse. E eu queria fazer Psicologia, então ele já fez um lugar até para clínica, para tudo, pensando em tudo...

Renata: Ele construiu pensando que você permaneceria lá.

Amanda: Sim.

Renata: Entendi.

Amanda: Isso foi muito engraçado... Acho que ele passou isso para mim e eu acho que eu nunca tive a pretensão de deixá-los.

Renata: Entendi. E como que é viver junto com eles, agora que você está só com a sua mãe? Como é?

Amanda: Então, depois que o meu pai faleceu eu percebi uma... um certo desequilíbrio, porque minha mãe, às vezes... acho que isso é comum, dos pais de filhos únicos, não percebem que a gente cresce, que a gente tem os nossos modos de ser, os nossos horários, então, assim, eu cheguei a entrar um pouco em conflito com ela em relação a isso.

Renata: Isso depois que seu pai morreu?

Amanda: Depois que meu pai faleceu...

Renata: Antes não aparecia isso?

Amanda: Não, normal, não... é muito engraçado.

Renata: E que tipo de conflito era?

Amanda: Não sei...

Renata: Você consegue nomear?

Amanda: Sim, por exemplo, é questão de horários, questão... Minha mãe cobra muito a questão de eu ficar longe dela. Atualmente eu namoro, então meu namorado de final de semana vai para casa e ela acha que eu só fico com o namorado, que não dou muita atenção para ela. Então essa questão dos limites, de até onde... Até eu coloco para ela: mas e seu eu tivesse ido morar em outro local, mesmo com marido ou sem marido, como a maioria das pessoas, como que seria? Então por um lado ela acha normal, mas por outro eu vejo que há uma cobrança muito grande. Então esse é o lado negativo que eu vejo... De você ser muito requisitado, cobrado, mesmo estando junto...

Renata: Ela te exige...

Amanda: Presencial...

Renata: Você sente que ela te exige muito?

Amanda: Bastante.

Renata: A presença?

Amanda: E principalmente depois que meu pai faleceu. A presença, entendeu? Ela me acha ausente, mesmo morando junto.

Renata: Interessante... e como era quando seu pai estava vivo? Faz tempo que seu pai faleceu?

Amanda: Seis anos.

Renata: Seis anos...

Amanda: Eu acho que...

Renata: E coincidiu com sua separação?

Amanda: Coincidiu...

Renata: Foi quando... você falou que casou, ficou casada dos vinte e cinco aos trinta.

Amanda: Isso.

Renata: Você tem trinta e sete, um ano depois que você se separou...

Amanda: Isso, não tinha nem um ano e meu pai faleceu. É, um ano, porque depois nós ainda tentamos voltar e não deu certo. Ele faleceu, isso mesmo.

Renata: Entendi. Você falou “olha, não teve nada a ver o porquê da separação com isso...”

Amanda: Não.

Renata: Tem um motivo, você sabe dizer por que você se separou?

Amanda: Sei, sei...

Renata: O que aconteceu?

Amanda: Porque o meu ex-marido arrumou uma outra pessoa.

Renata: Ele tinha outra?

Amanda: É, e eu descobri e não aceitei.

Renata: Amanda, e antes disso, você falou que seu pai construiu essa casa.

Amanda: Hum, hum.

Renata: E você tem então o seu espaço dentro dessa casa.

Amanda: Tenho, tenho... Tenho um escritório, tenho meu quarto com banheiro, uma suíte. Além disso, tenho uma parte externa também que eu... Isso foi o meu ex-marido até que construiu... Que ficou um quartinho, um quarto, uma sala com banheiro também, para fazer um escritório, uma saleta, uma coisa assim, então tem o espaço meu...

Renata: É como se fosse uma edícula ou não?

Amanda: É como se fosse uma edícula, isso mesmo... Mas atualmente esta lá...

Renata: E você divide que tipo de espaço então com sua mãe, cozinha...

Amanda: Cozinha, sala...

Renata: Cozinha, sala...

Amanda: É mais cozinha, sala e o quintal mesmo.

Renata: Você falou que teve alguns conflitos porque ela te exigia muito...

Amanda: Isso, ainda exige.

Renata: Ainda exige. E você tem vontade de sair ou não?

Amanda: Não! (risos)

Renata: Não... Gosta de ficar lá?

Amanda: Gosto, isso que é engraçado.

Renata: Sabe por que gosta de ficar lá?

Amanda: Acho que tem todo esse, essa ligação simbólica com meu pai... Sabe assim, ele fez para mim. De uma certa forma... Então eu tenho que honrar o que ele deixou e cuidar do que ele deixou.

Renata: Você se sente com essa responsabilidade?

Amanda: Exatamente... Não é nem uma parte do comodismo... Eu não preciso, porque se talvez eu não fosse filha única isso não seria possível... De eu ter de ficar na mesma casa depois da morte dos pais. Porque eu tenho um amigo que ficou também, os pais faleceram e os irmãos... Hoje está dando uma confusão porque querem vender a casa. E agora ele está namorando, praticamente vai morar junto, a menina engravidou, e eles querem mesmo que eles saiam. Então talvez se eu tivesse irmãos isso não fosse possível porque... já entra outra questão...

Renata: Da divisão, das partes...

Amanda: Da divisão. Às vezes, Renata, eu sinto uma falta de liberdade, sim, por exemplo, porque minha mãe domina a cozinha. (risos) Então eu não gosto, eu não gosto de cozinhar porque eu sempre estudei, trabalhei. Então ela não ia me esperar para eu cozinhar.

Renata: Entendi.

Amanda: Como eu sempre trabalhei de manhã, como eu trabalhava e estudava, eu chegava e já tinha almoço pronto. Então eu já tive essa... E por não ser tão ligada aos dons domésticos... (risos) E ter essa comodidade... Então, às vezes, eu sinto, por exemplo, uma certa é... falta de liberdade em alguns ambientes. De decorar, de fazer do meu jeito, mas há os outros elementos que eu falei para você... que, como por exemplo, a questão de ter essa parte simbólica do meu pai, sabe... Até eu, eu acho que não teria coragem de abandonar minha mãe na idade que ela está.

Renata: Quantos anos tem a sua mãe?

Amanda: Ela tem setenta e dois. Não parece, super ativa, faz tudo de forma independente, mas assim... E assim, o que incomoda mais é que minha mãe não tem família no Brasil. Os meus pais são portugueses. Então a família do meu pai veio toda pro Brasil, mas a da minha mãe, só ela veio.

Renata: Ah... você tem parentes fora do Brasil?

Amanda: Todos da parte da minha mãe estão lá. Eu sou a única brasileira da família dela. Então eu me sinto com uma dupla responsabilidade. Além de ser filha única, de ser o único elemento da família dela mesmo que... que ela tem aqui... Que continua aqui. Então é, é uma responsabilidade. Às vezes, eu sinto que é um... é um, vamos dizer, não digo um fardo, mas, às vezes, é difícil lidar com isso porque eu me sinto só.

Renata: Você gostaria de ter alguém para dividir isso com você?

Amanda: Gostaria...

Renata: E esse namorado, você sente que ele te ajuda nisso ou não?

Amanda: Da parte afetiva, apesar de ele ser bem mais novo que eu, ele me ajuda bastante... Assim, é uma pessoa muito amiga, que está do meu lado, mas assim... é, eu gostaria de estar casada.

Renata: Você gostaria?

Amanda: Gostaria...

Renata: E ele? O seu namorado atual sabe disso?

Amanda: Sabe...

Renata: E aí?

Amanda: Sabe...

Renata: E como é?

Amanda: O problema são as questões financeiras dele. Ele tem vinte e cinco anos... Ele está estudando, e... E atualmente minha situação também... Então ele sabe tudo, mas às vezes eu sinto essa falta, eu acho que eu já queria ter uma vida diferente da que eu tenho.

Renata: Deixa eu ver se eu entendi: essa vida diferente que você falou, que você gostaria de estar casada mas é o casada continuando lá?

Amanda: É.

Renata: É um casada continuando lá...

Amanda: É, então, é uma coisa meio, é... assim ambivalente, porque ao mesmo tempo que eu tenho vontade de ficar por toda essa... esse apego, essa responsabilidade, tem momentos que eu tenho vontade sim de... de ter o meu lugar, mas essa responsabilidade em relação a minha mãe e ao que meu pai deixou eu supero, então eu acabo não tendo muito conflito porque quando... assim... eu medir o que é mais importante para mim... Eu ter o meu canto, superar tudo isso, abrir mão de tudo, ou ficar com ela...

Renata: Com sua mãe...

Amanda: E cuidando da casa junto com ela... Eu percebo que esse lado é mais forte.

Renata: E o seu atual namorado, “embarcaria” nessa ideia de ir para lá, ficar casada lá?

Amanda: Sim, ele... eu já conversei com ele e ele concordaria apesar dele ter umas restrições porque minha mãe não... não gosta muito dele e isso é muito claro por conta da idade, ela acha que ele é muito devagar. E então, mas é aquela questão: por a casa ser muito grande dá para gente fazer uma divisão legal. Então...

Renata: Então você consegue levar ele para lá, para tua casa...

Amanda: Sim, ele passa o final de semana comigo.

Renata: Fica com você... Então você tem uma certa autonomia ali.

Amanda: Sim, tenho.

Renata: E a questão da intimidade das relações? Como é, Amanda, com ele lá? Sua mãe questiona?

Amanda: Não, eu acho que ela não questionou por eu me impor e por eu ter sido casada já, então não dava muito para ela falar: não, esse é o meu ambiente, você tem que respeitar, não quero ninguém aqui.

Então no começo eu tive que... é, conversar... tive que conquistar isso. Não foi uma coisa fácil, mas também não foi nada impossível. Tanto que ele dorme comigo... eu tenho a suíte, tudo. Ela nunca... nesse ponto eu conquistei minha liberdade... Mas assim... É, está complicado porque tem as cobranças. Ela também tem essa ambivalência. Ao mesmo tempo em que ela me quer junto com ela e cobra, ela também, eu sinto, teria vontade de eu estar com alguém mais autônomo, que cuidasse mais de mim, dividisse, não que sustentasse, mas que dividisse mais as despesas, essa... essa questão.

Renata: E você ajuda sua casa de alguma forma?

Amanda: Ajudo, ajudo.

Renata: O que você faz lá?

Amanda: Eu faço compras junto com a minha mãe... Os meus é... os meus gastos com a minha internet, é... telefone, é... eu sempre, desde que comecei a trabalhar eu sempre...

Renata: Você que mantém.

Amanda: Mantenho e ela paga as contas porque, porque não permite que eu pague. Assim, hoje eu estou numa condição, pelo fator profissional, um pouquinho, é... complicada, mas já estive em situações que davam. Quando eu era casada, era tudo dividido, então eu fazia as compras do casal e o meu ex-marido junto com meu pai pagava água, luz, imposto, era tudo dividido. Então a gente dividia tudo.

Renata: É como se você, na realidade, vivesse numa casa separada...

Amanda: Isso...

Renata: Apesar de estar todo mundo junto na mesma casa...

Amanda: E tínhamos o nosso telefone pessoal, do casal, que a gente pagava também.

Renata: Amanda, você falou da situação financeira. Então como que era antes e o que mudou agora? Você falou que agora você está podendo ajudar menos...

Amanda: Isso

Renata: Que você gostaria de ajudar mais... Como era antes e como está agora?

Amanda: Então, quando eu estava ganhando relativamente bem, ainda assim minha mãe não deixava eu pagar água, luz, isso depois que eu me separei. Mas eu ajudei, eu ajudava nas reformas da casa. A gente colocou um portão novo, para... Até porque quando meu pai era vivo ele me esperava. Eu sempre trabalhei a noite, sempre lecionei a noite, então ele esperava, mesmo eu sendo casada era ele que esperava... no meu... era uma coisa meio edípica (risos).

Renata: (risos) Você acha?

Amanda: É que ele me esperava...

Renata: E seu marido estava onde?

Amanda: Dormindo (risos)... E meu pai fez café da manhã para mim até o último dia, praticamente, da vida dele. Ele levantava, fazia...

Renata: E o marido?

Amanda: De jeito nenhum... Então é... eu falo que é o... até nas análises minha psicanalista brinca que é uma relação edípica, mas não tem como não ser (risos).

Renata: (risos)

Amanda: Porque eu acho que é o homem perfeito, que ... que cuidou mesmo. E o que acontece, ele esperava para abrir o portão para mim, fechava... E desde que ele faleceu minha mãe, até por ser mulher, tudo, tem esses medos, então a gente colocou um portão elétrico. Com controle, até por conta da segurança. Então logo que ele faleceu a gente tinha combinado de reformar algumas coisas na casa, pintar a casa por dentro e por fora. Íamos dividir, eu e ele... Quando ele faleceu minha mãe não queria mais fazer, ficou desanimada. Eu falei: não, a gente tem que... é, dar continuidade.

Então nós dividimos, também... Então até onde eu podia tudo era dividido, tudo era...

Renata: Tudo era rateado...

Amanda: Então queríamos comprar um móvel diferente, eu comprava, a sala eu decorei, então assim, sempre teve... Agora eu estou me sentindo um pouco numa situação meio frustrante... de não poder ajudar tanto. Eu sinto que ela tem as necessidades, que eu gostaria de poder... mas eu não... eu acredito que seja um momento passageiro.

Renata: Entendi. Você falou que gostaria de se sentir mais à vontade, de ter os espaços mais parecidos com você. Você acabou de falar que ajudou a decorar a sala, como que era...?

Amanda: Isso, isso quando eu era casada.

Renata: Quando você era casada?

Amanda: Isso.

Renata: Nessa época, você sente que você podia fazer mais na casa?

Amanda: Sinto, engraçado isso. Senti. Depois eu acho que minha mãe tomou... acho que ela me colocou no lugar de filha, de super protetora.

Renata: Você acha que voltou para a posição de filha?

Amanda: Voltou, voltou bem forte.

Renata: E você se sente confortável assim?

Amanda: Não, não. Eu converso muito com a minha mãe porque eu acho que ela tem que ter a vida dela, tem que... independentemente de se preocupar comigo... ela tem que seguir, ela se envolve muito com os meus problemas... eu sinto como se a vida dela fosse minha vida também.

Renata: Você acha que ela também sente dessa forma?

Amanda: Sim.

Renata: Que ela vive através de você?

Amanda: Vive, vive, bastante! E isso... e isso na nossa relação me incomoda.

Renata: Mas vocês devem conversar bastante para ela acompanhar o que está acontecendo?

Amanda: Sim.

Renata: Vocês conversam?

Amanda: Sim. Eu sempre fui muito aberta com a minha mãe, ela sabe de tudo, de... com quem eu saia, com que eu deixava de sair, mesmo que chocasse, porque

minha mãe é muito diferente de mim... cultura europeia, então ela é toda certinha, só teve um homem na vida dela, é toda...

Renata: E isso é ser certinha?

Amanda: Para ela é! (risos)

Renata: (risos) Ah tá.

Amanda: Então são os padrões dela. E ela é uma mulher assim, que não é vaidosa, eu sou muito vaidosa. Até às vezes ela brinca: nossa, você não nasceu de mim, não é possível! (risos)

Renata: Vocês são diferentes...

Amanda: Somos, muito diferentes... Bastante, o modo de pensar, bastante... E eu acho que ela encarou esse papel de mãe e eu de filha. Também... então eu sinto que, às vezes, também que é conveniente ser filha... por mais que eu lute contra isso.

Renata: Quando que não é conveniente?

Amanda: É quando ela se envolve demais com os problemas. Então, por exemplo, problemas profissionais. Ela... ela é capaz de ficar noites sem dormir pensando numa condição atual minha.

Renata: Isso já aconteceu?

Amanda: Acontece.

Renata: Acontece?

Amanda: Bastante.

Renata: Ela deixa de dormir porque você...

Amanda: Está preocupada comigo, e eu acho que...

Renata: E ela conta isso?

Amanda: Ela conta. Então eu acho que são as projeções... acho que minha mãe projetou muito em mim. E de repente onde que reside o problema? De ela ver que eu não... não sou capaz de ter... é... realizado tudo da forma como ela gostaria.

Renata: E você se sente como com isso?

Amanda: Às vezes frustrada.

Renata: Você gostaria de atingir essas expectativas?

Amanda: Sim, bastante.

Renata: O que você acha que não está atingindo?

Amanda: O principal, eu acho que é de estar casada com um homem que pudesse dividir uma vida comigo e ter um filho, o que agora está pesando bastante.

Renata: Eu vi que você se emocionou, é por conta disso?

Amanda: É.

Renata: Você gostaria de estar casada, tendo filho, mas você está namorando, não é? Tem uma pessoa...

Amanda: Mas é... é como se no fundo eu não tivesse mais... é... certeza, esperança. Sabe o que é você viver cada dia, um após o outro, mas sem esperar mais nada, acho que eu estou muito numa fase assim.

Renata: Você não espera mais nada?

Amanda: Não.

Renata: Mas você acabou de falar que tem essa vontade, esse desejo, acho que já é alguma coisa que você está esperando. Você vê isto como?

Amanda: É... então. Eu vejo, mas é uma força meio contraditória... eu estou muito realista ultimamente. E, às vezes, eu acho que por conta da idade, que até ele ter condições... de poder estar junto, da gente... a gente pode até estar junto mas eu não sei se vai dar tempo de ter um filho.

Renata: O que você acha que tem que esperar, por exemplo, para esse filho chegar?

Amanda: A parte econômica, ser um pouco melhor.

Renata: Um pouco melhor, tanto da sua parte quanto da dele?

Amanda: Sim.

Renata: O que ele faz?

Amanda: Atualmente ele trabalha num laboratório, ele é recepcionista e faz Educação Física.

Renata: Ele está estudando...

Amanda: Está estudando... paga o carro dele.

Renata: E você nessa história como está?

Amanda: Em relação ao que, assim?

Renata: A ele.

Amanda: A ele?... Ah, eu dou muito apoio, ajudei muito financeiramente, já. Atualmente também, então, minha mãe cobra muito isso porque eu ajudei. Então ela acha que eu devia estar com alguém que me ajudasse e não eu ajudando. É aquela... aquele conflito... Ela não vê que uma hora ele pode estar melhor e ajudar também a gente a compartilhar e indiretamente, eu acho, que por mais formada que a gente seja, que tenha conhecimento de mundo, isso acaba afetando... Até por ela ser uma influência grande. Então você fica questionando. Por eu ter tido uma experiência muito frustrante no meu casamento, em outras relações pós-casamento eu acho que isso mexeu muito comigo.

Renata: Você se frustrou muito com as pessoas?

Amanda: Bastante.

Renata: Com esse casamento você falou que foi traída, foi isso?

Amanda: Foi.

Renata: Com uma pessoa só, com várias?

Amanda: Não, com uma pessoa.

Renata: Uma pessoa só...

Amanda: Ela trabalhava com ele.

Renata: Trabalhava com ele...

Amanda: Isso.

Renata: Assim que você soube o que aconteceu?

Amanda: Então, ele ainda tentou falar que era mentira, que ela que estava atrás dele, mas não era... A gente se separou, ele pediu uma chance, mas eu já não era mais apaixonada por ele. Mas eu dei uma chance e durou meses, meses, não deu mesmo e ele ficou com essa pessoa... Não sei se estão juntos. Até onde eu... porque também eu não...

Renata: Não perdeu o contato?

Amanda: Não perdi, ele liga... Então eu trato assim, como um amigo distante, mas é... ele tentou voltar várias vezes, mas eu não sentia mais nada... não tinha mais como e eu não confiava mais.

Renata: Entendi. E depois você falou que teve outras pessoas....

Amanda: Teve, teve, logo que...

Renata: E como foi com essas outras pessoas?

Amanda: Então, é... Nossa, catastrófico (risos).

Renata: O que é catastrófico? (risos)

Amanda: Então, é... Eu comecei, eu tive depois um relacionamento que eu achei que ia dar certo de... de uma ex-paixão minha, uma paixão platônica. Tanto minha quanto do rapaz... e a gente resolveu viver isso. E não deu certo, não deu porque eu não sei se ele ficou muito frustrado de eu nunca ter me separado para ficar com ele. Não sei, a gente não conhece bem as pessoas... Ele acabou namorando uma outra pessoa. Eu também descobri. Ele ficava comigo e com a namorada, já era casado com essa pessoa... E, assim, quando eu descobri eu também não quis.

Renata: Foram duas vezes a mesma história...

Amanda: É.

Renata: E teve mais alguém?

Amanda: Teve, teve a grande paixão da minha vida.

Renata: E como é essa paixão?

Amanda: Ah, essa paixão é tudo que eu queria... mas também não...

Renata: Não deu certo?

Amanda: Não.

Renata: Por quê?

Amanda: Então, ele é um homem da minha idade, é um médico... Eu me dei bem em tudo, mas é só atração o que ele sente por mim, me procura até hoje.

Renata: E você, responde? Tem contato com ele?

Amanda: Tenho.

Renata: Tem. E como é isto para você? Te faz bem?

Amanda: Faz bem, só que eu não tenho mais contato de sair com ele. Porque eu não vejo ele... Lutei bastante, mas ele tinha uma namorada também.

Renata: Amanda!... (risos)

Amanda: (risos) Tinha. A namorada pegou os recados dele, me ligou e eu não aceitei porque eu não queria que fizessem... Fazer com os outros o que fizeram comigo...

Renata: E esse atual namorado, tem alguém?

Amanda: Perfeito! Ele é perfeito. Eu estou com ele há quatro anos, ele tem vinte e cinco. Quando nós começamos eu tinha trinta e três, e ele, eu ia fazer trinta e quatro, nos nós conhecemos em outubro e ele vinte e um. Nada, nunca peguei nada. Super fiel, saiu do trabalho, agora, você viu, ele liga “tô saindo”, chega, “tô chegando”, é perfeito.

Renata: E você gosta disso, dele te ligar?

Amanda: Gosto.

Renata: De ele te avisar?

Amanda: Gosto, é muito importante.

Renata: É a primeira pessoa que faz isso para você?

Amanda: Não, meu ex-marido era assim.

Renata: Seu ex-marido também te avisava...

Amanda: Também.

Renata: Com ele a história foi outra...

Amanda: É, ele fazia, mas... Foi por isso que eu descobri a traição, porque nós namoramos cinco anos e ficamos casados cinco também, foram dez anos de relacionamento. E o meu ex-marido foi o meu primeiro namorado. Foi ele que começou... sempre deu satisfação. Então quando ele conheceu, começou a se envolver, teve este caso extraconjugal, começou de achar ruim da gente se falar na hora do almoço. Ele falava “ah os meus amigos dizem que não sabem como eu te aguento”, só que ele criou esse hábito. Eu pensei “ué, tem alguma coisa errada, como que ele sempre quer saber onde eu estou, conversar comigo e de repente ele acha que isso está ficando muito chato”.

Renata: Entendi.

Amanda: E como eu sempre fui muito ligada em comportamento humano, para mim foi muito rápido notar que tinha outra. Eu, eu... Foi rápido perceber que ele tinha mudado muito.

Renata: Você sentiu que ele mudou com você?

Amanda: Eu senti que ele mudou e que ele tinha... e que era mulher. E com o outro também.

Renata: Você sentiu que teve alguma coisa...

Amanda: É. Agora com esse médico ele já tinha um relacionamento que ele... por ele ser um cirurgião é... era muito fácil. Ele tem a família no interior, ele é filho único também, então era muito fácil ele trabalhar com os desencontros.

Renata: Tinha uma agenda mais flexível...

Amanda: Exatamente.

Renata: Como é que foi quando você se deu conta de que a história de vocês seria baseada na atração física...

Amanda: Eu dei chance para outras pessoas, foi aí que surgiu meu namorado.

Renata: E isso então, espera aí, você já está namorando há quatro anos... O médico foi antes disso?

Amanda: Foi.

Renata: Então você ficou quanto tempo sozinha depois que se separou do casamento?

Amanda: Um ano, mais ou menos. Na verdade eu já me relacionava com esse outro rapaz quando meu casamento acabou. Esse que era uma antiga paixão.

Renata: Aquela paixão platônica que você falou.

Amanda: É, a gente já saía, mas éramos amigos. Então quando meu ex-marido me deixou... foi embora, a gente começou a se relacionar mesmo. Só que ele já tinha uma namorada. E também explorou... acho que ele explorou toda a... a... Porque eu perdi, Renata, dois referenciais masculinos: pai e marido. Então foi uma época que eu fiquei muito frágil.

Renata: Entendi.

Amanda: É uma pessoa que se aproveitou dessa fragilidade para...

Renata: Você sente isso hoje?

Amanda: Hoje eu sinto. Apesar que... Faz o quê? Uns dois anos ele me ligou, estava casado, dizendo que queria terminar o casamento dele para ficar comigo, que ele não me esqueceu, mas eu não acreditei, e já não sentia nada também (risos).

Renata: E por esse médico você ainda “balança”?

Amanda: Balanço.

Renata: Você...

Amanda: Tem que falar, não é?

Renata: Você fala com ele de vez em quando?

Amanda: É.

Renata: E o seu namorado? Sabe dessa história, dessas histórias?

Amanda: Do médico ele sabe, mas não que...

Renata: Que ele fala com você...

Amanda: É, que ele ainda mexe, isso não.

Renata: Entendi, isso você guarda para você...

Amanda: É.

Renata: Bom, você estava falando da sua mãe que invade os espaços, sua mãe compartilhou com você essas histórias...

Amanda: Compartilhou...

Renata: Que você viveu?

Amanda: Não assim... assim, tudo. Ela não sabe de tudo, mas sabe do... a grosso modo... a gente dizendo...

Renata: Você conversa com ela sobre estas coisas?

Amanda: Converso.

Renata: Bom, você me explicou que na sua casa você tem o seu espaço.

Amanda: Tenho.

Renata: Que você não tem vontade de sair de lá, mas que também tem uma coisa que é ambígua, que tem a vontade de casar...

Amanda: Isso.

Renata: Ter filhos, de ter uma vida diferente da que você tem.

Amanda: É. De ser alguma coisa sem ser a filha, de ter outro papel.

Renata: Bom, você compartilha com a sua mãe a responsabilidade da casa...

Amanda: Sim.

Renata: Ou você sente ainda que prevalece o cuidado dela sobre você?

Amanda: Ah sim, prevalece.

Renata: Prevalece...

Amanda: Por mais que eu, que eu ajude em algumas coisas prevalece, é bem forte isso.

Renata: Você acha que ela pode te ver como menor...?

Amanda: Sim.

Renata: Como menos...?

Amanda: Sim.

Renata: Você percebe isso?

Amanda: Percebo.

Renata: E como que é isso para você?

Amanda: Que é uma questão... até que eu percebo em pessoas da minha idade que moram com os pais e que...

Renata: Você conhece mais gente que mora?

Amanda: Conheço, conheço.

Renata: Como são?

Amanda: E eu percebo... é... essa relação muito da mãe. Inclusive eu tenho um amigo... ele é até homossexual, é muito engraçado, eu acho que vale até a pena contar. Ela [a mãe do amigo] me ligou no sábado procurando o amigo meu, que não tinha voltado. Ele é professor também. E esse rapaz tem quarenta e dois anos e ela estava chorando no telefone.

Renata: A mãe dele?

Amanda: A mãe.

Renata: Ligou para você?

Amanda: É! E eu falei “não, ele deve ter ido passear, saiu com alguém”. Não é assim! Falei para ela... E a senhora já tinha ligado para o hospital. Eu: “eu acho que a senhora deveria sair, ir para o mercado, fazer alguma coisa que a senhora goste, quando a senhora perceber ele já vai estar em casa”. E realmente foi o que aconteceu. Então... analisando... minha mãe não chega a esse extremo. Porque minha mãe tem uma vida, é muito ativa. Embora não trabalhe fora ela tem o mundo dela, não chega nesse extremo, mas eu acho que não é cem por cento. Ela ainda me vê sim, como um ser que precisa de proteção, como a filha, como a... Não, não, ela me vê como se eu fosse mais para criança do que para... para uma mulher mesmo.

Renata: Você acha que ela não te enxerga como mulher?

Amanda: Não.

Renata: Apesar de você ter sido casada, de você namorar, de você ter sua vida, e tudo isso?

Amanda: Eu acho que... não é que ela não enxerga, eu acho que são as projeções... eu acho que a minha vida não está como eu quero, mas está muito menos como ela quer. E isso frustra demais e, às vezes, ela acaba, é, jogando isso para mim, tanto que eu já cheguei a pensar em terminar o meu relacionamento por causa dela, porque é muita cobrança.

Renata: Ela te cobra muito sobre ele?

Amanda: Cobra.

Renata: Por ele?

Amanda: Cobra. E ela faz eu me sentir inferior por não estar com um homem compatível.

Renata: Entendi. E você, de alguma forma, gostaria de responder a essas expectativas da sua mãe? Como que é isso para você?

Amanda: Não, eu gostaria de estar feliz.

Renata: E hoje você acha que você está?

Amanda: Não.

Renata: Por conta disso que você acabou de falar...

Amanda: Sim, disso, da realização profissional, é...

Renata: Como que você queria estar hoje, então?

Amanda: Então, hoje eu queria estar... é... exercendo uma profissão que eu gostasse, eu queria estar casada, eu queria ter uma família...

Renata: Você falou que você é professora...

Amanda: Hum, hum.

Renata: Você gostaria de estar nessa profissão ou em outra?

Amanda: Em outra.

Renata: O que você gostaria?

Amanda: Psicologia, por incrível que pareça.

Renata: Psicologia, não é a sua formação?

Amanda: Não, eu faço curso de formação em Psicanálise.

Renata: Ah, você está estudando Psicanálise.

Amanda: Isso... é.

Renata: Certo... Você gostaria de estar atuando nessa área... E por que não?

Amanda: Então, atualmente eu pensei em entrar na faculdade, fazer, mas são as ... e dar aula em faculdade que é uma coisa que eu consegui. Isso eu gostei e me identifico muito, mas eu não estou num lugar que é muito seguro. Acho que é isso que está... que está mexendo comigo. A questão do atraso salarial... Então eu estou... eu diria que... assim... eu estou pela metade, eu me realizo onde eu estou, mas não é o suficiente para manter uma vida no padrão que eu estava acostumada.

Renata: Você acha que falta....

Amanda: Ajudar em casa...

Renata: O reconhecimento financeiro?

Amanda: Financeiro. Financeiro e de repente conseguir mais aulas nesse tipo de seguimento, o universitário... Que eu não encontro mais no outro que eu trabalhei durante 18 anos.

Renata: Qual era o outro?

Amanda: Dar aulas no Ensino Fundamental II e Médio.

Renata: Ensino Médio e Fundamental...

Amanda: É que na verdade eu desenvolvi, com certeza, uma síndrome de *burnout*, eu tenho certeza.

Renata: Pânico por causa disso?

Amanda: Eu não digo que chegou a um pânico, mas chegou assim a um descontentamento, a um não querer mais fazer.

Renata: Uma aversão a isso?

Amanda: Uma aversão muito forte. E eu vivo disso... então, é um contraponto também, porque por mais que eu comece algo novo eu teria que ter ou um, uma poupança para investir numa coisa nova, ou teria que estar ganhando bem para seguir até chegar no que eu quero mesmo.

Renata: Entendi. E você tem algum recurso guardado?

Amanda: No momento não, porque eu fiquei muito doente e...

Renata: O que você teve?

Amanda: Eu tive uma depressão... muito forte quando meu pai faleceu, em meio disso tudo e precisei de muito, muito psiquiatra, meu convênio não cobria, então era

todo mês duzentos reais de psiquiatra, duas vezes por semana, por mês, remédio, medicação, terapia, então eu gastei bastante nessa parte. E eu comecei a fazer o curso, que não é um curso barato também, de Psicanálise (risos).

Renata: (risos)

Amanda: Que eu estou concluindo, não conclui ainda justamente porque eu entrei esse ano... tinha melhorado muito, mas esse ano eu entrei nesse processo depressivo muito forte e...

Renata: Novamente?

Amanda: Novamente e me travou um pouco, porque você trabalhando, estudando a mente humana, você tem que estar bem... inclusive eu estava fazendo estágio, já, com pessoas...

Renata: Estava atendendo já?

Amanda: Estava como estágio e estava adorando, me encontrei muito, mas é o que eu te falei, eu comecei a ter uma onda de desmotivação e de não acreditar mais nas coisas.

Renata: Entendi. E para você acreditar você acha que precisaria dessa compensação financeira.

Amanda: Financeira e alguém que acreditasse em mim. Eu sinto que é... por mais que o meu namorado faça tudo, eu não sei se a figura paterna ou se é uma coisa assim, ou sinto muito a falta de um apoio de fato, real.

Renata: E você acha que seu pai fazia isso?

Amanda: Fazia.

Renata: Quando ele estava vivo ou...

Amanda: Fazia, fazia.

Renata: Ele era o seu apoio?

Amanda: Era.

Renata: E agora está difícil achar outro apoio, é isso?

Amanda: É, bastante. [começa a chorar]

Renata: Eu estou vendo que você se emociona de falar dele... deve ter sido uma perda bem difícil Amanda...

Amanda: Foi, até hoje.

Renata: Como foi que ele morreu?

Amanda: Ele era cardíaco, fazia tratamento já há seis anos. Ele era muito forte, meu pai era um homem que não aceitava que estava doente. Tratava mas não ficava na cama não, ele tinha muita vida e depois quando ele ficou muito doente, que foi em 2004... na época até que eu estava iniciando um emprego novo. Ele foi assim... Eu estava dando aula, inclusive, à tarde quando eu recebi a notícia que ele tinha passado mal. Eu sai, falaram para eu ficar lá... meu primo que ligou para escola e quando eu cheguei eu não acreditei que ele estava bem, eu cheguei ele estava sendo entubado... eu peguei a cena. Depois ele ainda voltou, ele ficou uma semana na UTI [Unidade de Terapia Intensiva], mas é...

Renata: Consciente ou não?

Amanda: Consciente, falando que ia voltar, que estava tudo bem... e uma semana certinha depois ele faleceu.

Renata: Na UTI?

Amanda: Na UTI. E o que mais, assim, me deixa impressionada, são as últimas coisas que ele falou para cardiologista. Depois ela me contou, pois era muito amiga dele. É que ele não queria ir embora, que ele só queria ir embora o dia que ele soubesse que eu estava bem e esse estar bem era estar com alguém.

Renata: Ele queria alguém para você?

Amanda: Queria.

Renata: Mas de algumas formas você foi buscando outras pessoas...

Amanda: Fui.

Renata: Amanda, você contou as suas experiências com outras pessoas... Você acha que seu pai aprovaria, por exemplo, essas pessoas?

Amanda: Eu acho que não, eu acho que ele, o meu pai ele era diferente da minha mãe, o meu pai ele aprovaria quem me fizesse feliz e minha mãe aprovaria quem me fizesse feliz, mas não talvez da forma como eu pense, que me ajudasse financeiramente, aquele tipo mais tradicional de casamento.

Renata: Do homem que banca...

Amanda: Do provedor.

Renata: Mais coisas...

Amanda: É... E meu pai não, ele queria me ver feliz.

Renata: E você acha que você não está feliz?

Amanda: Não.

Renata: Mesmo estando namorando, mesmo estando com alguém, namorando já há quatro anos...E o que você acha que poderia acontecer para você se sentir mais feliz?

Amanda: É tão engraçado que eu acho que, atualmente, eu acho que o profissional, eu acho que eu precisaria essa realização porque eu me preparei a vida toda para isso. Até enquanto casada eu fiz o mestrado... fiz oito anos de inglês, então assim...

Renata: Estudou muito...

Amanda: Estudei muito. Então eu vejo que, eu não sei, não vejo assim. Lógico que tem a realização pessoal, mas eu não vejo muito sentido aos trinta e sete anos na minha vida.

Renata: Um sentido do quê?

Amanda: De ter feito tudo que já fiz, o reconhecimento de estar, não rica, porque rica ninguém fica... assim de estar já ganhando mais, de estar, é, podendo ajudar mais. Agora mesmo nessa ocasião da minha mãe. Até em questão do meu namorado, de, da gente poder estar junto, morando junto, tentando... porque agora as duas partes estão ruins... então acho que a primeira coisa seria essa.

Renata: E você não vê a possibilidade de, por exemplo, ele ir morar com você, hoje?

Amanda: Então, eu, eu pensei nisso no final do ano, da gente conseguir, mas como eu não estou conseguindo nada por enquanto e ele também não, eu acho que isso... por isso que eu te falei que eu estou vivendo um dia após o outro... Quando eu olho para nossa realidade eu acho que precisaria ter uma transformação muito drástica.

Renata: Você vê a possibilidade disso agora?

Amanda: Agora não. Porque senão eu teria problemas mesmo com a minha mãe, porque ela sentiria que estaria, de certa forma, sustentando duas pessoas.

Renata: Entendi.

Amanda: E quanto mais você... é... tem que fazer... é... o papel de provedor do outro, você tem mais domínio sobre o outro. Quanto mais independente financeiramente você é, mais, menos dominado você é.

Renata: Você acha que, então, sua independência viria pela dinheiro?

Amanda: Sim.

Renata: De outra forma...? Você acha difícil?

Amanda: Difícil. Não de conviver com ela porque eu poderia estar como eu sempre estive, com ela, mas eu acho que quanto mais eu tiver possibilidade de bancar as coisas e de ter um relacionamento que os dois também estejam ali bancando, ajudando de uma certa forma, a interferência é menor.

Renata: Deixa eu ver se entendi. Você acha que está suportando uma série de coisas que você não precisaria suportar se você estivesse ganhando mais dinheiro.

Amanda: Com certeza. Inclusive quando eu me relacionei com esse médico, que eu falo que foi assim... uma... um problema, porque eu estou consciente que não vai dar certo, tudo, mas eu ainda me pego sofrendo por isso. Às vezes, eu acho que ele não ficou comigo por uma questão profissional, porque ele é um cirurgião muito assim, renomado e tudo... e eu acho que eu não teria o mesmo nível, embora intelectual sim, mas para bancar uma vida do lado de um homem assim.

Renata: Você se sente assim?

Amanda: Eu me sinto.

Renata: Você já falou isso para ele?

Amanda: Não.

Renata: Se você quiser saber se é isso mesmo que ele pensa vocês poderiam conversar...

Amanda: Não, quando a gente conversou, assim, sobre o relacionamento ele falou que ele tinha um problema, que ele não conseguia se apegar a nenhuma mulher.

Renata: E se apegou em você? (risos)

Amanda: (risos) E foi muito engraçado que a namorada, a ex-namorada dele me ligou esse ano porque ele queria sair comigo, eu fiquei muito na dúvida, e ele estava voltando com ela e ela se passou por amiga minha. E como eu estou muito fragilizada acho que todo mundo é amigo meu. E ela descobriu que assim... eu acabei virando uma confidente, ela minha e eu dela, só que a mulher reverteu.

Renata: Mas você sabia quem era ela?

Amanda: Sabia, sabia, mas ela não estava mais com ele, ela contou que sofreu muito e ela tem uma história de vida muito parecida com a minha. Ela é separada, tem a minha idade, não tem filhos, então a gente se identificou, mas ela, entre outras... porque até desconfio que ela é meio psicopata...

Renata: (risos)

Amanda: Porque ela inventou uma história para ele que, que eu o via, que eu o via como um pai. Ela pegou toda minha fragilidade e jogou isso para ele, que eu estava procurando um homem para me sustentar, mas como ele me conhece muito bem, ele sabe que não é isso. Tanto que a gente ficou um tempo sem se falar... foi um briga feia mesmo e na semana passada ele me mandou um *e-mail* dizendo que tinha saudades, me adicionou de novo no *MSN* [programa de conversa em tempo real pela Internet]. Hoje a gente conversou e ele quer me encontrar, hoje eu ia me encontrar, mas eu... eu acho melhor não ir, desmarcar.

Renata: Você ia vê-lo?

Amanda: É, mais a noite eu ia, mas achei melhor não ver.

Renata: Quer dizer que ele é uma pessoa que ainda está aí?

Amanda: Está.

Renata: Rodeando...

Amanda: Está, mas que eu estou muito ciente que não quer nada... assim, não quer nada que... do que eu quero.

Renata: Quer coisas diferentes do que você quer?

Amanda: Isso, isso.

Renata: Você acha que ele quer o quê?

Amanda: Sexo, só.

Renata: E você gostaria de mais...

Amanda: Apesar de a gente ter uma amizade, da gente ter uma ligação muito grande, mas não, eu não consigo fazer isso se transformar. E eu me sinto impotente por isso também.

Renata: E ele sabe de tudo isso, desse seu sentimento, que você gostaria...

Amanda: Então, sabe por que eu revelei esse ano para ele e foi trágico.

Renata: Foi trágico...

Amanda: Porque ele se afastou.

Renata: Mas como ele se afastou se agora ele que ficar com você Amanda?

Amanda: Exatamente. Ele se afastou, falou que não conseguia se apegar a mulher nenhuma, que eu confundi as coisas.

Renata: Foi aí que ele falou isso?

Amanda: É, que era uma amizade colorida. Aí a gente rompeu mesmo de vez, tudo, amizade, tudo, e agora ele veio de novo.

Renata: Ele apareceu?

Amanda: É.

Renata: Difícil de entender...

Amanda: Bastante. Porque ora fala uma coisa, ora faz outra coisa.

Renata: Bom, e sobre esse aspecto da tua vida que é mais íntimo, sua mãe compartilha dessas coisas com você, ela sabe que esse médico aparece, desaparece?

Amanda: Sabe.

Renata: E como que é isso na relação de vocês duas? Como que ela vê isso?

Amanda: Não, não, nesse ponto ela é neutra. Ela só fala para eu tomar cuidado porque a namorada dele é louca, a ex... e se ela teve coragem de rodear, de querer saber da minha vida é sinal de que ela ainda está por perto e pode fazer alguma... Porque depois conversando com ele, ela tem traços de psicopatia...

Renata: Você consegue identificar isso?

Amanda: Consigo e ele também.

Renata: Ele também percebeu?

Amanda: Também.

Renata: Você acha que foi por isso que ele se afastou dela?

Amanda: Sim. Eu acho que ele nutriu, inclusive ele me falou que ele tentou se desvencilhar, mas tinha medo por essas características dela.

Renata: O que ela seria capaz de fazer?

Amanda: Ah, ela perseguia, ela pegava conta de celular dele, fazia amizade com os residentes.

Renata: Só para saber da vida dele...

Amanda: Exatamente.

Renata: Entendi. É Amanda, tem mais alguma coisa que você queria contar sobre como que é essa vida de morar com a mãe?

Amanda: Então, eu acho que tem o lado bom, mas tem o lado ruim, o do apego... porque, é como se fosse uma, assim, uma ligação, é, éramos três, eu meu pai e minha mãe, e eu acho que eu senti muito a morte do meu pai, eu acho que qualquer filho sente, mas eu senti uma, uma perda que eu... ainda hoje é irreparável. Eu sei que é uma perda que vai além do normal. Eu acho que com a minha mãe, também... eu acho que o lado negativo é esse, é, esse cordão umbilical, que por mais que você seja independente tudo fica, das duas partes. É o lado negativo.

Renata: Você se sente muito ligada a ela?

Amanda: É, é o lado negativo. E o lado positivo é, é de você sentir que pode contar com ele... você compartilhar... tem o lado bom e ainda eu acho que também depende muito do filho, como eu te falei desses amigos que eu tenho que vivem com os pais e que não conseguiram o respeito, que a mãe ainda domina de forma total a ponto de dizer “eu vou por ordem nessa casa”. Então minha mãe jamais falaria uma coisa dessas para mim. Porque ela sabe que não tem mais esse poder, então acho que cabe ao filho, também, mostrar pro pai “eu cresci, eu, eu moro com você, eu respeito, eu te ajudo, você me ajuda, eu respeito, mas cada um tem o seu limite”. Eu sei o limite que eu posso ir com ela e ela sabe o limite que pode ir comigo.

Renata: Que pode chegar...

Amanda: Tem que haver o respeito... então, por exemplo, eu saio, é lógico que eu vou avisar porque eu também gosto que ela me avise. Imagina, ela sai e não... eu moro junto com a pessoa, então falo, “eu vou e não tenho hora para chegar, estou com o celular, qualquer coisa me liga”. Eu acho que isso você faz até com uma amiga, se você mora com uma amiga, tem esses combinados, mas assim, cabe ao filho colocar. “Eu cresci, até aqui. Eu sei o que você me passou e vou... é... trabalhar da melhor forma com isso.”

Renata: Entendi.

Amanda: Eu acho que cabe muito mais nessa época ao filho do que ao pai, porque para o pai, principalmente para uma mulher da geração da minha mãe, que foi dona de casa e mãe, é mais difícil ver que o papel é outro, a filha cresceu. E ela... é aquela tal da síndrome do ninho vazio. Agora o filho tem que, tem que apontar isso direitinho pros pais.

Renata: Você sente que cuida um pouco dela?

Amanda: Minha mãe é muito independente, ela cuida mais de mim.

Renata: Você acha que ela cuida mais de você?

Amanda: Cuida. Minha mãe é emocionalmente muito forte. Ela tem o emocional muito forte... Ela supera, ela tem uma, um grau de resiliência muito mais, muito...

Renata: Você acha que muito mais do que o seu?

Amanda: Muito mais! Com todo o conhecimento que eu tenho ela supera. É inerente a ela, talvez por ela ter deixado... É...é uma história, é contrária a minha. Minha mãe deixou os pais aos dezenove anos para vir morar com meu pai no Brasil.

Renata: Saiu cedo...

Amanda: Então ela deixou toda... os irmãos, as irmãs, e ela era muito mandona, embora seja a filha do meio, ela que cuidava dos irmãos. Então ela tem essa posição mesmo... já inerente a ela, mas o fato de, de ela ter deixado... acho que a tornou muito forte. E eu ao contrário, por ter essa proteção, eu acho que me tornou mais fragilizada e acho que o pior foram as sucessões de perdas, porque eu perdi o meu pai. Vinte dias depois a mãe dele, minha avó que não aguentou.

Renata: Nossa!

Amanda: E três anos depois minha tia mais nova, a irmã dele mais nova, que era super amiga minha.

Renata: Todos família do pai?

Amanda: Tudo família do pai, e eu já tinha perdido dois irmãos dele, um tio e uma tia. Eles morreram praticamente em cinco anos...

Renata: A família acabou?

Amanda: A família acabou, só tem um tio.

Renata: Tem um tio ainda.

Amanda: Tem um tio.

Renata: Você falou desse limite, do filho crescer... Então o que você acha que é ser adulto, hoje? Essa pessoa que cresce? O que é isso para você?

Amanda: Para mim é, é a pessoa que, que tem essa questão financeira, muito é... não digo rico, rico nós, é difícil, mas que você consegue se bancar... vamos usar uma linguagem mais assim, e... e também uma das... assim, bancar emocionalmente, você ser responsável por suas escolhas, você saber escolher, e ainda que faça escolhas erradas ser responsável unicamente por aquilo, pelos seus atos, eu acho que isso é ser um adulto.

Renata: E você se sente adulta assim?

Amanda: Nesse sentido sim. Eu acho que, por exemplo, se eu tivesse que falar "olha, eu estou assim por culpa da minha mãe". Não, não é! Eu acho que eu fiz algumas escolhas erradas na vida.

Renata: Quais?

Amanda: Profissionalmente, por exemplo, eu acho que eu demorei muito para perceber que eu estava numa área que não, não era tão meu perfil. Eu deixei chegar numa fase que, por exemplo, eu tenho amigas minhas que fizeram letras também, mas que saíram dessa porque viram que não tinham o perfil, foram ser secretárias executivas, foram... Perceberam na faixa dos vinte e poucos anos que estavam no caminho errado... Então eu acho que eu tenho uma personalidade que eu preciso me esgotar muito. Isso é com a profissão, com o amor, eu acho que eu preciso ir até as vias de fato.

Renata: Até o limite, você acha?

Amanda: Para... cair fora.

Renata: Para esgotar?

Amanda: Isso.

Renata: Esgotou e você consegue partir para outra...

Amanda: Isso, é isso. É um dado que eu percebo no meu comportamento e que não é legal porque traz muito sofrimento.

Renata: Você acha que você precisa sofrer muito para depois...

Amanda: Isso, isso.

Renata: Se recuperar e partir para outra, é isso?

Amanda: Isso, exatamente. E eu não culpo, assim, por exemplo... A minha mãe nunca, por exemplo, escolheu minha profissão, ela não foi...

Renata: Você faz o você quer...

Amanda: Nem meu pai... então acho que eles sempre me deram uma liberdade de escolha muito grande, eles nunca foram pais rígidos, para estudar, até porque eu já estudava, eu sempre gostei muito, eu não precisava (risos).

Renata: (risos)

Amanda: Eles falavam o contrário, meu pai já chegava de sábado “mas filha, vai brincar, vai fazer outra coisa”, então assim eu acho que eles tinham um, não sei se porque eles foram pais que na época, hoje é comum, mas minha mãe quando eu nasci, tinha trinta e seis anos. Hoje é comum uma mulher ter um filho...

Renata: Aos trinta e seis...

Amanda: Nessa faixa, mas na época deles não era.

Renata: Hum, hum, sim.

Amanda: Já era uma gravidez bem mais tardia. Então acho que eles já eram maduros o suficiente e tinham assim um, não tem um, principalmente meu pai... meu pai era, tinha uma segurança emocional muito grande, ele me criou muito independente, ele me ensinou a dirigir com 17 anos, para eu poder dirigir, sempre me apoiou. Eu comecei a dar aula na periferia aos dezenove. Eu levei o carro dele, ele deu a maior força “você vai dirigir”, estava um dia como hoje, chovendo, e ele falou assim, minha mãe chorando lá “não, ela não pode” meu pai “não, ela vai”. Então eu acho que ele, ele me criou muito assim, ele não me criou para eu ter um provedor, ele me criou para eu me...

Renata: Ser independente...

Amanda: Com certeza.

Renata: Apesar de ele, de ele te promover várias coisas...

Amanda: Exatamente, então, exatamente.

Renata: Levantar para fazer café...

Amanda: Exatamente, ele fazia tudo isso, mas com a... me dando esse aparato para eu trabalhar, para eu estudar, para eu conseguir o meu dinheiro, para eu conseguir o meu carro, para eu conquistar minhas coisas por mim mesma.

Renata: Você conseguiu essas coisas, seu carro...

Amanda: Consegui.

Renata: Seu dinheiro...

Amanda: Ele pagou a minha faculdade, o meu curso de inglês eu paguei, os meus carros, todos que eu tive até agora eu que comprei. Ainda é o... de antes dele falecer, uns anos antes, que meu pai tinha um fusca, que ele tinha comprado zero, era a loucura dele... era, sempre foi fusca. E eu “pai, esse carro já está velhinho”. Eu passei o meu carro, que praticamente estava zero, e comprei um outro para mim, e passei o meu para ele. Então foi uma coisa que eu via que tinha que recompensá-lo. Eu queria dar um novo, ele não quis, “não, então eu fico com esse”, ele vendeu o fusca. Ficou com o Uno na época, mas... eu acho que ele, ele deu essa... Minha mãe também. É, porque minha mãe nunca quis que eu ficasse fazendo as coisas de casa, falando “você tem que trabalhar, tem que ganhar seu dinheiro”. Então nesse ponto, agora, eu acho que emocionalmente minha mãe... quando eu digo que ela ainda pensa que eu sou uma criança, é no sentido de ela viver a minha vida, dela sofrer porque eu estou sofrendo, mas é um sofrimento que vai além do... de mãe assim, toda mãe sofre de ver o filho sofrendo, mas assim eu acho que é projeção “eu queria que minha filha tivesse melhor” e sofrer por isso.

Renata: Você acha que de uma certa forma ela desqualifica o jeito que você está?

Amanda: Ah, com certeza. Então, o meu pai, se ele tivesse vivo e tivesse nessa época, o que ele diria? “Vai passar!”

Renata: Calma que vai passar.

Amanda: “É, continua!” E minha mãe já acha que, já desanima junto comigo. Desanima assim, não ela, desanima o olhar que ela tem de mim. Ela me faz um ser muito frágil. “ai, mas você, tadinha, precisava ter um homem, mas, que te ajudasse” ou então “ai, mas você não devia ter deixado a Fundação [referência à Fundação Bradesco], as pessoas lá gostavam tanto de você, você tinha convênio bom, você tinha isso, você tinha aquilo, nunca mais você vai arrumar um lugar como a Fundação.”

Renata: Ela te fala isso?

Amanda: Fala.

Renata: Que nunca mais você vai arrumar...

Amanda: É.

Renata: E isso, para você como é?

Amanda: Terrível, terrível.

Renata: Você acha que com essa fala você se sente mais fragilizada?

Amanda: Muito mais, é uma luta... Que eu tenho assim, eu tenho que fazer um esforço...

Renata: E ela sabe disso Amanda, você fala para ela?

Amanda: Sabe.

Renata: Você fala, “mãe olha, eu gostaria que fosse diferente”, você conversam?

Amanda: Falo, mas ela pode mudar por um tempo, depois volta o discurso novamente. Por exemplo, a questão da faculdade, ela nunca quis que eu fosse para Diadema, por ser longe “ah, mas seu pai não é mais vivo, eu fico aqui sozinha”. Até tentou jogar um pouco a noite, “você vai me largar”. Eu não, eu fiz mestrado para dar aula em faculdade, as faculdades a maioria são no período noturno... não tem, eu posso ter a sorte de arrumar também diurno, que bom, geralmente nas faculdades boas, mas a maioria...

Renata: São todas à noite.

Amanda: É tudo à noite, pós, vai ter que ser assim, e eu preciso, eu fiz o mestrado para isso, eu lutei muito para isso, e fui, é nesse ponto que eu te falo que cabe ao filho esse discernimento e essa postura, coisa que esse outro meu amigo já não tem, a mãe faz e ele desfaz.

Renata: A mãe falou... (risos)

Amanda: Ele... A irmã de 45 parece que tem 15... Mas o fato de não ter dado certo foi um aval pro discurso dela, porque ela vira “tá vendo, eu não te falei que não era uma boa coisa... eu te falei.”

Renata: Mas ela sabe que não é só com você... não é você só que recebe o pagamento atrasado...

Amanda: Sim.

Renata: Quer dizer, não é porque você está naquele lugar...

Amanda: Não, não, não é, mas é uma coisa muito forte para ela, então ela “eu te avisei que você não ia fazer uma boa coisa”, então é, é complicado nesse sentido.

Renata: E você acha que é possível se separar dela?

Amanda: Não...

Renata: Da sua mãe...

Amanda: Se separar é no sentido simbólico ou físico, de verdade?

Renata: Físico, de verdade...

Amanda: Não!

Renata: Físico, de morar em outra casa...

Amanda: Não!

Renata: Você acha que não é possível?

Amanda: Não!

Renata: Bom, você falou que tem algumas vantagens...

Amanda: Eu não sei Renata, sabe... Porque, quando eu estava com esse outro rapaz... ele mora sozinho, ele é filho único... é... os pais são do interior e eu cheguei a pensar “nossa se ele me... é... convidasse para morar com ele...”, porque não? Ah, ele ah, eu não sei se gostaria de vir morar comigo, ele é muito independente, ele é um homem mais maduro, tudo, da minha idade...

Renata: Ele é o cirurgião?

Amanda: É. Ai Renata, fiquei tentada, eu acho que com ele eu iria morar sim (risos).

Renata: (risos).

Amanda: Eu visitaria minha mãe, óbvio, não abandonaria minha mãe, eu ia ter o apego na minha casa, mas eu já estava até estudando alguns modos... de deixar meu quarto, cuidar das minhas coisas, mas ainda assim...

Renata: (risos).

Amanda: Morar com ele, eu cheguei a projetar isso, é meio maluco... mas foi o único homem...

Renata: Você falou isso para ele? Que ele foi o único homem com quem você gostaria de morar?

Amanda: Não Renata, sabe por quê? Porque eu tenho um *feeling* muito grande... e eu sempre soube que ele não queria nada, assim...

Renata: Nada sério, do jeito que você queria, você acha?

Amanda: Eu sempre soube que não, depois de um tempo, no começo não, depois de um tempo eu... eu entendi.

Renata: Percebeu...

Amanda: E eu percebi que era pior sem ele do que com ele. E quando... esse ano foi um ano muito complicado porque eu tomei a decisão de largar o colégio, de não mexer mais com turmas de Fundamental e Médio e eu contei tudo para ele. E eu acho que foram duas coisas que mexeram muito comigo, que me deixaram muito para baixo, porque quando eu larguei a escola, e pelo fato de a faculdade não pagar, eu tive uma perda financeira muito grande e quando eu revelei tudo o que eu pensava para ele, eu também perdi o contato com ele. E eu fiquei num vazio existencial que você não imagina. E como eu não, eu estava terminando a Psicanálise eu não tinha dinheiro mais para pagar. Eu já... já fiz minhas sessões que precisa, são no mínimo cem sessões, eu já passei muito, muito mais...

Amanda: Só que eu tinha que continuar fazendo porque eu tava muito fragilizada e eu não tinha dinheiro para pagar as minhas sessões e... não tenho, então está sendo uma época que eu tenho que me virar sozinha com o emocional, ser meio terapeuta de mim mesma.

Renata: Entendi, mas você já procurou lugares onde isso pode ser gratuito, Amanda?

Amanda: Não, ainda não.

Renata: Olha, na própria universidade, na USP, tem a clínica psicológica, ela atende pessoas gratuitamente, é só você entrar no *site* da USP, do Instituto de Psicologia, tem lá o telefone, porque de repente, mesmo que seja um atendimento por alguém que está se formando, você pode ter o seu atendimento, pelo menos é um espaço.

Amanda: Exatamente. E, assim, porque eu quero continuar atendendo as pessoas mas eu estava tão, assim, energeticamente, psicologicamente fragilizada que eu fazia os atendimentos, me fazia bem, mas assim, eu sinto que eu tenho que ter uma estrutura melhor, até para mexer com Psicanálise.

Renata: Um acompanhamento, uma supervisão...

Amanda: Exatamente, como que eu vou, é... começar, eu estou fazendo agora o meu TCC [trabalho de conclusão de curso], para concluir de vez, mas como que eu vou... porque ficou parado, também, e porque não tem, a parte intelectual da gente começa...

Renata: Você sentiu que você foi perdendo...?

Amanda: Ah, eu tenho muito sono, eu choro muito, eu não me concentro...

Renata: Entendi.

Amanda: Então atrapalha, a parte cognitiva sim. E a gente tem um entendimento, você sabe que está comprometida... E por mais teoria que você tenha é difícil.

Renata: Na hora de articular é outra coisa...

Amanda: É difícil... então é um momento, assim, eu acho que eu nunca, eu falo, eu acho que foi o momento que meu pai morreu, mas eu tinha mais esperança, agora eu acho que eu estou pior.

Renata: Você acha que perdeu as esperanças?

Amanda: É.

Renata: Como que você se vê mais para frente, Amanda?

Amanda: Eu não me vejo.

Renata: Não se vê, está difícil de ver...

Amanda: E eu via...

Renata: Amanda, eu não sei o que te dizer, é você quem vê, é você que vê... Bom, tudo isso porque a gente começou a falar de como era morar na casa da família (risos).

Amanda: Mas eu já estava preparada... porque eu sabia que estou muito fragilizada. Então qualquer coisa eu estou desabando mesmo.

Renata: Mas eu acho que você contou histórias que são emocionantes. Talvez não teria como você não se expressar. Teve perdas, perda do marido, perda do pai, desse amor platônico que você se referiu que está rondando, mas que não é uma coisa que você quer, você falou dos pilares que você gostaria de ter, do pilar que você gostaria de ter, mas que você não está encontrando...

Amanda: É

Renata: Então eu acho que essa tristeza ela tem razão...

Amanda: É, são consequências eu acho, de escolhas erradas, mas escolhas que eu acho que eu fiz, e... é... é muito complicado e a posição do filho único... eu acho que, eu não sei como que está sendo a sua pesquisa, mas eu acho que uma coisa é você morar junto tendo irmãos... eu acho que o filho único tem essa responsabilidade ainda muito forte.

Renata: Tem responsabilidade de que, de cuidar?

Amanda: Dos pais, é. Porque a gente não tem com quem dividir, não é? E até na hora de fazer uma escolha isso pesa, porque você não tem como delegar pro outro, você faz uma parte o outro faz a outra parte, você faz tudo.

Renata: Você se sente sobrecarregada?

Amanda: Bastante, embora minha mãe não me dê trabalho, eu acho que sou eu que dou um pouco para ela..., até por conta da depressão ela fica preocupada, mas... é, eu sei que um dia eu vou ter esse trabalho. O meu pai, tadinho, ele faleceu muito rápido, não ficou de cama.

Renata: Foi uma semana...

Amanda: Ele ficou uma semana na UTI. Ele se cuidava, mas nunca ficou de cama. Tinha problema, mas não, vivia a vida dele... Então é, é muito complicado.

Renata: Você acha que está chegando a hora da tua mãe, por exemplo?

Amanda: Não, minha mãe está muito bem... eu, assim, ela, ela tem a família, ela foi para Portugal visitá-los há dois anos, gostaria que ela fosse mais vezes, ela tem condições de ir, e eu gostaria que ela tivesse mais consciência de que ela fez o que ela podia e agora é comigo.

Renata: Você gostaria que ela fosse um pouco para lá então?

Amanda: É.

Renata: Para Portugal...

Amanda: Que ela vivesse a vida dela. Até estando junto comigo, mas que ela não se envolvesse tanto com os meus problemas, não sei se é possível também..., mas assim...

Renata: Pelo que você contou, vocês têm uma relação bem próxima...

Amanda: Tem, mas ao mesmo tempo que tem essa ligação eu acho que ela me inferioriza, às vezes sem perceber, por conta das projeções...

Renata: E você contou que já falou isso para ela.

Amanda: Já. Mas passa um tempo e o discurso volta. Eu acho que isso é um dos, dos pontos negativos de quem mora junto adulto... porque o adulto já tem a sua, a sua, não é liberdade, o seu modo de vida, a sua concepção de mundo que nunca vai ser igual ao outro, porque ninguém é igual a ninguém, mesmo que tenha a mesma idade, não seja pai e mãe. Então já tem essa coisa de morar junto, mulher com marido, com amante, com namorado... Independente do, da relação. Agora com o pai e mãe tem esse lado também..., porque é esse respeito, é essa concepção de mundo, e esses conflitos..., que são inerentes a..., porque quando é pai e mãe já mistura aquilo que ele queria para você também, o que ele não está vendo. Quando você mora numa casa separada, nem tudo ele vai ficar sabendo. Tem coisas que ele não vai ver, que por mais que você conte, ele não sente porque ele não está vendo.

Renata: Sim, é diferente.

Amanda: E quando você está junto ele vê, ela vê. Por exemplo, na época que eu deixei, que eu estava muito negativa, muito deprimida, teve uns dias que eu não saia do meu quarto. Ela ligou para minha melhor amiga, o que está acontecendo?

Renata: Ela não foi lá?

Amanda: Não.

Renata: Ela não vai lá.

Amanda: Não.

Renata: E você gostaria que ela tivesse ido?

Amanda: Às vezes sim.

Renata: Às vezes sim, apesar...

Amanda: Mas não para cobrar.

Renata: Não para cobrar, para que você gostaria que ela fosse?

Amanda: Como meu pai ia!

Renata: Como seu pai ia?

Amanda: Ele ia para falar para eu olhar para frente.

Renata: Você sente que sua mãe não faz isso. Que está faltando alguém para fazer isso? Entendi, Amanda, entendi.

Amanda: E é o seguinte, o fato é que, eu não sei... O fato de eu ajudar meu namorado financeiramente parece que tira essa propriedade dele. Por mais que ele fale, fica uma coisa simbólica... Eu não o vejo como homem forte.

Renata: É você que o fortalece?

Amanda: É. Por exemplo, eu que falo para ele mandar currículo para ganhar..., ter um emprego melhor, eu que fico olhando vaga para ele.

Renata: Você cuida de uma certa forma dele?

Amanda: É.

Renata: Entendi, e você gostaria de estar sendo cuidada?

Amanda: Ou então de cuidar e ser cuidada, talvez.

Renata: Receber, uma troca...

Amanda: Eu sei que não é culpa dele, ele é maravilhoso, o problema está mais comigo, mas eu não, não está sendo suficiente. Eu só posso vê-lo, por exemplo, de sábado e domingo porque ele mora em São Bernardo.

Renata: Ele mora longe...

Amanda: Mora, mora com a avó atualmente. Então, a gente só se vê de sábado e domingo.

Renata: Então vocês namoram à distância, praticamente?

Amanda: No sábado ele vem, fica comigo sábado e domingo. E durante a semana a gente se fala bastante e tudo..., mas não...

Renata: Como é que vocês se conheceram?

Amanda: Pela Internet, Orkut [portal de relacionamentos virtuais].

Renata: Pela Internet? No Orkut? Ai marcaram, se encontraram...

Amanda: A gente ficou conversando, uns dois meses, pelo telefone, mais telefone do que MSN, eu não gosto muito dessa coisa virtual..., converso, mas, eu gosto de saber quem é a pessoa. Ele viu meu perfil e eu não dei muita credibilidade, porque eu já estava tão decepcionada, eu falei “imagina, se um homem formado, da minha idade, não está me levando à sério, imagina um menino.”

Renata: (risos)

Amanda: E eu não dei muita bola, eu achei ele bonito, me atraiu bastante, mas, não, eu não dei muita bola não, a gente começou a conversar, conversei, mas sem, falei minha idade, ele não se importou. Ele, segundo ele..., ele gosta de mulheres mais velhas. E, ah, você viu ele [referência a um encontro que tivemos na escola onde trabalhou], então ele tem um porte, assim... que nem, às vezes, o pessoal fala que não parece... que tem essa diferença, são doze anos. E ele, eu acho ele muito legal, a gente foi conversando, conversando e logo ele me pediu em namoro..., muito sério tudo e eu embarquei... Mas, tem essa seriedade, eu sinto que ele quer fazer o possível, mas são as condições mesmo..., e talvez o, as minhas decepções, também, não cobrem um pouco esse lado que eu até vejo que é bonito, legal, que existe..., e essa voz da minha mãe, essa voz assim, comparando. Que nem ontem foi uma..., a gente saiu em grupo..., saímos eu ele, e um casal de amigos meus. A minha amiga com o marido, aí minha mãe fez o seguinte comentário “nossa o Cris está tão bonito”, o marido da minha amiga, “ah, ela sim fez um bom casamento.”

Renata: E como é que você ouviu isso?

Amanda: “É, você não foi capaz, não é?”

Renata: Você sente que ela te dá umas “alfinetadinhas”?

Amanda: Ah, o tempo todo “que casamento que ela fez!”

Renata: E ela sabe que isso te machuca?

Amanda: Ah sabe.

Renata: Ou você acha que ela faz sem perceber?

Amanda: Ah não, eu acho que ela sabe. Então ela não vê assim, poxa que bom..., não está agora rolando de poder casar com esse namorado, mas é um cara que está fazendo bem para ela..., não está traindo, não está, não estou vendo ela chorando por causa dele. Ele assiste..., adoro ver filme e ele vê filme comigo. A gente foi ontem no show do irmão da minha amiga que tem um grupo, então a gente foi, ele topa, ele é super bonzinho.

Renata: Te acompanha, numa boa...

Amanda: Acompanha, mas ela não vê esse lado.

Renata: Você acha que ela vê o que ele não está fazendo?

Amanda: O que ele não tem, e por ele ser muito sossegado. Isso ele é da personalidade dele, ele é muito trabalhador, mas ele é..., ele não tem assim o instinto, acho que é da própria geração, dessa coisa assim de batalhar de... sabe? Então acaba que, é meio que forçando..., eu me sinto sobrecarregada, às vezes.

Renata: Engraçado... você falou “eu estou cansada, eu não estou vendo propósito, porque que eu fiz tantas coisas, porque que eu estudei tanto?” e agora você acabou de falar que o seu namorado é mais tranquilo, que deixa as coisas correrem, você gostaria de ser como ele?

Amanda: Eu acho que não!

Renata: Você acha que não?

Amanda: Não, porque o meu namorado ele não teve o suporte que eu tive. Ele, os pais dele se separaram quando ele tinha dez anos, fruto de uma traição e o pai ficou com a outra. E ele morava com o pai e com a outra, que teve um filho. E o pai fez diferença, então o pai trata a irmã do segundo casamento como uma princesa, o pai e a madrasta, e ele e a irmã mais velha que é casada, tem dois filhos, bem casada, tudo, que mora em Salvador, são, para ele, ele não ajuda em nada, então o meu namorado, tudo que ele tem é fruto dele, ele tem que batalhar muito para ter o pouco que ele tem, ele teve que trabalhar muito cedo, trabalhar pesado. Ele trabalhava na Ford lavando carro em caçamba, e isso retardou os estudos dele. E ele é apaixonado por educação física. Tanto que ele começou a fazer logística, isso eu gostaria de ter feito o que ele fez, ele fez logística, era um curso de dois anos, ele estava no, um ano, ele tinha pego umas DPs e falou “eu não me identifiquei com o curso, não é minha praia, eu quero fazer educação física”, porque ele já, ele já deu aula de capoeira, ele sempre fez academia, ele, ele gosta mesmo, lê tudo que sai sobre a área, e eu achei, isso sim eu achei bonito..., porque embora eu tenha gostado muito do curso de letras, eu sempre quis fazer psicologia, só que aí eu tinha que começar a ganhar dinheiro e eu fui protelando, e na época psicologia era muito

caro, hoje, por exemplo, você tem a UNIBAN, UNINOVE, que você faz por 380 reais. Na época eu cheguei a passar na PUC, mas era integral ou então o que equivaleria hoje, a mais de mil reais. O meu pai não poderia pagar. Só que meu pai, eu era muito, eu era muito... obstinada pelas coisas. Então meu pai ainda chegou a conversar comigo, "eu não posso te pagar, mas eu posso te pagar um cursinho. Ai você ganha tempo, você ainda é nova", eu tinha 17 anos quando eu entrei na Letras, tinha acabado de fazer 17, porque eu fiz 17 em outubro e entrei em dezembro para cursar em janeiro. O que meu pai falou: "pensa, o pai paga cursinho e você tenta a USP, por exemplo, que é aqui do lado da nossa casa, e faz a Psicologia."

Renata: Sei.

Amanda: Só que eu: "não, não, vou fazer Letras, vou dar aula, depois eu faço a Psicologia". E foi aí que eu fui protelando, tendo que ganhar dinheiro. Ele já, não achava justo também. Ele ajudou o que ele podia, porque a faculdade de Letras ele pagou inteira, e foi indo, eu fui fazendo...

Renata: E dá uma diferença grande da Letras para a Psicologia?

Amanda: Muito grande, acho que eu te falei, o que equivaleria hoje de ser Letras 300 reais, 400 vai, e Psicologia 1000.

Renata: Era mais que o dobro a faculdade?

Amanda: É. Então, o que aconteceu? Eu fui protelando isso, e eu tinha que ganhar dinheiro, eu me casei, então... as coisas..., é..., vi que estava muito difícil Fundamental e Médio, que eu não estava me realizando. Fui fazer o mestrado..., então eu acho que eu tentei muito numa área que eu via..., não que..., a faculdade eu percebi que é minha praia, eu gosto de lecionar na faculdade, mas eu percebi que eu seria mais feliz se eu tivesse feito a Psicologia. Eu teria outros ramos. RH [Recursos Humanos] eu acho que eu me identificaria muito, mesmo no setor, tendo a clínica e uma empresa, eu acho que eu fugi... É um..., é um..., é uma característica mais nata mesmo do que o dar aula... e isso eu admiro nele, por exemplo, ele fez essa troca numa boa.

Renata: Não é isso, parte para outra e pronto...

Amanda: É, isso sim, eu acho.

Renata: Isso você admira.

Amanda: Apesar de que hoje ele trancou..., porque como eu, entre aspas, fiquei nessa situação, eu ajudava muitas coisas para ele, dele, ele estava na faculdade e o carro, eu ajudava com outras coisas..., ajuda de custo combustível, quando a gente sai..., ele teve que trancar a faculdade.

Renata: Você chegava a pagar coisas quando vocês saiam, pros dois?

Amanda: Sim, desde quando a gente começou a namorar, ele nunca pôde pagar um lanche.

Renata: Até o lanche você pagava...

Amanda: Até hoje.

Renata: E isso te incomoda ou não?

Amanda: Não.

Renata: Você paga numa boa?

Amanda: Me incomoda ele não ganhar mais, para ele ser também mais independente, para ele poder cursar essa faculdade, terminar o mais rápido possível e ter um emprego bacana..., que é o que ele quer. Que eu acho que se, se ele for bom no que ele faz, eu acredito que ele vai ter o lugar dele, e ele vai ganhar mais do que o que ele ganha nesse laboratório. Porque ele ganha para que? Para ele pagar o carro e para pagar as despesas do dia a dia dele. Isso é o mínimo também, às vezes, extrapola.

Renata: Ele mora com a avó...

Amanda: É. Agora o pai comprou um apartamento, ele não quis ir com o pai porque o pai não ajuda em nada. Então ele estava tendo muito problema com a madrasta e foi morar com a avó. E ele dá uma ajuda de custo ainda, para avó, muito pouca, também.

Renata: Então isso dificulta também o lazer de vocês...

Amanda: Sim, porque eu tenho que pagar tudo para gente poder se divertir. Cinema, lanche...

Renata: Acabam ficando mais em casa então?

Amanda: Sim. A gente até que sai porque como eu pago meia, tudo, ele tem a carteirinha, a gente acaba indo em cinema, mas, é mais assim: séries, filmes, mas eu não me incomodo, eu gosto, eu sou muito caseira. A gente vai ao Villa Lobos [referência ao Parque], faz caminhada, nesse ponto não é um..., um, gritante. O que é o gritante? É ele não poder concluir os estudos e a gente ir morar junto.

Renata: E isso te frustra?

Amanda: Muito. Isso me torna impotente, porque eu não posso ajudar mais do que eu ajudo. Eu pago seguro de carro para ele, ajudo com combustível. E não sobra para mim também.

Renata: E daqui a pouco vai ficar faltando para você...

Amanda: Já está.

Renata: Já está faltando?

Amanda: Já.

Renata: E a sua mãe sabe disso?

Amanda: Sabe e joga na minha cara. É aí que se você não mora junto o outro não vê.

Renata: Entendi o que você quis dizer. Bom Amanda, tem mais alguma coisa que você queria falar?

Amanda: Não, é isso...

Renata: Sobre como é esse morar junto, estar com a família, mais alguma coisa?

Amanda: Eu acho que é isso mesmo.

Renata: Então vamos parar o gravador.

Pós-entrevista

Ao desligar o gravador ela diz: Espero que tenha ajudado. Eu respondo: Ajudou e muito – além de agradecer pela colaboração e reafirmar que assim que a transcrição ficasse pronta, lhe enviaria por e-mail para que ela lesse e verificasse se gostaria de manter as falas ou alterá-las.

3ª entrevista – Neila

Entrevista realizada no dia 21 de setembro de 2010, das 19h30 às 20:30h,
no Fran's Café da Vila São Francisco

Pré-entrevista

Neila atendeu ao pedido de participação nesta pesquisa prontamente. Enviei-lhe um e-mail perguntando se ela gostaria de participar e ela respondeu afirmativamente. Agendamos a entrevista com 2 semanas de antecedência. No dia combinado, confirmei por telefone sua contribuição.

Começando

Ao encontrar-me, Neila me abraçou. Ela chegou pontualmente no horário combinado.

Conheci a Neila através de uma prima. Já havíamos nos comunicado por e-mail, mas nunca tínhamos conversado pessoalmente.

Ao sentar, apresentei e li o termo de consentimento livre e esclarecido. Diante do entendimento e assinatura do termo, retirei o gravador da bolsa, coloquei sobre a mesa, apertei o botão *REC* e continuamos a conversar.

A entrevista

Renata: Neila, eu queria que me contasse como é morar na casa da família.

Neila: Olha, é... Eu me dou muito bem com meus pais. Eu acho que isso acaba sendo... Eu já saí da casa e retornei.

Renata: Como foi isso?

Neila: Eu fazia pós na USP ali da Dr. Arnaldo e trabalhava na Paulista, então voltava para casa só para dormir. Eu estava muito, muito cansada e decidi ficar mais perto de tudo o que estava fazendo, então aluguei um apartamento na Vila Madalena, e tinha uma amiga de infância que estava na mesma situação que eu, trabalhava ali na TV Gazeta e estudava no Mackenzie. E a gente decidiu dividir um apartamento. E a gente alugou um apartamento lá na Vila Madalena, que era bem próximo a tudo, próximo ao metrô, e a gente foi morar lá. Eu morei lá por quase três anos.

Renata: Quantos anos você tem?

Neila: Trinta.

Renata: E você morou com essa amiga de que idade a que idade?

Neila: Ai, eu voltei para casa tem um ano, mais ou menos, então, dos vinte e seis aos vinte e nove... Ai, é... Um pouquinho mais de um ano, foi excelente morar sozinha, sozinha! Se bem que a gente quase não se encontrava, eram horários muito diferentes, eu quase que morava sozinha mesmo. Ah, é uma vida diferente. Então... Aprender a se virar, até então eu não fazia nada na minha casa, não lavava, não cozinhava, não tomava nenhuma providência com relação à casa. Então acho

que aprendi a me virar muito melhor... E eu trabalhava numa empresa, me mantinha, quando decidi sair de casa, na verdade decidi porque iria me manter, porque achei que não tinha sentido financeiramente. Não tinha sentido sair de casa para ser bancada por alguém. Eu trabalhava em uma empresa, e... Foi logo... Era uma empresa de importação e exportação, foi logo quando começou a crise, e eu trabalhava em RH [recursos humanos] e o RH foi o primeiro a ser cortado e fui uma das primeiras funcionárias a sair. E foi uma época... Assim... Acho que no mercado de trabalho, foi uma época complicada para se recolocar. E eu também fiquei muito em dúvida se eu queria voltar a trabalhar com RH, na verdade não era exatamente o que eu queria, e achei que era uma oportunidade, já não estava... Estava tendo alguns conflitos com a menina que dividia o apartamento, e... Eu decidi voltar para casa. Fiquei lá por mais um tempo e quando... A fonte secou, falei: Bom, é hora de voltar pra casa.

Renata: Então você acha que voltou porque a fonte secou?

Neila: É, na verdade sim, acho que se eu tivesse... Se naquele momento eu tivesse a possibilidade de continuar a morar sozinha....

Renata: Mesmo dividindo? Você falou que teve alguns conflitos, o que aconteceu?

Neila: Eu era muito amiga dessa pessoa, dessa... Se chama Juliana, nós éramos muito, muito amigas... De colégio. E morar sozinha, dividir conta, dividir situações, acaba causando alguns conflitos. Coisa da convivência do dia a dia, do tipo, nooossa, você usou o fogão e não limpou o fogão? Você foi lá e comprou uma gata e eu não queria ter uma gata em casa, agora sou obrigada a conviver com uma gata que não é minha.

Renata: Então aconteciam coisas que vocês acabavam não decidindo juntas, é isso?

Neila: É. Muitas coisas aconteceram e... Eu acho que é mais fácil, de repente, você morar com alguém que você não conhece do que com um amigo. Porque você acaba tendo que dar satisfações da sua vida para um amigo e, às vezes, o amigo se incomoda com algumas atitudes que você tem. Se você morasse com alguma pessoa que você não tem nenhum tipo de relacionamento, não tem nenhum vínculo, isso não te exigiria nada... Teve essa questão. E... Por isso eu acabei voltando para casa. Mas na verdade assim... Acho que tudo... Foi um emaranhado de coisas que naquele momento juntou tudo... A questão do conflito e também como a gente estava muito em conflito eu não fiz a mínima questão de procurar qualquer outra atividade que pudesse me manter... Morando no apartamento, de me manter sozinha, e eu acabei retornando para casa.

Renata: E você chegou a ficar desempregada e mesmo assim dividindo apartamento com a Juliana.

Neila: Fiquei, fiquei um tempo assim, tinha uma reserva, eu tinha me preparado para isso. Fiquei uns... Cinco ou seis meses assim, até porque a gente tinha um contrato do apartamento, e a gente tinha, de fato... Tinha feito um contrato entre nós duas,

então, não importa o que aconteça, a gente tem um compromisso uma com a outra. Tem um tempo para poder entregar o apartamento, e... Tem tudo isso.

Renata: Então você se planejou, por exemplo, para ter essa reserva caso acontecesse alguma coisa...

Neila: Planejei.

Renata: Entendi. Bom, e você conseguia se manter... Sem ajuda financeira... De ninguém...

Neila: Me mantinha.

Renata: Como era?

Neila: Era uma vida muito diferente. Me desculpe. (Celular da Neila toca.)

Renata: Imagina, fique a vontade (pausa)... Você falou que era uma vida diferente.

Neila: Era diferente. Na verdade quando eu morava com meus pais... Até agora, eu podia pegar meu dinheiro se eu quisesse e comprar tudo em roupa, ou fazer uma viagem, ou trocar de carro, ou fazer uma série de coisas... Quando eu passei a ter um compromisso financeiro eu não podia fazer, então... Era uma vida muito diferente... Assim, muito regrada... Nesse sentido.

Renata: Então você trabalhava antes de morar sozinha com essa menina, com a Juliana?

Neila: Eu trabalhava, eu trabalhei, é... Já estava... Eu me formei e fiquei um tempo viajando... Pensando na vida e acho que um ano e meio, quase dois anos depois eu comecei a trabalhar, então eu já trabalhava tinha quase um ano, um pouquinho mais que isso.

Renata: E esse dinheiro que você ganhava no seu trabalho, você falou que podia gastar só com você, então você não tinha nenhuma contribuição financeira na sua casa, na casa dos seus pais.

Neila: Não.

Renata: E não havia essa cobrança, como era?

Neila: Não, nunca teve.

Renata: Nunca teve.

Neila: Nunca teve.

Renata: E hoje, tem?

Neila: Não. Hoje (risos) continua não tendo na verdade. Mas é... Às vezes eu me sinto... É... E na verdade meus pais, o que eles pedem é para que eu realmente me programe, para que eu tenha uma reserva, mas que eu não... Não é necessário eu ajudar em casa, mas, que além de me bancar, de pagar minhas contas sozinha, que eu faça alguma coisa com o dinheiro. Que eu tenha uma reserva, que eu invista em alguma coisa.

Renata: Você falou que paga algumas coisas suas, que tipo de coisas?

Neila: Eu pago carro, eu pago prestação de um apartamento, eu pago análise, um investimento que quando estava morando sozinha foi a primeira coisa que tive que cortar (risos), infelizmente. Então, hoje, é mais tranquilo nesse sentido.

Renata: Então você está falando desse apartamento, esse apartamento é para investir dinheiro, ou você pretende morar, como é?

Neila: Então, eu namoro há cinco anos. E chega um momento que você começa ser cobrada, e... Mas não só pela cobrança... Eu sentei, conversei com meu namorado e a gente achou que realmente estava, estava no tempo da gente começar a pensar em alguma coisa para casar.

Renata: Você quer casar?

Neila: Não sei se casar formalmente, assim e tal, mas a gente pensa em ter uma vida em comum daqui um tempo.

Renata: E esse apartamento é de vocês ou só você que está assumindo esta responsabilidade?

Neila: Não, é nosso, é nosso.

Renata: São os dois?

Neila: Hum, Hum.

Renata: É um apartamento na planta, como é?

Neila: É, está na planta ainda.

Renata: Então vocês devem pagar uma parcela, é isso?

Neila: Isso. É, tem época que a gente tem que dar uma entrada... As chaves, uma parcela das chaves, essas coisas...

Renata: Bom, e esse retorno prá casa, como foi?

Neila: Olha, foi... Eu tenho uma relação muito boa com meus pais, mas mesmo assim tem a questão da convivência de que... Fica claro num determinado momento que não é sua casa. Então, eu lembro que É... Meu... Minha mãe é uma pessoa muito tranquila, mas meu pai... Você vai... Criando manias, não é? Então eu tinha, tinha o hábito de... Eu morava sozinha, então eu chegava, jogava a bolsa... Deixava

toalha espalhada pela casa e tal, e um dia meu pai virou prá mim e falou: Minha filha você não mora mais sozinha, você convive com mais três pessoas, então comece a respeitar o espaço dos outros, porque você está desrespeitando!

Renata: Quem são as três pessoas?

Neila: Meu pai, minha mãe e meu irmão.

Renata: Você tem um irmão?

Neila: Tenho.

Renata: Mais novo ou mais velho?

Neila: Mais velho.

Renata: Bom, então você voltou e foi obrigada a se adequar a estas regras que eram deles.

Neila: Hum, hum.

Renata: Você falou que sua mãe é muito tranquila e seu pai é mais assim, como é seu relacionamento com cada um deles?

Neila: É bom. Eu sempre me dei muito bem com minha mãe, minha mãe é muuuito, uma pessoa muito facilitadora... Em todos os aspectos, e a gente sempre se deu muito bem, e ela fala que quando eu saí de casa, isso ela só me contou depois, que ela olhava para o guarda-roupa vazio e chorava..., não é? [e dizia] Se você tivesse saído porque casou ia ser diferente para mim, isso de morar sozinha...

Sei lá, isso é síndrome de ninho vazio prá mim (risos). [a mãe dizia] – Isso de você ir morar sozinha, nossa! Eu fico aqui pensando...

Mas para mim ela nunca disse nada.

Renata: E você soube disso quando?

Neila: Quando voltei.

Renata: Depois de três anos?

Neila: É, depois de três anos. E o meu pai... Eu tinha muito conflito na adolescência com meu pai.

Renata: Por quê? Você consegue lembrar?

Neila: Ah, porque eu sempre fui mais independente assim, se eu queria sair, eu punha uma mochila nas costas e saía, viajava. E ele sempre foi um pouco controlador. Sempre não, na adolescência ele era... Sei lá, função de pai, controlava, se preocupava muito... Então a gente tinha muito conflito.

Renata: Vocês brigavam por quê? Porque você queria sair...

Neila: Principalmente assim.

Renata: Hora de voltar... hora de chegar...

Neila: É. Depois de um certo tempo ele passou a não se incomodar com o horário... Mas no começo da adolescência isso foi um grande conflito sim.

Renata: Entendi.

Neila: Namorado... Em casa... Então me lembro que... É... Namorar no quarto jamais para ele, mas meu irmão que é dois anos mais velho namorava, não tinha problema.

Renata: Tinha essa diferença?

Neila: Tinha, tinha.

Renata: E como era isso para você?

Neila: Horrível, não é? (risos) Péssimo!

Renata: Dava para conversar sobre isso com seus pais?

Neila: Com minha mãe sim. Com meu pai não. Ele era bem... Muito rígido comigo assim... Nesse sentido.

Renata: E seu irmão podia por quê?

Neila: Porque é homem. É claro que as coisas não eram ditas dessa forma, mas era a mensagem que ficava.

Renata: Mas para ele era permitido.

Neila: Mais velho... Uma série de coisas.

Renata: E hoje, você falou que está namorando há cinco anos, seu namorado deve ter acompanhado essa trajetória de morar sozinho... De voltar... Como está o relacionamento de vocês com tudo isso?

Neila: Então, quando fui dividir o apartamento com a Juliana, todo mundo dizia para mim: Ué, por quê você não vai casar, por quê não vai morar com seu namorado? Porque não era hora, não era essa a questão... Não queria... Na verdade eu queria ter essa experiência de ter morado sozinho antes de casar mesmo, achei que seria legal para mim e não era o momento com ele... Morar com ele, não era aquele momento que eu queria.

Renata: E ele entendeu isso? Como foi?

Neila: Acho que ele nem questionou muito (risos), acho que também nem era o momento dele, não era essa... Ah, ele estava focado em outras coisas, não é? Na

época ele trabalhava no Rio de Janeiro, então ele ficava durante a semana lá e voltava... Só nos finais de semana... Então também não era muito...

Renata: Vocês namoravam mais de final de semana?

Neila: Ainda é, não é? Ele mora longe, mora em São Bernardo, então... Às vezes, a gente se vê no meio da semana... Mas é muito corrido, então...

Renata: Mais raro.

Neila: É. Agora...

Renata: E nos finais de semana vocês se veem, como que é, você vai para lá, ele vem para cá?

Neila: É, a gente reveza um pouco... Ou ele vem prá cá e quando vem passa o final de semana aqui, ou eu vou prá lá e passo o final de semana lá.

Renata: E ele passa o final de semana aqui e dorme onde?

Neila: Na minha casa, não é? No meu quarto... É mudou, na verdade acho que as coisas mudaram. É... Quando eu... Quando eu saí de casa e quando voltei... Eu saí e comprei uma cama de casal para mim. Quando voltei meu pai olhou e tinha uma cama de casal e ele não ia poder falar nada, não é?

Renata: E ele aceitou?

Neila: Sim, hum, hum.

Renata: Então teve uma diferença depois que você voltou prá casa?

Neila: Teve, teve.

Renata: No comportamento que você podia ter, que antes não podia ter... E como eles veem... Não sei se conversam sobre isso, mas eles devem saber que você tem uma vida sexual ativa.

Neila: Então... Meu pai um dia falou que... A gente conversando ele me disse: Ah, vocês tem uma super liberdade, eu não cobro nada de vocês, vocês fazem o que quiserem com a vida de vocês e é isso que eu quero mesmo, que vocês sejam felizes.

Renata: E vocês chegam a conversar sobre isso, em casa?

Neila: Sobre...

Renata: Sobre sexualidade, intimidade?

Neila: Não. Nunca... Não dessa... Não, não se fala. As pessoas sabem que tem, que acontece, eu tenho trinta anos, mas não... Quando eu era adolescente minha mãe se preocupava muito com essa questão de gravidez, de namorar e tal e depois...

Renata: Depois passou.

Neila: Depois passou.

Renata: Você está namorando há cinco anos e tem esse projeto desse apartamento, como você se vê no futuro?

Neila: Então, é, eu... Na verdade eu sei, assim... Eu meio que tenho um projeto de vida com o Rafael, é... O Rafael, assim como eu, demorou um tempo para entrar no mercado de trabalho.

Renata: Quantos anos ele tem?

Neila: Tem trinta e um, é engenheiro e ele também passou pela mesma coisa que eu... Ele morava em Minas, fez faculdade lá, durante seis anos e uma hora teve que voltar para casa porque não arrumava emprego lá.

Renata: Ele saiu e voltou também, nossa que interessante!

Neila: É, eu acho que a gente está na mesma enfermaria (risos), e ele teve que voltar.

Renata: Você acha que está doente?

Neila: Não, mas acho que já era o tempo da gente não estar mais em casa.

Renata: Você se incomoda com essa situação?

Neila: Eu me incomodo... Eu me incomodo. Na verdade eu me incomodo com a... Não é nem na minha casa, me incomodo quando tenho que ir para a casa dele, eu acho que a gente já tem um tempo... Curto juntos, a gente só consegue se ver aos finais de semana e... Então vou para casa dele e aí tem que dividir atenção com pai, com mãe, com família, e passa a não ser só seu relacionamento, sabe? Você meio que namora a família também, é meio como se fosse casado, não é? Você meio que vive a vida da pessoa... Mas... É... Quando você namora você tem que dividir a casa, isso é muito forte, muito presente.

Renata: Você sente que dividiu o espaço do relacionamento de vocês com a família?

Neila: É.

Renata: Ele se queixa disso também quando vem para cá, ou você acha que é uma questão mais sua?

Neila: Minha família é... É complicado falar isso de família, não é? Mas minha família é um pouco mais neutra assim. Então minha mãe não vai se incomodar se um dia ele não vir para um jantar que ela vai fazer.

Renata: E lá na contrapartida eles se incomodam? É isso?

Neila: Eles se incomodam. Se incomodam bastante.

Renata: Você é cobrada lá, é isso que você sente?

Neila: Sim.

Renata: Bom, e esse incômodo é por vocês não estarem, ainda, num lugar de vocês, é por isso que você se sente incomodada?

Neila: É, eu acho que... Eu não sei nem se chega a ser um incômodo... Na verdade eu acho que é um movimento... É uma vontade de movimento, não chega a ser um incômodo.

Renata: E tem algum projeto, uma quantidade de tempo, daqui "x" tempo vai acontecer tal coisa, como é?

Neila: Então, a gente tem a previsão... Pelo menos... De que, não sei se o apartamento vai estar finalizado, mas pelo menos já ter alguma coisa pronta, até para poder vender de repente, comprar uma outra coisa, daqui a dois anos.

Renata: E onde vai ser esse apartamento?

Neila: Na Vila Mariana.

Renata: E ele virá para cá?

Neila: Mais ou menos. A gente tentou achar um lugar mais ou menos no meio do caminho... A família dele queria muito que eu morasse em São Bernardo e eu não me sinto nem um pouco apetevida por essa proposta...

Renata: De ir para lá?

Neila: É, minha vida está mais para cá, as coisas que quero fazer estão para cá, então não vi sentido em ir para lá, por outro lado também não vi sentido em ele vir para cá porque a empresa que ele trabalha é em Mauá, então... É... E a família dele está lá, os amigos dele estão lá, a vida toda dele está lá. Então, também não acho certo fazer ele vir para cá. E então ficou... A gente queria achar um lugar no meio do caminho e viu esse apartamento na Vila Mariana. A gente achou uma boa oportunidade.

Renata: Então você imagina que daqui a dois anos vai ser possível fazer alguma coisa com esse investimento?

Neila: Sim, acho que sim, é por aí.

Renata: Têm projetos juntos, algumas coisas que vocês gostariam de fazer juntos além de morar juntos?

Neila: Projeto juntos, como assim?

Renata: Por exemplo, vocês desejam alguma coisa?

Neila: Olha, a gente é... Gosta muito de viajar, e... Com o apartamento isso ficou um pouco apertado assim, a gente meio que deixou isso um pouco de lado, então a gente tem uma... Uma vontade de voltar a viajar... De investir em alguma coisa.

Renata: Você falou que quando perdeu seu emprego por causa da crise e etc. você estava um pouco insatisfeita com RH essas coisas, e hoje, você está trabalhando no quê?

Neila: Em RH (risos)! Em RH!

Renata: O que você queria estar fazendo?

Neila: Eu... Na verdade queria estar clinicando, fazendo mestrado, dando aula, e acho que é uma coisa... Hoje tenho mais tranquilidade... Porque acho que é uma coisa que vai acontecer, sei que vai acontecer, e... Mas na época eu ficava muito, muito, estava muito, realmente, estava muito insatisfeita com o trabalho em RH. Acho que também assim... Pela... Pelo tipo de atividade das empresas mesmo. Antes eu trabalhava em uma empresa coreana, formal, rígida, inflexível, e hoje eu trabalho num site, então, está super tranquilo... As pessoas tem... O *turnover* é quase zero, o clima é muito bom, as pessoas são amigas, se conhecem, é... A empresa é muito legal, é uma empresa estilo site de busca pela Internet, a gente é representante deste site no Brasil, então é mais ou menos... Muito tranquilo trabalhar lá.

Renata: E você se sente valorizada pelo seu trabalho, como é isto em termos de remuneração?

Neila: Eu não sei do... Eu sempre achei... Acho que é do ser humano sempre querer mais, então sempre acho que poderia ganhar mais, então... É uma briga constante assim para melhorar, na verdade não é que estou querendo um aumento porque quero um aumento, eu quero porque acho que entreguei um projeto melhor, porque fiz alguma coisa melhor, porque tenho muita responsabilidade.

Renata: O que você faz lá?

Neila: Quando entrei na empresa, eu montei o RH, não tinha RH, então, acabei estruturando alguns processos de RH, de São Paulo. A empresa tem duas plantas, uma em São Paulo e uma em Curitiba, então fiquei muito tempo indo e vindo...

Renata: Viajando.

Neila: É. Foi muito... No começo é gostoso, mas no final é muito desgastante assim, passar dois dias em São Paulo, três em Curitiba e vice-versa. É muito ruim morar em hotel, muito cansativo. E... Tem mais ou menos, eu estou lá há um ano e meio, então implantei o RH, então todas as políticas de, de tudo assim, de benefício, de seleção, de treinamento, de avaliação de desempenho, de qualidade...

Renata: Qualidade de vida...

Neila: De qualidade de vida, umas coisas assim, eu acabei implantando. E em janeiro, fevereiro desse ano teve uma mudança, a empresa... Veio um *CEO* [*Chief Executive Officer*] pra empresa e ele decidiu trazer uma diretoria que era dele, uma gerência que era dele também, e que eu no começo fiquei um pouco preocupada, mas depois achei muito positivo, uma pessoa muito coerente e tal, então, é.... Com quem eu gosto muito de trabalhar, é mais fácil quando você trabalha com alguém que você gosta e a gente se dá bem assim, estou aprendendo muita coisa.

Renata: Você tem perspectiva de continuar lá?

Neila: Então, é... Na verdade eu não... Hoje eu posso dizer que se fosse pra trabalhar em RH em outra empresa eu não trabalharia, então... Se eu sair de lá, ou se simplesmente me desligarem por algum motivo, alguma coisa, eu não vou voltar para RH. Eu tenho a intenção de continuar lá por um tempo, até... Me planejar mais financeiramente mesmo, mas não é meu... Meu objetivo de vida, então, se por acaso eu sair antes, me desligarem antes, eu provavelmente não volto para o RH, vou dar um jeito, mas dessa vez não voltarei para o RH, eu acho.... Não é minha intenção, mas se não, fico lá por mais uns dois anos assim, e...

Renata: Você falou que ficou desempregada quanto tempo?

Neila: Então, me formei no final de 2004, fiquei desempregada atééé começo de 2007.

Renata: Foram três anos praticamente...

Neila: É, dois, dois e pouquinho.

Renata: Deixa ver se eu entendi, nesse tempo você foi morar sozinha?

Neila: Não, fui morar sozinha depois.

Renata: Depois disso? De 2007 a 2010, está certo.

Neila: Comecei a trabalhar e eu trabalhei, acho que, quase um ano e fui morar sozinha.

Renata: Entendi. E o que te fez voltar a trabalhar com RH que era uma coisa que, teoricamente, você não queria mais?

Neila: Na verdade foi assim, é... Eu comecei trabalhando, é.... Eu fiz.... Quando eu me formei eu fiz iniciação... Eu tinha um professor na faculdade, eu fiz iniciação

científica com ele, ele me chamou é... Para um projeto, ele não estava mais dando aula na faculdade, mas ele estava vinculando um projeto ao pós-doutorado dele e... E era um projeto que seria financiado pela UNESCO e tal, então fiquei um tempo trabalhando com ele.

Renata: Onde você fez faculdade?

Neila: No Mackenzie. E era um projeto sobre “capacidade imaginativa em população de baixa renda”, que a gente ia à escola... Era um projeto muito legal, eu trabalhei quase dois anos com ele, de forma não remunerada. Quando o projeto engatou, ele conseguiu vincular, ele conseguiu uma série de coisas, ele conseguiu vincular a FAPESP e acabou tendo vínculo também com a UNESCO. Ele chamou outros pesquisadores para trabalhar com ele (risos).

Renata: Você acabou sendo descartada.

Neila: Exato. Eu e mais uma pessoa, a gente se quer foi citada no trabalho dele (risos). Foi muito legal da parte dele (risos).

Renata: Eu imagino.

Neila: E tem uma certa cobrança, na verdade eu nunca... Eu sempre disse que nunca ia trabalhar em RH, achava um absurdo as pessoas se formarem e irem pro RH. Nunca foi meu desejo. Quando estava no último ano da faculdade comecei fazer um trabalho, mas me despertou o interesse por uma professora que eu tinha e comecei a fazer um trabalho sobre “adoecimento psíquico entre desempregados”, olha que incrível, mal sabia eu que ia ficar dois anos desempregada (risos).

Renata: Você se sentiu adoecida?

Neila: Eu me senti, nesse tempo eu me senti. E foi uma questão de desespero mesmo... Cobrança da família, do tipo: minha filha você se formou faz dois anos, quando isso vai começar?... Quando você vai começar se bancar? Eu mesma... Eu me sentia mal... Eu tinha vinte, vinte e quatro anos, então achei que já não era mais criança, que precisava começar fazer alguma coisa mesmo.

Renata: Então você acha que teve uma certa cobrança da sua família para você começar ganhar dinheiro?

Neila: Teve, teve uma cobrança da minha família, teve também uma cobrança minha, eu via minhas amigas se desenvolvendo, na verdade de outras áreas, como arquitetura, jornalismo, ciências contábeis, design, fazendo, começando ganhar dinheiro, fazendo alguma coisa da vida. E eu me sentia muito apagada, eu não conseguia fazer nada financeiramente... Não conseguia viajar, não conseguia fazer análise que sempre foi bacana e eu sempre fiz e não conseguia mais fazer. Então, foi muito impactante, porque eu fiz estágio desde o primeiro ano da faculdade, então... Eu acho que não tinha uma visão clara da atuação do psicólogo, não tinha. Não sei se não foi dado ou se eu era muito alienada, não sei. Mas eu fiz estágio desde o primeiro ano até o último. Então me formar e encarar com tudo assim... Eu viajei um tempo, então, foi tranquilo e não planejei, não sei, quando cheguei não

tinha nada planejado. Me juntei com alguns amigos e a gente fez um projeto de orientação vocacional, alguns amigos que se formaram comigo, e um deles tinha lá um vínculo com o pessoal do Mackenzie e a gente foi... Fazer... Representar, na verdade, pegou este projeto que chamava *Seele* na época e foi fazer orientação vocacional em algumas igrejas e o Mackenzie meio que patrocinou isso durante algum tempo. Depois a gente tentou vincular com aquele cursinho do EDUCAFRO e... Mas entrou muita política no meio e a coisa acabou não dando certo. Depois cada um foi para um lado e um deles decidiu fazer psicanálise... Ele estava meio incomodado, o outro era muito religioso e acabou misturando as coisas... E acabou não dando certo. E eu precisava ganhar dinheiro e surgiu... Eu tinha uma amiga que era bem mais nova que eu e ganhava muito dinheiro com a área de TI e ela falou: Ah, estamos precisando de uma pessoa lá na minha empresa para o RH. Eu falei: Meu, mas eu não sei nada de RH. Ela falou: Você faz assim, você mente, você fala que você sabe (risos).

Renata: E aí?

Neila: Eu precisava de um emprego e falei: é verdade, não é? Vou falar que eu fiz um estágio em RH. E me contrataram.

Renata: Então você mentiu bem...

Neila: Menti bem, acreditaram na minha mentira (risos).

Renata: Que coisa você teve que mentir, você acha?

Neila: Eu falei que tinha experiência...

Você sabe seleção? Sabe fazer seleção?

Sei, sei, seleciono, claro, imagina...

Você sabe aplicar teste?

Sei.

Teste realmente eu sabia, porque eu tive muito na faculdade. E eu fui trabalhar, mas, eu não tinha ideia, imagina, eu não sabia mexer numa planilha de *Excel*, não sabia... E eu tive que aprender, não é?

Renata: Foi aprendendo fazendo.

Neila: Fazendo. E a empresa era muito chata, uma empresa infernal.

Renata: Foi essa que você entrou logo no primeiro semestre da faculdade, é essa que você falou ou não?

Neila: Não. Essa... Na verdade foi a que eu comecei minha vida profissional mesmo. Na faculdade eu fiz estágios que eram relacionados com a área da saúde, então eu fiz estágio... O primeiro estágio que fiz foi numa instituição chamada ABRE-TE que era de meninas portadoras de síndrome de RETT, depois eu saí e vim fazer um estágio numa instituição que tem aqui em Osasco que chama ADIANTE, que é de crianças autistas, eu fiquei mais de dois anos lá...

Renata: Remunerada?

Neila: Remunerada. Incrivelmente todos os estágios, todos não, eram remunerados. E depois eu saí, eu tinha uma prima que era secretária de um diretor no Bradesco, ela falou: Ah, estão abrindo umas vagas lá, vem prá cá, vem ganhar um dinheiro e tal.

Então, Vou.

E fui trabalhar no Bradesco, mas, não tinha nada a ver com RH, departamento de cartões de crédito e eu fiquei...

Renata: Isso tudo quando você estava na faculdade?

Neila: Na faculdade.

Renata: Era você quem pagava sua faculdade?

Neila: Não, meu pai que pagava. E eu entrei e fiquei, acho, um pouquinho mais de um ano. E... Mas, eu detestava, ficava porque achava legal, nossa, na época era um super dinheiro para mim, comprava as coisas, comecei a ter um poder de compra que até então dependendo do pai e da mãe não havia possibilidade. E eu fiquei lá um ano e achei muito chato e saí.

Renata: Do Bradesco?

Neila: Do Bradesco. E eu estava... Eu comecei a fazer estágio, na época, num projeto que era do Alckmin, que era de... Ele transformou algumas delegacias em delegacias participativas e tinha um núcleo de estagiários de Direito, Serviço Social e uma de Psicologia e eu fui para essa delegacia, era estágio supervisionado e tal. Só que aí... Eu achei... Trabalhar com policial é uma coisa... Foi difícil assim, não é? Eu era muito imatura para lidar com a truculência dos caras. E eu saí e fui trabalhar, fui fazer estágio na vara da infância e juventude, eu fiquei lá até me formar. E esse não era remunerado, foi o único, na verdade, que não foi remunerado.

Renata: Você teve trânsito por várias entidades governamentais, não governamentais.

Neila: Hum, hum.

Renata: Tem alguma história, alguém que te ajudou a frequentar esses espaços, como foi?

Neila: Não. A primeira instituição tinha um anúncio no Mackenzie...

Renata: Você se inscreveu...

Neila: Me inscrevi e fui, fui. E deu certo. E as pessoas que tinham fundado aquela instituição eram as mesmas pessoas que tinham fundado essa instituição aqui em Osasco. E lá era na Vila Mariana, era muito... Na verdade não era longe, lá não era longe do Mackenzie, mas, era longe de Osasco e me disseram: Olha, tem uma vaga lá para estágio e tal, lá no ADIANTE você não quer ir?

O ADIANTE fica aqui no Adalgiza. Eu falei: Vou, mais perto de casa.

E fui. Eu fiz alguns estágios que não comentei, é... Na verdade na cidade de Osasco... Minha mãe sempre trabalhou na área... Minha mãe é pedagoga e trabalhava na escola especial, minha mãe sempre trabalhou na área de inclusão. Então eu fiz alguns estágios na escola dela, num instituto que tinha aqui em Osasco que chamava CEDIPO, então, toda essa possibilidade, essa indicação foi por ela, os outros eu fiz porque fui atrás.

Renata: Foi atrás, conseguiu a vaga e entrou.

Neila: Hum, hum.

Renata: Então, durante sua graduação você mais estagiou?

Neila: Sim.

Renata: E só depois disso você teve um emprego que você chama...

Neila: É, eu tive um emprego formal... Nesse meio tempo, foi de um ano mais ou menos, que foi no Bradesco, mas, não era nada relacionado à área.

Renata: Você terminou a graduação e ficou uns dois anos sem trabalhar?

Neila: Hum, hum.

Renata: E você sentiu que tinha uma cobrança?

Neila: Não fiquei sem trabalhar, não é? Fiz um trabalho não remunerado. Não era um trabalho formal, não tinha horário, não tinha um vínculo empregatício na verdade, mas, eu ia duas ou três vezes por semana na escola, fazia as entrevistas... Com os professores, trabalhava com coordenador pedagógico. Mas tinha sim, teve uma cobrança, minha também. Acho que principalmente... Gente! Que é isso? Eu estudei. Eu sempre falei assim: gente, eu fiz tudo que me mandaram fazer, me mandaram fazer uma boa faculdade, fiz uma boa faculdade, fui uma boa aluna, fiz bons estágios e agora, o que vem depois, sabe? Onde isso vai parar?

Renata: Foi quando veio uma indicação de uma amiga que trabalhava com TI, você começou...

Neila: Sim.

Renata: E param com as cobranças ou não?

Neila: Nesse sentido sim. De ganhar dinheiro... Eu vejo assim, que a preocupação dos meus pais não era nem de ganhar dinheiro, era de se mexer, de fazer alguma coisa mesmo. Tem um futuro pela frente, o que você está fazendo? E... É meio difícil você explicar prá quem não é da área de Psicologia que leva um tempo para você entrar na área... Que... É assim, quando eu comecei trabalhar, comecei ganhar, eu comecei a dividir um consultório com uma amiga minha, mas nunca veio paciente, eu só pagava o consultório. Eu falei: Ah gente não dá, não é? Não tinha indicação de paciente... Eu decidi sair.

Renata: Quanto tempo isso durou?

Neila: Um ano mais ou menos.

Renata: Você investiu na clínica.

Neila: Investi na clínica. Como eu senti que saí muito, muito de tudo que eu queria e ainda estava nessa época bem desempregada, eu comecei a fazer a pós.

Renata: Pós em quê?

Neila: Em Psicopatologia e Saúde Pública. E foi excelente, quase uma segunda graduação, muito bom. Mas... É... Eu fui muito para ver a questão de saúde pública, que eu acho que nesse sentido deixou um pouco a desejar. Saúde pública é concurso público. É CAPS e CAPS só chama quem trabalha em CAPS e eu não sei o que acontece porque eu já tentei algumas vezes...

Renata: Entrar e não conseguiu?

Neila: Não. Associação da Saúde da Família, uma série de coisas e nunca consegui.

Renata: Você sente que é mais por uma indicação do quê...

Neila: Olha, eu....

Renata: Do que concurso público?

Neila: CAPS não. Não é. Essas associações, na verdade, não chegam a ser concurso, eu acho, eu acho que tem muita indicação... Eu via... Eu fiz pós em psicopatologia, não é? Eu tenho exatamente o que pedem...

Renata: O que precisam?

Neila: É, é. E nunca... Já me candidatei inúmeras vezes e depois também cansei. E nunca fui chamada e conhecia algumas pessoas que tinham lá uma certa influência e estavam lá. E depois também prestei muuuito concurso... Não sei, nunca fui bem em concurso.

Renata: E acabou indo lá para o...

Neila: RH.

Renata: Indicação dessa sua amiga do RH. Que durou três anos?

Neila: É.

Renata: Com a crise dessa empresa houve um tchau Neila...

Neila: Essa empresa não durou três anos, eu estava lá porque fui audaciosa, eu estava lá nessa empresa, estava bem, mas estava cansada, irritada com o trabalho, era muito desgastante, uma empresa muito confusa.

Renata: Essa que era rígida? Essa empresa que você falou que era rígida?

Neila: É. E eu pedi demissão... E eu já estava morando sozinha e pedi demissão, mas eu tinha lá uma reserva que achei que conseguiria me manter durante um tempo e eu enlouqueci atrás de outros trabalhos. Como eu sabia que em Psicologia mesmo não ia rolar nada que pudesse me manter, eu fui atrás de empresa mesmo, para trabalhar em RH. Foi quando eu fui para essa empresa que foi onde eu fui demitida. Como eu voltei para empresa, você tinha me perguntado, eu trabalhei lá oito ou nove meses e foi quando veio a crise.

Renata: Tiveram duas empresas que você trabalhou...

Neila: Antes dessa.

Renata: Então essa é a terceira de RH que você está?

Neila: Isso. Quando eu voltei para casa, eu estava sem emprego e... Voltando para casa. Época da vida que parece que estava tudo dando errado. E eu tinha ficado doente... Precisei fazer uma cirurgia.

Renata: O que você teve?

Neila: Eu tive um problema na tireoide.

Renata: Por isso que você tem a cicatriz? [Aponto no meu pescoço o mesmo lugar que vejo a cicatriz no dela.]

Neila: É, por isso que eu tenho a cicatriz. E eu... Mas eu decidi que ia voltar para casa porque eu ia cuidar de mim. Então, fui fazer academia, fiquei um tempo em casa pensando na vida. Quando eu saí dessa última empresa, o presidente da empresa, era uma empresa grande... Tinha mais de mil funcionários, mas, era uma empresa familiar. No dia que ele me demitiu, ele é coreano, ele é... É... Sei lá, ele tem os valores diferentes. O dia que me demitiu ele falou, ele era muito próximo ao RH: Estou te demitindo porque eu prefiro demitir você a um pai de família, mas eu gosto muito de você e você ainda vai ser minha funcionária de novo, então eu sinto muito, estou te demitindo, mas não é nada relacionado a você, é pela situação que estou passando.

No dia que fui demitida, quinze pessoas foram demitidas na empresa, questão da crise mesmo. Passou um tempo e eu achei que não ia acontecer nada, eu já estava em casa há uns três ou quatro meses e estava tentando fazer a clínica, estudando para o mestrado e... Ele me ligou.

Renata: Esse chefe?

Neila: Esse chefe. Falou: Estou te ligando porque eu falei que você ia ser minha funcionária de novo e tem uma oportunidade que não é aqui, é no Apontador. Que é

uma empresa que ele é acionista, que é este site. Ele falou: A gente não vai ter nenhuma relação direta, mas, quando eu fiquei sabendo que tinha esta oportunidade me lembrei de você, você vai ter que passar por uma entrevista... Não sei o quê, mas vai lá.

Eu falei: Está bom.

Eu me sentia culpada porque eu estava em casa sem emprego e tinha alguém batendo... Eu, na verdade, não estava procurando emprego.

Renata: Bateu na sua porta...

Neila: Bateu na minha porta (risos), eu falei: Ai meu Deus...

Renata: E aí?

Neila: Eu falei: agora o que vou fazer? Já sei, vou colocar uma pretensão salarial que eu sei que eles não vão pagar, beleza, mas eu vou. Porque é chato, porque ele me indicou e... Eu fui. Qual foi minha surpresa que no outro dia me ligaram e falaram: Olha, então vem.

Renata: Quanto você pediu?

Neila: Pedi cinco mil. E eu não ganhava metade disso na outra empresa, e pensei: poxa, eles não vão pagar. E eles decidiram pagar (risos). Eu falei: Ai meu Deus e agora, posso pensar um pouquinho?

Eles falaram: Pode e tal.

Eu liguei para eles e falei: Olha, eu sou muito honesta com vocês, vocês foram muito bacanas comigo, eu tenho uma cirurgia para fazer, preciso fazer daqui a uns dois meses...

Era verdade mesmo.

Eu falei: Não sei se é isso que vocês estão esperando, vocês estão buscando uma pessoa que vai entrar e vai ter que se afastar, então fica a critério de vocês pensar.

Eles sumiram, não me ligaram e eu falei: Acho que não rolou, não deu certo.

Depois de dez dias me ligaram e falaram: Olha, a gente já entrevistou várias pessoas, mas a gente gostou mesmo de você e tem a indicação do Sr. Yung, que era meu chefe, então você faz assim, você vem, você fica um tempo, começa estruturar as coisas e quando você tiver que se afastar tudo bem, você se afasta, faz o que você tem que fazer, depois você volta.

Renata: Você precisava de um afastamento de quanto tempo?

Neila: Um mês.

Renata: Um Mês.

Neila: Um mês. Fui.

Renata: E eles bancaram isso para você?

Neila: Bancaram.

Renata: Gostaram do seu potencial...

Neila: Eles... É... Uma empresa que investe muito nas pessoas, eles têm uma... Os gestores... É uma empresa jovem, tem dez anos, então os gestores de hoje entraram como estagiários na empresa, não é história, é verdade, eles dão oportunidade para as pessoas. Os fundadores da empresa são muito jovens, eles têm trinta e dois, trinta e três anos... Então é uma empresa anti-burocrática, agora ela está ficando mais formal, acho que eles estão tentando abrir o capital, futuramente vender, então eles estão formalizando alguns processos, agora a gente sente o clima pesando...

Renata: Mais pesado.

Neila: Mas, ainda assim é uma empresa que investe muito nas pessoas, muito flexível, é...

Renata: Você falou que seus horários são flexíveis...

Neila: São muito flexíveis.

Renata: Por exemplo, você tem uma quantidade de horas para trabalhar por dia, como é?

Neila: Eu tenho, na verdade, que fazer quarenta horas semanais, então tenho que trabalhar oito horas por dia.

Renata: Teoricamente...

Neila: Teoricamente. Mas se um dia eu quiser chegar a uma hora da tarde e repor essas horas durante a semana não tem problema, eles não falam nada.

Renata: Você tem cartão de ponto, alguma coisa assim?

Neila: Eu não faço controle de hora na verdade, mas eu tenho isso estabelecido, que eu tenho que fazer. E como eu ainda vou muito para Curitiba, toda vez que eu vou, eu acabo... O tempo de deslocamento é muito grande, não é? Curitiba é perto, mas, tem o tempo de ir para o aeroporto, pegar o avião, descer, voltar... Gasto mais tempo vindo do aeroporto para casa do que indo para Curitiba mesmo. Então, tem isso, é bem tranquilo, é claro que eu também não abuso, não falto, não... Não saio cedo todo dia, se eu tenho alguma coisa para fazer vou embora quando a coisa acaba, não importa que hora seja isso, mas, é bem tranquilo. Não é ruim, eu sei que eu não posso... Tenho muito claro que dificilmente eu vou ganhar o mesmo fora da empresa, não vou ganhar em Psicologia ou na área clínica...

Renata: O que você ganha hoje.

Neila: O que eu ganho hoje na empresa, não vou sair para ter um salário que eu tenho hoje, eu tenho isso bem claro, não é? Então, até por isso eu penso em me programar para poder pagar o apartamento e tal, para ter essa reserva... Mas, é... Mas isso também não é um problema para mim assim, nunca... Nunca pensei que

eu fosse ficar rica com Psicologia, não é essa a questão. Eu quero... Eu quero ter uma vida bacana, poder fazer as coisas que eu gosto de fazer, de sair, de viajar, jantar fora, de... Sei lá, de ter acesso a cultura, de repente se tiver filho poder escolher onde ele vai estudar, mas não... Minha pretensão nunca foi de ganhar dinheiro.

Renata: Você acha que está mais de passagem nesse lugar?

Neila: Eu acho, eu acho.

Renata: E no futuro você se vê mais na clínica... é isso?

Neila: Mais na clínica e acho que dando aula.

Renata: Você gosta de dar aula?

Neila: Eu gosto, gosto bastante.

Renata: Bom, a gente está conversando e essa entrevista trata dos adultos, o que você acha que é adulto hoje, o que é ser adulto hoje?

Neila: É estranho, não é, mas assim... Eu acho que ser adulto hoje... Eu estava pensando nisso quando estava vindo para cá... Quanto... É... A nossa geração é uma geração sofrida... Porque... É isso, você não tem certeza de nada, você vai...

Renata: Você sente assim?

Neila: Eu me sinto, eu sinto, é... Meu pai, meu pai sempre diz para mim: Minha filha, vai estudar, vai fazer uma boa... Ele sempre falou: Eu não posso dar nada para você, não vou deixar nada para você, o que posso deixar é estudo, então aproveite isso, não é?

Renata: O que seu pai faz?

Neila: Meu pai foi funcionário de carreira do Banco do Brasil, trabalhou muitos anos no Banco do Brasil, e... De fato sempre foi o que ele sempre pode fazer. Então, sempre estudei em colégio particular, sempre é... Fiz inglês, fazia esporte, tinha uma vida lá tranquila. E acho que quando me vi com a vida de adulto mesmo, tendo que pagar contas e deixando de fazer algumas coisas para fazer outras, e muitas vezes a grana até faltando mesmo... preocupada, sabe, com essa questão de dinheiro, de...

Renata: Se vai ter, se não vai...

Neila: Exato. Tendo esse compromisso, eu me senti muito... Não sei se a palavra é desamparada, mas, eu me senti muito preocupada, com muito medo da vida real, da vida de gente grande... Acho que a gente tem muito menos oportunidade do que, por exemplo, a geração dos nossos pais. Então, acho que é uma geração... Estava ouvindo um programa esses dias que dizia que a nossa geração vai ser a primeira

geração que os filhos vão ser mais pobres do que os pais, porque é muito mais difícil... É... Acumular coisas, ganhar dinheiro, muito mais...

Renata: Você acha que é mais difícil por quê?

Neila: Eu acho que... É... O mercado de trabalho tem uma concorrência absurda, é... Você ter uma boa formação não é garantia de ter um bom rendimento, e hoje eu vejo que é muito mais pela área que eu escolhi também. Eu vejo o pessoal, as pessoas da área de TI, estudaram... Sei lá, fazer faculdade nessa área é pró-forma, só para dizer que tem.

Renata: A pessoa aprende fazendo.

Neila: É. A pessoa, em geral, é um pouquinho mais autodidata e eles ganham muito dinheiro, tem uma perspectiva de ganho muito melhor do que quem está na área da saúde e estudou, como eu, cinco anos de faculdade, mais três anos de pós e tal.

Renata: Você acha que quem está na área da tecnologia está ganhando mais dinheiro?

Neila: Ah, sem dúvida... Meu irmão é jornalista, fez ECA, fala três, quatro línguas e também tem uma super dificuldade com essa questão de mercado de trabalho.

Renata: Seu irmão está trabalhando?

Neila: Ele trabalha, trabalha, mas, assim como eu, durante um tempo, ele fez o que quis fazer, trabalhou nas coisas que ele queria que era jornalismo musical, depois ele vestiu a capa de gente grande e foi trabalhar para ganhar dinheiro (risos)... Então, teve que... Trabalha com jornalismo e tal, mas é uma coisa que não é, não é a delícia da vida dele.

Renata: Então, você acha que ser adulto hoje é mais difícil?

Neila: Eu acho. Desculpa. (Celular tocando)

Renata: Pode ficar a vontade.

Neila: Eu acho bem mais difícil.

Renata: Você tem feito algumas coisas. Você tem projetos, tem o investimento no imóvel, tem algumas perspectivas...

Neila: Tenho, tenho. Não eu... Eu acho que por um tempo, eu acho que foi logo quando eu me formei, é... Eu passei por um período muito difícil assim, de frustração, de não saber, realmente, o que ia acontecer, de... É... Um período duro. Hoje eu sei que estar no RH também... (Celular tocando).

Renata: Atenda. [Ela atende e pede ao namorado para ligar mais tarde.]

Neila: Eu sei que até eu estar trabalhando em RH hoje, é uma... É... Não é que é assim, se eu sair do RH não vou ter o que fazer, não é isso, é uma... Uma opção, uma opção de poder trabalhar em RH para mais para frente ter uma reserva, para poder fazer outras coisas. Então acho que hoje tenho escolhas, tenho uma perspectiva melhor do que eu tinha quando eu me formei... Eu era, acho que... Completamente alienada.

Renata: Faz quanto tempo que você está nessa empresa agora, o Apontador?

Neila: Um ano e oito meses mais ou menos.

Renata: E tem perspectivas lá dentro, eles têm planos de carreira, como é isso?

Neila: Não, porque sou eu que tenho que fazer (risos), sou eu que tenho que fazer, estou pensando, mas, é um *stress*...

Renata: Tem uma evolução... Você falou dos próprios donos...

Neila: Tem, tem uma evolução e tem, na verdade, uma perspectiva da empresa crescer. Então, acho que à medida que a empresa cresce eu posso crescer junto.

Renata: Por exemplo, você tem participação nos lucros, essas coisas...

Neila: Tenho.

Renata: Todo mundo ganha ou é para algum tipo de cargo?

Neila: Todo mundo. As pessoas, na verdade, com cargo de gestão acabam tendo um bônus muito maior, de três ou quatro salários, eu tenho de um... Dependendo do resultado da empresa dois, mas existe... Existe sim possibilidade.

Renata: Tem incentivo de continuar, para continuar trabalhando lá?

Neila: Tem, tem sim.

Renata: A rotatividade é alta?

Neila: É baixíssima, baixíssima... Por ser uma empresa muito jovem, e até assim, é uma coisa engraçada porque nesse mercado de tecnologia não existe fidelidade, não é? Tem muito emprego e as pessoas... Tem uma consultoria em cada esquina contratando as pessoas. É a primeira área que eu vejo que as pessoas escolhem, de fato, onde elas querem trabalhar, você liga para um cara ele fala: Não, não quero, imagina, meu valor é tal, você vai pagar? Não. Então tá bom. Não tem conversa, não é negociável.

Renata: Foi o que aconteceu com você, também, não é? Eu quero tanto... Vai pagar?

Neila: Então está bom, estou indo. Então, é assim. Então é... Acho que lá tem essa questão realmente... Da liberdade, de poder criar, de se sentir a vontade, da... É...

Eu acho que o processo de criação, na verdade, acaba sendo fundamental, quanto mais liberdade para criar a pessoa tem, quanto mais, quanto menos alienante o trabalho, mais satisfeita a pessoa fica, e não é só uma questão financeira, é também. Mas, não adianta ter a questão financeira e o cara só saber aquilo que ele faz e não saber... Lá é uma empresa muito aberta, as pessoas falam dos resultados da empresa, você sabe os caminhos que a empresa está seguindo, então, é...

Renata: Você está satisfeita lá?

Neila: Estou, eu tenho medo, na verdade, dessa satisfação, de em determinado momento, virar acomodação. Não é o que procuro, procuro fazer outras coisas para lembrar que eu gosto de fazer outras coisas (risos).

Renata: Como dar aula.

Neila: Tipo dar aula, tipo estudar, tipo estar num consultório, para lembrar que não é meu objetivo, porque é um risco se acomodar.

Renata: Tem mais alguma coisa que você queria falar sobre como é essa vida de morar na casa da família?

Neila: Não, já falei bastante.

Renata: Já falou bastante? Então vou parar o gravador...

Pós-entrevista

Ao desligar o gravador vou ao banheiro enquanto ela fica na mesa. Ao voltar nos levantamos e nos despedimos. Reafirmo que assim que a transcrição ficar pronta, enviarei à ela por e-mail para que leia e verifique se quer manter as falas ou alterá-las.

4ª entrevista – Gustavo

Entrevista realizada no dia 24 de setembro de 2010, das 13:40h às 15:15h, na sala do Laboratório de Estudos da Família, Relações de Gênero e Sexualidade, do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho

Pré-entrevista

Gustavo atendeu ao pedido de participação nesta pesquisa por intermédio de sua namorada, minha colega de mestrado. Enviei-lhe um e-mail, após saber da Fabiana que ele poderia contribuir com a pesquisa. Agendamos a entrevista com 2 semanas de antecedência. No dia anterior, telefonei para confirmar a entrevista atendendo a uma solicitação do Gustavo, que não respondeu ao telefonema. Enviei-lhe um e-mail confirmando e ele disse que estava tudo certo.

Começando

No horário combinado Gustavo ainda não havia chegado. Telefonei perguntando se ele estava chegando e ele afirmou que sim. Após 10 minutos, ele chegou. Nunca tínhamos nos visto e fiquei esperando no térreo do Bloco A. Ao avistar-me ele perguntou se eu era a Renata e respondi afirmativamente.

Subimos as rampas, pegamos um copo de água e fomos até a sala.

Ao sentar, apresentei e li o termo de consentimento livre e esclarecido. Diante do entendimento e assinatura do termo, retirei o gravador da bolsa, coloquei sobre a mesa, apertei o botão *REC* e continuamos a conversar.

A entrevista

A fala do Gustavo foi bastante lenta e com diversas pausas ao longo da entrevista. Em diversos momentos lancei mão de algumas perguntas na tentativa de ajudá-lo ou de minimizar minha angústia diante de sua história. No meio da entrevista ele conta que fazia uso de um controlador de humor, Lamotrigina, desde março e que agora a dosagem era de 200mg/dia. Talvez isto explique a lentidão na fala.

A entrevista

Renata: Como é para você morar na casa da família?

Gustavo: Ah... Como é que é morar na casa da família?

Renata: É...

Gustavo: Eu tenho... eu tenho morado menos na verdade... mas eu continuo morando.

Renata: Como é o morar menos?

Gustavo: Eu sou... minha família é natural do litoral e... quando... quando meu irmão passou na faculdade... depois eu passei... depois passamos aqui em São Paulo e minha mãe trabalhava em São Paulo, subia e descia e... e a gente... quando a gente

passou na faculdade todo mundo mudou... minha... todo mundo veio para São Paulo. E quando... depois que eu acabei a faculdade, em 2008... eu... a gente manteve a casa lá e eu aos poucos fui mudando para lá... tipo, eu passo três dias da semana lá e o resto aqui.

Renata: Meio a meio mais ou menos?

Gustavo: Meio a meio mais ou menos, é.

Renata: Quantos anos você tem Gustavo?

Gustavo: Eu tenho 28.

Renata: E a família está onde? Está aqui ou lá?

Gustavo: Está aqui, aqui.

Renata: Está aqui.

Gustavo: Lá eu fico sozinho.

Renata: Lá você fica sozinho.

Gustavo: É nesses três dias. E... ah... com o tempo eu fui percebendo umas coisas... umas... a minha família nunca foi... ah... nunca tive uma educação autoritária, eu tive uma educação persuasiva assim, sabe?

Renata: Me explica o que é isso.

Gustavo: Ah...uma educação de muito diálogo, assim, mas... mas... ah... como eu posso explicar? Tanta coisa! (risos)

Renata: Explica (risos) de onde você quiser.

Gustavo: É... somos três homens, eu, meu irmão, meu pai e uma mulher... é minha mãe.

Renata: Ela é a única mulher da casa?

Gustavo: Isso. E ela é meio dominadora... mas sem... é... às vezes, talvez se vitimizando... e... e usando isso... só que isso é mais comigo... meu irmão já... ele é mais do “chega para lá” sabe? (risos)

Renata: Conta como ela é com você.

Gustavo: É... e... eu nunca tive uma posição forte na família... assim... é muito diálogo, eu nunca fui de impor... assim: “não, tem que fazer isso” e tal. Várias... várias vezes. E eles sempre foram muito abertos, muito, é livre...

Renata: Tanto seu pai quanto a sua mãe?

Gustavo: Sim, é!

Renata: Você falou que não teve uma educação autoritária? Autoritária em que sentido? De ter muita regra, o que é?

Gustavo: É de ter muita regra... de ter muito horário... de... é... os meus pais... quando eu era pequeno, não ficavam muito em casa, trabalhavam muito, eu ficava mais com a minha avó.

Renata: A sua avó morava junto então? Como que é?

Gustavo: Não. Eu ia para casa da minha avó. E teve uma época que a gente morou na casa da minha avó, quando estava reformando a casa, ficamos uns dois anos lá, dois ou três.

Renata: Mas nesse esquema? Já estava aqui em São Paulo ou não?

Gustavo: Não, não!

Renata: Tudo lá no litoral?

Gustavo: Tudo lá no litoral. Aqui em São Paulo foi a partir de dois mil e...

Renata: Oito, você falou.

Gustavo: Não, de dois mil... dois mil.

Renata: De dois mil?

Gustavo: Dois mil, é.

Renata: O que você falou de dois mil e oito?

Gustavo: Foi quando eu acabei a faculdade.

Renata: Ah! Quando você acabou a faculdade...

Gustavo: E... eu não sei... eu estou falando isso, mas eu não lembro onde eu comecei (risos). Qual que era a pergunta?

Renata: Eu te perguntei como que era morar na casa da família.

Gustavo: Ah é... que eu não estava sentindo muito mais. Quanto mais distante... você mais percebe as relações, não é?

Renata: Você começou a falar um pouquinho da tua mãe...

Gustavo: Minha mãe, da vitimização... é meu pai também sempre teve esse... esse cuidado com ela, então eu acho que eu acabei desenvolvendo também... tipo... às vezes, fazendo o que ela quer... o negócio da autoridade nunca rolou... assim... muito...

Renata: Você gostaria que tivesse rolado?

Gustavo: Eu não sei, acho que não. É aquela coisa... tipo... uma coisa que eu estava até... é... é... ela... ela cria respostas diferentes... se você pega uma educação, assim... autoridade mais para persuasão... é muito mais difícil de fugir dela... de você desviar dela... e com a autoridade você pode negar, mas isso, não é bom, também... é mais, é mais claro... é mais claro.

Renata: Você acha que as regras ficam mais determinadas quando se exerce um autoritarismo? As regras são claras? É isso que você está querendo dizer? Enquanto na persuasão as regras não são tão claras assim...

Gustavo: É... a... é... o poder não fica claro, então um dia... eu fui descobrir isso muito tempo depois, mas também porque não estava numa educação autoritária.

Renata: Você acha que a tua mãe, de uma certa forma, exerce um tipo de poder, que não está ali, declarado, e mesmo assim ela exerce?

Gustavo: É, isso.

Renata: É isso?

Gustavo: E tem outra coisa que a minha mãe faz, assim, que eu percebi há pouco tempo também, que é o controle da informação.

Renata: Me dá um exemplo.

Gustavo: Ah, é o controle da informação e a... a tentativa de não haver confronto, então, tipo, eu estou puto com meu pai, então ela é o canal entendeu? Ela fala com ele e ela fala comigo...

Renata: Para tentar minimizar? É isso?

Gustavo: Isso, e é uma família que sempre... é... de forma geral sempre negou confronto.

Renata: Mas você brigava com seus irmãos? Você falou que você tem irmãos, certo?

Gustavo: Tenho um irmão, brigava, mas de pequeno assim.

Renata: Tem um ou dois?

Gustavo: Tenho um, mais velho.

Renata: Mais velho.

Gustavo: Quatro anos... e... eu brigava de pequeno e depois...

Renata: Depois não mais?

Gustavo: E é... de adolescente também, mas pouca coisa, assim, depois a gente ficou numa boa, nunca mais brigou.

Renata: E, e você comentou que tinha uma diferença entre o seu irmão e você.

Gustavo: Sim.

Renata: O que acontece?

Gustavo: Ele é muito mais... ah... acho que independente dessa relação de opinião, assim... ele... ele desde cedo deu uns cortes assim, sabe? Que eu estou começando a dar agora.

Renata: Esses cortes são em relação ao quê?

Gustavo: Em relação, desde disponibilidade, sabe?... Assim... eu... até pouco tempo atrás eles achavam que eu estava sempre disponível... então meu pai me ligava “você tem cinco minutos para passar no cartório”, tipo, eu vou, sabe, eu, eu ia...

Renata: Você ia atrás do que ele falava?

Gustavo: Eu ia, eu ia. E coisas absurdas assim, que, às vezes, nem tinha o porquê, sabe? Que eu podia ir no dia seguinte, ou... e... é... o meu irmão sempre foi muito independente, sempre cortou cedo... sempre... eles sempre tiveram medo do meu irmão (risos).

Renata: Para o teu irmão não rolaria um pedido desse?

Gustavo: Não, mas só se fosse uma necessidade real e comigo, não é uma necessidade real, assim. E eu acho que cria uma é... é... era ou é uma simbiose muito grande, não é?

Renata: Você acha isso?

Gustavo: Eu acho.

Renata: De você com quem?

Gustavo: Acho que com os... com minha mãe, e com o meu pai também, mas assim, é, eu não sei se, eu não sei mais medir isso, sabe? Depois que eu sai de casa, eu sai de casa, que eu fiquei mais longe... porque eu tenho... o meu problema é..., real..., é que tipo, eu tenho dependência econômica deles.

Renata: Você depende economicamente?

Gustavo: Dependendo. E..., é..., acho que isso é o mais difícil assim, de, de...

Renata: Não está trabalhando? Como é que você está?

Gustavo: Não estou trabalhando, eu sou, é..., eu sou..., ultimamente eu tenho trabalhado com música, a gente trabalha muito pouco, ganhando pouca coisa, ah...

Renata: Você faz o quê com a música? Você toca?

Gustavo: Eu toco à noite, mas..., eu não sei, de uns 6 meses para cá caiu muito assim..., eu estou tocando nem uma vez por mês, duas, no máximo, assim.

Renata: Que instrumento?

Gustavo: Guitarra.

Renata: Guitarra.

Gustavo: E, eu também trabalhei no jornalismo um tempo.

Renata: Você é formado em quê?

Gustavo: Em Ciências Sociais.

Renata: Ciências sociais, tá!

Gustavo: Mas nunca trabalhei com Ciências Sociais.

Renata: E você tem vontade de trabalhar com isto?

Gustavo: Tenho até, mas eu acho que eu tenho mais vontade de escrever viu, no jornalismo mesmo, usando as Ciências Sociais, sabe? E, então...

Renata: Você estava falando dessa dependência econômica...

Gustavo: Isso é..., não sei..., é que..., é meio estranho, assim, porque essa dependência econômica não era para resultar em outras dependências, assim, diretas, não é?

Renata: Quais outras você acha?

Gustavo: Eu acho que dependência de opinião, às vezes... é... de me sentir seguro nas coisas que eu decido. Porque, ah, outra coisa que eu descobri faz pouco tempo é que eu fui..., acho que... não..., semi-diagnosticado com bipolaridade, como bipolaridade.

Renata: Por quem?

Gustavo: Por psiquiatra..., ah..., pela minha psicóloga e pelo psiquiatra. Uma bipolaridade do tipo..., do tipo dois, acho..., que é a mais fraca, que não tem..., tem hipomania e é mais depressiva.

Renata: Mais depressão do que mania.

Gustavo: Isso, é, e...

Renata: Você se sente assim?

Gustavo: Eu me sinto assim, mas eu, é..., é..., sempre cria uma dúvida..., a certeza deles é mais baseada no meu..., no meu histórico, porque eu passei por várias faculdades, eu...

Renata: Qual é o seu histórico?

Gustavo: Olha eu..., eu entrei em duas faculdades: Jornalismo e Ciências Sociais.

Renata: Aqui, lá?

Gustavo: Aqui, aqui, aqui em São Paulo, é..., e..., eu não consegui..., eu não consigo dar continuidade a..., eu não consigo ter foco e dar continuidade a nada..., então depois de quatro anos eu consegui começar a faculdade aqui, nas Sociais, é..., passei num ano numa e não conseguia terminar..., passei para outra, e ia, voltava, ia, voltava, aí fui trabalhar com música também, não consegui.

Renata: Você consegue justificar o porquê você não conseguia?

Gustavo: Porque, é..., primeiro porque eu não conseguia fazer um ciclo completo de..., produtivo assim, sabe? Ter uma estabilidade produtiva e, eu tinha horas que eu me sentia mal e, e meio que criava porquês assim, não eram coisas que realmente me atingiam e eu acabava “nossa, não aguento mais, vou sair daqui” e, isso com..., mesmo com coisa que eu adoro, que é música, que tipo, que desde o começo era o que eu queria fazer, mas eu nunca encarei assim.

Renata: Você queria ter feito uma faculdade de música, por exemplo?

Gustavo: Não sei (risos) talvez uma..., uma faculdade de produção musical, alguma coisa diferente assim, ou estudar fora produção musical. E, às vezes, realmente, eu sempre tive muito preconceito em relação à profissão.

Renata: De músico?

Gustavo: É, de grana e tal, essas coisas, e, então por ter esse histórico, também, de não conseguir..., sem saber..., eu descobri há pouco tempo, esse quadro, eu não tinha certeza das minhas decisões. As minhas decisões, eu sempre tinha dúvida se eu queria aquilo mesmo porque...

Renata: Se era aquilo mesmo que você queria de fato, isso?

Gustavo: É, porque..., essa..., pelo que eu entendi dessa minha bipolaridade, tem uma certeza muito grande, primeiro tipo “ah, é isso e tal”, tenho uma empolgação muito forte e depois do nada, assim..., então toda minha vida...

Renata: Desmotiva, você acha que foi assim?

Gustavo: É, foi tudo assim, é um gráfico [faz um movimento com o braço e o indicador para cima e para baixo], foi tudo assim, tipo...

Renata: Você acha que foi por isso que você entrou, por exemplo, no Jornalismo?

Gustavo: Entrei.

Renata: Primeiro?

Gustavo: Não, eu entrei nos dois juntos.

Renata: Você entrou no Jornalismo e nas Ciências Sociais?

Gustavo: E nas Ciências Sociais, isso.

Renata: E fazia as duas ao mesmo tempo?

Gustavo: Eu comecei as duas ao mesmo tempo em 2000. E meses depois eu falei “não, vai ser uma só”. Aí no meio do semestre, no final do semestre eu já estava com várias DPs [dependências], chegava no final do ano “não, não é isso que eu quero fazer”, aí tentava outra. Aí quando chegava no meio do ano, “ah, não é isso, eu tento, vou voltar para outra”, “ah, vou trabalhar com música”, largo as duas. Então, eu sempre, assim...

Renata: E você podia ter essa, essa possibilidade de desistir, de não querer fazer...?

Gustavo: Tinha, tinha.

Renata: Isso foi tranquilo na tua família?

Gustavo: Sim, eles sempre me deram abertura para..., para..., ah, levar tudo isso, assim.

Renata: Ninguém te cobrava, nesse sentido?

Gustavo: Não, meu pai me..., me cobra e me cobrava trabalho, assim..., mas uma vez foi..., é..., quando eu falava quer, queria, “ah, quero fazer esse curso, quero fazer isso” eles acatavam, assim, sempre, sempre.

Renata: Sempre te incentivaram, vamos dizer assim?

Gustavo: Sempre acataram, acho que mais do que incentivar, assim, e...

Renata: Bom, mas você fez a faculdade?

Gustavo: Isso, fiz.

Renata: Ciências Sociais?

Gustavo: Fiz, fiz.

Renata: Você começou ela em 2000, é isso? Ou você trancou essa?

Gustavo: Passei em 2000... Comecei em 2004 só, foram quatro anos, só, vindo aqui, não conseguindo fazer e...

Renata: Onde você fez a faculdade?

Gustavo: Fiz aqui nas Ciências Sociais, fiz na universidade pública.

Renata: Aqui na universidade pública mesmo?

Gustavo: E..., mas também foi bem..., foi bem difícil assim.

Renata: Esse período, você acha que foi difícil?

Gustavo: Foi..., esses quatro anos..., ah..., é..., estava numa cidade nova..., a minha turma na cidade era o pessoal que veio do litoral, sabe? Não formei turma aqui. Namoro há muito tempo com a Tati, tipo, desde o colégio, então a gente..., quando chegou aqui a gente se fechou..., a gente..., mesmo com o grupo do litoral a gente se fechou. Então, tanto é que agora não sobrou nenhum amigo meu aqui, cada um foi para um lugar e eu não tenho nenhum amigo original aqui (risos).

Renata: (risos)

Gustavo: O meu único amigo que mora aqui ainda é lá do litoral..., é..., mesmo os paulistanos que eu conheci foram embora já. E... e os anos de faculdade ah, foram difíceis também, eu acho que eu aprendi a..., a controlar um pouco isso, assim, de..., de..., de..., para..., para..., para..., para ter essa continuidade..., assistir aula escrevendo tudo o que o cara fala..., que eu não conseguia, às vezes, ler um texto inteiro..., mesmo assim eu fui pegando uma DP ali, outra aqui, tanto que no último semestre eu fiz, sei lá, oito matérias para acabar a faculdade, assim.

Renata: E deu conta?

Gustavo: Dei conta, dei conta, mas, a gente vai aprendendo a enganar também (risos).

Renata: (risos)

Gustavo: Vai aprendendo a enganar...

Renata: Bom, e você se formou em 2008?

Gustavo: Em 2008 isso, e...

Renata: Apesar dessa dificuldade, você falou desses começos, dessas coisas que você pôde abrir mão e que, seus pais de alguma forma acataram isso e tal. E a questão do trabalho nesse período, como que era?

Gustavo: É, os primeiros anos em São Paulo eu trabalhei, eu trabalhei com jornalismo, trabalhei com música, dei aula de..., de gravação..., de áudio. Que mais que eu trabalhei? E..., e depois eu comecei..., mesmo estudando aqui, participei de uma revista de música lá da cidade do litoral..., é..., então eu trabalhava com ele meio solto..., mandava texto daqui ou, um dia ou dois por semana eu ia para lá para ver o que estava acontecendo, mas nunca foi uma coisa diária, era uma coisa

também de..., de..., ah..., esses trabalhos que você, pô..., você faz tudo numa semana e depois você fica mais tranquilo, não é?

Renata: Mais tranquilo. E isso te dava um retorno financeiro do jeito que você esperava, como que era?

Gustavo: Não, essa revista foi puro amor, assim, (risos).

Renata: (risos). Mas de uma certa forma você falou que gosta dessa área da música. Você continua indo por esse caminho, é isso que você quer?

Gustavo: Continuo, continuo, é, o projeto desse ano meu, é gravar um disco. Então eu estou fazendo aula de canto, estou..., ah, procurando banda, procurando músico, procurando estúdio...

Renata: E como é que está?

Gustavo: Está tudo resolvido internamente, a parte para fora, para arranjar músico, estúdio, ter cara de pau para cantar eu não tenho, eu acho que faltam uns meses ainda (risos).

Renata: (risos).

Gustavo: Estou bem, bem envergonhado ainda.

Renata: Entendi. Tem esse projeto então.

Gustavo: É.

Renata: De estar tocando e você falou dessa dependência econômica, como que é isso para você? Como você se sente dependendo financeiramente ainda dos pais?

Gustavo: Às vezes, eu me sinto..., eu vejo os meus amigos casando, tendo casas, eu me sinto muito mal assim, com isso de estar numa fase anterior e..., e sem perspectiva, é, próxima de mudar... Às vezes, eu, acho que tipo, é fase e eu não preciso me sentir mal com isso porque, é, me sentir mal com isso vai mais atrapalhar do que..., aquela coisa que eu nunca consegui construir nada. Tudo que eu..., que eu..., que eu construí eu não..., não consegui aproveitar, assim, acho.

Renata: Você se arrepende de alguma coisa?

Gustavo: Não, não, por exemplo, eu tinha uma banda que a gente fez um disco muito bom e foi também, tipo “ah, acabou o disco e agora o que a gente vai fazer?”. Só sei que cada um foi para o seu lado e a gente não vendeu o disco, não fez show.

Renata: Você já fez isso uma vez?

Gustavo: Já, já, só que eu fiz com banda, agora eu estou tentando fazer sozinho..., ah..., a banda, por grana mesmo dispersou, um foi fazer engenharia, o outro medicina, o outro está, virou antropólogo, está em outro estado, então tipo acabou.

Renata: Desmembrou, entendi.

Gustavo: Mas..., é..., então essa coisa da revista, acho que foram três, quatro anos de revista, então, não me senti assim..., trabalho..., eu me sentia, sem dinheiro (risos).

Renata: (risos) Só sem dinheiro?

Gustavo: E sem rotina , não é? Uma coisa que nunca consegui estabelecer é rotina..., eu sempre fui, ah, da madrugada, trabalhar música de madrugada, ensaiar de madrugada.

Renata: Sempre foi mais boêmio você acha?

Gustavo: É, é, agora que eu estou..., estou melhorando..., tendo prazer em acordar mais cedo (risos).

Renata: (risos) Olha, é para poucos, não?

Gustavo: Ah, mas eu estou, eu estava me sentindo tão mal com isso..., com sempre é... com, não com dormir duas da manhã, mas tipo, o começo desse ano foi uns picos assim, de dormir seis, sete horas da manhã, não de ficar rodando na cama, agora que eu estou fazendo um curso, que eu voltei para o Jornalismo que é um curso de especialização, é sexta e sábado..., nossa, eu acordo sete da manhã feliz, assim..., nossa acordei sete da manhã (risos).

Renata: Porque vai para o curso, isso?

Gustavo: É, é, tipo, alguma coisa que, que, que marca uma rotina, que marca um horário normal...

Renata: E como é que é? Você falou que mora aqui e lá. Quando você está lá, você está sozinho, não é? Aqui você está com seus pais. Eles te oferecem essa infraestrutura, não é? Tanto da casa daqui como da casa de lá. E nessa casa mora só você ou seu irmão mais velho junto, como que é?

Gustavo: Não, sou só eu.

Renata: Só você. E seu irmão mais velho onde que está?

Gustavo: Casou e está morando com a mulher aqui em São Paulo.

Renata: Está morando aqui em São Paulo...

Gustavo: E...

Renata: E o seu pai faz o quê?

Gustavo: É engenheiro.

Renata: E sua mãe?

Gustavo: Ela é daqui da universidade pública, trabalha na administração.

Renata: Ah tá.

Gustavo: É... o meu irmão ele ficou até..., até os trinta em casa, depois ele alugou um apê e seis meses depois a mulher dele, a mulher dele é estrangeira, era namorada dele e mudou para cá e aí...

Renata: Eles casaram.

Gustavo: É, um ano depois eles casaram.

Renata: Entendi, e você falou que você está namorando com a Tati...

Gustavo: Isso.

Renata: Faz quanto tempo?

Gustavo: Dez, onze anos, mas tem uns intervalos, tipo, uns anos no meio, tal, mas é por aí.

Renata: Dez, onze anos...

Gustavo: É.

Renata: E como é que está?

Gustavo: Está bem..., está bem..., é, essas coisas de percepção da minha família vem muito dela, desse, dessa, é, aquela coisa de ter um agente externo para catalisar as coisas, assim e, teve uma época que ela ficou, o ano passado ela ficou sem casa, dissolveu a república e foi morar em casa e, e as relações todas afloraram, do...

Renata: Ela passou a morar aqui em São Paulo com você ou lá?

Gustavo: Não..., aqui..., é, ela estava estudando aqui ainda e a república se desfez e ela ficou acho que uns seis meses morando na minha casa com os meus pais. Eu, ela e os meus pais, eu não estava tanto em Santos, eu estava mais para cá e..., e foi aí que ela foi me..., me..., me chamando a atenção das coisas e tal e, altos paus, assim (risos).

Renata: Com ela?

Gustavo: Com ela assim.

Renata: Ou com a família?

Gustavo: Não, com ela, ela não..., não..., não brigava com a família, era minha posição em relação aos meus pais que ela ficava puta da vida e..., e a gente até acabou se separando no final do ano passado por causa disso, porque eu não conseguia trabalhar, não conseguia nada e era dependente dos meus pais e a partir da hora que..., que eu..., que eu fui diagnosticado e comecei a tomar remédio eu comecei a...

Renata: Que tipo de remédio que você toma?

Gustavo: Estou tomando Lamotrigina, um estabilizador de humor. E aí..., não..., antes disso eu fui para Argentina, morar um mês na Argentina, sozinho.

Renata: Depois que rompeu com a Fabiana?

Gustavo: É..., é..., isso, e já melhorou bem. Eu não tinha experiência de morar sozinho, ninguém para dar um *help*, assim para nada, assim.

Renata: E onde você foi morar lá?

Gustavo: Eu fui morar num..., num..., num quarto, não era nem quarto e sala era quarto só (risos).

Renata: Foi morar num quarto...

Gustavo: É..., é..., e com uma micro-cozinha, eu fui estudar espanhol lá, quarenta dias. E me cuidei bem, me virei bem, foi muito bom...

Renata: E os seus pais de uma certa forma te incentivaram a ir?

Gustavo: A família sempre teve esse incentivo de passar um tempo fora..., ah, meu irmão foi, passou um ano na Europa e eu nunca consegui ir, e aí eu fui por uns quarenta dias (risos).

Renata: Você tinha vontade de ir para Europa?

Gustavo: Tenho, ainda, tenho. Se bem que eu tenho mais interesse na América Latina hoje em dia do que na Europa. Então foi..., foi um primeiro passo de morar sozinho, mesmo que por pouco tempo..., acho que eu me percebi melhor, depois eu voltei, fui diagnosticado e consigo dar continuidade a umas coisas. Então, estou, estou bem melhor.

Renata: Você se sente melhor com essa medicação?

Gustavo: Sim, sim. Eu tinha fases de..., de..., de, não sei definir melhor assim, mas eu tinha fases de bobo, assim ficava bobo (risos), ah..., eu tinha múltiplos interesses, tipo, eu me interessava por tudo e não conseguia fazer nada.

Renata: Focar em nada.

Gustavo: É, não que isso, isso diminuiu, não acabou... Às vezes, eu me pego na *Internet* procurando mestrados pelo mundo, ou procurando para tirar brevê de avião, mas depois eu volto (risos).

Renata: (risos).

Gustavo: É até engraçado, mesmo. “Opa, o que eu estou fazendo?” Mas, mas eu estou melhor..., então..., a gente voltou por causa disso assim, porque...

Renata: Voltou o namoro?

Gustavo: É..., é..., e voltou com uma perspectiva de ela morar em Santos comigo, dela ficar em Santos, subir aqui por causa do meu curso..., ela também [estuda]..., só que nossos horários não estão batendo... Ela fica segunda e terça aqui. Eu fico, chego quinta a noite.

Renata: Para ir para o curso sexta.

Gustavo: Vou para o curso sexta e sábado, é. Então ela desce na terça, fica terça à noite, quarta e quinta de manhã comigo para não voltar tarde e depois, depois ela sobe comigo também. Só que é estranho, ela de novo na casa dos meus pais, as coisas do passado veem, mesmo que não, não aconteça nada, mas isso... é diminuiu também.

Renata: E seus pais gostam dela...?

Gustavo: Gostam, adoram ela. É..., ela acabou sendo mais uma filha sabe? O que é bom e o que é ruim também, porque ela...

Renata: O que é bom e o que é ruim?

Gustavo: Ah, é bom porque consideram bastante, sempre contam, sabe? É da família já há muitos anos, então... não tem, não tem mais aquela, aquele limbo de família, namorada, tal, tipo...

Renata: Já faz parte.

Gustavo: É.

Renata: E o ruim...?

Gustavo: O ruim é essa coisa, de..., de..., de..., de eles já contarem, eu não sei explicar, deixa eu pensar, mas é... deles considerarem, às vezes, a gente um casal não externo à casa ou, mas...

Renata: Como assim?

Gustavo: Ah...

Renata: Um casal casado?

Gustavo: Não então, não..., é..., é um casal debaixo da asa deles, não..., como eu sou, ela também se tornou isso...

Renata: Você acha que ela também se tornou dependente dos teus pais, isso?

Gustavo: Não dependente, mas..., ah..., é..., talvez integrada em algumas decisões, ou... eu não sei explicar, mas é uma coisa que incomoda, acho que é...

Renata: De fazer muito parte, nesse sentido?

Gustavo: É, de..., de eles me tratarem às vezes como filho e de tratarem ela também..., não, não, não ter distinção, sabe?

Renata: Ela está ali.

Gustavo: Ela está ali, é, e ela não tem voz... É..., a voz dela passa por mim, , não é direto. Acaba que, mesmo que não tenha essa relação clara de..., de..., de decisão, de..., de..., de..., é... eu não sei o que eu ia falar (risos).

Renata: Tudo bem, você falou sobre o morar nessa casa, com quem você acha que se relaciona melhor? Com seu pai? Com sua mãe? Como que é?

Gustavo: Ah, antes de perceber certas coisas era mais com minha mãe...

Renata: Você se dava melhor com ela?

Gustavo: É..., não..., até, hoje em dia ainda é assim. Meu pai é..., ele é muito parecido comigo, aí fica difícil (risos).

Renata: No que ele é parecido, você acha?

Gustavo: Ah, o meu pai ele... é, eu acho que ele depositou em mim uma certa continuidade, assim, sabe?

Renata: Dele?

Gustavo: É, é.

Renata: O que ele gostaria que você fizesse?

Gustavo: Meu pai queria fazer mestrado, ele queria fazer mestrado em Filosofia e não pôde, porque a gente era pequeno e tipo, estava trabalhando numa empresa e o mestrado era em outra cidade, morava no litoral e isso sempre incomodou ele. Então, logo que eu entrei nas Ciências Sociais por, por pressão dele assim..., não por pressão..., com 17 anos..., eu queria beber e sair..., ah, então ele, eles é..., não só ele, eles achavam que tipo, eu entrei nas Sociais e eu ia ser..., ia participar do CA [centro acadêmico], ia ser um líder político..., ele..., ele toca violão também, então..., então ele, tem essa relação com a música também.

Renata: Você aprendeu com ele a tocar?

Gustavo: Eu..., não..., não..., sim..., sabe os instrumentos estavam lá, então, eu pegava, mas ele, ele sempre tocou muito pouco na nossa frente, muito pouco, é muito raro ver meu pai tocando violão, mas ele tem, sei lá, seis irmãos, cinco tocam violão.

Renata: A família inteira de músicos (risos).

Gustavo: É (risos), e meu irmão, acho que foi mais por causa do meu irmão, meu irmão tocava guitarra e eu era menor, ele tinha banda e eu ficava seguindo ele, ia para o..., ia para o..., para o estúdio e ficava olhando tudo, adorando, foi..., foi mais por isso.

Renata: Então você acha que seu pai projetou algumas coisinhas [ou melhor, expectativas] em você, então, de ser líder político, ele gostaria de ter sido ou ele foi?

Gustavo: É. Ele foi coligado a um partido político, desde que eu era pequeno, é, participou da, da fundação do partido e tal... Agora bem menos..., mas quando..., quando eu era pequeno assim até o final dos anos, até a primeira eleição presidencial, era muito forte em casa a política. Até hoje é. Tem vários livros, revistas e, na minha estante...

Renata: Faz parte?

Gustavo: Faz parte, é, faz parte da...

Renata: Da sua história?

Gustavo: Hum, e, o que mais? Eu não sei (risos).

Renata: Eu perguntei com quem você achava que era mais parecido ou com quem você lidava melhor.

Gustavo: Então, acabou, é... tendo as coisas parecidas com meu pai, mas meu pai não tem muito, não tem muito jogo de cintura, sabe? Então, ele fala..., ele fala as coisas na lata, e minha mãe sempre mediando... Então o diálogo com minha mãe sempre foi mais fácil.

Renata: Você conseguia conversar mais com a sua mãe?

Gustavo: É, meu pai, é..., ah...

Renata: Como assim!?

Gustavo: Ele fala as coisas na lata, sabe? Ele não..., ele..., eu acho que ele não pensa como as pessoas vão receber o que ele fala, então, por ele está tudo bem assim. Então, e por ele... e por eu ser muito parecido com ele, também, eu sempre dei muito chega para lá nele. Então, às vezes, ele fica meio receoso...

Renata: E com a sua mãe você acha que é diferente disso?

Gustavo: É, é. Flui mais, fala-se bastante...

Renata: E o seu relacionamento com o teu irmão? Como que é?

Gustavo: Meu irmão é tipo assim, um é fã do outro (risos), é muito bom assim, é...

Renata: Faz tempo que ele saiu de casa?

Gustavo: Faz quatro anos.

Renata: Quatro anos.

Gustavo: É, e ele...

Renata: [telefone do Gustavo toca] Pode ficar à vontade.

Gustavo: Depois eu ligo..., e..., é faz quatro anos que ele saiu de casa, ele tinha uma autonomia financeira já mesmo dentro de casa..., durante um tempo, alguns anos e, meu irmão ele era outro, é, era outro exemplo para mim quando eu era pequeno então, tipo, eu seguia muito ele..., a forma dele pensar, a forma de agir, os gostos, ele era muito ídolo... E houve uma quebra quando ele foi passar um ano na Europa, tipo...

Renata: Que idade você tinha?

Gustavo: Quinze acho, quinze anos.

Renata: Ele tinha dezenove?

Gustavo: Tinha dezenove, é.

Renata: Quando ele foi?

Gustavo: É. Dezenove ou vinte, por aí... e houve uma quebra assim de..., de..., de..., de..., ah, de personalidade mesmo.

Renata: Vocês perderam contato nesse um ano que ele ficou fora ou...?

Gustavo: Sim, sim, sim! A gente se falava muito pouco pelo telefone e foi a hora que eu comecei também a sair para o mundo..., com quinze anos eu estava, sabe? Ver outras coisas e viver outras coisas e, então foi bom, assim, é... então eu acho que outra..., outra parte importante da família é a minha avó. A minha avó morreu faz um mês, mas ela era...

Renata: Recente...

Gustavo: É, ela era muito presente.

Renata: Vó mãe de quem?

Gustavo: Da minha mãe, e, ela..., somos cinco netos, eu, meu irmão mais três primos e ela tinha casa no litoral. Tem uma tia que mora no litoral e outra que mora aqui. E ela rodava, pegava ônibus, subia, descia, fazia comida para todo mundo, ah..., de certo modo criou todo mundo, cuidou de todo mundo, cozinhou para todo mundo, porque o forte dela era, o amor dela era pela comida, sabe? Tipo, a demonstração e..., e acho que principalmente na minha família, eu e meu irmão somos mais velhos dos primos e...

Renata: São os primeiros netos?

Gustavo: Isso, e meus pais, quando a gente era pequeno, eles foram trabalhar, fazendo faculdade ainda tal, então a gente ficou muito com ela, muito, muito, ah..., então deixa eu ver o que..., que a gente pegou dela, que eu peguei dela...

Renata: (risos).

Gustavo: E ah..., não sei, acho que eu fui muito mimado por minha avó, assim, ah...

Renata: O que ela fazia para você achar que foi mimado?

Gustavo: Ah, tudo (risos).

Renata: Tudo (risos), o que é o tudo?

Gustavo: Ela superprotegia, não é? Então, esses..., esses primeiros embates de, de pré-adolescente, de querer liberdade não foram com meus pais, foram com ela, entendeu?

Renata: Foi com a avó?

Gustavo: Foi com a avó, é..., então tipo “ah eu quero jogar bola”, “não, você não vai, blabla blabla”.

Renata: Mas por que você estava na casa da avó?

Gustavo: Então, foi a época que estava reformando minha casa, então, tipo, eu não sei se era 12, dos 12 aos 14, então tipo, era época...

Renata: E os seus pais estavam morando, também, na casa da avó?

Gustavo: Estavam, estavam, mas, essas decisões era com ela..., então aquelas coisas assim de levar na casa do amiguinho e ficava puto (risos), não podia andar de bicicleta mas eu ia, brigava, quebrava vários paus...

Renata: Você está com saudade dessa avó?

Gustavo: Eu estou, eu estou, eu estou, mas eu aproveitei bem também, eu não posso reclamar... porque, esses últimos anos que eu voltei para o litoral, ela morava no litoral mas, vai, ficava duas semanas no litoral, duas semanas aqui em São Paulo na casa de uma das filhas e então dia de semana eu ia almoçar e jantar com ela, via novela com ela, dormia lá, então tipo...

Renata: Deu para curtir.

Gustavo: Deu, deu. É foi..., foi muito bem aproveitado e, ela sempre teve esse papel importante na família de...

Renata: Nutri-los?

Gustavo: De nutrir, e de comunicação, igual minha mãe, sabe? Mas é um pouco mais externo, não é?

Renata: A avó tinha um rol um pouco mais amplo? (risos)

Gustavo: É, é (risos). Amplíssimo assim, nossa! Ela falava de primos de terceiro grau que eu nem sei quem são assim, ela ia em todos os batizados e são centenas de pessoas..., era bizarro.

Renata: A sua família é muito grande?

Gustavo: A parte dela era...

Renata: A parte da mãe?

Gustavo: A parte da mãe. É..., não..., da mãe da minha mãe.

Renata: Da mãe.

Gustavo: A do pai da minha mãe... Ele é de Minas, então a gente tem contato só com um núcleo pequeno da família. Meu pai tem muitos irmãos, não é? Tem seis, deixa eu contar, espera aí (risos). É, seis, mas, é, meus avós paternos morreram muito cedo, então, ah..., deu uma desagregada, deu ah... Quando eu era pequeno eu convivia muito com eles, passava mês de férias lá com os meus avós paternos e depois que eles morreram ninguém..., ah, são seis irmãos homens e uma mulher, e a mulher é mais nova, não sei se isso tem a ver, mas ninguém centralizou para, sabe? Unir a família, então dispersou..., e, é então foi sempre a família da minha mãe, com a família da minha avó.

Renata: Você ficou mais próximo da família da mãe.

Gustavo: É, depois meus avós morreram... Meus avós morreram quando eu tinha, acho, que seis anos por aí, cinco, seis anos.

Renata: E depois disso você sente que houve essa ruptura?

Gustavo: Sim, sim, sim. Inclusive uma, não só uma ruptura é..., familiar, foi uma..., acabou sendo uma ruptura familiar e de certo modo, ah..., tipo..., social e econômica..., porque, ah..., foi o momento que eu morava..., eu morava lá no litoral atrás da linha da máquina, então a gente morava bem..., a gente, é..., as minhas relações eram mais na rua, jogava botão na rua, ia em outra cidade que era onde meus avós moravam, era também rua o dia inteiro. Quando meus avós morreram a

gente mudou para apartamento e..., e começou a..., a ter outro modo de vida, sabe? Então eu parei de ser de rua, mudei de colégios, as relações outras...

Renata: Por que você acha que houve uma mudança de padrão econômico?

Gustavo: Sim, sim, também...

Renata: Por conta do quê, de partilha de bens, o que aconteceu?

Gustavo: Não, não, aconteceu do contexto ser...

Renata: Ser próximo uma coisa da outra?

Gustavo: É, é, não tem relação assim, é, acho até uma mudança de valores mesmo, mudança de classe social, foi, é, foi, eu, às vezes, eu penso se, se, se meus avós não tivessem morrido tão cedo é..., acho que eu teria um contraponto de valor legal, porque eram famílias diferentes. Essa minha avó que morreu era muito católica, cheio de planta em casa, a casa dela parecia um jardim botânico.

Renata: Qual, essa avó dos seis anos ou essa avó de agora?

Gustavo: A dos seis anos, é.

Renata: A dos seis anos.

Gustavo: Acho que eu fui muito moldado por essa família da minha avó assim, ah...

Renata: Da avó de mãe.

Gustavo: Da mãe, isso, é.

Renata: O que é diferente? Você falou que essa sua avó tinha lá as plantas, era muito católica e essa avó da mãe é como?

Gustavo: Ah, essa era a, a...

Renata: Que nutre.

Gustavo: A que nutre, é a que está sempre, ah..., politicamente, querendo agradar todos os netos, na cabeça dela claro. "Ai não sei quem vai ficar com ciúme, não sei o que, eu tenho que ficar um tempo lá. Ai eu tenho que fazer *esfiha* para ele", sabe? (risos) Tipo, o meu irmão não gosta de cebola e mais a minha prima, não, o meu primo não gosta de cebola, então ela fazia *esfiha* com cebola e sem cebola. "Ah, não sei quem não gosta de peixe", tinha uma caldeirada, família toda comendo e ela fazia o bifeinho para aquela pessoa, então...

Renata: Ela se importava.

Gustavo: É.

Renata: Delicadezas, essas diferenças, é isso?

Gustavo: É, é, ela tentava agradar todo mundo e não forçar ninguém a nada, sabe? E, sempre foi uma família muito fofoqueira, toda (risos). Altas horas de fofoca... (risos)

Renata: Na casa da avó?

Gustavo: Na casa da avó, a casa da avó era o centro..., todo mundo descia, aí o pessoal estava lá já, sábado e domingo e aí era *paella*, feijoada...

Renata: E só ela cozinhava?

Gustavo: É, é, risoto de lula, umas coisas doidas assim (risos).

Renata: E depois que essa sua avó morreu, agora de um mês, como é que está?

Gustavo: Ah, a família bebeu muito (risos).

Renata: Bebeu muito?

Gustavo: Bebeu, bebeu tipo..., ah..., foi muito a..., as primeiras semanas foram muito catárticas, então a minha casa aqui em São Paulo recebeu amigas da minha mãe da infância e dormiram lá, e ficavam conversando, rindo e chorando tomando vinho, sabe? Foi bem interessante até, vinha a mãe das amigas e cozinhavam, faziam uma macarronada e todo mundo comia. E já fizeram uma festa, sabe? Para rever o pessoal do colegial, essas coisas assim bem doidas... Tem sido assim, a casa da minha avó, é..., ficou como está, às vezes a gente vai lá e continua tipo, almoçando ou jantando lá domingo, alguém assume a cozinha.

Renata: Mas as coisas continuam nos lugares... tudo?

Gustavo: Sim, sim, sim, o combinado foi deixar tudo lá é..., e fica um porto também. Minha tia que mora aqui em São Paulo, o apartamento é dela, então sempre quando ela descia ela ficava lá, então a casa continua como está...

Renata: Não era uma casa só da tua avó então?

Gustavo: Não, não, não..., ela recebia lá, às vezes, eu dormia lá, meu irmão, era meio...

Renata: E a ideia é manter essa casa?

Gustavo: É, manter, é..., e acabou que, a gente está sempre junto...

Renata: Você sente que é diferente, por exemplo, da família do teu pai, que quando os avós morreram as coisas se separaram, que está diferente agora na família da tua mãe?

Gustavo: Sim, sim, sim.

Renata: Que agora as coisas estão juntas?

Gustavo: É, eu não sei direito o que aconteceu porque eu era muito pequeno... eu não sei.

Renata: Agora o que você está vendo com a ausência da tua avó? Mais união, menos?

Gustavo: Não, está igualzinho a quando ela estava viva. Está igualzinho. O pessoal..., é... a gente comemora aniversários, qualquer coisa que acontece na vida de alguém a gente vai lá e almoça ou janta todo mundo, sabe? Mas eu acho que é..., a diferença..., posso estar errado, mas eu acho que a diferença é que a relação com os pais do meu pai era muito focada neles assim, eu acho que a gente ia para casa da avó, todos os filhos iam para lá, difícil a gente ir para casa do primo, ou para casa do tio e essa..., com a família da minha mãe, não, a gente tem essa relação...

Renata: Já circula mais, você acha?

Gustavo: É, não era só..., na casa da minha avó, a gente tem essa relação é..

Renata: Entre vocês?

Gustavo: É, sem precisar dela, é..., e lá não, lá era centralizado, a gente se encontrava lá, fazia tudo lá.

Renata: Entendi. E me diz uma coisa Gustavo, nesse contexto como é que você se vê como adulto?

Gustavo: Difícil (risos).

Renata: Difícil como?

Gustavo: Difícil por não ter, não ter uma carreira estabelecida, não ter dinheiro, ah...

Renata: Como você gostaria de estar, por exemplo?

Gustavo: Eu queria estar trabalhando com música e ganhar dinheiro com isso (risos).

Renata: Ser músico e ganhar dinheiro (risos).

Gustavo: É, mas aí tem uma incompatibilidade (risos). Mas é... é..., eu acho que, ah..., me angustiava muito não ter essa coisa fixa, de um trabalho, tal hora a tal hora, cinco dias por semana. Agora não, eu já percebi que eu vou ser ah..., meio nômade sabe? "Ah, vou trabalhar com isso, depois isso". Eu acho que vai ser isso, que vai ser pular de galho em galho..., ah..., e foi ótimo descobrir isso sabe? Porque eu achei que eu estava viajando (risos). Por exemplo, ah... escrevo para revista, e toco ali, eu faço uma trilha para um filme ali..., talvez... Eu não gosto de dar aula ainda, mas talvez pegar uma aula ali, dar aula de violão, acho que vai ser um pouco assim e...

Renata: Tem alguma coisa que você quer para o futuro? Algum projeto, alguma coisa?

Gustavo: Tenho milhares (risos).

Renata: Tem milhares, conta um.

Gustavo: É dos reais? (risos)

Renata: (risos)

Gustavo: É, eu acho que eu... Acho que primeiro é estabelecer essa carreira, sabe? Alguma coisa que eu faça, que eu tenha prazer e que eu ganhe dinheiro..., às vezes, eu fico assim, "ah vou fazer mestrado, vou fazer, vou prestar concurso". Eu não tenho saco para estudar nem para concurso nem para ficar dois anos estudando, nem, um assunto só, eu não vou conseguir, eu acho. Mas, às vezes, eu tenho isso de querer ter vida de professor, mas eu lembro, eu odiava aula, tive que fazer licenciatura aqui e nem acabei porque não, não me encontrei... Então, eu acho que a minha vida vai ser música e jornalismo mesmo.

Renata: Você está trabalhando como autônomo, então?

Gustavo: É, é, mas bem pouco assim, sem receber nada (risos). Então eu estou esperando essa construção que é de aprender a cantar..., na verdade eu não sou..., que eu me considero mais um compositor, sabe? Eu componho mais do que estudei música, eu nunca tive muita, a música para mim sempre foi muito orgânica..., eu não consegui me dedicar a estudar por mais que eu tentasse sentar e ficar oito horas tocando, não..., e esse é meu bem e meu mal, porque eu acabei construindo uma coisa muito própria, mas me faltam coisas básicas que eu não tive acesso, mais contato.

Renata: Que tipo de música você toca?

Gustavo: Eu, eu toco, eu toco de tudo hoje em dia (risos).

Renata: De tudo? Mas o que você gosta?

Gustavo: Ah, rock, MPB, eu tenho..., eu estou gravando agora com, tem um cantor que eu estou há três anos com ele já e é uma mistura dos dois, é bem legal, e minha banda era bem rock, mas era meio..., a gente tinha, a gente tinha jeito para ganhar dinheiro com aquilo, mas não rolou, a gente conseguiu achar um som diferente dos outros. E, então me imagino adulto não como eu estou agora (risos). Eu acho que...

Renata: O que é ser adulto então para você?

Gustavo: É, eu acho que o ser adulto é o que me falta agora, que talvez eu tenha, esteja dentro dessa perspectiva do dinheiro... Ah, do dinheiro como decisões sabe? Como ah..., eu acabo..., eu acho que eu acabo me podendo muito porque o dinheiro é dos meus pais..., acho que é isso.

Renata: Você gostaria de estar fazendo outras coisas, por exemplo, se você tivesse uma grana que fosse sua?

Gustavo: Eu, é..., eu não sei se isso, se isso tem a ver com grana ou tem a ver com a coisa não ter dado certo sabe? Até agora...

Renata: Mas como que é? Você recebe uma mesada?

Gustavo: É minha mãe...

Renata: Ou você tem dinheiro disponível quando você precisa?

Gustavo: Não, não, eles depositam, tipo 700 reais na minha conta e me dão um cartão de vale, sabe? E o cartão de crédito. Então, é..., o cartão de crédito é para gasolina e para o supermercado e às vezes eu ganho uns duzentos reais de vez em quando, duzentos ali, mas...

Renata: E dá para se manter com esse dinheiro que você recebe deles mensalmente?

Gustavo: Sim, sim, dá. Mas é..., às vezes eu gasto mais..., quando..., muitas vezes eu quebro e, às vezes, eu burlo o cartão de crédito também (risos).

Renata: Como é burlar o cartão?

Gustavo: Quando eu estou devendo no banco eu uso o cartão de crédito para tipo pagar uma cerveja, cigarro, essas coisas assim.

Renata: Mas eles sabem, não é?

Gustavo: Sabem, sabem. Bom, na verdade, é..., eles vão sempre cobrir, não é? Acho que no fundo eu sei disso... e aí...

Renata: Algum dia você já ficou na mão?

Gustavo: Não, não, não. Então, acaba sendo uma situação de conforto pra caralho assim. E... então eu me sinto um pouco sinucado (risos).

Renata: Sinucado? (risos) Traduza, por favor.

Gustavo: (risos) Sinucado é quando você tem, você tem aquelas bolas cobrindo assim e você não consegue sair, porque tipo eu estou com esse projeto de fazer um CD meu, mas está travado e não sei, estou depositando muita coisa nesse projeto e por outro lado estou estudando, voltei a estudar jornalismo cultural, então, imediatamente eu não tenho de onde tirar dinheiro...

Renata: Entendi.

Gustavo: É e, já mandei meu currículo para um monte de lugar, me inscrevi na Catho [agência de empregos online] seis meses e não responderam porra nenhuma.

Renata: Nada?

Gustavo: Então, eu tenho uma grana guardada de moleque, dá para comprar, dá para começar, comprar o básico e depois que for recebendo dá para aumentar, não é? E é isso... Então, às vezes rola um desespero muito louco..., só fevereiro do ano que vem, eu preciso do dinheiro agora.

Renata: E você não se sente tentado a mexer no dinheiro que você tem guardado?

Gustavo: Para usar no meu dia-a-dia não, esse dinheiro é meu, é engraçado esse dinheiro, ele é muito, ah..., acho que ele consegue resumir bem a relação familiar. A minha tia por parte de mãe, em vez de me dar presente dos 12 aos 18, dos 10 aos 18, sei lá, em vez de me dar presentes ela comprava ações na bolsa (risos). E juntei uma grana, não é? Só que qual era o intuito familiar? “Não, você vai pegar esse dinheiro quando você quiser viajar para fora, fazer algum curso, não sei o que, não sei o que lá.” E, e esse dinheiro, o meu tio, ele entende de bolsa, ele que gere.

Renata: Ele que administrava essas ações?

Gustavo: É.

Renata: Tudo para você? Tudo no teu nome, isso?

Gustavo: Não, no nome dele e ele transferia, transferiria o dinheiro. Então dentro da família era..., a especulação era essa, sabe? “Para quê você vai usar esse dinheiro? Nossa, você pode comprar um carro, dar entrada num apartamento, você pode não sei o quê..., bla, bla, bla.” E eu travava, não é, porque o dinheiro nem está comigo, então para eu pegar o dinheiro tem toda uma, uma travessia de relações familiares..., fiquei anos sem usar..., não fui viajar para fora nem nada com esse... Para Argentina eu falei “não, dá o dinheiro, foda-se, vou.” E paguei tudo, paguei o apartamento, a viagem, estadia, tudo com meu dinheiro, comprei um acordeom, fiz um curso lá, fiz um curso de espanhol.

Renata: Tudo com esse dinheiro...

Gustavo: Tudo com esse dinheiro.

Renata: Que era dessa tia que te dava de presente.

Gustavo: Isso, é, e sobrou, sobrou bastante até, que eu acho que vou investir, então, essa coisa da Argentina foi também, também, porque..., é, serviu tanto para eles imaginarem mil coisas e para eu fazer mil planos, imaginei de tudo com esse dinheiro.

Renata: E agora esse dinheiro está com você?

Gustavo: Não, eu vou abrir a poupança e vou transferir esse dinheiro para poupança. Esse foi o plano, primeiro...

Renata: Quem está administrando esse dinheiro ainda?

Gustavo: É o meu tio.

Renata: É o seu tio?

Gustavo: É, é, os fundos da bolsa, lá, não sei porra nenhuma, eu não entendo nada. E, então é isso, essa parte do dinheiro. Como é que eu cheguei nisso? Espera aí, estava falando outra coisa...

Renata: A gente estava falando se você tem alguns projetos para o futuro...

Gustavo: É, futuro, como eu vejo...

Renata: Como você se vê no futuro...

Gustavo: Então, eu tenho essa coisa do, desse estúdio, ah..., eu queria ter..., cada vez mais, ter essa coisa de ter um apartamento meu e da Tati, uma coisa pequenininha. Acaba que a gente fica lá três dias, mas tipo, tudo é decorado pelos meus pais..., se a gente vai mexer em alguma coisa, é, uma..., um exemplo dessa, dessa disputa por espaço é que lá eu tenho uma faxineira uma vez por semana e eu mantenho, eu que contratei, eu que pago e eu que pago entre aspas (risos), o dinheiro passa por mim.

Renata: (risos)

Gustavo: E essa eu quem achei, contratei e mantenho, então minha mãe vai lá, “ai” reclamava.

Renata: A empregada não está fazendo direito...

Gustavo: É, sabe, e ai, sabe?

Renata: Mas está lá, não é?

Gustavo: Está lá, está lá, eu...

Renata: E querendo ou não ela que te ajuda a pagar, não é?

Gustavo: É, é, é, mas eu acho que tem uma coisa, não é? Tem aquela coisa de...

Renata: Passar por você...

Gustavo: É, do espaço, de dominar o espaço, das decisões, então eu, mesmo que ela não esteja boa eu [bate na mesa afirmando a decisão].

Renata: Bate o pé que ela vai continuar lá, nesse sentido?

Gustavo: É. E, então, é esse o negócio lá com a casa, não é? Acaba sendo, morando na casa dos outros...

Renata: Sim.

Gustavo: Não tem...

Renata: Tem vontade de casar ou não?

Gustavo: Tenho..., é..., casar..., ajuntar..., ter um apartamentinho, pequeno, um..., um lugar nosso..., com relação a isso eu tenho, acho que seria bem legal. Eu tenho essa perspectiva também de ir para fora ainda, sabe? A Tati pensa em, talvez fazer doutorado fora ou talvez dar aula no nordeste. Eu com a minha, com a minha viagem para Argentina eu estou enlouquecido, também, de querer ficar fora.

Renata: Você gostou?

Gustavo: Ah, adorei, adorei, em todos os sentidos, foi sensacional assim, ah..., eu acho que deu uma esgotada assim, depois que eu voltei, São Paulo e litoral já não, não...

Renata: Não cabe mais, ali só...

Gustavo: É, é, parece.

Renata: Perdeu a graça?

Gustavo: É, perdeu a graça assim, sabe? (risos) Mas é uma ilusão também que, às vezes, você chega numa cidade nova, fica pouco tempo, você acha que tudo é oportunidade, tudo, mas, é..., dá um..., dá uma coisa nova. Eu voltei, eu pensei em não voltar, pensei em ficar lá, e eu voltei exatamente porque eu precisava resolver coisas aqui, inacabadas no sentido de que preciso fazer meu disco, acabar esse disco e ver o que vai acontecer. Porque mesmo lá eu tive oportunidades, de..., de..., de..., de ficar, mas eu acabei não, não me entregando à cidade, às oportunidades, eu já tinha apartamento para ficar, eu já tinha os amigos que já iniciavam músicos em Buenos Aires, mas aí eu voltei para acabar, eu não sei se eu fiz certo é, e...então até fevereiro do ano que vem eu estou nessa assim.

Renata: Vai ficar por aqui, indo lá e cá?

Gustavo: É, lá e cá, o curso de jornalismo, tentando terminar a porra do disco e vendo esse estúdio, eu acho que vai rolar...

Renata: Você está mais inclinado para esse estúdio?

Gustavo: Sim, é, eu tenho feito umas produções, é..., eu voltei a gravar, depois de um tempão e agora, semana passada, eu ganhei um prêmio de trilha sonora no litoral, então deu um *up* assim, também... Abriu mais uma porta em cima do estúdio e, eu voltei, voltei a ter tesão de trabalhar com estúdio, que eu já tinha perdido faz tempo e..., e não ter aquela relação de trabalho que eu acho que eu me frustrei muito..., ah..., por não, por não conseguir manter a produtividade, não é? Ah..., todos meus trabalhos foram frustrados..., eu saí por baixo, é..., o que não me ajuda muito a trabalhar agora (risos).

Renata: Mas você já trabalhou em regime de contratação de trabalho, essas coisas?

Gustavo: Já, já.

Renata: Quando você estava lá escrevendo para revista ou não?

Gustavo: Não, para revista, não. Aqui em São Paulo sim eu trabalhei em uma editora durante um ano e trabalhei dando aula num conservatório aqui, então era...

Renata: O que você escrevia nessa revista?

Gustavo: Eu escrevia sobre música.

Renata: Escrevia sobre música...

Gustavo: Na editora daqui era uma coisa de música, mas era mais técnica, tecnologia e tal, no litoral era mais um mantra (risos). Eu entrevistava uns caras grandes, mostrava umas bandas da região, era bem legal.

Renata: Você gostava disso?

Gustavo: Gostava, gostava.

Renata: Entendi.

Gustavo: Mas foi bom por um lado porque..., é..., a minha entrada no..., no meio musical do litoral..., ah..., foi pela revista e não como músico, não é? E isso foi legal, então conheci bastante gente, já comecei a tocar com..., a rodar tocando em Santos por causa dessas relações.

Renata: E você gosta dessa vida de estar lá e estar aqui?

Gustavo: Eu cansei, eu cansei, porque..., é..., mesmo quando eu morava aqui..., ah..., eu tinha banda larga, eu tinha ah..., amigos lá e aqui, meus amigos que eram daqui eram de lá, então todo mundo descia junto no final de semana sabe? Então eu passei muito tempo no meio sabe? E eu queria, o meu intuito quando eu fui para o litoral esse ano era ficar lá, subir pouco, tal, só que aí apareceu esse curso de jornalismo cultural que eu falei. É um meio de eu..., uma maneira de eu não sair da música..., mas tipo..., talvez ganhar dinheiro com ela, sabe? Ah, fica rodando ali, não é?

Renata: E está fazendo um curso de Jornalismo. E, bom, nessa convivência familiar, que você tem quando vem para cá, você sente que a sua intimidade é preservada, as tuas coisas, porque a Fabiana está com você...?

Gustavo: Sim, sim, sim, ah..., de um certo modo sim. A comida tem uma centralidade na minha família.

Renata: Comida!

Gustavo: Comida, então você ouviu, o que eu falei da minha avó...

Renata: Que fazia comida para “netaiada” toda.

Gustavo: Isso é, sempre agradando. Minha mãe é..., é o oposto, ela quer tudo saudável, tudo, ah..., fica falando da minha barriga, essas coisas assim e..., e decide tudo assim, então é...

Renata: O que você vai comer, por exemplo?

Gustavo: Isso, é.

Renata: O quando, que horas?

Gustavo: Não, quando e que horas nem tanto, mas isso sim assim, de fazer as compras tal, tanto que no litoral eu tenho essa liberdade tipo, compro um monte de congelados (risos).

Renata: Lá come o que quer?

Gustavo: É, eu escuto ainda, mas eu compro e..., ah, tem essas zonas de conflito, não é?

Renata: Ainda falando de quando você vem para cá com a Fabiana. Ela dorme onde? No teu quarto...?

Gustavo: É, é, ou às vezes eu nem estou aqui...

Renata: E mesmo assim ela dorme lá?

Gustavo: É, ela vai, dorme lá, é..., se eu estou lá no litoral e ela precisa de uma carona para descer ela desce com meu irmão, desce com minha mãe, não tem problema. Que nem, às vezes, ah..., vai comprar sapato com a minha mãe, já está agregada.

Renata: Já faz parte da família?

Gustavo: Já, já, é..., já tem a gaveta dela já (risos).

Renata: Tem uma parte do guarda-roupa já...?

Gustavo: É, em Santos tem, então isso é bem resolvido.

Renata: E esse relacionamento que você tem com ela, você classifica como, o que vocês são?

Gustavo: A gente está em processo de “amigamento” (risos).

Renata: (risos) Processo de “amigamento”...

Gustavo: Eu acho que..., é..., essa vez que a gente se separou no final do ano passado, para agora, assim, ah..., acho que eu sempre levei o namoro de um jeito adolescente, então resolver, ah..., resolver os problemas do namoro de um jeito adolescente, de um jeito, ah..., é com, com carinho, com..., com..., não de enfrentar

os problemas adultos, sabe? De pegar “não, vamos fazer isso, vamos decidir isso”, sei lá e aí assim houve esse corte. Acho que, eu acho que, meu diagnóstico ajudou bastante, acho que não muito, não é? Ah, tudo, esse bolo todo na verdade, não é? O término, a percepção de várias coisas...

Renata: Você terminou e foi viajar...

Gustavo: Fui viajar e depois, logo depois que eu cheguei eu fui no psiquiatra.

Renata: Foi quando você chegou a ida ao psiquiatra?

Gustavo: Isso, é.

Renata: Mas teve alguma exigência de alguém para você procurar esse psiquiatra, como é que foi?

Gustavo: Não, eu comecei a fazer, eu sempre fiz terapia aqui em São Paulo e, aí eu falei “ah”... quando eu cheguei da Argentina eu falei “ah, vou para o litoral” e aí um amigo meu que é comportamental me encheu o saco e falou “não, você tem que fazer comportamental, não sei o que”. Está bom, fui fazer e em algumas semanas ela falou “olha, eu tenho casos iguais ao seu que é bipolaridade tipo dois e eu queria que você fosse num psiquiatra” e foi isso.

Renata: Espera um pouco, deixe eu ver se entendi: você falou que sempre fez terapia, mas que depois de voltar da Argentina que você foi ao psiquiatra. Então você rompeu essa terapia que você já vinha fazendo, isso...?

Gustavo: Sim, que eram todas em São Paulo.

Renata: Todas em São Paulo...

Gustavo: Isso.

Renata: Foi viajar.

Gustavo: Fui viajar, é.

Renata: Voltou, e na volta...

Gustavo: Comecei terapia no litoral e aí...

Renata: A terapia no litoral foi essa indicação desse amigo.

Gustavo: Isso é.

Renata: Depois de algumas semanas ela falou para você ir para um psiquiatra e você foi?

Gustavo: Eu fui, é.

Renata: Faz quanto tempo que você está em tratamento?

Gustavo: Acho que... abril.

Renata: Desde abril.

Gustavo: Desde abril, o remédio teve um escalonamento.

Renata: Quantos miligramas você está tomando agora?

Gustavo: Eu estou tomando duzentos, mas eu comecei com vinte e cinco, na outra semana 50, então demorou uns meses é...

Renata: Foi aumentando gradativamente até...

Gustavo: É... até fazer efeito.

Renata: Agora você acha que está fazendo efeito?

Gustavo: Acho, acho, dormindo melhor, respeitando horários (risos), tentando manter uma agenda, que eu nunca tive agenda, rotina, às vezes, eu abro ela, mas passo dias sem ela assim, ah, indo no dentista, nos médicos que eu me proponho, ah, que mais? Conseguindo dar continuidade às coisas, não espalhar muito, acho que está sendo ótimo.

Renata: Você acha que está conseguindo se organizar melhor?

Gustavo: Sim... sim.

Renata: Sim?

Gustavo: É, eu ainda bato nesse meu medo de fracasso, ainda..., nessa coisa que..., na maneira como eu saí dos trabalhos e dos projetos que eu fiz, mas acho que vou ter que dar as caras para bater e..., e ver se eu mudo essa percepção de mundo.

Renata: Pode tentar experimentar, não é?

Gustavo: É... e me expor, não é? Essa, essa coisa de cantar, é..., eu sempre estive muito por trás das coisas sabe? Nunca assumindo..., assumindo a frente..., me expondo.

Renata: Como protagonista você nunca se colocou?

Gustavo: Nunca, nunca, eu sempre, eu sempre usei as pessoas (risos)... De..., de dar a ideia e a pessoa faz, sabe? É, eu sempre me considerei alguém que, não de ação mas de...

Renata: Planejamento?

Gustavo: Planejamento, é. Então, desde..., desde moleque, tinha piada que eu tinha vergonha de contar, eu contava para o meu amigo que eu sabia que ele ia falar...

Renata: Sabia os canais por onde poder...

Gustavo: É, é...

Renata: Fazer as coisas...

Gustavo: E eu tinha uma banda, essa banda que eu gravei o CD também era um pouco assim. Era democrática, mas eu centralizava um pouco...

Renata: Você acha que você e sua mãe são parecidos nisso?

Gustavo: Sim, sim, bastante, dessa coisa de controlar a comunicação e conseguir com que as pessoas façam mais ou menos da maneira que a gente quer.

Renata: De organização? De gestão?

Gustavo: É... É, isso, de gestão, é...

Renata: Entendi. Gustavo, tem mais alguma coisa que você queria falar sobre essa convivência com a tua família?

Gustavo: Deixa eu pensar, eu acho que eu pensei umas coisas no meio aqui, que tipo assim, eu me atrapalhei no que eu tinha pensado.

Renata: Pode pensar.

Gustavo: E..., e..., é nesses..., e acaba que nesses embates eu começo a, a criar espaços que eu não tinha..., não sei se isso, isso diminuiu depois da, da medicação, porque eu sempre tive dificuldade de..., de falar, não para qualquer pessoa, principalmente para minha família, então eram nessas, nesses rombos que eu conseguia.

Renata: Nessas explosões você acha que marcava uma posição?

Gustavo: Isso, mas era muito raro e, e às vezes com muita culpa posterior, sabe? E agora eu estou melhor. Estou numa boa.

Renata: Você se sentia sobrecarregado com essas coisas?

Gustavo: Eu não sei se eu me sentia sobrecarregado mas eu só falava quando chegava nesse...

Renata: No limite.

Gustavo: No limite, é, e de um jeito meio atabalhado, meio, é, meio vomitado.

Renata: Um pouco parecido com teu pai?

Gustavo: Isso, é, bastante.

Renata: Você acha que você é mais parecido com quem? Com o pai ou com a mãe?

Gustavo: Ah, é misturado (risos) os problemas dos dois.

Renata: (risos) Entendi, que mais...

Gustavo: Que mais...

Renata: Você acha que a relação da tua mãe e com teu irmão é o quê?

Gustavo: Ah..., é assim, meu pai comigo e minha mãe com meu irmão, sabe eles..., essa é a..., as linhas, eu acho sabe?

Renata: As divisões que você sabe que têm?

Gustavo: É isso.

Renata: A sua mãe é mais, vamos dizer, protege mais o seu irmão mais velho?

Gustavo: Isso.

Renata: Se dá melhor com ele ou não?

Gustavo: Não...

Renata: Defende mais o teu irmão, não?

Gustavo: Não sei em que sentido que é...

Renata: De tomar partido?

Gustavo: É, talvez de respeitar mais a opinião dele..., de respeitar, mas é uma coisa mais, ah..., é isso, meu pai tem ciúmes de mim.

Renata: Seu pai tem ciúmes de você?

Gustavo: Isso, e minha mãe do meu irmão.

Renata: Nesse sentido do ciúmes, é isso que eu não tinha entendido...

Gustavo: É, é então, logo que eu comecei com a Tati meu pai enchia meu saco, sabe? Enchia meu saco "é, vocês só ficam namorando, vocês não fazem nada" (risos). E meu irmão enchia o saco também, ele tinha ciúmes de mim quando eu comecei a namorar porque a gente tinha modos de vida diferentes... Meu irmão, quando eu era moleque, era assim "baladeiro", e eu já estava namorando, já.

Renata: Você começou a namorar cedo, não é?

Gustavo: Cedo, com 16.

Renata: E está até hoje?

Gustavo: Até hoje..., 16...

Renata: Foi a única namorada, não?

Gustavo: Foi, foi..., foi minha única namorada, então meu irmão, ele se sentiu meio roubado, não é? Eu tive..., eu não..., eu não era o irmão mais novo dele que saía para ir para balada, que não enchia a cara, curtia com ele ir para show, viajar...

Renata: Por que você estava namorando?

Gustavo: E, e ele tinha muito ciúmes da Tati por causa disso no começo.

Renata: Você sente que ele ainda tem?

Gustavo: Não, não.

Renata: Agora não mais e você disse que namora faz doze anos, não é? Teve rompimentos...

Gustavo: Tive.

Renata: E nesses rompimentos você chegou a conhecer outras pessoas?

Gustavo: Sim, mas nada muito sério..., estava bem..., assumi o meu irmão (risos), assumi o meu irmão, mas..., mas só quando eu me sentia realmente separado..., que acho que foi uma vez só. Tive várias separações mais curtas. Só uma que foi mais séria, de um ano e..., e aí eu virei “baladeiro”.

Renata: É nisso que você acha que se aproximou mais do teu irmão?

Gustavo: É.

Renata: Entendi.

Gustavo: Mas eu acho que ele estava...

Renata: Vocês saíam juntos ou não? Não coincidiu a fase?

Gustavo: Então... isso que eu estou pensando (risos). A gente saiu, saíamos, saíamos juntos.

Renata: E você tem essa história de doze anos de namoro. O que te faz voltar? Quem termina? Quem volta?

Gustavo: Eu acho que ah..., eu acho que eu fui um namorado complicado durante todos esses anos, sabe? E, é... ela sempre terminou..., ela terminou várias vezes... mas é uma relação muito legal assim, muito ah..., de companheirismo mesmo, sabe? Muito legal isso assim de..., de ter um porto seguro, não é? Então... tantos anos já.

Renata: É, vocês têm uma história de convivência, não é?

Gustavo: É, e, apesar de ter passado um monte de fases ruins, em vários sentidos, acho que hoje a gente tem uma relação bem saudável, sabe? Bem é..., amorosa e, e, tentando ver um futuro juntos, que eu nunca... Esse foi o grande problema meu com ela: planejamento que foi o problema de toda minha vida. Então eu não conseguia planejar nada e isso é muito ruim... que aí acabava, acabou perpetuando a minha estada em casa, não é? E tem essa relação do conforto, não é? Com a grana... Mas a gente, eu já percebi, que o legal é ficar desconfortável, o legal não é? ... Se “foder” (risos). E eu acho que é isso... eu acho que eu estou querendo encarar coisa nova..., mesmo quando eu falo dessa coisa de cidade, acho que tem a ver com essa fase, não é? Não, não é a cidade, não é? Talvez seja todo o contexto, talvez se eu mudar para um apartamento com a Tati já é outra visão de mundo...

Renata: E tem o estúdio...

Gustavo: É, é... É, é, tem várias perspectivas legais...

Renata: Você sente alguma cobrança para você ou abrir o estúdio ou comprar um apartamento...?

Gustavo: Eu sinto uma cobrança interna, acho que é porque eu não consigo resolver isso agora, esse é o problema... Às vezes, eu acho que tanto em mim quanto na Tati, às vezes, a gente tem, “não beleza, vamos esperar”, mas às vezes dá uns cinco minutos tanto em mim quanto nela que “caralho, fodeu, que caralho, que merda, sabe?”

Renata: De ainda não ter o canto de vocês, isso?

Gustavo: É, tem que aguentar, mas ainda acaba que no litoral vira um, um...

Renata: Uma pausa para isso...

Gustavo: Uma pausa, por mais que não seja nosso, não é? Que não..., que não tenha nossa cara, que não, é..., acaba sendo, o lugarzinho assim, possível agora.

Renata: Tem mais alguma coisa que você queria falar da tua família?

Gustavo: Acho que sim, deixa eu ver... Essa coisa da..., da..., da simbiose, não é? Ah..., até dois mil e pouco assim, não sei quanto, os meus pais não viajavam sem mim e eu sentia, era horrível isso, não é? Que a pessoa..., quando eu falava “não, não vou viajar, eles não iam”. Até que o meu irmão foi lá, comprou as passagens, deu para eles e eles foram.

Renata: E sozinhos...

Gustavo: Sozinhos, é... Não sei, mas desde então eles conseguem viajar sozinhos, tal..., eles, eles não vão para muito longe, mas eles vão para Penedo final de semana, sabe? Começaram a ter, a partir daí, eles suportaram ter uma vida de casal sem filho... Não que..., não totalmente, não é? As coisas..., é..., uma passagem lenta, não é? Mas eles começaram a desenvolver essas coisas...

Renata: Você acha que até então eles se preocupavam muito com você?

Gustavo: Não sei se..., não era uma preocupação, mas era uma, uma... não sei, não era uma preocupação porque eu sempre fui muito solto, sabe? Sempre viajei para lá e para cá... Ia, voltava, chegava...

Renata: Você falou que desde 2000 você vem para cá, volta para lá...

Gustavo: É, pegava o carro e ia embora, nos meus 15 anos já viajava com meus amigos de ônibus para lá e para cá, com 13 anos fui para o meu primeiro festival de rock, então foi tudo muito tranquilo... Não sei, não sei o que eu, o que eu arriscaria agora, talvez tenha sido um, não sei, uma readaptação mesmo, não é? Dos dois juntos..., primeiro comigo e depois, não sei, a saída do filho..., não sei...

Renata: Você falou que sempre namorou com a Fabiana, desde os 16 e mesmo assim você tinha que viajar com seus pais, apesar de já ter a Fabiana na tua vida, como que era?

Gustavo: Sim no começo sim, até acho que 2002 assim... A Tati nunca podia ir também, os pais dela não liberavam grana para ir, e..., é..., e eu ia porque eu tenho essa coisa de “siricutico” para viajar, não é?

Renata: Você gosta?

Gustavo: Ah..., qualquer lugar que você me chama eu vou (risos), “vamos até Embu?”, “ah vamos” e, é, acho que até 2002, 2003 talvez e, é...acho que é isso assim. O resto são outras histórias das mesmas coisas também, algumas repetições, acho. A dar esse atrito na relação e eu comecei a perceber coisas que eu não via, que para mim era muito natural...

Renata: Entendi.

Gustavo: Até a maneira de eu comer era um, era uma resposta ao que minha mãe fazia..., prato, um ovo e um bifão, tudo, tudo complicado...

Renata: Você acha que as escolhas das suas comidas têm muito da tua mãe?

Gustavo: Tinha.

Renata: Tinha até esse momento que você começou a perceber...

Gustavo: Tinha, tinha como negação, não é?

Renata: Ah... como negação...

Gustavo: É, é...

Renata: Sua mãe era salada e você não...

Gustavo: Não, é... batata frita.

Gustavo: É, é e..., a história da minha família dá para..., dá para fazer a história pela comida sabe? (risos) Está tudo ali.

Renata: Entendi, que mais Gustavo, mais alguma coisa?

Gustavo: Acho que é só.

Renata: Bom eu te agradeço muito pelo seu tempo, pela conversa, fico muito feliz de você poder me ajudar na pesquisa. Assim que eu tiver oportunidade de transcrever tudo isso eu vou te enviar por e-mail.

Gustavo: Não precisa transcrever tudo.

Renata: Precisa.

Gustavo: Transcreve o que você for usar.

Renata: Eu te agradeço, assim que possível você vai receber um arquivo, eu queria que você lesse e se você achar que tem que mudar, que não tem, se mantém, se não mantém, você me dá um alô. Diante da tua autorização eu vou me sentir autorizada a usar isso no meu trabalho, está bom?

Gustavo: Está bom, tranquilo.

Pós-entrevista

Abro a porta da sala e o Gustavo sai enquanto fico para ajeitar minhas coisas e sair em seguida.

5ª entrevista – Elisa

Entrevista realizada no dia 29 de setembro de 2010, das 17:45h às 18:55h, numa sala de aula da escola particular, local de trabalho da entrevistada

Pré-entrevista

Elisa atendeu ao pedido de participação nesta pesquisa a partir de um contato por e-mail. Enviei-lhe um pedido para que ela contribuísse com a pesquisa. Agendamos a entrevista com 2 semanas de antecedência. No mesmo dia, telefonei para confirmar a entrevista e ela respondeu que estava tudo certo.

Começando

No horário combinado Elisa apareceu na sala de aula. Após me ver, cumprimentou-me e sentamos.

Ao sentar, apresentei e li o termo de consentimento livre e esclarecido. Diante do entendimento e assinatura do termo, retirei o gravador da bolsa, coloquei sobre a mesa, apertei o botão *REC* e continuamos a conversar.

A entrevista

Renata: Elisa, eu queria que você me contasse como é que é morar na casa da família?

Elisa: Como ou por quê?

Renata: Tanto faz. Pode começar pelo como e depois o por quê..

Elisa: Olha, por ser filha única, morar... e meu pai não mora comigo, ele separou da minha mãe eu tinha onze anos.

Renata: Quantos anos você tem?

Elisa: Tenho trinta e quatro. Então, é... tem momentos que eu sinto... vai, ao mesmo tempo que tem um conforto, aquela segurança... também não tem por ser filha única e por não ter o pai. Então, fica uma responsabilidade sobre a minha mãe que me teve, já, com uma idade avançada.

Renata: Com quantos anos?

Elisa: Ela tinha quarenta e um, quarenta e um. Então, ela tem setenta e cinco. Então não é fácil, ao mesmo tempo que tem um conforto, essa segurança, algumas... vai, não é privilégio, algumas mordomias, não é? Eu não preciso me preocupar ali com a questão de, de repente, ter de cozinhar, lavar, passar...

Renata: Ela faz isso ainda com essa idade?

Elisa: Ela faz, ela faz. E ela se aposentou faz três anos mais ou..., não, ela se aposentou já tem um tempo, mas, ela parou de trabalhar faz três anos. Então, é.... eu... é... eu nunca tive essa questão de os pais estarem em casa, eu sempre...

Renata: Você não tem essa recordação?

Elisa: Não. Não, minha mãe sempre trabalhou a vida inteira, então, eu sempre me virei, eu sempre fiquei..., vai, quando criança na casa dos meus tios que moravam próximos, mas, eu tinha esse acesso à casa, a estar em casa, então, com onze anos eu já sabia cozinhar, então, eu sempre tive uma vida independente e resolvida, embora é... não solta, não é? De uma educação, assim, firme, mas, a minha mãe sempre deu uma liberdade de confiança e eu sempre procurei corresponder. E..., então, eu nunca tive. A presença da minha mãe é de uns três anos para cá.

Renata: Seu convívio ficou mais intenso?

Elisa: Exatamente.

Renata: Entendi.

Elisa: Eu nunca tive esse convívio. Eu até costumo dizer que foi uma oportunidade que eu acabei tendo de, de ter isso porque eu nunca tive, então, a sorte de não ter ainda casado e ter convivido esse tempo..., não que minha mãe tivesse sido ausente, mas ela sempre trabalhou das sete às dez da noite, das sete às nove, meu pai nunca ajudou financeiramente, então, todo o peso da casa sempre foi por conta dela durante muito tempo e depois que eu comecei a trabalhar a gente... e, é assim, minha mãe ganha muito pouco, sempre ganhou, então, desde que eu trabalho, uma grande parte da... , uma grande parte não, eu não vou falar tudo porque ela tem um dinheirinho que paga lá água, mas quem banca a casa sou eu.

Renata: Vocês dividem as despesas, mas, a maior parte está com você, é isso?

Elisa: Então, divide entre aspas, porque quem paga tudo mesmo, sou eu.

Renata: O que você paga da casa?

Elisa: Eu pago aluguel que a gente ainda não tem casa própria, eu pago... , vai, só para você ir tendo ideia, a minha mãe, o salário dela de aposentadoria não deve, não dá dois salários, é que ela fez um empréstimozinho e está vencendo. Então, tem hora que ela fica meio perdida sobre quanto realmente ela ganha e..., mas, enfim, o que ela ganha não paga o convênio, que é um convênio super simples do Cruzeiro [referência ao Hospital Cruzeiro do Sul] que está quinhentos e pouco. Então, ela..., o que ela recebe paga o gás, água... , alguma coisinha que, às vezes, vem o rapaz vendendo lá na porta de casa e..., sabe essas coisas?

Renata: Hum, hum.

Elisa: Algumas pequenas coisas, uma padaria rapidinho... Agora, de peso sou eu. Então, eu vou pagar telefone, supermercado, tudo, a garagem que eu não tenho, eu pago cinquenta, é pouco, mas pago, cinquenta reais na casa do lado...

Renata: Você tem carro?

Elisa: Eu tenho carro, e todas as outras despesas, não é? E tem os gastos meus: o celular, é... a *Internet*, que hoje a gente não tem nem como não ter, é... o aluguel que eu pago, só de aluguel e convênio vai mais de mil reais, então, são coisas assim. Então, toda essa responsabilidade acaba sendo minha, mesmo minha mãe trabalhando até uns três anos passados, ela sempre ganhou muito pouco.

Renata: O que sua mãe fazia?

Elisa: Minha mãe era auxiliar de laboratório.

Renata: Tá.

Elisa: Por acaso, não é? Porque minha mãe foi empregada doméstica, a minha mãe tem até a quarta série, então, ela acabou indo trabalhar de faxineira, e acabou entrando na área do laboratório e acabou fazendo exames, colheu sangue muito tempo, uma boa... não sei o termo que eles usam, fazia coleta muito bem, até ficava no Cruzeiro com a parte de... de recém-nascidos e essas coisas, e acabou se dando muito bem na profissão e trabalhou até ter, há um tempo atrás, uma crise forte de labirintite e foi ficando ruim... tem glaucoma, tem o... a catarata. Então, assim, acaba que sendo... bom... vai, eu chego agora tem um suco, sabe esses mimos de mãe? Essa parte é gostosa.

Renata: Hum, hum.

Elisa: Mas, tem um outro lado que, é... às vezes eu penso, poxa, se é... se tivesse..., se eu já tivesse casada, bem ou mal, você divide com alguém, não é? E assim, eu percebi que quando... Eu namorei muito tempo, namorei uns sete anos, e quando eu namorava, quando esse relacionamento terminou, eu sofri muito, mas depois, mais para frente eu fui perceber que eu sofri mais por ter perdido um apoio do que pela própria falta que ele pudesse me fazer, porque eu já sabia que não era a pessoa que eu gostaria de ter. Mas, a condição de você... é, vai, nessa altura do campeonato você se vê, eu me vejo totalmente responsável pela minha mãe.

Renata: Entendi.

Elisa: Então, é... quando você tem alguém, você acaba dividindo esse peso, não é um peso, não é? Você entende, não é um peso...

Renata: Físico?

Elisa: Ruim. É o peso mesmo, da..., de algumas responsabilidades. Tem hora que eu falo nossa...

Renata: Você tem medo de não suprir essas responsabilidades, é isso?

Elisa: Ah Renata, eu já tive. Eu tive uma fase de, de me sentir... vai, eu me senti como se fosse..., eu até verbalizava, como se fosse um..., uma formiga que você caminha, caminha e nunca chega no topo da montanha. Você fala: "Caramba, quando estou indo vem um..., vem uma terrinha e te leva, de novo, para baixo".

Então, teve algumas épocas que eu me senti assim. Hoje eu acho que aprendi a viver diferente: deu, deu, não deu... é porque não é para ser agora, vamos indo...

Renata: Tá.

Elisa: Eu acho que, acaba que a fé...

Renata: Te ajuda?

Elisa: A forma... Eu acredito que sim, porque é uma família bem católica... bem voltada para essas questões... de fé e tal. Então, eu me vejo uma pessoa assim..., eu penso sempre que se ainda não deu certo é porque ainda não é para realmente... Às vezes, não, às vezes paro para pensar, será que eu que não estou... é, não é? A questão de ter ou não, ainda, uma casa, essas coisas.

Renata: E esse relacionamento que você teve de sete anos, você namorou de que idade a que idade?

Elisa: Eu namorei de vinte e um a vinte e oito.

Renata: Você está com trinta e quatro, faz seis anos...

Elisa: Faz seis anos.

Renata: Faz seis anos que você está sozinha?

Elisa: Não, eu tive um outro namorico no meio, durou uns dois anos, mas pode falar um ano e meio, meio ano foi indo. Mas, esse de sete anos foi, na verdade, meu primeiro namorado sério. Tive antes dele alguns casinhos, mas, de ir em casa, de ficar tanto tempo, foi o primeiro. Íamos casar na época...

Renata: E rompeu-se por quê?

Elisa: Então, rompeu-se por quê? Na verdade partiu dele o rompimento. Depois... no momento ali a gente não entende muito, mas depois eu também vejo que, eu consegui enxergar que não era a pessoa que eu gostaria de ter... Isso depois. Na hora eu estava vendo, já, algumas coisas que eu não... não estava aceitando nele, e rompeu... Deixa eu... Na verdade, da parte dele ele nunca justificou muito, mas eu acredito que o fato da minha mãe... estar no pedaço tenha tido uma interferência.

Renata: Você acha que foi um dos motivos o fato de ter, talvez, que carregar sua mãe no casamento?

Elisa: Então, pode ser, talvez não foi o principal. Mas eu acho que contribuiu. Eu penso que sim, porque na...

Renata: Isso era claro para você? Você pedia isso para ele?

Elisa: Não, sempre que a gente começou a namorar ele sempre colocava a questão que a minha mãe, de repente, teria que, ou ir junto... sei lá, ou estar próxima. Eu, no fundo, não... não achava uma boa você casar e carregar a mãe, não era o que eu

gostaria. Mas, ao mesmo tempo eu não tinha a cabeça que eu tenho hoje, hoje eu estou bem resolvida, se eu tiver que casar, minha mãe não vai e eu não vou me sentir mal por isso. Na época isso não estava resolvido em mim, então, eu pensava: poxa vida, minha mãe lutou uma vida inteira para conseguir ter uma casa, agora, eu compro... e ela continua lá num cantinho; tudo bem que ela, talvez, até se revezaria por mim, mas, para mim não. Era como se eu tivesse que ainda conseguir...

Renata: Uma casa para ela?

Elisa: É, é, ou senão, bom, para ela, não é? E, então, eu não gostava da ideia, mas, também, não via outra, não que eu não via outra saída, financeiramente eu, também, teria que continuar ajudando. Ele não tinha recurso financeiro que fosse... Ainda que fosse um cara de dinheiro resolveria o problema, não é? Ele banca aqui e eu ajudo lá.

Renata: Você continuava lá.

Elisa: Mas ele também não tinha, muito pelo contrário, não era um pobretão, mas, eu acabava, também, meio que ajudando em alguns momentos. Então, quer dizer, não era o cara para, de repente, criticar tanto, sendo que ele também não poderia ajudar. Mas eu não tinha voz.

Renata: A voz era de quem?

Elisa: Passou a ser dele. Eu nunca fui assim, mas, depois que eu me vi apaixonada, ele era duro e eu chorona..., eu fui deixando ele...

Renata: Conduzir?

Elisa: É, eu não... não era submissa, mas... eu deixei de falar para não chorar.

Renata: Entendi.

Elisa: E, deixando de falar para não chorar ele foi ganhando, não é? Espaço, não é? Porque para não ficar chorando eu falava: “ah, depois eu falo”. E esse depois acabava caindo no esquecimento e foi indo..., eu vejo hoje que durou sete anos porque eu não falei (risos), senão teria acabado antes, se ele me conhecesse hoje não teria durado nada. Entendeu?

Renata: (risos) Entendi.

Elisa: Tudo bem, foi indo e eu fui percebendo algumas coisas e tal. E essa questão, compramos um apar..., começamos a procurar alguma coisa que tivesse uma edícula, mas ele também ajudava: “Elisa, mas sua mãe vai ficar sozinha?” Essa fala sempre veio dele. E a gente começou procurar um lugar que tivesse uma edícula, mas o dinheiro não dava... não tinha como, era muito caro e não sei o que. Tudo bem, por fim a gente arrumou lá um apartamentinho... levamos para Caixa [referência à Caixa Econômica Federal] e tudo, chegou até a dar um valor pequeno lá, só de entrada, acho que para garantir alguma coisa.

Renata: Financiamento?

Elisa: É. Acho que era mil reais na época. E ele... tudo bem, estava indo, mas assim, eu já não tinha... já tinha perdido um pouco... e... acho que o interesse... eu já estava vendo algumas coisas dele... eu acho que ele acabou se moldando também... ah ele não foi o que ele era, talvez ele tenha... como que eu te explico? Ele tenha, durante algum tempo, vestido uma capa para que a relação tivesse dando certo e lá pelas tantas “eu não concordo com isso e com aquilo”... Então, eu queria casar na igreja e para ele não era importante.

Renata: Isso vocês já com apartamento?

Elisa: Não, a gente tinha começado a ver, estava bem no começo. E eu falei uma vez: “vamos ver igreja, não é? Para gente ir olhando”... Mas assim, a parte financeira era uma coisa que realmente não ia dar e acho que ele tinha esta consciência e eu...: “vamos tentar, não custa, a gente vai pagando devagar alguma coisa”. E ele virou para mim (risos) e falou assim: “por que eu tenho que ir junto ver igreja?” Eu falei: “Uai, porque eu acho que é com você”. Mas quando ele falou aquilo eu falei...

Renata: Ali você percebeu que não ia mais...

Elisa: Eu pensei não..., ali... eu pensei, não, ele não quer, não quer, não quer. Só que eu não tinha muita coragem de terminar porque ele não tinha família aqui... e eu tinha dó... pensei: coitado!

Renata: Ele morava sozinho?

Elisa: É, a mãe morava em Ponta Porã, Mato Grosso do Sul, ela faleceu, acho, um ano ou dois antes, um ano e pouco antes da gente terminar. E a irmã, duas irmãs, uma morava na mesma cidade da mãe e a outra em Andradina, então, aqui ele não tinha ninguém.

Renata: E ele morava onde aqui?

Elisa: Ele morava num apartamento, ele alugou, tinha um apartamento alugado. Ele morou uma época com um suposto tio de consideração que veio de outro estado para cá e na época ele veio junto.

Renata: Entendi.

Elisa: E depois esse tio foi para o Paraná, a gente já namorava e ele ficou. E aí...

Renata: Vocês não cogitaram a possibilidade de ir morar nesse apartamento, que era alugado, dele?

Elisa: Teve uma época que ele queria e eu não.

Renata: Você não queria ir morar junto?

Elisa: Não queria. Na época eu não aceitava muito isso, eu queria casar, queria casar na igreja, queria... não precisava ter festa, mas eu queria que fosse de outra forma, não, simplesmente, morar junto. Na época eu não aceitava, muito, essa ideia.

Renata: Hoje você aceita?

Elisa: Hoje eu já penso diferente, falar: “Ah, não quer casar na igreja?” Não?! Mas hoje é assim, se acontecesse tudo bem, se não acontecesse... se, de repente, fosse caminhando para um lado de morar junto já não teria tanto problema, nem ficaria frustrada por isso, eu já aceitaria sem uma, um peso de... não sei se..., na época, pesava muito essa questão religiosa, por a família ser...

Renata: Muito católica.

Elisa: Muito católica. Mas também assim, depois que terminou, eu... virei outra. Eu falo que foi um marco ali da minha vida.

Renata: Um antes e depois deste namorado?

Elisa: Um antes e depois do término, porque com vinte e oito, quando terminou, me deu um... chacoalhão, não é? E aí...

Renata: O que você acha que mudou?

Elisa: Ah, mudou que eu comecei a... a, eu parei para ver assim, que dos vinte e um aos vinte e oito eu tinha só namorado, que mais eu tinha feito? Nada. Não viajava, dinheiro, financeiramente, muitas vezes não dava...

Renata: Você não saia com esse namorado para viajar?

Elisa: Não, a gente saia... Para viajar não. Só se fosse em grupo.

Renata: Só se fosse em grupo, sozinhos nunca?

Elisa: Sozinhos nós nunca saímos, ele falava algumas vezes, tanto que quando terminou, ele falou. É... Eu entendo o lado dele também, porque depois eu acabei namorando um rapaz e... mais ou menos na situação inversa e eu já estava num estágio... avançado, eu pensei: “ah não dá”... Então, eu pensei: “olha, meu ex-namorado deve ter sentido, mais ou menos, a mesma coisa”. Mas, ele, também, não cobrava e não pedia, talvez se ele tivesse, se tivessem aparecido outras situações, porque a parte financeira não ajudava. Então, quando ele falou isso para mim, eu falei: “tudo bem, nós não fomos viajar, mas, quantas vezes deu? Quantas oportunidades tivemos? Quantas vezes “ó vamos viajar”, você também nunca não falou”.

Renata: Hum, hum.

Elisa: Então, tudo bem, eu concordo que, de repente, seria um... eu chegar para minha mãe e falar estou indo sozinha viajar, eu ia ter que enfrentar um problema.

Renata: Você acha que sua mãe não aceitaria, é isso?

Elisa: Ela iria achar ruim, na época. Hoje não. Hoje não, mas na época ela iria falar: “Ah, vai sozinha?” É a questão do sexo, entendeu? Não tinha muito...

Renata: Você não podia, por exemplo, dormir na casa do seu namorado?

Elisa: Eu nunca dormi lá.

Renata: Nesses sete anos de namoro nunca dormiu lá?

Elisa: Não, nunca dormi.

Renata: E ele entendia isto?

Elisa: Entendia. Ele ficava muito na minha casa, porque como ele não tinha ninguém, ele ficava muito na minha casa.

Renata: Ele podia dormir lá?

Elisa: Ele dormia. Dormia sempre. Quase que...

Renata: Virou a casa dele.

Elisa: Era uma coisa constante assim.

Renata: E sua mãe o aceitava numa boa?

Elisa: Sim, sim. Tranquilamente. Eles tinham uma relação super boa, tranquila. A minha mãe..., eu nunca quis brigar na frente dela para não interferir, porque eu achava que... ela não tem que ficar... não tinha que ficar vendo para, de repente, depois ficar falando: “Está vendo?” Porque, às vezes, acaba tomando as dores e eu não queria e tal.

Renata: E em relação à intimidade, sexualidade com esse namorado? Você tinha uma vida sexual ativa com ele?

Elisa: Tinha, tinha.

Renata: Sua mãe sabia?

Elisa: Não contei, contei num... quando que eu contei? Eu não lembro se a gente já tinha terminado... ou se a gente estava no fim desse namoro. Eu lembro da situação, mas não lembro o tempo. Porque eu estava com um pouco de dor para urinar e eu fiquei um pouco tensa com a situação, estava ardendo e estava com uma situação. E minha mãe ainda trabalhava no laboratório..., minha mãe, embora a idade e o fato de conviver nesse meio... E eu estava muito angustiada e ela falou: “faz xixi naquelas fitinhas”. Que tinha lá no laboratório, acho que coisa mais antiga, mas tinha. Eu falei: “mas isso serve?” Ela falou: “Serve, lógico, esta aí, tem um prazo de validade”. Sei lá o que era.

Renata: E essa fitinha era para verificar o quê?

Elisa: Não, era umas antiquinhas que tinha para infecção. Não tinha nada de gravidez.

Renata: Não era de gravidez?

Elisa: Não, não era. Eu fiz e saiu um pouquinho de sangue, mas eu estava angustiada, tensa porque tinha acontecido... e eu não lembro se eu já tinha terminado... Não, eu acho que não tinha terminado, ainda. E ela..., e ela viu que eu estava meio angustiada e perguntou: "Você já teve relação sexual?" Eu falei: "Já, mãe". Mas eu não falei... que foi...

Renata: Quando, onde...

Elisa: É, eu falei: "já, já faz um tempo". Mas, eu não disse que foi tão logo quando tinha começado... Deixei ela, talvez, achar que fizesse mais é... não recente, mas, também, não fosse no primeiro ano, enfim, primeiro... E ela... foi tão tranquilo, uma conversa bem tranquila, bem amigável. Eu falei: "já". Ela perguntou se tinha sido com ele, eu falei que sim, eu falei: "seria com quem?" Ela falou: "Ah, não sei, de repente, com uma outra pessoa". Eu falei: "Sim, mas não foi, foi com ele". Perguntou se foi num momento que eu quis, eu falei que foi e que eu não me arrependeria. Eu falei: "se terminar, eu não me arrependo, foi uma coisa bem consciente, foi quando eu achei que estava..., que..., que para mim estivesse..."

Renata: Era a hora certa.

Elisa: E foi isso. Então, ela sabia, mas eu não quis, eu poderia ter contado antes, eu não quis porque eu achava assim... Que qualquer coisa, ela já verbalizava algumas vezes, que... se qualquer grosseria, entre aspas, qualquer briguinha, qualquer... parte negativa dele para comigo, ela, já, talvez: "Ah está vendo? É porque já foi".

Renata: Como justificativa para alguma coisa que ele não gostasse.

Elisa: Exatamente. Ela já verbalizou isso. Ao longo do namoro e em alguns momentos. E aquilo eu pensei: ai caramba, e qualquer coisa...

Renata: Você acha que é uma justificativa, então, para ela, por exemplo, um destrato, ou uma contrariedade se justifica por conta da mulher já ter tido uma relação ou ter transado com fulano de tal?

Elisa: Então, hoje eu acho que não. Mas, na época, sim... na época sim. E aí ela verbalizou algumas vezes eu pensei não vou contar, porque qualquer briguinha, qualquer coisa, ela já vai ficar achando...

Renata: Que é por causa disso?

Elisa: Então, eu não vou falar porque ela não precisa saber. Ela ficou sabendo nesse momento, e tudo bem, foi bem tranquilo, foi uma conversa bem amiga, a gente passou a ter mais contato... de poder conversar de um... é... vai, do fim, quase do fim desse namoro para frente, porque era: "oi mãe, tudo bom?" Sempre muito presente, mas nunca minha mãe estava em casa, então, não tinha muito...

Renata: Você morava praticamente sozinha?

Elisa: Sim. Tanto é que eu falo que se eu tivesse que ficar sozinha, eu não tenho dificuldade em estar sozinha.

Renata: Você aprendeu isso, não é?

Elisa: Porque eu fiquei muito tempo sozinha. Minha mãe, teve um período... Quando eu estudei no Misericórdia [referência a uma escola religiosa que oferecia o curso Magistério], para poder pagar, de uma certa forma, bancar tudo, não é? A casa e mais o colégio, minha mãe entrava as sete e chegava, às vezes, meia noite, uma, porque ela trabalhava no Cruzeiro e pegava o plantão da noite. Então, ela chegava, eu já tinha procurado fazer tudo que eu pudesse... para deixar tudo mais ou menos em ordem... Não era, não foi um período longo assim, mas, foi. Foi muito tempo, eu só lembro da minha mãe trabalhando.

Renata: Você não tem uma referência dela em casa?

Elisa: Não, tenho agora.

Renata: Hoje, agora com três anos, você tem?

Elisa: Aí sim. Essa coisa da mãe em casa, de você chegar, não é?

Renata: De ter alguma coisa...

Elisa: De ter alguma coisa, desse momento, desses cuidados, entre aspas. Eu sempre fui me cuidando sozinha.

Renata: Você falou que o rompimento do casamento dos seus pais foi quando você tinha onze anos.

Elisa: Eu tinha onze anos.

Renata: Teve uma razão para essa separação, Elisa?

Elisa: Então, começou assim, meu pai é dezesseis anos mais novo que a minha mãe... mas, sempre se deram muito bem, para ser sincera até hoje, se ele vier para, ele mora no Paraná... Quando ele vem, não é frequente, mas quando ele vem, fica na minha casa. E eles são amigos, não têm relação sexual, mas... , mas são. Eles têm, eles conservaram essa questão da amizade. A minha mãe é... , embora alguns momentos não..., mas ela trabalhou essa questão do, de aceitar, de perdoar, de... ela teve isso e ela conseguiu, num determinado momento, passar para mim.

Renata: O que ela teve que perdoar?

Elisa: Não, eu digo assim, não é que, deixa eu explicar, não é que, é... como que eu digo, teve uma época, de adolescência, que eu estava um pouco rebelde com relação ao meu pai ter ido embora. Não. Deixa eu voltar para você entender. Com onze anos, ele é mais novo e tal, e meu, meu, o avô dele, o avô do meu pai tinha um terreno, uma terra no Paraná que era de herança e essa terra alguém foi morar nela e construiu e tudo. E o meu pai teve o pai assassinado... Acabou São Paulo para

ele, porque a mãe dele nunca foi “a mãe”. Todos os filhos se queixam, de uma certa forma, da minha avó, a forma como ela tratou, como ela... enfim, em algumas partes agressões, minhas tias contam... Muito dura com a educação, enfim... E quando fizeram a moradia lá nessa terra, construíram, precisava de alguém que fosse, talvez, como um procurador... e meu pai tem aquela... dos bichinhos da carne de porco, eu esqueço o nome da doença, no cérebro...

Renata: Tem gente que fala que é solitária?

Elisa: É, não, mas tem um nome a doença... toda vez eu esqueço, bom, enfim...

Renata: Mas é uma solitária que ele tem, é isso?

Elisa: É, são aquelas larvinhas da carne de porco, ele tem várias no cérebro, não é pouco...

Renata: Nossa...

Elisa: E então, ele tem uma dificuldade com emprego, ele toma Gardenal [referência ao nome de um medicamento anticonvulsivante], ele convulsiona, lá, lá, lá, lá, lá... Ele fica empregado, às vezes, perde emprego porque convulsionava e...

Renata: Por conta dessa doença?

Elisa: Por conta dessa doença. Mas, vai indo, consegue, mas, aqui em São Paulo, teve alguns momentos dele ter que ficar internado e acabava prejudicando...

Renata: Seus pais se conheceram aqui ou lá?

Elisa: Aqui.

Renata: Aqui...

Elisa: Ele acabou, nessa de, às vezes, estar empregado, às vezes, não, ele acabou tendo umas oportunidades de ir para lá para ver se conseguia resolver algumas coisas da terra; e quando eu tinha onze anos ele acabou indo para lá e... o sonho dele era voltar para lá.

Renata: E da sua mãe?

Elisa: E ele queria que fosse todo mundo, minha mãe não queria muito, mas, ela falava: “eu vou, eu casei, nós vamos, mas, você tem que ir, arrumar um emprego, ver um lugar para gente ficar, eu não sou mais nova, tenho uma criança, como largo tudo aqui e vamos todo mundo com a mão abanando sem ter onde ficar, sem ter um emprego? Não é assim”. Então, a mãe dizia: “você vai, faz um comecinho, não precisa ser muito, vê um lugar para gente ficar e arruma um serviço e aí nós vamos, a Elisa aceitando ou não”. Na época, eu tenho uma prima quase da mesma idade e era como se fosse irmã, era uma coisa muito forte. Tudo bem, só que meu pai foi e não fez isso, ele foi para resolver isso, ficou dois anos sem dar notícia.

Renata: Nossa, do tipo foi até ali... e sumiu.

Elisa: É. E minha mãe pensou: “E agora?” Porque ele tem uns momentos de esquecer, é raro acontecer, mas acontece. Uma vez estava na Antônio Agu [referência à rua do centro da cidade de Osasco] e deu um branco...

Renata: Ele não sabe onde está?

Elisa: É, não sabe muito bem o que está acontecendo, então, minha mãe falou: “nossa, aconteceu alguma coisa e está por aí no mundo, não sabe mais quem é ninguém e tal”. Isso foi uns dois anos, de repente, ele deu notícia e veio com um papel de divórcio.

Renata: Deu notícia do quê, da separação?

Elisa: Da separação.

Renata: Que queria separar?

Elisa: Exatamente. Porque ele não foi separado. E, enfim, então, foi nisso que eu falo, que eu toquei lá no, entre aspas, perdoar. É mais pela atitude, talvez, não sei.

Renata: Sua mãe entendeu o que aconteceu...

Elisa: É, não é um perdão, não é? Mas, ela compreendeu...

Renata: Mas espera aí, ele foi lá para o Paraná e vocês não tinham contato nem por telefone, nada?

Elisa: Nesses dois anos? Tchu, tchu, tchu... Não.

Renata: E qual era a justificativa da sua mãe para você? O que você pensava que tinha acontecido com seu pai?

Elisa: Não, eu sabia.

Renata: Você sabia?

Elisa: Eu sempre..., minha mãe nunca escondeu nada. Eu sempre soube que ele ia com esse fim... Mas, que...

Renata: Mas que ele ia ficar incomunicável, você sabia?

Elisa: Não, isso não... isso não.

Renata: E o que sua mãe falava?

Elisa: E ele nunca ligava, minha mãe...

Renata: Nunca ligava?

Elisa: Nunca ligou. Não ligou, não vinha, minhas tias perguntavam. Às vezes, olha..., não sei muito detalhe, não é? Mas, se não me engano, nesse meio de tempo alguém deve ter ido lá, porque tem, acho, algum parente, eu nunca fui lá, fui muito pequena. E voltaram com alguma notícia que ele estava... nesse meio de tempo... ele arrumou alguém lá, lógico.

Renata: Você sabe disso?

Elisa: Sei.

Renata: Ele tem outra família lá?

Elisa: Tem. Outra família. Tem, acho que não é a mesma, deve já ter tido algumas. Que eu saiba, filho não tem. Que eu saiba e ele disse que não. Então, quando eu tinha quinze ele voltou... e voltou...

Renata: Voltou com o divórcio?

Elisa: Não, primeiro veio um papel por correio.

Renata: Sem ele, chegou só o papel?

Elisa: Sem ele, só o papel. Minha mãe ficou doida. Não esperava e minha mãe ficou uma época assim... ela não demonstrava, mas, hoje eu percebo que ela teve uma... na época era tudo normal... mas hoje eu percebo, olhando lá para trás, eu sei exatamente o momento que ela... ela quase ficou doente, teve um momento que ela tinha uma dor de barriga muito grande e tal. E aí... bom, chegou o papel, chegou o papel, ela não quis assinar porque é muito católica, jurou até a morte e até a morte ela ia ficar, e, que se ele quisesse se separar ele que separaria...

Renata: Sozinho.

Elisa: Sozinho. E isso a família dela não soube. Porque ela não se sentia bem de, de repente, ter que falar.

Renata: Sabe hoje?

Elisa: Hoje sabe, não todos os detalhes porque, eu acho, que nunca sentaram para bater um papo, mas, hoje em dia não...

Renata: Ela não se sente mal?

Elisa: Não.

Renata: De ser uma divorciada?

Elisa: Não, não. Hoje em dia não. Mas não divorciaram.

Renata: Eles são só separados?

Elisa: Não, porque no papel acabou ficando nessa mesma.

Renata: Ela não assinou...

Elisa: Nessa época ela não assinou e... não assinou. E falou: “se ele quiser ele que vá atrás, eu não vou botar minha assinatura”.

Renata: Entendi. Então, eles são separados, mas não legalmente.

Elisa: Não legalmente.

Renata: Entendi.

Elisa: E, tudo bem, ele veio, ficou um tempo em casa... e ele ia e voltava... então quando eu estava começando...

Renata: A se acostumar com a ausência dele, é isto?

Elisa: É. Não, com a ausência eu já tinha, de uma certa forma, me acostumado, mas desde que ele foi ficou aquela situação, não é? Poxa, minha mãe já tem idade... uma certa idade diferente, não é? Tinha uma idade...

Renata: Sua mãe te teve com quantos anos?

Elisa: Quarenta e um.

Renata: Quarenta e um.

Elisa: E sempre trabalhando, sempre trabalhando, e eu ficava, minhas tias sempre presentes, eu tinha algumas tias...

Renata: Ela tinha cinquenta e dois quando ele foi embora, não é?

Elisa: É.

Renata: Pro Paraná...

Elisa: E, então, ele voltou... e quando ele voltou... eu não... a ausência já estava bem...

Renata: Resolvida?

Elisa: Resolvida. Então, eu não tinha aquela... não sei a palavra... eu não tinha, não tinha por ele a mesma coisa que eu tinha pela minha mãe. Um afetivo, uma intimidade, não sei. Era como se tivesse uma barreira ali, eu não conseguia abraçar, beijar... e eu fui ficando meio arisca com ele.

Renata: E a sua mãe o recebia como se fosse...

Elisa: Recebia.

Renata: Marido... como que era?

Elisa: Não, ela... Então, eles sempre foram muito amigos e quando ele vinha, eu procurava, às vezes, sair... ia para casa dos meus primos, tinha uns amigos que a gente sempre ficava, eu achava que eles tinham que ficar... a sós para ter as conversas deles e eu não ficava muito perto.

Renata: Entendi.

Elisa: E, às vezes, eu vinha e quando eu vinha... eu e meu pai sempre tivemos uma relação muito... muito... muito bacana, ele brincava muito... me defendia quando... essas coisas de pai com filho. Então, eu senti..., quando ele vinha, eu ficava meio assim..., mas não conseguia mais ter aquela... E teve uma época que eu estava ficando meio rebelde, era essa época de adolescência mesmo.

Renata: Você nunca conversou com seu pai sobre isso?

Elisa: Não, não conseguia.

Renata: Até hoje você nunca conversou com ele sobre isso?

Elisa: Não, hoje ele, ele, eu já tenho, tudo bem para eu falar hoje, mas ele, eu percebo que não. Tanto que, uma vez eu falei para ele: “pai, acho que se tem algum perdão aqui, você que tem que se perdoar, porque eu... se você espera ouvir isso eu já te perdoei, acho que cada um segue sua vida conforme acha que tem que seguir”. Foi o que minha mãe passou para mim, então, nessa época, ela começou a... a... a falar isso: “não Elisa, não é assim, as pessoas casam, elas não são obrigadas a ficar casadas a vida inteira”.

Renata: Você sentiu que ela começou a mudar?

Elisa: É..., não é que ela achava que ele devia, devesse, quando pediu o divórcio, ficar. Mas eu acho que ela sentiu mais por ele ter ido com um fim...

Renata: E não ter cumprido com aquilo que prometeu?

Elisa: E não ter cumprido... é, é, talvez sim. É lógico que ela casou para ser eterno. Acho que todo mundo... de uma certa forma, espera que sim, não é? E ela falava: “Não Elisa, não é assim, a pessoa tem que estar feliz, seja aqui ou lá, o que adianta estar aqui...” E eu via que meu pai estava meio... eles não brigavam, às vezes, a gente estava, eu estava no quarto e ele jogou uma xicrinha que tinha e quebrou; aquela atitude do meu pai não era uma atitude normal dele.

Renata: Tá.

Elisa: E ele falava para minha mãe, eu ouvia muita coisa, a gente morava numa casa que era um quarto e uma cozinha... então, tinha como ouvir algumas coisas. E ele falava: “Eu não estou aguentando, não me pergunta por quê? Mas, eu preciso ir embora daqui”. Ele falava. Então, ele foi, na verdade, cuidar dessa terra, mas ele queria, também, sair dali. Entendeu?

Renata: Talvez foi...

Elisa: Talvez, foi um...

Renata: Coincidiu de ele ter que ir para o Paraná, não é?

Elisa: Exatamente. Porque, talvez, em outra época, talvez ele não teria ido. Eu sei que essa terra deu um rolo danado que ficou vinte anos... porque tinha que pagar pro pessoal sair, porque eles construíram, ainda, tinha que indenizar, sei lá eu como que é o negócio. No meio do caminho, morreu gente... órfãos... E olha, eu sei que o negócio é uma coisa desse tamanho [mostra com os dedos indicador e polegar uma distância pequena de espaço] que não rendia nada para ninguém. Mas, por fim, vendeu, e agora está lá, não (risos) deu nada para ninguém. E eu sei que meu pai vinha e voltava. Vinha e voltava... E quando eu estava ten..., conseguindo quebrar aquele gelo para voltar... ele ia embora. Aí foi, aí foi, eu comecei a namorar com vinte e um...

Renata: Hum, hum.

Elisa: Aí o Felipe, na época, eu acho que ele veio com esse papel masculino... e divide, um pouco, o peso da mãe, não é? Sabe? Eu sentia isso, era como se eu, se eu... desse um... tinha alguém ali sem ser a mãe, não é?

Renata: Para te dar um suporte.

Elisa: Para te dar... Então, assim, algumas coisas eu falava: aí... aconteceu isso... Sabe essa...

Renata: Podia dividir...

Elisa: Podia dividir!

Renata: E depois que aconteceu essa separação? Seu pai foi voltando, indo, indo e voltando, você sentiu o peso da responsabilidade pela sua mãe?

Elisa: Ah sim.

Renata: Começou aí?

Elisa: Com certeza. A começar que... quando... antes dele ir, um dia ele subiu para arrumar o... chuveiro, ele falou: "Elisa, vem cá, vê como que arruma... como que troca o negocinho do chuveiro... vai que um dia precisa..."

Renata: A resistência?

Elisa: Não, era..., sei lá o que era, tomadinha. Não era resistência. Aquela tomadinha que encaixa. Na época, tinha uma tomadinha. Ele falou: "Vê como que encaixa a tomadinha que um dia, talvez, precise". Então, na cabeça dele, ele já estava meio...

Renata: Por que ele precisava te instruir, não é? Se ele estivesse ali...

Elisa: Exatamente. Então, tudo começa daí, não é? Tanto é que hoje, se eu tiver que fazer, eu faço, eu troco, arrumo, entendeu? Não, hoje em dia, não muito mais, porque hoje em dia eu falo: “Mãe, chama alguém para fazer, liga para tal pessoa que vem e faz”. Mas, se não tiver jeito, eu troco, eu troco isso, eu meto as caras, troquei fechadura... Se não tiver outra pessoa eu até vou tentar, senão, chamo alguém para fazer. E... e você tinha perguntado...?

Renata: Eu perguntei se foi aí que a sua responsabilidade pela sua mãe...

Elisa: Foi.

Renata: Aumentou, você tinha uns vinte anos então?

Elisa: Acredito que sim, acredito que sim.

Renata: E, bom, você dá conta dessa casa, assume a responsabilidade financeira, você trabalha aqui e mais onde?

Elisa: Eu trabalho na prefeitura, de Osasco.

Renata: Na prefeitura... E sobra algum dinheiro para você?

Elisa: Sobra, porque eu (risos) tiro para mim, mas, não sobra para o que eu gostaria de fazer, não é?

Renata: O que você gostaria de fazer?

Elisa: Ah, eu gostaria de conseguir guardar um dinheiro, em primeiro lugar, para tentar ter uma casa, para sair dessa questão do aluguel, também. Vem uma outra parte que acho que é interessante (risos) saber. Eu não quero escolher um lugar, porque eu acho que, financeiramente, eu não tenho condição disso..., mas, eu, também, não quero ir para um qualquer lugar, porque eu acho, poxa, é um sacrifício para você ter, eu quero estar num lugar que eu me sinta bem. Não precisa ser no melhor, mas, também, não quero que seja qualquer lugar. E, também, penso na questão da minha mãe quando eu penso nisso. Porque eu acho que bem ou mal, pela lógica da vida, eu tenho... é... tenho tempo ainda.

Renata: Tempo. Como assim?

Elisa: De vida mesmo.

Renata: De vida...

Elisa: Pode ser que não. Pode ser que eu morra daqui um mês, mas eu ainda tenho... eu sou jovem de uma certa forma, não é? A minha mãe já está com setenta e cinco, então, quer dizer, não resta ainda muito tempo para, de repente... sabe? Só trabalhou, então, se eu puder favorecer e oferecer alguma coisa eu gostaria, mas não me culpo se não.

Renata: Entendi.

Elisa: É... gostaria, mas não me culpo se não. Então, eu penso assim, poxa, ela tem um grau de glaucoma bem avançado, que descobriu já muito tarde, então, tem um, você olha para ela não parece, mas tem...

Renata: Mas tem.

Elisa: Tem. Então, eu fico... A questão de sair na rua sozinha, de atravessar uma rua me preocupa um pouco porque, às vezes, ela não vê, às vezes, eu estou sentada na sala e ela não...

Renata: Não te enxerga, é isso?

Elisa: É, mas não que ela não enxerga, dependendo do foco, da claridade, porque o glaucoma você sabe, não é? Ele vai fechando o campo... Então, eu falo: "mãe". No começo, quando descobriu, eu fiquei bem agoniada, porque eu pensei: como que está? Porque eu tive um tio cego... Eu pensei: "como que ela vai andar na rua? Meu Deus, ela vai ser atropelada ou qualquer coisa desse sentido, não é?"

Renata: Hum, hum.

Elisa: Hoje não, hoje eu falo: "mãe, se você se sente segura para sair você saia, se você vê que não dá, pede ajuda"... E, teve um momento que eu achei que ela estava se apoiando muito, eu fui ficando... (suspiro) Eu falei: "Não!"... Eu...

Renata: Se apoiando como? Tudo precisava de você, é isso, nesse sentido?

Elisa: Então, tudo não, mas é... vai, assim que deu lá a questão do glaucoma, tinha que pingar um colírio de tantas em tantas horas porque era bem...

Renata: E era você que tinha de pingar?

Elisa: Rigoroso. E ela queria que eu pingasse. Um dia eu falei, eu dei uma estourada um dia, eu falei: "Não!" Coitada, ela até chorou lá na época, eu acho que fui um pouco grossa quando eu falei, mas, depois eu falei: "mãe, não é isso, não é que eu não posso pingar, eu quero que você entenda que nem sempre eu vou estar para pingar... eu quero que você tente não ficar dependente disso, eu posso pingar quantas vezes precisar, mas a partir do... se todas as vezes que você, que eu tiver aqui e você tentar pingar, você vai se virando... para um dia se eu não estou, posso estar no trabalho, posso ter ido viajar... Posso, enfim. Agora, o que realmente não der eu vou fazer". Ela falou: "Não Elisa, eu sei, é porque com o outro olho eu não enxergo, não sei nem quantas gotas estão caindo." Então, mas tudo bem, ela aprendeu a se virar porque ela sentia a gota, ou caia demais ou caia de menos, mas enfim...

Renata: Conseguia colocar sozinha?

Elisa: Foi conseguindo. Então, nessas, nesses momentos eu pensava... eu pensava: "poxa, se eu tivesse uma irmã..." Ainda eu falo para todo mundo, não tenha um filho

só, (risos) tenha dois... Tem gente que fala: “não, mas, às vezes, você tem dois e não tem nenhum.” Então...

Renata: É relativo, não é?

Elisa: É relativo. Mas, enfim, teve algumas épocas assim, que... que aconteceu, que eu sentia... Hoje não, hoje... hoje é mais diferente, minha mãe se, se... mesmo com o glaucoma, hoje ela está bem com relação a isso..., às vezes, ela vai ao médico... tem dia que o olho está muito ruim, quando ela vai, vai sozinha, mas, às vezes a gente anda junto na rua e eu dou uma deixada para ver se...

Renata: Se ela consegue.

Elisa: Se tropeça, se não, o que acontece. Mas até que ela anda, mas quando ela está comigo, eu acho que ela fica mais relaxada porque tem alguém olhando. Quando ela está sozinha, às vezes, eu pergunto: “tropeçou, aconteceu alguma coisa anormal?” E ela: “não, não, foi tudo bem, não tropecei.” Então, está indo bem. Mas teve uma vez que ela caiu, quebrou aqui ó [mostra o rosto].

Renata: O rosto.

Elisa: Quebrou o rosto, caiu de rosto no chão.

Renata: O osso da face.

Elisa: Esse osso aqui é fraturado. Ela tem osteoporose..., mas é bem de saúde, fora isso, ela não tem nada.

Renata: Coisas da idade, talvez.

Elisa: É. Fora isso ela não tem nada. E ela fraturou aqui [mostra o rosto] e eu falei: “mãe, é por que você sentiu tontura, alguma coisa?” Ela: “Não, nada.” Eu acho que já deveria ser alguma coisa ou da visão, não viu; ou da labirintite que deu uma época, mas agora está controlada.

Renata: Então, você estava falando que com o dinheiro você gostaria de investir nessa casa.

Elisa: É, eu gostaria, eu ainda não consigo... tem hora que eu acho até que falta... é..., vai, eu trabalho na prefeitura, eu chego 12h10, 12h15 em casa, eu almoço correndo e venho para cá [o horário de entrada na escola onde trabalha à tarde é 13h]. E eu chego à noite, é assim, aqui vira e..., sempre tem alguma coisa daqui para fazer em casa. Eu estou aqui há dezesseis anos e eu não consigo, sabe? Hoje eu...

Renata: Não consegue deixar de levar trabalho?

Elisa: Hoje, ainda, eu saio diferente com algumas coisas, mas levo, não tem como, aqui não dá para fazer tudo, quem faz eu admiro, mas eu não consigo. E... o que eu estava falando?

Renata: Estava falando do...

Elisa: Do tempo, do tempo. E então, às vezes, eu acho que falta um pouco de planejamento e organização minha... Que eu ainda não consigo organizar e ajeitar isso, talvez até por essa coisa... entra noite e começa outro dia e vai que vai, sabe? Tem alguns momentos que eu quero ficar sem pensar, sem fazer nada; então eu já tive, nossa, eu já tive, eu não sou uma pessoa des-or-ga-ni-za-da... Mas eu sinto que a minha vida está meio... vamos indo, entendeu? Está uma coisa meio... então, eu, eu, eu ainda quero uma hora dar uma ajeitada nisso... E ainda eu não consigo guardar um dinheiro para fazer algumas coisas, não é? Do tipo...

Renata: Você tem reserva?

Elisa: Não tenho reserva, não tenho. Eu não consegui ajeitar essa reserva, um pouco disso é falta de planejamento, eu tenho certeza. Porque por mais que eu tenho os gastos ali dá para guardar alguma, mas essa falta de planejamento acaba que... que fazendo a coisa ir desenfreadamente e enfim.

Renata: Com o que você gasta além das despesas da casa?

Elisa: Ah, às vezes, eu..., com alguma... que não é tão... que não é supérfluo, mas, bom, enfim... compro roupa para mim, não todas que, de repente, eu gostaria, mas compro. Agora estou na academia, paguei um ano e não fui, agora estou indo, até (risos) tomei vergonha e estou indo.

Renata: Que mais...?

Elisa: Só.

Renata: Você paga academia e...

Elisa: Faço unha, cabelo que não abro mão.

Renata: Faz unha, cabelo...

Elisa: Toda semana. Cabelo eu ia duas vezes por semana, agora fiz progressiva [técnica para alisamento de cabelos], não estou indo mais tanto para o cabelo, eu não abro mão da unha, já fiz alguma coisa assim, uma época fiz aquelas Onoderas [referência à rede de clínica de estética corporal] da vida, mas não ia direito, enfim... Essas coisas assim, mas vai, às vezes, viajar, faz tempo que eu não viajo, às vezes, não dá, não é? Que nem minha mãe fala: "Elisa, planeja já para janeiro você ir, já dá um jeitinho, não é? De, de, de fazer." Mas assim, você vai indo, vai indo, um dia após o outro, sabe? Está precisando, tem hora, de dar uma paradas, umas...

Renata: E como você gostaria de estar, por exemplo...

Elisa: Hoje?

Renata: Hoje. É.

Elisa: Ah, em primeiro lugar eu gostaria de ter uma casa. Primeiro lugar. Eu acho que hoje eu gostaria disso. De ter uma casa... de poder ir guardando um dinheirinho, o pouco que fosse, mas ir fazendo uma reserva nem que fosse pequena. Mas se eu tivesse já dentro da minha casa pagando, eu já estaria bem feliz. Ah, eu pulei uma parte, quando eu falo essa questão, também, da casa, eu também penso em alguns lugares que favoreçam um pouco a minha mãe. Hoje, não é? Que eu sei que ela vai comigo porque eu não estou namorando, então, hoje eu penso que eu vou, estou pensando em mim e nela. Então, eu penso assim, eu não, eu gostaria que não ficasse muito distante das irmãs dela, para não, também tirar tudo que... sei lá, algumas... a igreja que ela vai, mas, a igreja ela pode ir em outra, não é o caso. Mas, também, não queria afastar muito. É... se eu pudesse escolher, queria um lugar mais plano, não é? Que tivesse alguma padaria próxima, que ela pudesse andar, ela está ficando muito em casa. E ter uma vida..., a gente mora no fundo de uma casa, e a vizinha tem hora que vai. Minha mãe já pegou implicância com a vizinha de tanto que a vizinha já veio também.

Renata: Na sua casa?

Elisa: A casa é dela, então, ela vem falar: “Ai, você não fez isso? Olha, estraga.” E a minha mãe não aguenta mais. Hoje, eu cheguei na hora do almoço, ela falou: “Ai, você acredita que a dona coisa veio falar dessa terra que está aí, já xinguei tanto ela aqui dentro, já mandei ela não sei o que, não sei o que, não sei o que lá.” Eu falei: “Que terra, mãe?” Ela falou: “Ah, estou mexendo num vaso lá, tirando uns espinhos que tem e... ela veio falando, achando que se o vaso cair e não sei o que.” Eu falei: “Não mãe, às vezes, ela viu no chão...” Não achei que foi... Ela falou: “Para mim já foi um oceano.”

Renata: Ela não está gostando mais, não é?

Elisa: Ela está intolerante, ela não vê a hora de sair dali. Tem hora que isso me...

Renata: Sair dali implica na Elisa arrumar um lugar para sair, é isso?

Elisa: É, ela não fala, ela não fala de jeito nenhum, tenho certeza absoluta. O que ela puder omitir para eu não sentir isso, ela vai... Mas quando ela, às vezes não aguenta, que ela verbaliza, quando ela verbaliza... Por que quem é que vai? Sou eu! Vai ser quem? E quando ela fala eu falo: “Eu estou tentando (risos)...”

Renata: Você responde para ela?

Elisa: Respondo. Eu falo: “Mãe, mas...” Sabe? Eu falo: Mãe, tenha paciência, vai chegar a hora, eu acho que no ano que vem a gente já consegue.” Eu tenho um bom fundo de garantia, mas não tenho a reserva que tem que ter, você entendeu? Falo: “Mãe, vamos guardando que esse ano dá certo”... Quando eu vou, quando eu ajeto algumas coisas, vem um casamento para eu ser madrinha, aqueles gastos que veem paralelos. Eu falo: “Agora vai!” Renata, parece uma coisa... vem alguma coisa...

Renata: Vem outra coisa.

Elisa: É. Eu falo que a minha vida é cheia de recomeço. Se há alguma coisa que para mim não tem é improviso... Recomeço, eu lido com isso muito bem.

Renata: Numa boa.

Elisa: Muito bem. Ah, não deu, vamos de novo, não tem problema. Eu vejo..., eu..., a minha vida são recomeços constantes, assim. E progresso. Eu acho que desde a minha infância... só cresci. Só cresci. Hoje a gente vive muito bem...

Renata: Graças ao seu trabalho.

Elisa: Graças ao meu trabalho. E quando eu me formei... eu me agoniei muito porque eu não pensava em ser professora.

Renata: Mas, você fez Pedagogia?

Elisa: Fiz. Fiz magistério e tudo, mas, eu não pensava, eu caí na profissão. E quando eu me formei, vendo todo aquele esforço da minha mãe... e... porque ela fazia isso para poder pagar, não é? O Misericórdia [referência à escola religiosa onde cursou o Magistério].

Renata: Trabalhava no turno de manhã e de noite.

Elisa: Para poder pagar. E... eu falei: “Mãe! Nossa!” Quando eu me formei eu fiquei muito agoniada, eu falei: “Mãe do céu.” Ela falou: “O que foi que você está tão agoniada?” Eu falei: “E se eu vou trabalhar nisso e não é isso?” Num desespero, medo, uma insegurança... e ela falou: “Elisa, o estudo é para sua vida, não é para sua profissão, seja ali ou em qualquer coisa que você vá fazer, o que você aprendeu no Misericórdia você vai levar para sua vida, então, se não der certo não tem problema, você procura um outro lugar; o que foi pago ali, foi pago na educação e não no trabalho..., não na profissão.”

Renata: Hum, hum.

Elisa: Nossa, aquilo, para mim, foi um alívio, não é? Pensei: Nossa, que beleza, não é? Não poderia ter escutado coisa num momento mais..., mais agonizante, assim. E... mas enfim, foi só... minha vida é só crescimento.

Renata: E do Misericórdia você já começou a trabalhar?

Elisa: Já. Eu saí de lá e entrei aqui... Foi uma benção assim, não é? Porque não ia dar para pagar faculdade. Eu comecei aqui e diziam: “faz faculdade.” Eu falei: “vou fazer.” Eu tinha dezenove anos, tinha acabado de fazer dezenove.

Renata: E você fez depois, a faculdade?

Elisa: É, eu entrei aqui em noventa e cinco... em março, porque eu entrei no lugar de uma moça, e..., eu entrei em noventa e seis.

Renata: Um ano depois você foi para faculdade.

Elisa: É, eu já comecei porque eu já recebia aqui, eu já fui pagando e já fui fazendo. Nesse meio tempo faleceu um primo, vieram três primas morar junto... na casa da... gente...

Renata: Na casa da sua mãe?

Elisa: Que era da avó, que minhas tias tinham morrido, que eram solteiras e eu e minha mãe fomos para lá, e aí minhas primas, minha prima... tinha as duas filhas, minha prima e a mãe e as duas filhas que são do segundo grau; e ela ficou viúva, as meninas eram pequenas, e a gente foi tudo para casa que era da avó, não é? Antiga. E a gente ficou três anos morando ali, três anos para trás.

Renata: Você acha que a situação envolveu?

Elisa: Sim, sim.

Renata: Isso foi depois que você entrou aqui?

Elisa: Foi, eu estava na faculdade ainda, mas, elas não ajudavam..., não ajudavam, então, ficava eu e a minha mãe.

Renata: Vocês bancando todo esse povo?

Elisa: Nós bancando... nós bancando. As três, as meninas eram muito pequenas ainda, não é? Uma tinha onze e a outra... e a Rita não estava trabalhando, depois ela arrumou, mas assim, elas eram, era uma época que elas não ajudavam. Minha mãe quebrou o braço, eu chegava da faculdade e via minha mãe lavando louça apoiando o cotovelo e elas na sala, umas coisas (risos) assim. Minha mãe, às vezes... Olha, não passamos fome, de forma alguma, mas, às vezes, tinha pouco dinheiro, não é? E minha mãe pagava, comprava uns dois ou três bifes, a gente não é de comer muito também, partia, e aí elas chegavam com *Big Mac*... , ia comer lá dentro..., guardava caixa de Bis no armário... Eu falava: “Gente, eu nem como chocolate, não sou fã de chocolate” – até como – “mas você pode deixar que eu não vou querer, eu não...”

Renata: Hum, hum.

Elisa: Então, umas coisas assim, naqueles três anos a gente deu uma... uma voltada; pagava de telefone, às vezes, cento e oitenta na época.

Renata: Nossa!

Elisa: E elas ficavam em casa. Mas depois a gente mudou, fomos para onde a gente está agora.

Renata: Faz tempo que você mora nessa casa?

Elisa: Faz, faz dez anos, já deu o que tinha que dar. Então, e minha mãe está agora... Eu falei: “Mãe, mas, às vezes, a senhorinha – senhorinha não (risos) – dona Dirce. Às vezes, a dona Dirce falou porque viu o vaso caído, às vezes, achou que

caiu então te chamou.” Então, ela já, de tanto a mulher já ter ido lá, falado que: “Olha, estragou e não arrumou.” Você entendeu? E nem é isso, a senhora também é... não é fácil. E não tem nada estragado, não é?

Renata: Entendi.

Elisa: E então, a minha mãe não vê a hora de sair dali. Então, minha mãe se enfurna, enfurnou dentro de casa. Ela não tem nenhum prazer nem de ir ali. E quanto menos ela vê...

Renata: Melhor.

Elisa: A mulher, melhor.

Renata: Você sente que o peso de sair daquele lugar está com você? Você quer sair daquela casa?

Elisa: Ah sim, eu gostaria também, não por isso. Porque a gente não tem muita privacidade ali. Então, assim, a família da minha mãe que vinha tem muita gente, é..., só turminha, somos vinte, a família é muito grande, a gente é muito noturno, o pessoal chega meia noite, chega às onze. Não é turma de cerveja, de batuque, mas meus primos são todos jovens, a família da minha mãe é uma família antiga, meus primos são tudo da mesma idade, ainda tem alguns solteiros, alguns estão casando agora, essas coisas. E a gente..., nem a família da minha mãe vai mais lá, porque uma vez a gente estava reunida, a casa é bem pequena, a gente estava reunida e alguém falou: “Ah, não sei o que.” Entendeu? Então, foi...

Renata: Constrangeu.

Elisa: É. Então assim, eu queria muito sair dali para viver melhor. Entendeu? É um ambiente que você..., assim, às vezes, até chamar alguém para ir em casa eu não tenho prazer de chamar. Um entra e sai, sabe? Que nem outro dia, tinha umas... uma amiga minha que ia... Eu falei: “mãe, acho que vou chamar.” “Não!” – minha mãe falou – “nem chama para entrar, Elisa.” Eu falei: “Mas, mãe, também não é assim.” Ela: “Não, não quero, depois você sai para trabalhar e eu que sei o que fico escutando, tudo é motivo para ela Elisa, tudo é motivo, é capaz de achar que está passando muito.” E, é assim, a casa que a gente mora, ela mora aqui e a filha dela aqui [mostra desenhando na mesa o espaço das casas], eles têm três casas ali, mas, é bem ajeitadinho, não dá uma impressão de fundo de..., sabe? É uma coisa bem arrumadinha. Então, eu entro por aqui, eu passo aqui, na frente dessa porta que é da filha dela. Então, não é um cantinho separado, entendeu? Eu penso: “eu tenho que ficar passando em frente da porta deles?” Então acabou isso, até o fato de receber as irmãs...

Renata: Privacidade.

Elisa: De eu ir num aniversário... Eu nem comemoro mais meus aniversários lá em casa. A gente vai para casa da minha tia, que meu tio faz junto comigo, então, a gente sempre vai. São coisas assim, então, eu gostaria de sair dali, não pela minha mãe, porque realmente já...

Renata: Já deu.

Elisa: Já deu o que tinha que dar. Já passou do tempo. Mas, eu acho que não demora muito. Talvez o ano que vem eu já... consiga.

Renata: Entendi.

Elisa: Agora, eu até tinha pensado, falei, acho que queria... eu fiz duas pós e não fiz os TCCs [trabalho de conclusão de curso], não é? Também acho que não vou fazer, já passou, não vou... à distância, lá na São Luís...

Renata: Passou o prazo?

Elisa: Não sei. Preciso ligar, enfim, passa, está vendo? Não dá tempo, às vezes, nem de ligar, você chega às sete, sei lá que hora, não lembra e quando lembra. Tem uma lá na escola da Vila, que é em alfabetização a pós e eu gostaria de fazer, é presencial, eu tenho vontade de fazer, e quem é da prefeitura paga pouco, tem um desconto. Eu falei: "Mãe, eu acho que vou fazer o ano que vem." Mas eu fiquei pensando, falei: "também não, não é? Talvez, ano que vem eu pudesse dar uma... uma segurada, faço no outro, talvez." Então, são essas coisas.

Renata: Tem, então, esse projeto que é o que mais te mobiliza, a conquista dessa casa.

Elisa: Sim, é, é. Agora em termos de ter alguém, de estar casada, não. Eu já quis quando eu tinha vinte e dois, vinte e três, vinte e quatro anos. Nossa, queria casar, queria casar na igreja, aquelas coisas, aquele sonho. Agora não, se eu casar tudo bem, pode ser com quarenta, com cinquenta, acho que o que importa é eu estar bem. Durante esse namoro de sete anos, eu vivi momentos muito felizes, mas, eu chorei muito também. Então, eu acho que tenho, eu tenho que estar bem, feliz. Tem que ser um relacionamento que me traga paz e que me acrescente e o que eu tive, durante um período, não estava me trazendo isso. Então, hoje, se não for para ser assim eu não quero, eu sei que não tem homem perfeito, mas ele tem que me trazer paz, de uma certa forma, não aquela agonia, aquela coisa, sabe? Que, aquela, aquele não estar bem, não é? Você estar junto e estar sozinho.

Renata: Tá.

Elisa: Nesse relacionamento chegou uma época que era assim, mas eu não tinha força para terminar e quando acabou eu pensei: "Ai... Graças à Deus que ele teve essa coragem." Sofri muito, mas, ao mesmo tempo, eu sabia que eu não queria voltar. E a gente se falou durante um ano.

Renata: Nunca voltaram?

Elisa: Não, durante esse um ano a gente se encontrou. Nos encontramos, mas assim, a cada encontro eu tinha mais certeza que...

Renata: Não era aquilo.

Elisa: É. E até que eu..., minha mãe falava: “Não é assim, Elisa. Já que separou, separou, fica longe para ver quanto tempo tem de falta, se quer, realmente, voltar, você tem que ficar longe para sentir se é ele e ele também. Agora vocês ficam se falando, não dá para ter isso.” Eu falava: “Mãe, por enquanto eu me sinto bem em atender os telefones e ir lá fora e tudo.” Mas ela falava: “Põe ele na parede, ou vai ou não vai, vocês ficam nessa, eu acho que não é por aí.” Mas eu não queria por na parede porque vai que ele quisesse voltar (risos). Entendeu?

Renata: Entendi.

Elisa: E eu não queria, então, eu não queria mais. Então hoje, eu penso assim, estar casada ou não para mim não é uma coisa que me, me incomoda não estar casada, de jeito nenhum, porque eu sou, eu estou bem assim. Agora, se aparecer tudo bem.

Renata: Você sai?

Elisa: Saio, não, não estou baladeira como diz, não sou muito de... nunca fui muito de, de ficar indo todo fim de semana, aquela coisa... desenfreada, não, eu saio quando tenho vontade de sair. Tenho uma amigas que, às vezes, a gente vai junto. Mas não é uma coisa... Ah, nossa, tenho que sair, tenho que ir para balada. Não, eu vou quando tenho vontade, eu fico bem em casa também. Às vezes, se reúne com, em alguns primos, mas, ultimamente, eu estou mais caseira, não estou saindo muito assim, não. Agora tem época que eu tenho vontade, quero sair para dançar.

Renata: Entendi. Mais alguma coisa que você queria falar sobre como é essa convivência com a tua mãe?

Elisa: Ah não, eu acho que eu dei uma... eu falei tudo assim... desse peso, tem hora. Hoje em dia tem hora, tem momentos que eu sinto, não é? Mas, de uma certa forma, eu já senti mais.

Renata: Você acha que está dando conta...

Elisa: Ah, estou.

Renata: Das coisas...

Elisa: Estou. Mas assim, eu sinto que a minha vida está um pouco desorganizada. Isso eu queria ajustar, queria dar um... dar uma parada...

Renata: Esse organizar seria organizar a vida financeiramente, é isso? Ou não?

Elisa: Ah, não, as próprias coisas assim... E em casa tem dois quartos, não é? Tem um quarto, é um deles a gente tem..., eu tenho umas coisas lá, eu queria fazer um móvel para organizar aquilo, sabe? Mas eu penso: “Ai, eu vou fazer aqui?” Tem que fazer planejado. Eu não tenho intenção. E nessa, você não faz, então, tem umas coisas fora de ordem, e as minhas coisas de escola acabam ficando (risos), entendeu? Não está bagunçada, mas, não está como eu gostaria que estivessem; aquela coisa de chegar, abrir e pegar, aquela coisa rápida de todo dia.

Renata: Tá.

Elisa: Então, são essas coisas assim, que eu gostaria de...

Renata: Organizar.

Elisa: De organizar.

Renata: Organizar o espaço...

Elisa: O espaço. Até outro dia, agora, essa semana, eu queria um papel e não achava e eu falei, eu fiquei muito nervosa, muito nervosa. Eu falei: "Ai, como que some, isso parece uma provação." Eu falei um monte (risos). Minha mãe: "Eu não peguei, pelo amor de Deus." Porque, às vezes, ela dá umas juntadas, entendeu? Eu falei: "Eu não estou falando que você pegou mãe, deixa eu falar, eu preciso falar, não estou falando que é você, você acha que é você, também não é hora de falar agora (risos), fica quieta." Eu falei: "não... estou falando, porque não é possível, toda vez acontece isso." Mas, é aquela correria. "Também, se eu tivesse um espaço decente para organizar do jeito que eu gostaria."

Renata: Vocês que organizam a casa ou tem alguém que vai, que limpa, como que é?

Elisa: Olha Renata, ultimamente eu não faço nada, estou uma... do jeito que eu nunca estive, porque eu lavava, passava...

Renata: Você fazia tudo.

Elisa: Fazia. Minha mãe sempre fez, ela nunca largou nas minhas costas, mas o que eu podia eu ia adiantando, porque, poxa, ela chegava tão tarde. Enfim, o tempo que eu tinha disponível eu...

Renata: Você fazia.

Elisa: Eu procurava ajudar. Mas, hoje, eu não tenho... tempo. De sábado, às vezes, passa tão rápido, e hoje, a minha mãe tira de mim, tem hora que até dá raiva, porque, às vezes, eu quero ajudar e ela: "Não... vai fazer suas coisas, vai descansar." E outro dia, eu falei: "Mãe, eu não vou fazer mais nada, porque a hora que eu tento você barra, a hora que eu tento você barra." Ela: "Não Elisa, dá para fazer, eu estou fazendo. Mas, a parte de limpeza grossa da casa, eu, às vezes, a gente chama uma moça. Minha mãe sempre limpa, do jeito dela, à medida que dá, onde ela consegue. Agora, eu estou precisando uma hora, pegar um sábado para fazer, mas, eu prefiro pagar uns cinquenta reais para uma moça e ela limpa.

Renata: Hum, hum.

Elisa: Então, ela vem, faz e eu falo: "Mãe, não vai deixar a gente nem mais pobre, nem mais rica também, não é?" E isso faz bem para ela, então, ela vem e essa limpeza mais grossa ela faz. Mas, a minha mãe todo dia ela dá uma lavada no banheiro, assim, uma passada de pano, ela faz com gosto. Mas se queixa muito também, às vezes, de dor nas costas, mas, é a postura lá dela. Então, é assim.

Renata: Entendi.

Elisa: Mas, ela tira um pouco, não..., tem hora que eu não posso fazer nada. E isto, tem hora que me irrita também, não é? Eu falo (risos): “a hora que você precisar também eu não vou fazer.” Ela: “Não, vai descansar, vai fazer as suas coisas, você já faz tanto.” Eu falo: “Mas eu não quero fazer minhas coisas agora.” Ela: “Então, sai, vai sair, vai tomar um chope, um vinho.”

Renata: Ela fala?

Elisa: Fala. E eu sempre saí, sempre viajei muito pro interior que tinha tios lá, mesmo minha mãe... é... estando sozinha ali sem o meu pai, eu sempre fui, nunca deixei de viajar porque a minha mãe estava sozinha em casa. Nunca deixei de sair porque...

Renata: Mas agora você falou que está um pouco mais caseira.

Elisa: É, agora eu estou, agora eu estou um pouco mais caseira, mas, não é nada com relação à questão... da minha mãe, não. Eu estou caseira acho, que também..., algum... ah não sei porque que eu estou caseira, acho que não estou tendo vontade de ir a alguns lugares, talvez, esteja um pouco até cansada. Saio... vai, saio, às vezes, vai, agora eu vou na academia, às vezes, encontro com uma amiga, a gente sai, não é? Mas, não esse sair de voltar às cinco horas da manhã, quatro. É esse sair que eu estou te falando. Mas, eu não paro muito em casa, eu sempre estou entrando e saindo, mas não essas “baladonas” de... voltar de madrugada e isso faz tempo que eu não faço.

Renata: Tem vontade?

Elisa: Ah não, ultimamente eu não estou com essa vontade, tenho mais vontade de sentar numa mesa, bater um papo, tomar alguma coisinha, jogar, jogar uma conversa fora, mas, não ficar até... Ah, também se..., acho que vai muito do momento ali, não é? Então, assim, eu acho que falei tudo, não deixei nenhuma parte.

Renata: Então, muito obrigada Elisa, pelo seu tempo, te agradeço.

Elisa: Imagina.

Renata: Assim que eu tiver tudo isso escrito eu vou enviar para você, gostaria que você lesse, se você achar que tem que mudar alguma coisa, acrescentar, que você ficasse bem à vontade...

Elisa: Tá.

Renata: E, é isso, muito obrigada, só tenho a agradecer. Vou parar o gravador aqui.

Pós-entrevista

Caminhamos juntas pelo estacionamento da escola e vamos até o carro. Nos despedimos mais uma vez.

6ª entrevista – Caio

Entrevista realizada no dia 1 de outubro de 2010, das 13:05h às 13:35h, na sala do Laboratório de Estudos da Família, Relações de Gênero e Sexualidade, do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho

Pré-entrevista

Caio atendeu ao pedido de participação nesta pesquisa por intermédio de seu colega de graduação em Psicologia, meu colega de mestrado. Enviei-lhe um e-mail convidando-o a contribuir com a pesquisa. Agendamos a entrevista com 2 semanas de antecedência. No dia anterior, enviei um e-mail para confirmar a entrevista. Não obtive resposta. No dia marcado, telefonei para confirmar a entrevista e o Caio atendeu a ligação respondendo afirmativamente.

Começando

No horário combinado Caio chegou. Nunca tínhamos nos visto e o encontrei na entrada do Bloco A. Ao avistá-lo, perguntei se era o Caio e ele respondeu afirmativamente.

Subimos as rampas, pegamos um copo de água e fomos até a sala.

Ao sentar, apresentei e li o termo de consentimento livre e esclarecido. Diante do entendimento e assinatura do termo, retirei o gravador da bolsa, coloquei sobre a mesa, apertei o botão *REC* e continuamos a conversar.

A entrevista

Ele estava bastante nervoso e tremeu a maior parte da entrevista. Fiquei preocupada com a angústia que talvez tenha sido mobilizada. Achei melhor não estender a entrevista, pois tive receio de transformá-la em interrogatório.

A entrevista

Renata: Bom Caio, como é que é morar na casa dos pais, na casa da família?

Caio: Na verdade tenho o seu lado bom e ruim, assim, porque não sei, é... antes de ter... O Lucas foi quem intermediou para nós esse contato...

Renata: Hum, hum.

Caio: Não sei se ele chegou a contar para você que eu cheguei a morar um tempo sozinho.

Renata: Sim, contou.

Caio: Mas acabei voltando para casa dos meus pais por causa de... além de problemas financeiros, foi também que eu... O apartamento que eu alugava com outro rapaz, acabou encarecendo muito o aluguel e acabei retornando.

Renata: Então, quantos anos você tem?

Caio: Eu tenho vinte e seis.

Renata: Vinte e seis. E você morou sozinho com que idade?

Caio: Deixa eu ver, eu comecei a morar sozinho foi com vinte e três anos.

Renata: Vinte e três. Então, você ficou três anos, três anos morando sozinho?

Caio: Na verdade foram dois anos morando sozinho.

Renata: Dois anos?

Caio: Esse ano que eu retornei.

Renata: Dos vinte e vinte e dois... Não, dos vinte e...

Caio: Dos vinte e três...

Renata: Dos vinte e três até os vinte e cinco?

Caio: Vinte e cinco. Isso.

Renata: Você morou sozinho. E você saiu da casa, da casa da sua família para morar sozinho, por quê?

Caio: Na verdade porque eu tenho uma relação meio difícil com meus pais, assim. Então, eu tive uma briga muito feia com a minha mãe um dia e cada... Chegamos à conclusão que eu queria sair de casa e eles, também, queriam que eu acabasse saindo.

Renata: Que você saísse. O que foi o motivo dessa briga?

Caio: É que a minha mãe é muito... controladora, por assim dizer. E por questão de... financeira mesmo, porque eu... eu não trabalho, eu... estou tentando seguir carreira acadêmica e naquele momento, eu dependia deles para sobrevivência, só que minha mãe ficava reclamando muito, não me entregava dinheiro, etc. Eu tinha dificuldade para as coisas do meu dia a dia por causa disso daí, então, teve uma vez que a gente discutiu muito forte por causa disso e...

Renata: Como é que você se manteve aí longe da casa da tua mãe, você recebia algum dinheiro?

Caio: Eles me ajudaram com... um pouco de dinheiro e o resto eu fazia tudo através de trabalho. Eu ajudo o pessoal em projeto pesquisa aqui e etc. E como auxiliar técnico eu acabo tirando um pouco de dinheiro a partir disso.

Renata: Então, você trabalha aqui na universidade mesmo?

Caio: Não sou funcionário, é só...

Renata: Ganha algum dinheiro com esse trabalho que você faz?

Caio: Ganho. Não é muita coisa, assim, ah... Também tenho uma bolsa de pesquisa que eu ganho aqui, para extensão que eu faço faz um bom tempo vinculado ao PSC [Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade Pública]. Não é muita coisa assim, tipo como... Eu pego agora, mais ou menos, uns setecentos reais, não é tanta coisa assim, mas, também, eu posso me virar sem muito.

Renata: E nesse período que você ficou longe, esses dois anos, você recebia, vamos dizer, uma ajuda de custo, alguma coisa?

Caio: Que?

Renata: Dos seus pais?

Caio: Hum, hum.

Renata: Então, mesmo, apesar deles não quererem, vamos dizer assim, ficar junto, eles te bancavam para você ficar longe?

Caio: Sim. É uma coisa meio paradoxal, assim, porque eles me queriam fora e etc. E queriam também, que... eu começasse minha vida, só que eles gostam de me ter por perto, assim. É uma coisa meio... uma relação meio difícil, assim.

Renata: E você voltou...

Caio: Quando eu saí até melhorou um pouco a relação dos meus pais quando eu morava fora, sozinho.

Renata: O que melhorou, o que você percebeu que melhorou quando você estava longe?

Caio: Acho, que quando, é... a convivência muito próxima com eles, acho que... como eles são um pouco nervosos em excesso, então, normalmente o contato que a gente tinha era sempre... [faz gesto com as mãos mostrando como era difícil]

Renata: Você tem irmãos?

Caio: Tenho três irmãs.

Renata: Três irmãs. Você é o único menino?

Caio: E o mais velho também.

Renata: Mais velho. Você sente que tinha alguma coisa de diferente no seu tratamento em relação ao das suas irmãs?

Caio: Sim e não. Tem o problema, assim, de... como sou mais velho, acabo... eu que sou meio a ponta de lança de fazer todas as coisas, sabe? De... sair de casa. Como... Não foi só sair de casa, também comecei... E eu fui o primeiro a... estudar faculdade lá, fui o primeiro a entrar numa faculdade pública, essa coisa de morar

fora, essas coisinhas básicas, também, ser o primeiro a aprender a dirigir, todas essas coisas que... Começo da juventude assim, você vai...

Renata: E os seus pais estudaram?

Caio: Estudaram.

Renata: Estudaram...

Caio: Os dois têm nível universitário.

Renata: Bom, esse período que você falou, o que melhorou quando você estava longe?

Caio: Para mim? Eu me sentia melhor porque eu... comecei a ter espaço, não é? Eu fico morando na casa como..., porque minha família também é grande (risos), assim, somos...

Renata: Seis pessoas, não é?

Caio: Seis pessoas dividindo a mesma casa. Eu me senti melhor, assim, de poder fazer minhas coisas também. Porque, também, sei lá, minhas perspectivas de vida são um pouco diferentes das dos meus pais, assim.

Renata: Como?

Caio: Eu gosto de estudar, eu gosto..., a carreira acadêmica, para mim, é uma coisa que seria interessante; só que para eles, eu... Mais aquele... padrão de vida meio..., pensamento classe média, assim de: não, eu trabalho na empresa, faz isso e faz aquilo. E como eu fiz Psicologia, que já era uma coisa que eles não queriam...

Renata: Você já escolheu um curso que eles não estavam de acordo?

Caio: Eu fiz um ano de Direito antes, na verdade. Não é que eles não queriam, o problema é que eles aceitavam muito mais eu ...

Renata: O Direito.

Caio: Eu fazer Direito. E como eu não estava gostando resolvi sair, prestei para cá, eles não estavam concordando muito, mas eu paguei do meu bolso o processo de vestibular, passei na universidade pública, não tem muito o que reclamar a partir disso (risos). É, acabei vindo para cá. Mas, no começo não gostaram muito, depois começaram a aceitar.

Renata: E você se empenha nessa carreira acadêmica que é um ideal diferente, você acha, do ideal que seus pais gostariam que você desempenhasse, não é?

Caio: Hum, hum.

Renata: E ficou fora, voltou. Faz quanto tempo que você está de volta?

Caio: Foi esse ano agora.

Renata: Esse ano. E como é que estão as coisas em casa?

Caio: Mais ou menos, assim. É... O problema é que eu tento passar muito pouco tempo, uma estratégia que eu aprendi assim (risos). Nos últimos anos de convivência com eles, depois de ter saído, comecei a morar sozinho, agora voltando, comecei a fazer de novo, que é... O máximo possível de tempo eu fico fora de casa, costumo chegar tarde, se estou em casa, normalmente eu fico no meu quarto assim.

Renata: Você tem um espaço teu dentro daquela casa?

Caio: Sim, sim.

Renata: Seu quarto separado.

Caio: Meu refúgio lá (risos).

Renata: E você é respeitado nesse espaço?

Caio: Sim. Me sinto mais respeitado lá agora que eu voltei para morar com eles, do que antes. Assim, antes era um pouquinho pior.

Renata: Bom, e você contribui de alguma forma com a sua casa, por exemplo, financeiramente?

Caio: Não.

Renata: Teus pais te cobram isso ou não?

Caio: Agora não. Porque como é... O processo do mestrado vai ser daqui alguns meses e eles pararam de fazer essa cobrança. Antes, tipo, começo de ano, no começo desse ano foi um inferno por causa disso daí, não é? Porque eu..., é que minha história de vida foi mais ou menos assim: É, logo depois que eu me formei eu fiquei um tempo... aqui ajudando o pessoal em pesquisa e etc. Mas, depois eu comecei a pensar a seguir a carreira acadêmica. No ano passado eu tentei o mestrado, mas acabei não passando. Então, isso acabou contribuindo muito para quebrar meus planos, assim, não sabia o que...

Renata: Você tentou prestar em quê?

Caio: Aqui, no departamento de...

Renata: Em qual departamento?

Caio: De Psicologia Clínica.

Renata: De Psicologia Clínica.

Caio: Mas, era, na verdade, para não ser muito clínica, mas é que a professora que eu trabalho é do departamento de psicanálise e sociedade e aí você fica nessas questões temáticas assim, meio (risos) com problema e foi, foi uma das minhas dificuldades, também na prova, justamente, não é? Porque como eu estou mais focado na parte teórica e... com pensamento social, quando peguei uma prova só de clínica para mim foi...

Renata: Difícil. Entendo. Bom, e você tinha esse projeto de entrar no mestrado no ano passado, e não aconteceu...

Caio: Não aconteceu e eu meio que desabei, não é? Porque eu não sabia o que fazer, porque, sinceramente, isso também é um grande ponto de conflito com meus pais, mas... são poucas coisas que eu gosto de fazer na vida e eu sei que trabalhar, para mim, é um, tem um sentido muito alienante assim, sabe? Não sei se posso falar assim... bem...

Renata: Pode, claro!

Caio: Conceitualmente aqui, mas, eu... O que gosto de fazer, uma das poucas coisas, é estudar.

Renata: É isso que você gosta?

Caio: De poder ler, aprender um pouco... e o único jeito de conseguir ganhar dinheiro com isso daí é seguir (risos) a carreira acadêmica, sabe?

Renata: Hum, hum.

Caio: Não tenho, não tenho muitas outras perspectivas de vida, assim, de... ganhos materiais com coisas que me satisfaçam, então, fica meio difícil. Aí não passei, fiquei... no limbo assim, tipo..., foi um ano meio perdido, assim, para ver, tentar agora de novo.

Renata: Me explica uma coisa, não entendi muito bem, porque você voltou?

Caio: Ah, então, a questão é que eu, primeiro que eu tinha feito esse trato com ele, não é? Se eu passasse no mestrado eu começava a ganhar o dinheiro sozinho, não precisava mais do dinheiro, tudo que...

Renata: Você imagina conseguir uma bolsa... entendi.

Caio: Tipo, ficaria livre dessa... ligação material assim, financeira com eles. E aconteceu, também, que eu estava morando com outro rapaz, só que o apartamento que a gente estava dividindo aumentou muito o aluguel e a gente acabou tendo que abandonar, e eu pensei assim: "Ah, vou procurar casa com outras pessoas." Comecei a procurar no começo, só que depois sem ter passado no mestrado também, e etc. Com... Sem muita perspectiva de emprego, fiquei meio sem saber o que fazer, assim.

Renata: Hum, hum.

Caio: E surgiu a ideia de, talvez, eu viajar com minha namorada, tipo, ano que vem para Europa e ficar morando lá. Porque a gente, nós dois temos cidadania e etc. E estava pensando...

Renata: Descendência do quê?

Caio: É, francesa.

Renata: Francesa...

Caio: Estava pensando morar lá. Acabei voltando com meus pais justamente porque seria uma melhor perspectiva de eu conseguir juntar dinheiro para... Não ganho tanto assim. Ou era arranjar um trabalho que eu estava suprimindo bastante... Ou com as coisas que eu estou, eu estava em pesquisa aqui, ganhar menos dinheiro, mas, me dava mais satisfação. Só o problema era ter que voltar para casa dos meus pais e volta um pouco essa relação conflituosa, assim.

Renata: Entendi.

Caio: Tinha que perder de algum lado, mas, eu... tinha que fazer...

Renata: Você optou... Então, foi por conta disso, aumentou o aluguel lá e você se viu numa situação de para onde vou? Foi mais ou menos assim?

Caio: Sim. Para onde eu vou, eu pensei em procurar outro lugar para morar, só que aí, por ter também essas questões financeiras eu pensei: "Ah, vou voltar para casa dos meus pais porque vai ser mais fácil, talvez, de eu juntar esse dinheiro que eu preciso."

Renata: E você está conseguindo juntar?

Caio: Estou, eu fiquei até impressionado, não é muita coisa, assim, muito rápido, pelo menos para mim, meu jeito de viver está funcionando... Juntei, tipo, cinco mil, quase seis mil reais agora assim, só, aos pouquinhos assim, mas foi... sabe?

Renata: E com o que você gasta o dinheiro que você ganha?

Caio: Sinceramente?

Renata: Hum, hum.

Caio: (risos) Com bebida e gasolina. Só isso.

Renata: Bebida e gasolina. Roupa não, essas coisas não?

Caio: Não tenho tantos consumos assim, sabe? De vez em quando, o máximo que pode acontecer é eu comprar um outro livro, mas, costumo usar muito as bibliotecas daqui.

Renata: Então não gasta muito...

Caio: Não tem tanto problema assim.

Renata: Não precisa gastar, entendi. E bom, esse dinheiro que você está juntando é para esta viagem?

Caio: Para essa viagem. Só que foi uma coisa assim, não é? Que eu estava pensando em viajar na metade do ano que vem, por isso que eu não estava cogitando, tanto, a ideia de fazer o mestrado assim.

Renata: Prestar de novo a prova?

Caio: Essa ideia voltou... foi na... no final do semestre passado. Porque ainda assim, tipo, eu ainda gosto de coisa acadêmica. Eu estava fazendo de ouvinte algumas aulas do mestrado e etc. Conversei com alguns professores e um deles sugeriu a ideia de... sei lá... deixo para viajar um pouco depois, no final do mestrado. Eu passo, faço a parte de disciplinas, sabe?...

Renata: Hum, hum.

Caio: Então, agora, é começar investir de novo nessa ideia.

Renata: E tem possibilidade também, eu acho, que mesmo no mestrado, de você começar aqui um pouco, fazer um pouco fora, depois voltar, não é? Tem essa perspectiva...

Caio: Então, é que no mestrado eu não conheço tanto assim, é que eu sei que tem mais fácil no doutorado, o *sandwich*, no mestrado tem certos problemas. Mas, pelo menos, talvez, que eu pensei assim, fazer, correr durante um ano para fazer todos os créditos básicos e assim que terminar tudo isso daí, talvez, sair para... escrever fora. E também o autor que eu vou estudar não tem muita coisa aqui, os comentadores maiores estão todos na França mesmo.

Renata: Quem é?

Caio: Guy Debord. A sociedade do espetáculo.

Renata: Eu não conheço.

Caio: Mas não é tão comentado aqui no Brasil. E ir para lá facilitaria minha vida também.

Renata: Você deve ter fluência no francês.

Caio: Na verdade (risos), meu francês é bom mais de leitura do que falado... Tentar aprender lá um pouco.

Renata: Sim. Um bom jeito de experienciar a língua é indo para o lugar onde se fala aquela língua, sem dúvida (risos). Mas, me conta um pouco dos conflitos que você fala que tem na sua casa. Você fala que agora está ficando pouco, não é?

Caio: É, estou ficando pouco. É que posso falar mais o que costuma ser... essa coisa financeira mesmo.

Renata: Pela grana?

Caio: Pelo dinheiro. Porque é sempre assim, meus pais é... não... são, é uma família que tem dinheiro, o problema é que eles têm a necessidade de... querer que nós façamos o próprio crescimento... mas, é do jeito, um pouco deles, sabe? E isso acaba... E esse conflito, um pouco, de ideias assim, também, acaba... um pouco interferindo nisso daí.

Renata: Te falta alguma coisa na tua casa? Alguma coisa que você gostaria de ter e que você não tem, por exemplo?

Caio: Tchu, tchu.

Renata: Não. Você está satisfeito com o que você tem lá?

Caio: Não, a única coisa que eu não estou satisfeito é com a questão do espaço, tanto que se realmente começasse a... talvez, por exemplo, eu passar no... no mestrado com uma bolsa no ano que vem, no primeiro período, eu voltaria a morar sozinho de novo... com toda certeza.

Renata: E essa viagem vai continuar nos planos?

Caio: Sim.

Renata: Mesmo você morando sozinho? Quer dizer, então, pelo o que eu estou entendendo, você acha que é uma passagem esta situação, que você não vai ficar ali?

Caio: Não. É. Eu estava tentando, realmente, pegar esse período desse um ano para juntar mais um dinheiro possível...

Renata: Hum, hum. E como é com suas irmãs tudo isso?

Caio: Então, minhas irmãs eu perdi muito o contato com elas assim, desde que... eu entrei na universidade, na verdade, eu comecei a ficar muito pouco tempo em casa, fui perdendo o contato com elas, eu converso muito raramente, e normalmente eu converso um pouquinho mais com a minha irmã mais nova.

Renata: Quais as idades delas, você tem vinte e seis e tuas irmãs têm quanto?

Caio: É, vinte e cinco, outra tem... vinte e um, e a outra está fazendo dezenove.

Renata: Nossa! Tudo escadinha.

Caio: Hum, hum.

Renata: Bem próximo. E mesmo assim, você tem um contato mais com a mais nova. Você sabe dizer por quê?

Caio: Não sei, eu acho a mais tranquila da casa, assim. Eu... Pessoa que a gente se sente um pouco melhor para conversar, não fica uma... As outras, eu acho, se perdem demais no... na vida... ressentida da minha família, assim. Ficam reclamando um monte de coisa e etc. Assim, esse nervosismo exagerado.

Renata: Você falou que a sua mãe é um pouco controladora, não é? Como?

Caio: Controladora, é... seria mais no sentido de querer fazer as coisas do jeito dela assim, sabe?

Renata: Que você faça do jeito que ela gostaria?

Caio: Sim.

Renata: Nesse sentido?

Caio: E o jeito dela normalmente controlar é ficar... atazanando você o dia inteiro, para você fazer... o que ela quer, o que acha que é certo ou senão ela faz, faz... jogo de ameaça com o dinheiro. Mas, com o dinheiro ela parou, um pouco, agora.

Renata: Dá um exemplo, que tipo de coisa ela gostaria que fizesse e você não faz?

Caio: Agora?

Renata: Hum, hum.

Caio: Seria... eu... agora seria eu arranjar um emprego decente... ou senão... aquelas coisas, sei lá, por exemplo, essa coisa que eu falo que eu gasto dinheiro só em bebida e coisa assim; para eles, eles também... esse hábito de beber de vez em quando... é uma coisa que eles não... não se sentem bem assim, então, normalmente, querem que eu pare de fazer isso.

Renata: Você bebe quanto? Muito... Quanto você bebe?

Caio: Então, é que eu gosto de poder ficar aqui conversando com meus amigos em algumas festas e... para algumas pessoas é beber muito...

Renata: Mas, você chega em casa passando mal, bêbado, esse tipo de coisa?

Caio: Às vezes sim, mas, normalmente, eu tento evitar (risos). Porque é justamente no, para... evitar os comentários dela.

Renata: E o que seria esse emprego que ela gostaria que você tivesse?

Caio: Um emprego fixo que ela acha que se ganhe..., ganhando... dois mil e poucos reais. Só que a carreira de Psicologia... Eu pelo menos não tenho, não tenho a capacidade de encontrar (risos) uma coisa, assim, tão rápido. Você acaba se formando e estar ganhando dois mil reais e alguma coisa é meio difícil. Mas, sei lá, eu acho que, de vez em quando, eu penso que eles acham... que minhas escolhas são escolhas irresponsáveis...

Renata: Irresponsáveis... E que os seus pais fazem?

Caio: Meu pai é... gerente numa empresa de alimentação e minha mãe é dona de casa, na verdade, fica cuidando...

Renata: Ela gerencia o lar. Quer dizer, ela nunca trabalhou desse jeito que gostaria que você trabalhasse, é isso?

Caio: Muito pouco, só no máximo, na juventude dela assim.

Renata: Quantos anos eles têm, são novos, são velhos?

Caio: Nossa, desculpa, é que essa coisa de idade eu sempre esqueço, mas numa faixa dos seus cinquenta para sessenta assim.

Renata: Cinquenta para sessenta...

Caio: É, para eles também é meio, um pouco difícil de entender, não é? Que também, minha ideia assim... É que eu conheço pouco de Psicologia. É que eu não queria fazer clínica, mas eu sei que muito dessas coisas demandam um investimento muito grande, para você fazer por você mesmo... assim... Então, se eu quiser abrir consultório, coisa que eu não queria, mas sendo mais fácil de aceitar do que trabalhar, por exemplo, numa... empresa que nem eles achariam, também tem investimento, você vai ter que gastar muito no começo para receber pouco e assim vai indo.

Renata: E isso não está nos seus planos?

Caio: Por enquanto não. Se fosse mais, completamente, essa parte financeira, seria receber uma bolsa por aqui. Seria o que eu estava mais esperando.

Renata: Você já está um pouco vinculado nisso pelo o que você me contou, não é? Você recebe, não sei quanto nessa pesquisa. Essa bolsa que você recebe é do quê?

Caio: Uma delas é de auxiliar técnico num projeto aqui sobre pesquisa de depressão pós-parto, não é minha área de pesquisa, essa daí. Eu entrei mais por indicação das pessoas, porque eu estava precisando de dinheiro e eles estavam precisando de alguém que trabalhasse para eles. E o outro que é já mais um pouco na área do que eu tenho interesse, apesar de meu plano no mestrado que não vai ser sobre isso daí, eu trabalho com clínica para imigrantes e imigrantes refugiados, num projeto de extensão daqui.

Renata: Entendi. E o que você gostaria de estudar é esse fenômeno do espetáculo?

Caio: do Espetáculo... Eu quero fazer uma leitura psicanalítica das figuras sobre atividade que aparece no texto dele.

Renata: Você está envolvido em vários projetos diferentes, não é?

Caio: É, sim (risos).

Renata: Está permeado por vários campos, quer dizer, várias possibilidades, não é?

Caio: Hum, hum.

Renata: E me fala uma coisa, como você gostaria de estar no futuro?

Caio: Boa pergunta (risos). No futuro assim, você fala...

Renata: O tempo que você achar que é o futuro.

Caio: Por mim... eu gostaria, na verdade, de poder estar... ganhando um pouco dinheiro, não muito assim, mas o suficiente para poder sobreviver.

Renata: Quanto você imagina, que valor seria esse hoje?

Caio: No futuro muito grande eu, talvez um pouquinho mais, porque eu penso em ter família e etc. Porque eu gostaria. Mas, por exemplo, para um futuro não tão amplo, daqui há dois anos assim, sei lá, se eu tiver com mil e setecentos eu consigo sobreviver facinho, sabe? Não tenho tantas despesas assim, para fazer. Minhas ambições assim, tipo..., a não ser essa parte... de ter família eu..., tipo, nas coisas que eu gosto assim..., de estar com as pessoas próximas de mim, de poder... ler, uma coisa que eu gosto muito, já fico meio satisfeito com isso daí.

Renata: Entendi. Você falou que tem uma namorada, seus planos de família são com ela?

Caio: Sim.

Renata: Vocês conversam sobre isso, ela também quer?

Caio: Ela aceitaria, mas entra um pouco desse problema, como... eu... tenho um pouco, não tenho tantas ambições assim tão fortes, justamente quero evitar essa parte do trabalho... pesado e alienante que seria para mim, isso não... Para mim entra um pouco em conflito com a ideia de sustentar uma família. É difícil. Não sei se estou sendo idealista, mas acho que é um pouco possível, sabe? De eu não precisar... sabe? No começo ter que pegar um emprego..., quarenta horas semanais, uma coisa que eu não gosto para, ter dinheiro só para sustentar um filho. Acho que, talvez, junto com ela, cada um trabalhando... numa coisinha que goste no momento, dá para gente montar um...

Renata: E... bom, você pretende, pelo que eu entendi ter seu canto.

Caio: Eu prefiro ter um canto (risos).

Renata: Com ela, sem ela, sozinho?

Caio: Provavelmente com ela. Talvez, no começo... quando eu sair da casa dos meus pais e conseguir uma bolsa aqui, eu... É. Eu provavelmente, na verdade, no começo pensaria antes, na verdade, voltar a morar com amigos..., depois, mais no futuro, depois que viajar com ela, já começar a fazer uma... uma vida só nossa assim.

Renata: Faz tempo que você namora?

Caio: Um pouco mais de dois anos.

Renata: Já viajou antes só com ela ou esse é o primeiro projeto?

Caio: Seria a primeira oportunidade de ficar só nós, por um bom tempo, seria esse daí. Viajar, viagens normais, esporádicas.

Renata: E como é o seu relacionamento com ela?

Caio: Eu gosto bastante assim. daquelas pessoas assim que... sei lá, me encontrei com ela e me dei bem assim. Eu já tive uma ex-namorada e foi uma relação bem difícil assim, então, esse daí é... sei lá, mil vezes melhor assim. É difícil... Quase não brigo com ela, a gente consegue se dar bem, mesmo nossas ideias assim, às vezes, são um pouco diferentes, justamente por ter esse conflito entre..., o que a gente vai querer do futuro ou não. Ela sabe..., entende meu lado, acha importante, mas, também..., ela... não sei... não... É compreensível assim mesmo. Mesmo tendo esses pequenos conflitos, não são conflitos que parece uma coisa tão... desestruturante assim, sabe?

Renata: Hum, hum.

Caio: Com a minha ex-namorada era pior assim, qualquer conflito era uma briga enorme, esse daí consegue ser conflitos que... se conversam.

Renata: E sua família se dá bem com a sua namorada, como que é?

Caio: Sim. O pessoal aceita bem, mas eu... eu costumo levar pouco para casa dos meus pais, não sei por quê, eu prefiro manter ela um pouco afastada assim, sabe?

Renata: Você mais sai com ela, ela não frequenta. Você frequenta a casa dela?

Caio: A casa dela sim.

Renata: Ela mora sozinha?

Caio: Ela mora com os pais.

Renata: Mora com os pais também. É você quem vai?

Caio: No momento sim.

Renata: E tem uma razão para isso, para você querer ela um pouquinho longe da tua casa?

Caio: Boa pergunta, viu? É, para mim, eu resumiria que, nessa relação, que para..., que eu tenho com os meus pais é um pouco difícil. Normalmente eu prefiro... manter separadas as coisas que eu gosto da convivência com eles. Não sei explicar um motivo muito racional, mas é, basicamente, isso que eu faço.

Renata: Para preservar um pouco isso...

Caio: Acho que sim.

Renata: Uma coisa que é tua?

Caio: É engraçado, porque eu não consigo nem explicar, porque meus pais, naturalmente, não vão fazer nada assim, não vão tratá-la mal, isso com toda certeza. Na verdade, sempre que veem ela, tratam ela muito bem, mas por algum motivo eu deixo afastada, não gosto assim, ficar...

Renata: E como é sua relação com seu pai?

Caio: Então, é boa, porque meu pai, sei lá, questão de que eu sou o primogênito e... homem... ele costuma ser, me tratar muito bem. Tanto que minha família tem a opinião que eu sou um tanto... sei lá, ele me preserva até demais assim, sabe?

Renata: Você acha que foi mimado por ele?

Caio: Acho que sim um pouco, eu diria isso daí.

Renata: O que ele te faz de diferente que ele não faz para suas irmãs?

Caio: Não..., é que na verdade eu vejo quando ele quer criticar alguma coisa na família, ele pega muito mais pesado com as minhas irmãs do que comigo.

Renata: (risos) Você sente alguma coisa diferente.

Caio: É. Um tratamento um pouco diferente assim.

Renata: Entendi. Então, é um relacionamento bom, você se sente confortável?

Caio: É, tipo, é um relacionamento bom, mas, também, não me sinto confortável.

Renata: Não?

Caio: Não... não sei explicar também, acho que... para mim... é... Transparece, normalmente, nessas coisas do estilo de vida de cada um, não sei porquê, normalmente eu não sinto tanto conforto, também não tenho muita proximidade com meus pais e etc., sabe? Mas não é porque ele me trate mal, por exemplo.

Renata: Sua mãe está mais presente, você acha?

Caio: É, normalmente minha mãe é... pega mais um pouco esse lado controlador, de críticas excessivas, desnecessárias, mais forte do que ele.

Renata: E você tem admiração, então, pelo seu pai, tem isso ou não? Você sente...

Caio: Não. Sabe por quê na verdade (risos)? É uma coisa que eu sempre pensei assim, mas, por exemplo, acho que se eu chegar na idade do meu pai não queria ser como ele. É basicamente tipo, aquela pessoa, que entrou na vida de trabalhar numa grande empresa, ficou durante quarenta anos, fazendo uma coisa que ele odeia.

Renata: Ah, tem essa história? Ele não gosta do que ele faz?

Caio: Tchu, tchu. Nem um pouco.

Renata: E mesmo assim faz?

Caio: Mesmo assim faz.

Renata: O que na sua cabeça, pelo que você me contou, é inconcebível?

Caio: É. É uma coisa que eu não faria... Meu pai chega a ser um exemplo negativo assim, que...

Renata: Do que você admira, não é?

Caio: Hum, hum.

Renata: Entendi. E que mais sobre essa convivência que você podia me falar? Gostaria que ela fosse de alguma outra forma?

Caio: Eu não sei, acho que quando eu era mais jovem eu tentava pensar em... que... esperava que eu tivesse uma relação melhor com meus pais, mas com o tempo isso foi...

Renata: Perdeu esse desejo?

Caio: Foi perdendo. Acho que o que eu aprendi foi a criar meu espaço... em outros lugares, tentar criar a minha própria vida e independente do que eles possam julgar ou querer. Assim foi indo.

Renata: Entendi. Bom, você falou das suas irmãs e tal e dessa namorada que você tenta preservar um pouco longe, não é? Mais alguém mora dentro da sua casa?

Caio: Não.

Renata: São só vocês seis.

Caio: Hum, hum.

Renata: Bom, e sobre seu trabalho, pelo que entendi, você pretende seguir carreira acadêmica.

Caio: Sim.

Renata: Tentar ganhar dinheiro com isso e tem planos para o futuro de conseguir morar sozinho e viajar...

Caio: Hum, hum.

Renata: Ter uma família que, às vezes, bate em conflito com os meios para ter uma família, não é?

Caio: É que como parece muito distante assim, eu... Pode até ser uma coisa meio idealizada que eu... É... Quero uma vida familiar ou não? Será que consigo, talvez, fazendo ... assim da minha vida acadêmica, por exemplo, sustentar uma família? Vai ser fácil, vai ser difícil? Vou precisar fazer, tipo, esse esquema de trabalho alienante assim? Talvez virar que nem foi meu pai para sustentar uma família? São as dúvidas que batem, às vezes, mas eu tento dar (risos) o braço, não cair nisso daí, sabe? Tentar fazer do meu jeito assim, vamos ver se é possível.

Renata: Você vai ver isso quando for tentar, não é? Tem mais alguma coisa que você queria falar sobre como é essa convivência?

Caio: Acho que não. Não consigo pensar mais nada.

Renata: Então, está bom. Agradeço muito seu tempo, sua entrevista e assim que eu tiver as coisas, que eu transcrever eu envio para o teu e-mail.

Caio: Perfeito.

Renata: Hoje eu mandei um e-mail para você.

Caio: Não cheguei a conferir, ainda bem que você ligou.

Renata: Confirmando a entrevista, porque eu pensei: não lembro de ter anotado o telefone do Caio. Depois eu chequei os meus e-mails e tinha seu telefone.

Caio: Essa semana ainda não cheguei a verificar os e-mails, então ainda bem que você deu uma ligada para mim.

Renata: Então Caio, é isso, eu te agradeço, muito obrigada pelo seu tempo.

Caio: Que isso, não foi nada.

Pós-entrevista

Abro a porta da sala e o Caio sai enquanto fico para ajeitar minhas coisas e sair em seguida.

7ª entrevista – Alice

Entrevista realizada no dia 06 de outubro de 2010, das 17:30h às 19:10h, numa sala de aula da escola particular, local de trabalho da entrevistada

Pré-entrevista

Alice atendeu ao pedido de participação nesta pesquisa a partir de um contato por e-mail. Enviei-lhe um pedido para que ela contribuísse com a pesquisa. Agendamos a entrevista com 2 semanas de antecedência. No mesmo dia, ela disse que não poderia, pois estava com muita dor e precisava ir ao médico. Marcamos, novamente, 2 semanas depois. Telefonei para confirmar a entrevista e ela respondeu que estava tudo certo.

Começando

No horário combinado, Alice apareceu na sala de aula. Após me ver, cumprimentou-me e sentamos.

Ao sentar, apresentei e li o termo de consentimento livre e esclarecido. Diante do entendimento e assinatura do termo, retirei o gravador da bolsa, coloquei sobre a mesa, apertei o botão *REC* e continuamos a conversar.

A entrevista

Renata: Eu queria que você me contasse como é morar na casa da família?

Alice: Há momentos bons e ruins. Em tudo. É..., há vários momentos que eu me pego pensando que eu preciso sair dali, preciso ter meu espaço, porque algumas coisas que acontecem não me agradam.

Renata: Tipo?

Alice: Tipo... A casa é dos meus pais, então, eu acredito que eles tenham prioridade no que acontece. Então, por exemplo, meus irmãos frequentam a casa, meus sobrinhos, meu quarto... é de todo mundo. Então, assim, se eu quiser ter uma privacidade maior, eu tenho que trancar a porta do meu quarto, trancar com a chave, não é nem fechar.

Renata: Entendi.

Alice: Não é? Eu preciso trancar e se baterem na porta tenho que dizer que estou ocupada, fazendo qualquer coisa, para que eles não interfiram, não entrem no meu quarto. Mas, assim, meu quarto é livre acesso.

Renata: Você não tem privacidade, é isso?

Alice: Não. Não tenho privacidade e, às vezes, eu estou no banheiro, porque tem banheiro no quarto, estou no banheiro, tenho que falar: “Estou no banheiro!” Porque como estou no meu quarto, eu deixo a porta do banheiro aberta, não é? Tem o quarto e ele [o banheiro] fica no fundo do quarto, então, primeiro você passa pelo quarto para depois você ver o banheiro. E eu tenho que gritar: “Não vem porque eu

estou no banheiro, não vem porque eu estou no banho, não vem porque...”, não é? Então, assim. Então falo: “fecha a porta porque está muito frio, porque entra vento”, não é? A porta está aberta do banheiro, então, entra o vento. Há momentos de eu chegar, por exemplo, e minhas sobrinhas estarem no meu quarto, mexendo nas minhas coisas, mexendo nos meus adesivos, não é? E eu sou muito perfeccionista, gosto de tudo muito certinho. Isso me quebra muito, me quebra muito. Já aprendi muito, porque eu queria organizar a casa da minha mãe e aí eu pensei: “Não. Pára. A casa não é sua.” Eu queria organizar as panelas, queria organizar as..., porque a minha mãe é muito desorganizada e eu extremamente organizada, afinal, vou organizar o meu mundo. Morar com os meus pais é... tem um, um muro, porque, na verdade, eu moro no meu quarto. Eu saio do meu quarto para me alimentar, porque não tem fogão nem geladeira no meu quarto. Se tivesse, talvez, eu não sairia, então, eu saio do meu quarto para me alimentar e quando é necessário sair para conversar, porque no meu quarto tem banheiro, tem computador, tem televisão, tem DVD, tem tudo o que eu preciso. A única coisa que não tem é a parte da alimentação, e mesmo assim, ainda dou um jeito de levar um chocolatinho, uma bolachinha, qualquer coisa para não ter que sair do quarto. Então, é muito restrito meu acesso aos outros cômodos da casa, é muito, muito raro eu visitar os outros cômodos da casa. Eu entro, passo pela copa, pela cozinha e... quarto. É complicado nesse sentido. É bom por quê? É..., a minha mãe faz tudo para mim. Eu acordo de manhã, tem um suco de laranja pronto, porque o meu pai fez o suco de laranja. Então, eu tenho um suco de três laranjas, todos os dias eu tomo. Três laranjas todos os dias de manhã. É, as roupas a minha mãe lava, eu passo, mas a minha mãe lava, então, você tem empregada, da casa, não é? É, comida, minha mãe faz comida, ela não faz só para mim, ela faz para todo mundo. Outra coisa que é complicado..., eu chego do trabalho de manhã, no momento do almoço, eu gosto..., eu sou uma pessoa que gosta muito de paz, de calma, de tranquilidade, não é? Chega aquele momento do almoço, é a hora que meu sobrinho sai daqui [referindo-se à escola onde trabalha e que o sobrinho estuda], é a hora que a minha outra sobrinha está vindo para cá. Então, minha irmã mora no fundo da minha casa.

Renata: Ah, agora eu estou entendendo.

Alice: Então, a minha irmã mora no fundo da minha casa, mas ela também só mora, só dorme na casa dela, porque o resto é tudo na minha casa.

Renata: Ela frequenta a casa dos seus pais...

Alice: Isso, é tudo na minha casa. Eu chego do trabalho de manhã a minha sobrinha está na minha cama, não é? Desenhando, brincando, com tudo o que ela tem direito, já tirou sapato de salto, já tirou tudo que ela tem direito do meu guarda roupa. E a minha mãe não tem muito domínio sobre ela, tem medo, porque é vó, de, de... Minha irmã trabalha de manhã também, então, tem medo de colocar algumas regras, é... E chego na hora do almoço... Meu pai, você não tem noção, porque ele também gosta de paz e tranquilidade, ele pega o prato e vai almoçar na lavanderia.

Renata: Nossa!

Alice: E eu sento para comer e começa o falatório: “Vanessa vem, Vitor vem, eu não aguento mais” – e não sei o quê. Um grita daqui, um grita dali, e eu crio meio que um redoma... Tanto é que, às vezes, a minha mãe fala comigo e eu não...

Renata: Você não escuta.

Alice: Eu não escuto porque eu não estou ali. Nesses momentos eu me pego pensando: “poxa, precisava ter meu espaço, precisava ter meu canto.” Só que não ia (risos) ter comida fresca todos os dias, não é? Porque eu odeio cozinhar, então, eu acredito que eu continue lá por comodidade, porque para mim é mais tranquilo, é perto daqui [referindo-se ao local de trabalho], não é? É bem perto daqui. Por comodidade eu continuo ali. E porque assim, é... eu acho que as coisas foram acontecendo de uma forma com que eu fui ficando. E eu sempre pensei muito assim, Renata, eu não saio da minha casa se não for para sair casada, é... se não for para ter o mesmo conforto que eu tenho lá dentro, porque eu sempre fui muito paparicada, muito mimada, sempre tudo na mão, sempre tive. Se eu não encontrar isso, não é? Não de que tenha que ter tudo na mão, mas pelo menos o mesmo conforto, o mesmo nível, que eu não desça o meu nível, tanto social quanto financeiro, que eu não... Eu acredito que eu não vá sair da minha casa.

Renata: Entendi. Com quantos anos você está?

Alice: Trinta e cinco.

Renata: Trinta e cinco.

Alice: Eu acredito que eu não vá sair da minha casa. Mesmo porque assim, é... Meus pais chegaram naquele ponto assim, não se separam quando deviam se separar e convivem.

Renata: Quantos anos têm seus pais?

Alice: Minha mãe tem sessenta e cinco, o meu pai tem sessenta e seis. Meu pai é alcoólatra, é aquele alcoólatra que não assume, que de vez em quando pára, e de vez e muito fica, continua. Eu sou a única que enfrento o meu pai, enfrento assim, de bater de frente, de “vem para cima, que se você vier para cima vai os dois para o chão.” Meu irmão e minha irmã já não.

Renata: Porque ele se torna agressivo, alguma coisa assim?

Alice: Quando ele bebe pouco. Quando ele bebe uma ou duas pingas ele se torna agressivo, e ele vai sempre para cima da minha mãe. E começa falar, e são palavras que agriem uma mulher, como se ela tivesse traído ele, não é? Fala que ela saiu com todos os pedreiros que passaram na minha casa. Minha mãe sempre foi uma mulher muito correta, muito certa, muito centrada. Ele foi um ótimo pai. Marido e mulher eles já não... Acho que não deviam nem ter casado. Ela enquanto mãe, ele enquanto pai são pessoas excelentes, enquanto marido e mulher...

Renata: Não funciona, você acha?

Alice: De forma alguma. Meu pai, até hoje, se ele puder faz de tudo para mim... Muito mais que a minha mãe, comigo, com os meus irmãos, não. Comigo meu pai, se ele puder tirar, se precisar tirar a roupa do corpo para me dar, ele vai tirar. Meu pai é aquele pai que olha para mim e fala: "Você não está bem." A minha mãe não, eu posso estar morrendo que ela não vai olhar para mim e falar: "Você não está bem." Ela vai olhar para mim e falar: "Ai, sabia que fulano não sei o que, que sua irmã não sei o que, que seu irmão não sei o que." Vem reclamar sempre de alguém, sempre reclamando de alguém. Meu quarto é meio que o quarto de terapia da minha mãe também.

Renata: Ela entra lá para reclamar?

Alice: Entra para reclamar do meu pai, do vizinho, de alguém, para falar mal de alguém. Eu não suporto isso, eu fico quieta, mas ela não percebe, ela continua lá, não é? Desabafando. E eu deixo ela falar, falar, falar. Está bom, está, então, agora tchau, não é? Às vezes, eu finjo que eu estou dormindo. Eu tenho insônia. Às vezes, eu finjo que estou dormindo, eu me fecho no edredom [mostra com gestos] assim, boto o travesseiro, e eu só escuto alguém abrir a porta e fechar de volta. Para ter um pouquinho de privacidade.

Renata: Isso à noite ou durante o dia?

Alice: À noite, quando eu chego agora. Às vezes, durante o dia, no final de semana acaba acontecendo, de eu ter que fazer isso, para ter um pouquinho de sossego.

Renata: Você falou que a sua sobrinha chega, fica no seu quarto, bagunça suas coisas, nunca houve possibilidade de vocês conversarem sobre isso?

Alice: Já, várias vezes. Eu peço, falo, é... Ultimamente eu tenho andado muito cansada, muito cansada, por conta de tudo o que eu tenho passado aqui, por conta da outra escola, também, está tudo muito...

Renata: Onde você trabalha?

Alice: De manhã eu não dou aula, eu trabalho na Associação dos Professores de Osasco. É um sindicato. Dos professores daqui de Osasco, sou vice-presidente de lá. Para você ter noção, esse final de semana morreu o irmão da tesoureira, nós somos em cinco professores que trabalham lá, para uma rede de quatro mil e quinhentos professores que tem Osasco. E você escuta de professor que você é vagabunda, que você roubou dinheiro dele, que você é isso, que você é aquilo, que você não está trabalhando. Porque é descontado um por cento do salário do professor da rede municipal. A Elisa [referindo-se a uma colega de trabalho da escola onde dá aulas e que também foi entrevistada para esta pesquisa], por exemplo, trabalha na rede municipal. E eu fui para lá, para sair da..., mas a minha sala de aula está garantida porque eu sou efetiva. Eu me afasto para ficar lá. Eu fui para lá porque assim diziam: "ai, vai ser mais tranquilo para você, porque daí você tem o Pio, e você tem aqui, você não lida com criança o dia inteiro." Só que ao mesmo tempo..., eu sou muito, por ser muito perfeccionista eu acabo me sobrecarregando. Então, sábado faleceu o irmão da tesoureira... no Piauí, o corpo dele chegou aqui segunda-feira à noite, nós passamos a noite...

Renata: No velório.

Alice: No velório. Porque é o terceiro irmão dela que falece, assim, não é? Ela perdeu três irmãos já. E a gente passou a noite, enterrou ontem onze horas da manhã, hoje eu fiquei a manhã inteira sozinha trabalhando. Não foi ninguém trabalhar hoje. Quer dizer, não foi a irmã do tesoureiro que tem o direito, não foi a outra porque passou no velório, não foi a outra porque passou no velório e... Mas eu fui. E o pulso atacou porque eu estou digitando muito, muito. A gente precisa fazer umas listas, eu que estou fazendo. O pessoal não quer aprender a mexer no computador para não assumir responsabilidades, e lá vai a Alice e senta. E na minha casa é a mesma coisa, na minha casa eu sou meio que muro de lamentação, eu sou a forte, eu aguento tudo, então é assim. Se alguém vai contar que morreu para minha irmã e para o meu irmão, dizem assim: "Ai, o gatinho estava andando na rua, atravessou..." Para mim: "Ó Alice, morreu!"

Renata: Para você é direto?

Alice: É *poll* [imitando o barulho de uma paulada], acabou, está preso e vamos embora.

Renata: Você falou que está sobrecarregada?

Alice: Sobrecarregada. Nesse sentido. Aqui, não é? Por conta da Semana Cultural [evento que ocorreria na escola na semana seguinte] e... lá de manhã. Porque essa semana a gente entrega presentes para os professores, porque é dia dos professores, então, a gente entrega presentes, vai de escola em escola, são cento e cinquenta e seis escolas para rodar. E separa presente, põe presente em sacolinha, e o pessoal não está indo trabalhar. Ontem eu trabalhei até dez e meia da noite, a gente teve assembleia com os professores do desenvolvimento infantil, que eram pajens e agora se transformaram em professoras. E o salário delas não é igual ao de PEB [professor de educação básica], então, a gente fez assembleia ontem, e decidi que vai ter uma paralisação no dia quinze, e eu já não vou participar, um abraço, para vocês, força aí, eu nem dou as caras aqui dia quinze, não contem comigo, vou estar trabalhando aqui [referindo-se à escola]. A princípio eu fui para lá para ter um pouco de tranquilidade, e conseguir, não é, levar aqui mais tranquilamente, mas eu só acumulei funções.

Renata: E financeiramente, compensa isso?

Alice: Então, financeiramente, foi o que eu parei para pensar outro dia, eu pensei: "Pô, tanto dinheiro no banco e eu..." Chega o final de semana eu tenho tanto cansaço, tanto cansaço, tanto cansaço que eu não tenho vontade de por a cara para fora. Não tenho, não tenho, parece que alguém sugou minha energia pelo dedão do pé, não é? Agora mesmo eu chego em casa, é banho e *puff* [imitando o barulho ao deitar-se], cama. Quero cama e quando dá umas oito horas, oito e meia, mais ou menos, eu levanto, não durmo, deito e fico lá, levanto e é quando eu vou despertar, e vou para o computador, fazer alguma coisa, não é? Mas, é sempre assim, muito cansaço, ultimamente eu tenho andado muito cansada por conta disso, não é? Eu acumulo muitas funções, eu sei que eu puxo muito para mim, eu fico: "Não, eu faço, não, eu faço, não, eu faço." E as pessoas, todas folgadas, acham alguém que faz, todo folgado...

Renata: E você se acha a pessoa que faz (risos)?

Alice: Eu, é. Tem que ser eu que faz, não é? Paciência. Mas, em casa é assim Renata. Eu acredito que eu só saio de lá casada, não me vejo saindo de lá antes.

Renata: Entendi. Mas, e financeiramente?

Alice: Ah, se compensa. É... é assim, eu sou efetiva na prefeitura, então isso acaba te prendendo, porque aqui você não sabe o que acontece. Hoje você está, amanhã você não está, não é? Então, isso acaba me prendendo lá, eu tenho dezesseis anos de prefeitura.

Renata: É bastante já.

Alice: Eu não entrei ontem, então, eu tenho muito tempo lá. Se for pensar: "Ah, mas, para aposentadoria." Para aposentadoria esquece, porque eu acho que nem vou me aposentar, porque cada hora eles inventam uma coisa, não é? (risos) É verdade, quando eu entrei eram quarenta e três, para vinte e cinco anos, eu entrei com dezoito anos, com vinte e cinco, quarenta e três, eheheheh. Depois não, não pode ser mais quarenta e três, tem que ser com cinquenta. Ah, então, não vai ser mais. Agora tem que cumprir mais trinta anos, mais cinquenta e cinco. Então, está bom, um dia a gente chega lá e vamos embora, não é? Financeiramente, é, hoje, para mim compensa porque meus pais caíram o padrão de vida. Então, eu acabo suprindo muita coisa do meu pai e da minha mãe.

Renata: Você paga algumas coisas na tua casa?

Alice: Pago, eu pago.

Renata: O quê, por exemplo?

Alice: Por exemplo, eu pago a empregada, é.... a cesta básica daqui fica em casa. Primeiro, que todo mundo come lá em casa, ninguém leva nada, todo mundo come lá em casa; da prefeitura a gente tem duzentos reais de vale alimentação, eu não sei nem a senha do vale alimentação.

Renata: Vai para quem isso?

Alice: Para minha mãe, na mão da minha mãe. Telefone sou eu quem pago, porque tem *Speed*, não é? Eu pago as minhas coisas, então, assim, é... TVA, carro, tudo, tudo sou eu quem pago. É, dentista, meus pais precisaram de dentista agora, a dentista é minha cunhada. Eu que paguei. É... a minha mãe tem câncer de pele, precisa de protetor, não pode ser qualquer protetor, eu vou lá mando fazer e pago. São coisas que se eu não tivesse os dois empregos eu não poderia fazer. Isso seria mais limitado, bem mais limitado. E outra coisa que eu adoro fazer é dar presentes para os meus sobrinhos. Baixar na *Internet*, entrar lá, eu estou lá comprando. Amo, amo. E isso me possibilita. Mas eu estou de uns quinze, vinte dias para cá, pensando nessa possibilidade de pedir licença sem vencimento da prefeitura, porque eu tenho esse direito. Eu tenho licença prêmio, três meses que eu posso estar tirando, e tenho a licença sem vencimento. Se eu perder o emprego aqui

eu volto para lá e acabou. Continuo lá, não é? Mas eu estou pensando seriamente, porque eu estou, não estou vivendo, eu estou sobrevivendo. Então, isso está me sobrecarregando demais, eu não tenho paciência para atender um telefone à noite. Não tenho paciência para conversar no telefone. Por quê? Eu estou cansada, estou cansada, quero sossego, quero paz.

Renata: Então, você acha que esse vínculo com a prefeitura te dá uma certa garantia?

Alice: Não me dá uma certa, me dá uma garantia, não tem como, não tem como.

Renata: E aqui, no Pio [nome da escola], você está há quantos anos?

Alice: Dois. Esse é o segundo ano.

Renata: Segundo ano.

Alice: É pouco, pouco. É pouco, mas é assim, para você ter noção, quando eu estudei aqui eram quase cinco mil alunos. Então, hoje, bem menos. Mesmo porque, foram muitas escolas particulares que cresceram e o valor, isso a gente não pode discutir. Então, meu pai fez isso, os três, nós três estudamos aqui. Hoje eu paro para pensar como meu pai manteve os três aqui.

Renata: O que seu pai faz, qual a formação?

Alice: Meu pai, ele é, ele era encarregado na COBRASMA [Companhia Brasileira de Materiais Ferroviários], não é? Então, fez SENAI [Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial], técnico em metalurgia...? Acho que é, técnico em metalurgia. Minha mãe parou de trabalhar para cuidar dos filhos, eu teria uma irmã mais velha que faleceu. Por isso eu vim ao mundo, por isso eu vim ao mundo, porque senão eu não viria.

Renata: Então, você nem conheceu essa irmã?

Alice: Não. Ela tinha seis anos... A minha irmã, que hoje é a mais velha, a Karen, tinha quatro, minha mãe estava de dieta do meu irmão, do meu irmão. E a minha mãe sempre quis ter três filhos e queria ter um menino, então, quando ela teve um menino, ela pensou: "Agora é a hora." Só que no parto ela teve complicação e o Dr. Cury dizia: "não vamos laquear, a gente vai esperar." Deu hemorragia e tal, e fechou, e daqui seis meses a gente faz uma nova cirurgia. Nesses seis meses a minha irmã faleceu. A de seis anos. Faleceu na casa da minha avó, casa baixa. Um carro ia, na época, isso em setenta e dois, perdeu a direção, porque o cara estava alcoolizado, perdeu a direção, bateu no muro, ela estava brincando no jardim, o muro caiu sobre ela.

Renata: Nossa.

Alice: Só não matou a minha irmã e a minha prima que estavam brincando, porque as duas tinham acabado de atravessar a rua para ir buscar uma boneca na casa dessa minha prima. Então, isso, isso abalou muito a minha família, não é? Para minha mãe e o meu pai isso é um tabu até hoje, faz trinta e oito, trinta e oito anos.

Depois de três anos eu nasci, e minha mãe ficou oito meses desligada, se agarrou na minha irmã mais velha. Elas têm uma relação muito forte, extremamente forte, de dependência mesmo. De dependência.

Renata: Por isso você acha que a sua irmã mora lá?

Alice: A minha irmã é completamente dependente da minha mãe. Hoje eu vejo ela folgada, não é nem mais dependente (risos). Hoje ela é a acomodada, não é assim de, precisa, pronto e acabou, não pergunta se pode ou se não pode. E a minha mãe aceita.

Renata: Mas, não é você que banca a maioria das coisas da casa?

Alice: É.

Renata: Então, quem está bancando por ela ser folgada é você? É isso?

Alice: Também, também. Porque vai por tabela, porque ela diz: “Ah, hoje o que tem de mistura?” A minha mãe, geralmente, faz duas misturas porque eu também sou chata para comer. Mas, por exemplo, tem rabada e feijoada. E as crianças não vão comer nem rabada nem feijoada, então, vai fazer um *nuggets*, vai fazer um bife, vai fazer alguma outra coisa, e isso saiu do bolso da Alice. A minha irmã, de vez em quando, vai e compra umas frutinhas e trás para minha mãe, e a minha mãe fica feliz, acha que ela faz muito, entendeu? Então, é bem nesse sentido.

Renata: Você está se sentindo desvalorizada lá?

Alice: Não, eu não me sinto desvalorizada porque isso assim, eu meio que deletei, sabe? Eu penso: “Ah, eu não vou ficar esquentando a minha moringa.” Foram assim, foi muito tempo da minha vida esperando a minha mãe mudar de atitude, muito tempo. Hoje, eu penso: “Ó...”

Renata: Mudar em que sentido?

Alice: Sempre esperando que ela fosse mãe. Assumisse o papel de mãe, minha mãe mesmo, não é?

Renata: Você acha que ela tinha que papel?

Alice: A minha avó era a minha mãe. A minha mãe sempre foi meio que madrastra comigo (risos). É verdade, apesar de eu ser a mais nova, eu costumo dizer que eu não sei, não sei, depois que eu fiz Psicologia... Você começa com essas graça, não é? Eu não sei se ela esperava que eu fosse igual a minha irmã que faleceu, sabe? Tentando substituir, não é? E eu não sou. Porque dizem que a minha irmã era muito doce, muito... tudo... meiguice...

Renata: Ela tinha seis anos?

Alice: É. Não deu tempo de ver muita coisa também. E eu sou muito..., eu sou muito de ajudar, mas não pisa no meu calo. Costumo dizer, não pisa no meu calo que não

vai dar certo. E na minha casa eu sou assim também. Então, eu faço tudo numa boa, faço, mas não venha me encher. Me deixa quieta no meu canto. Eu sempre esperei essa atitude. É... quando eu estava com doze anos, eu estudava nessa sala [referindo-se ao local da entrevista], quando eu estava com doze anos meu pai traiu a minha mãe, e meu pai era o meu herói, meu pai me defendia de tudo, de todo mundo, inclusive da minha mãe, porque a minha mãe sempre foi muito apegada a minha irmã e meu irmão, porque quando ela acordou dos oito meses que ela se estagnou, ela se deu conta de que ela tinha um outro filho que era meu o irmão, que foi a minha avó que criou durante esse tempo. Ela se deu conta: “Opa! Tenho um outro filho.” Então, ela até hoje se culpa por esse período. Até hoje.

Renata: E você nem conheceu, não é?

Alice: Eu nem estava lá, não é? Ninguém nem imaginava a minha existência, ainda, não é? E até os doze anos o meu pai era o meu herói. Se eu pedisse o céu, ele daria. Hoje ele me dá se não tiver que passar pela minha mãe. Quando chega na minha mãe ele pára (risos). Porque depois que aconteceu isso, é... ele passou a ser dominado, eles não se separaram, nesse época, porque minha mãe pensava: “Aí, tem os três no colégio, a gente tem um padrão de vida legal, como que eu vou fazer, o que eu vou fazer?” A minha mãe tinha quarenta e poucos anos, parou de trabalhar para cuidar dos filhos, parou de estudar para cuidar dos filhos, e na cabeça dela, ela não ia conseguir sobreviver sem o meu pai.

Renata: Entendi.

Alice: Não é? E a família: “Não, ele é um bom marido, ele é um bom pai, ele é um bom isso, um bom aquilo.” E acabou ficando.

Renata: E toda família acompanhou essa história?

Alice: Família do meu pai, muito italiano, filha. Um em cima do outro assim [demonstra com os braços], ó. São o nono e a nona e vamos embora, todo mundo junto.

Renata: E alguém conversou com seu pai sobre essa traição?

Alice: Eu. Eu descobri. Com doze anos eu vi.

Renata: Foi você que viu.

Alice: Eu vi e eu encostei ele na parede. Ou você conta ou eu conto. E as minhas notas não caíram, então, eu, eu sempre fui assim, eu me enfio no estudo, sempre. Eu volto para o estudo. E, a irmã Julieta uma vez, eu deixei de fazer uma lição de casa, e a irmã Julieta, que já faleceu, é... virou para mim e falou assim: “Mas, o que aconteceu Maria? [este é o primeiro nome da entrevistada, Maria Alice, que prefere ser chamada de Alice] Porque você nunca deixou de fazer lição.” E aí, eu abaixei a cabeça e falei: “não aconteceu nada.” Foi num dia que eles brigaram e eu saí andando. (risos) Saí andando. Eles quebraram um pau, mas era de quebrar tudo, sabe? Assim, aquelas coisas de xingar, a mulher [que ele estava se relacionando] morava na frente da minha casa, então, assim, barraco...

Renata: Poxa, vizinha?

Alice: É, vizinha. Ela morreu dois anos depois. E minha mãe chorou quando ela morreu. E eu olhava e pensava: “mãe, não estou entendendo, porque está chorando, não é?” Mas tudo bem. Mas..., eu sai andando..., não tive tempo de fazer a lição. Vim treinar aqui, porque eu treinava todos os dias aqui. É..., aqui era uma fuga para mim, aqui sempre foi meu ponto de fuga.

Renata: A escola.

Alice: A escola. Era o céu. Para mim o céu era a escola, estar na escola é o céu. E eu treinava todos os dias até as cinco horas da tarde. Cheguei em casa, os dois quebrando o maior pau, fui caminhar. Fui andar. Com doze anos. Saiu todo mundo atrás de mim. E a hora que eu voltei, andei, andei muito, muito, muito, não tenho nem noção de quanto tempo, sei que eu voltei, voltei muito cansada e não fiz a lição. E no outro dia, a irmã Julieta, que era regente da sala, ela me chamou para conversar e eu falei: “Não aconteceu nada.” Peguei e abaixei. Ela falou: “Não, tem alguma coisa acontecendo, seu olhar está triste, você está diferente.” E foi a primeira a ficar sabendo... aqui.

Renata: Você contou para ela?

Alice: Eu contei para ela, conversei muito com ela, ela me deu muito apoio, na época. Ela e a irmã Noemi. Na época, assim, elas foram... Diziam: “o que?” Assim, sabe? E ela falou: “É incrível porque suas notas não caíram.” E a do meu irmão já caiu.

Renata: Cada um reage de um jeito, não é?

Alice: É, cada um reage de um jeito, não tem como. E a do meu irmão caiu, não é? Mas, elas me trataram super bem. Então, para mim aqui sempre foi uma fuga, sempre, a vida inteira. Voltar para cá para mim foi...

Renata: E quem acabou contando?

Alice: Ele.

Renata: Seu pai.

Alice: Ele contou. Eu lembro o dia, eu lembro como foi. E para ajudar (risos), a fofa da mulher... Eles não chegaram a consumir, não tiveram relação. Um dia, estou eu... a gente morava de frente. Estou eu na frente da minha casa, todos os primos, a gente, naquela época, ainda brincava na rua, que podia brincar na rua, e meu pai ia lavar o carro, minha mãe ficava do lado de cá, a minha mãe não falava um palavrão, a minha mãe ficava do lado de cá e dizia para o meu pai: “O Zé, aquela sua puta está olhando para mim.” Desse jeito. “Olha lá, aquela sua puta está olhando para mim.” E ela lá. Eu via ela provocando meu pai, ela colocava os seios para fora, abria as pernas sem calcinha, ela provocou muito meu pai antes do meu pai sair com ela.

Renata: Nossa.

Alice: E numa dessas, elas começaram a discutir, e ela virou e falou assim para minha mãe: “Teu marido, teu marido é um brocha, porque ele não quis nem me comer.” E a minha mãe gritou: “Mentira, porque ele deu quatro comigo essa noite.” Olha, eu lembro disso (risos). Minha avó tampando meu ouvido, minha avó tampando meu ouvido: “Não ouve isso, vai para dentro, vamos para dentro, não ouve isso.” E não sei o que. E ela foi e falou para minha mãe: “E tem outra coisa, eu só saí com ele porque eu queria ter uma filha igual a Alice, porque eu acho ela linda, agora, sua filha mais velha eu acho ela horrível.” Pronto, matou a minha mãe, não é? Matou a minha mãe. E com doze anos, eu ouvi da minha mãe que a culpa do meu pai ter traído a minha mãe é minha.

Renata: É sua?

Alice: Ela falou que era minha. Trabalhei isso na terapia durante cinco anos da minha vida. Cinco anos.

Renata: Você era responsável pelo fato do seu pai querer trair sua mãe?

Alice: É. E aos doze anos, para você... compreender que, na verdade, não tem nada a ver, é meio complicado. Pára, pára tudo e vamos descer. Eu tive síndrome do pânico, que hoje eu sei que tive síndrome do pânico naquela época, mas que ninguém tratou como síndrome do pânico, que ela voltou aos vinte e três anos.

Renata: O que você sentia na época?

Alice: Eu acordava à noite com medo, vômito, todos os sintomas da síndrome do pânico. “Eu vou morrer, tenho certeza que eu vou morrer e não me leva no médico que ele vai diagnosticar uma doença terrível.” Era isso. Tinha medo, medo, pavor, pavor de médico, de qualquer coisa, de qualquer coisa.

Renata: E o que faziam quando você ficava nessa situação de pânico?

Alice: Então, me levavam para o hospital porque eu vomitava, então, levava para o hospital porque eu entrava em desidratação.

Renata: Nossa.

Alice: Desidratação. E eu ia para minha avó. Eu não queria dormir na minha casa. E a minha sobrinha é igual, a Vanessa. Ela quer dormir na minha casa comigo. Então, eu ia para minha avó. Muito tempo eu dormi na minha avó, eu e meu avô.

Renata: Você no meio? Com doze anos isso?

Alice: Com doze anos. Com doze anos. Eu era baixinha, tinha um metro e quarenta e oito, eu saí daqui com um metro e quarenta e oito, naquela época eu devia ter um metro e vinte e cinco (risos). Eu sempre fui pequenininha.

Renata: Você não é baixa.

Alice: Não, eu cresci depois dos quinze anos, eu cheguei a um e setenta e um, mas, eu tinha..., eu sai daqui, do Pio, com quatorze, com um e quarenta e oito. E... eu dormi muito tempo. Eu acho que a perda da minha avó, já faz quatro anos que a minha avó faleceu, foi, vai ser uma coisa muito maior que a perda da minha mãe. Eu tenho essa impressão.

Renata: E a sua avó já faleceu?

Alice: Faz quatro anos.

Renata: Sente falta dela?

Alice: Muito.

Renata: Entendi.

Alice: Muito, muito, muito. A gente tinha (choro) conversas, ria. E coisas que a minha mãe nunca... A minha avó conversava sobre sexo comigo, era muito engraçado ela contando as posições que meu avô inventava quando ela era mais nova. A primeira vez que eu fui usar camisinha, minha avó me dava lingerie e falava: "Ah, quando você usar, me conta o que ele achou e não sei o que (risos)." Minha mãe, para você ter noção, com vinte e um anos... Eu perdi minha virgindade com vinte anos, com vinte e um anos, vinte e dois anos, ela virou para mim e falou assim, não, eu quis voltar para o inglês, eu quis voltar para o inglês e eu falei: "Mãe, eu quero voltar, preciso terminar e tal." Não é? E... na época eu trabalhava na prefeitura, a UNIP [Universidade Paulista] era um absurdo. Porque eu fiz UNIP, meu pai pagava a UNIP e ficava quatrocentos reais que era o meu salário na época; e ela falou assim para mim: "Por que você não pede para o Davi?" Era meu namorado na época. Eu: "Para ele? Mas não tem por que." Ela falou: "Ué, você dá para ele." Daí pisou no calo. E eu olhei para ela...

Renata: Nesses termos ela falou?

Alice: Nesses termos. Tanto é que a minha irmã veio conhecer esse lado da minha mãe agora. Minha mãe foi muito ríspida com a minha irmã no ano passado e ela falou: "Eu ouvi coisas da mãe que eu achei que nunca fosse ouvir." Eu falei: "Eu ouvi coisas dela que você nem imagina, com doze anos eu ouvi que eu era culpada do meu pai ter traído ela. Isso é fichinha." Ela falou para mim que eu tinha, que eu dava para ele, que era para eu pedir para ele pagar. Eu falei para ela, pisou no calo, sou boazinha, lembra? E eu falei para ela: "Se você tem relação com meu pai por conta de dinheiro, isso é problema seu. Se você se caracteriza como uma prostituta, isso é problema seu. Eu tenho porque eu gosto, por prazer, porque eu me sinto bem com ele e porque ele se sente bem comigo, a partir do momento que não acontecer mais isso, acabou." Eu fui e falei para o meu pai: "Quero voltar para o inglês." Meu pai falou: "Vai fazer matrícula."

Renata: E seu pai pagou o curso de inglês?

Alice: Meu pai pagou o inglês, espanhol, tudo que eu fazia, balé, jazz, natação, tudo, tudo sempre.

Renata: Você acha que a relação do seu pai e da sua mãe existe por conta disso, desse vínculo financeiro?

Alice: Financeiro. Com certeza! Infelizmente o meu pai ama a minha mãe, até hoje. Meu pai, eu acredito, às vezes, por conta de ter feito Psicologia, eu fico muito impotente frente ao meu pai. É, frente ao alcoolismo. Eu hoje, tenho a sensação de que meu pai não se perdoou pelo fato de ele ter traído a minha mãe, pelo fato dela ter dito que perdoou e não perdoou, eles dormem em quartos separados, há muito tempo já.

Renata: Cada um no seu quarto?

Alice: Cada um no seu quarto. Cada um no seu quarto há muito tempo já. É, minha mãe trata, da forma como a minha mãe trata meu pai, ela me trata, aos trancos e barrancos. Sabe, assim? Dá um tapa e abana, dá um tapa e abana, é bem assim, é da mesma forma, e os meus irmãos já não. Meus irmãos sempre na palma da mão, sempre com todo cuidado, com todo... vamos por aqui, vamos por ali não, não é? Na parte de alimentação eu não tenho o que reclamar, não tenho o que reclamar da minha mãe. Então, assim, eu tenho talassemia [doença hereditária que resulta na redução da taxa de síntese de uma das cadeias de globina que formam a hemoglobina podendo causar a formação de moléculas de hemoglobina anormal, causando anemia]. Toda semana eu tenho fígado de boi para comer, toda semana eu tenho a beterraba para comer, suco de laranja é por conta da talassemia.

Renata: É por causa dessa dieta?

Alice: É por conta da talassemia.

Renata: Você faz dieta alimentar?

Alice: É. Então, é por conta da talassemia. Porque tudo que eu consumir durante o dia a laranja segura o ferro. Então, todo dia de manhã eu tenho as três laranjas lá, não é? Então, nem que for para me acordar para eu tomar o suco de laranja. Então, nessa parte de alimentação eu não tenho o que reclamar da minha mãe, só que, mãe, mãe, mãããããe, aquela de você sentar, conversar... Eu tenho uma hemorroida. Com dezessete anos surgiu, e eu tenho intestino normal, tudo normal, tudo bonitinho, nã, nã, nã, nã. E eu fui tomar banho e senti aquela bolinha, entrei em desespero, eu pensei: "O que é isso?" Fui para casa da minha avó. Não mostrei para minha mãe. E a minha avó falou assim: "Bem vinda ao mundo (risos)." Eu falei: "Por quê?" Ela falou: "Todo mundo tem, eu tenho, sua mãe tem, tua irmã tem, todo mundo tem." Ela falou: "Mas seu intestino é normal, Alice, porquê isso?" Eu falei: "Ah nona, eu não sei." Ela falou: "Vai para o médico." Eu fui para o hospital. O médico faz toda aquela...

Renata: Foi com a avó ou foi com a mãe?

Alice: Com a minha mãe. Fui com a minha mãe e meu pai. E faz toda aquela entrevista e tal. E a minha mãe vai reclamando, foi reclamando: "Porque isso aí não é nada, nã, nã, nã." E minha avó: "Não, leva para o médico conversar com ela e tal." Não é? E ela... O médico fez toda a entrevista, tal e falou: "É realmente, você não tem perfil de quem teria..."

Renata: Hemorroidas.

Alice: Teria hemorroidas. “Você tem uma alimentação regrada, tem um intestino que funciona normalmente. É, provavelmente é hereditário.” Beleza! Saímos do consultório, ela olhou para minha cara, naquela época eu tinha outro namorado, ela olhou para minha cara e falou assim: “Você tem feito sexo anal?” Minha mãe!

Renata: E como você respondeu?

Alice: E eu virgem.

Renata: Você nem tinha tido relação ainda?

Alice: Não.

Renata: Que idade você tinha?

Alice: Vinte. Eu tinha dezessete.

Renata: Você tinha dezessete.

Alice: Eu olhei para ela e falei: “Oi! O que?” Ela falou assim: “Você e o Henrique fizeram sexo anal? Você está com medo de perder a sua virgindade e tem feito sexo anal?” Eu falei: Imagina, mãe, não nada a ver uma coisa com outra, não perdi a virgindade normal e vou perder a outra, para que? (risos). Tenha calma, vamos com calma, não é?” Bem assim. Então eu ouço muitas coisas da minha mãe, a minha mãe... E é inacreditável como as palavras dela me abalam.

Renata: E ela é uma pessoa pudica, recatada ou não?

Alice: Ela é assim de, de... ela não, ela é frígida, eu costumo dizer que ela é frígida, não é? Ela não tem uma vida sexual ativa com meu pai há muito tempo. Há muito tempo. E sempre diz que não gosta, que nunca gostou de sexo. Mas, hoje eu tenho uma relação com ela, nesse sentido, um pouco mais aberta, porque eu fui aprendendo a lidar. Outro dia apareceu uma barata numa gaveta minha que tem meu vibrador (risos). Eu saí correndo: “Tem uma barata na minha gaveta de blusinha.” Ela: “Pede para o seu pai.” Eu: “O pai não, o pai não.” Ela falou: “Por quê?” Eu falei: “Meu vibrador está lá dentro.” Ela: “Ai Alice, eu não acredito!” Eu falei: “É, está lá dentro, não pode, não pode (risos).” E eu fui, tirei tudo que tinha lá dentro, tirei, tirei de lá de dentro, rezando para barata não me pegar (risos). É porque meu vizinho estava mexendo na casa, porque na minha casa não tem barata, porque é dedetizada. E o vizinho mexeu na casa e a barata correu para o meu quintal.

Renata: Migrou para sua casa.

Alice: Ai que nervoso (risos). Desse tamanho a bicha [mostra com a mão]. Ai que ódio! Tiramos a gaveta e ele mexeu na gaveta, não é? Então, assim...

Renata: Você tinha guardado o vibrador (risos)?

Alice: Guardei. E, hoje assim, a gente tem essa relação mais... também, porque trinta e cinco anos de idade, ela não espera que eu seja virgem, ponto, não é? Não tem como, não é filha?

Renata: Talvez...

Alice: Não, não, não espera. Não espera, porque teve um, eu tive um rolo com um cara do interior... e estava naquela de, vou, não vou para o interior, vou, não vou para o interior, família italiana, todo mundo reunido no domingo, hora do almoço, dia do natal, dia vinte e cinco, vou passar o ano novo lá, não vou passar o ano novo, não é? A minha irmã se faz de santa, não é? Mas deve ser uma "la putana", não é? Namorou com todos os primos, não é? Eu peguei ela transando com o namorado na sala, e minha mãe acha que ela casou virgem. Levei um tapa na cara por conta dessa história.

Renata: Nossa!

Alice: Porque eu vi, eu tinha quatorze anos, e eu vi e assim, quando eu passava nervoso, a síndrome do pânico vinha. Então, eu cheguei de uma festa de aniversário, completamente inocente, porque naquela época eu ainda era muito inocente.

Renata: Quantos anos isso?

Alice: Quatorze, quatorze. Cantante porque eu vinha de uma festa, eu moro perto da Vila Militar, le,le,le, quando eu entro, ela transando com o namorado dela. Eu voltei, eu voltei. Ela começou a chorar, ele começou chorar, e eu fiquei desesperada, fiquei nervosa, comecei a vomitar, e fui para casa da minha avó.

Renata: Você já sabia o que era, o que eles estavam fazendo?

Alice: Sabia. Não, sabia. Sabia. Eu ainda vivia naquele mundo de Alice que eu não esperava ver, não é? Assim, *tête à tête*.

Renata: Entendi.

Alice: Meu irmão que tinha mania de colocar o copo para escutar meu pai e minha mãe: "Vamos colocar o copo para escutar o que eles estão fazendo."

Renata: E eles transavam bastante na época?

Alice: Eu não sei se eu cheguei a ouvir. Não sei se cheguei a ouvir alguma vez, não é? Assim, não lembro. Meu irmão que ficava colocando o copo lá. E eu fui para casa da minha avó, e meus pais não estavam em casa. Meus pais tinham saído também. E quando meus pais chegaram a minha mãe ficava: "Mas por que você está sentindo isso, por que você está sentindo isso, por quê?" E para minha avó eu já tinha contado. E minha avó: "Ah, isso é coisa natural, isso acontece." Porque minha irmã são oito, ela tem oito anos a mais que eu.

Renata: Quer dizer, você com quatorze e ela...

Alice: Ela tinha vinte e dois.

Renata: Tinha vinte e dois...

Alice: Isso. E: “isso é coisa natural da vida, isso acontece.” Minha avó! Minha avó! “Isso é coisa natural da vida, isso acontece.” A minha avó é autodidata, ela leu sozinha, ela aprendeu escrever sozinha.

Renata: Nossa.

Alice: Ela não tinha estudo. É, sentou, conversou comigo, foi me acalmando, e me colocou para dormir no meio do meu avô e da minha avó. E ela foi lá me buscar, a minha mãe.

Renata: Foi te tirar de lá?

Alice: Foi. Do meu conforto, da minha zona de conforto. Minha mãe: “Que aconteceu?” Minha avó: “Não aconteceu nada, deixa ela quieta.”

Renata: Sua avó é mãe de quem?

Alice: Da minha mãe.

Renata: Mãe da sua mãe...

Alice: Ela e meu avô. A mãe do meu pai a gente teve pouco contato. A família do meu pai é mais afastada, bem mais afastada. Geralmente é assim, não é? A mãe, a família da mãe mora todo mundo um em cima do outro assim, não é? Todo mundo.

Renata: Todo mundo mora pertinho?

Alice: Todo mundo. Hoje nem tanto, mas assim, a gente morava, todos os irmãos da minha mãe, todo mundo muito perto, a minha avó, todo mundo na mesma rua, mesma rua.

Renata: Bem perto mesmo.

Alice: Era metade da rua minha família e metade da rua do Silas Bortolosso [político conhecido da cidade de Osasco], era assim, não é? Do jeito que é aqui. E, hoje não, hoje eu tenho um tio que mora em Barueri e um outro que mora no Parque Continental, o resto, a gente continua todo mundo junto ali. E sempre foi todo mundo, de um vivenciar a vida do outro, de dar “pitacos”, de dar palpites, não é? Ah, eu estava contando do Rodolfo, lá do interior. Eu comecei: “Gente, o que eu faço, eu vou ou não vou?” Só mulherada reunida na mesa, não é? Conversando, e minha mãe não estava lá. A minha prima e a minha irmã que são as santas, que casaram virgens: “Ó, você vai, passa o ano novo, volta e só dá no carnaval (risos).” Meu pai eterno! E a minha madrinha, que é minha tia: “Alice, você vai, conversa por duas horas e você dá (risos).” Gostei dessa, hein! Gostei mais dessa. Nisso, entra a minha mãe, eu falei: “Mãe, como é que vai decidir minha vida.” Ela: “O que foi?” Eu

falei: “Olha, a Karen e a Daniela falaram isso, a tia Raquel isso.” E a mãe: “Você vai, transa e volta com um neto na barriga.”

Renata: Tua mãe falou isso?

Alice: Falou para mim. Então, ela morre de vontade que eu tenha um filho, e que, fique ali. É o segredo, é o desejo dela, não quer que eu case...

Renata: Ela não quer que você case?

Alice: Não. Tchu, tchu, tchu.

Renata: Por quê? Você sabe?

Alice: Não consigo sentir o porquê. Eu não sei se é... eu, eu tenho muito medo de deixar a minha mãe sozinha com meu pai. Eu...

Renata: Medo do quê?

Alice: De que ele vai agredi-la, machucá-la, alguma coisa assim. É... no sentido de proteção. Então, por exemplo, eu viajo pouquíssimo, meus irmãos viajam para tudo quanto é canto, eu fico, não é? Eu sou a casada, parece que eu que sou a casada, que tenho filhos, que tem nã, nã, nã, que fico ali. Se eu viajo, ela liga: “Seu pai está aqui, bebeu, me xingou, me falou não sei o que, me falou não sei o que.” E acabou a viagem para mim, porque eu já fico com o coração apertado. Porque eu vou para cima dele mesmo. Vou mesmo...

Renata: Ele chega a bater na tua mãe?

Alice: Esse ano teve um episódio. Foi o único. Nunca ele chegou a agredir. Mas ela, ela foi para cima dele e ele, acho que, meio que revidou. Eu estava no computador, só escutei o estalo. Quando escutei o estalo, eu já estava na cozinha, já estava em cima dele, não é? E ele foi para lavanderia meio cambaleando, ela fechou a porta da cozinha (risos), porque a janela da lavanderia é assim, e tem a lavanderia e a cozinha aqui, e ela foi e fechou a porta da cozinha [faz a demonstração dos espaços com as mãos]. Eu falava: “Fica quieto caramba, fica quieto caramba, vai bater naqueles caras do bar, e pi, pi, pi, bó, bó, bó.” Ele: “Não filha, desculpa.” E quando ele me viu, ele... porque ele estava gritando com ela. Na hora que eu cheguei, acabou. Ele falou: “Não filha, desculpa, não bati nela e não sei o que.” E a minha mãe é branca que nem nós, não toma sol que nem eu não, que nem nós. Ficou a marca no braço dela. Nossa, na hora que eu vi aquilo Renata, eu subi, eu falei: “Eu não admito!” Ele nunca encostou a mão na gente, meu pai. Porque ele foi muito agredido pela mãe dele. A minha avó morreu esquizofrênica. Então, ela era bem grossa, de jogar na parede mesmo, de acordar às quatro da manhã com balde d’água na cara...

Renata: Nossa.

Alice: No frio, no calor, onde fosse, para ele trabalhar com oito anos de vida. Ele não admite que eu bata na minha cachorra, ele não admite que ninguém encoste a mão

na Tiffany [nome da cachorra], não. Se ela chega machucada do veterinário onde ela foi tosar, ele vai lá. Reclamar porque machucou, o que aconteceu, sabe? Então, assim, com a gente, com os netos, ele nunca tocou a mão na gente, nunca.

Renata: Que interessante...

Alice: Nunca, nunca. E o meu outro tio, que é irmão dele, pelo contrário, já cresceu completamente...

Renata: É um agressor?

Alice: Agressivo. É um agressor. E o meu pai não, é exceção da regra, exceção da regra. Exceção. E a minha irmã já tem o instinto da minha avó, de bater. Às vezes, a gente assume meio que a vida dela por conta disso. Outro dia o meu pai entrou no meio da discussão, porque ela e meu cunhado iam para cima do Vitor [sobrinho] que estuda aqui, e ele é um ótimo menino, todo mundo adora ele, só que eles sobrecarregam ele. E começou a discussão e ele, o meu cunhado, foi para cima dele e o meu pai não admitiu, meu pai falou: “Não, vocês não ficam perto dele, vocês não vão ver onde eles estão brincando, onde ele está, quando estão jogando bola quem acompanha sou eu, quem vai para baixo.” Porque é meu pai quem acompanha ele. Ele é federado por Osasco, num time de Osasco, então, assim, é meu pai que vai, sabe? E a pessoa boa da minha irmã deixa, porque é bondade, não é? Ela deixar acompanhar o filho dela, pura bondade, deixar minha sobrinha lá também, é pura bondade. Então, acompanha assim, na boa.

Renata: Entendi.

Alice: Legal. Então, fica esse “vuco vuco” da família, não é?

Renata: E esse “vuco vuco” é na tua casa?

Alice: Na minha casa, na minha casa, tudo na minha casa.

Renata: E você falou que só vai sair de lá casada, você já pensou em morar sozinha?

Alice: Então, eu penso. Eu acho assim, que a maior, a maior parte é por comodidade mesmo. Saber que eu vou chegar, vai ter tudo limpinho, tudo arrumadinho, tudo prontinho, tudo lindo e maravilhoso. Quero comer como, não quero comer não como, e tal. É... eu preciso começar a por na balança, a minha paz tem que valer mais do que o que eu tenho hoje, não é? Para começar a pensar nessa hipótese de sair de casa e morar sozinha. É... por conta de, da comodidade, e tem a Tiffany, que é a cachorrinha, tem onze anos, está ficando cega. Então, eu penso, mudar só, morar sozinha. Com ela a minha mãe não vai ficar.

Renata: Sua mãe não ficaria com a cachorra?

Alice: Nem eu deixaria. Nem eu deixaria... Eu fico pensando nisso, sair agora, coma a Tiffany que está ficando cega, que o veterinário já pediu para eu não mudar nada no meu quarto, imagina ir para um lugar novo, não é? Então, eu já me apeguei a

isso. Não, imagina, isso é desculpa. Pode ser desculpa da minha parte, mas eu penso nela, eu tenho uma ligação muito forte com ela, é a minha tábua de salvação a Tiffany, assim, sabe? E tem a questão de..., financeira. Bom, vou ter que começar a pagar um apartamento, queria trocar o carro..., começa, você começa por empecilhos, não é? E eu faço isso, vou colocando empecilhos, empecilhos e acabo ficando. Acabo ficando, o tempo vai passando e eu vou ficando, ficando, entendeu? Mas, eu acho que no balançar e na peneira, eu acho que por enquanto ainda é melhor eu continua ali. Por enquanto, na peneira. Mas, hoje eu penso muito mais nessa possibilidade de morar sozinha do que sair de lá só casada. Eu acho que eu sairia só casada, não é?

Renata: Tem alguém em vista?

Alice: Tem. Isso a gente sempre tem, não é? (risos).

Renata: Está namorando?

Alice: Não, não namoro, não estou namorando ainda não, calma (risos).

Renata: Está quase, ou não?

Alice: Está, está caminhando. E é assim também, outra coisa, que eu sinto na minha casa, se eu contar para minha mãe as coisas não andam para o meu lado. É inacreditável, é inacreditável. Eu contei, acabou.

Renata: Sempre foi assim?

Alice: Sempre.

Renata: Com os outros também?

Alice: Não. Comigo. Comigo, comigo.

Renata: E com os outros namorados foi assim?

Alice: Não, porque não dava tempo de contar, quando eu chegava em casa já estava com ele, nem contava. Na outra encarnação, porque eu acho que estou em outra agora (risos), eu era: "Olha, eu estou chegando com namorado e pronto, acabou!" Eu sempre fui muito rebelde.

Renata: Você já chegava namorando?

Alice: Você não viu a Eliete [referindo-se a uma colega de trabalho] falando aqui que eu era rebelde?

Renata: Você já chegava namorando?

Alice: Chegava: Esse aqui é meu namorado. Minha mãe: "Você beijou?" Eu: "Beijei [em tom irônico], é meu amigo." Já estava namorando já. Hoje não, hoje assim, por eu estar tão sozinha, acho que acabo contando para ela, porque está sendo uma

coisa legal, não tenho com quem conversar e ela está ali falando mal de todo mundo, eu pego, aproveito e conto alguma coisa boa para ver se vai, não é? Mas, não adianta. Então, desse agora ela não está sabendo de nada, ela não sabe de nada do que está se passando. Eu saio, falo que vou sair com as amigas e...

Renata: Você tem amigas?

Alice: Tenho. A Elaine é minha amiga, a professora de religião, amiga que estudou comigo aqui, fez magistério comigo e são minhas amigas do Magistério. Da faculdade ficou uma, mas a gente se corresponde por *Orkut* [site de rede social]. Não se visita.

Renata: Não tem vínculo tão próximo?

Alice: Não, não, não se visita. Agora, as amigas do Magistério não, são aquelas amigas que eu sei que se eu cair elas me levantam, como elas fizeram no ano passado. No ano passado eu tive uma depressão muito forte e elas me...

Renata: Te levantaram?

Alice: Elas: "Vamos, que a vida não é assim."

Renata: O que aconteceu ano passado?

Alice: Porque assim, eu tive a síndrome do pânico em 2004, e... eu tratei, tal... no ano passado eu quis voltar para sala de aula, eu sai da pós e quis voltar para sala de aula. Peguei uma quarta série com quarenta e dois alunos, vinte e três alunos não sabiam ler e escrever. Olha eu! Olha eu que meus alunos lá do prézinho estão tudo, tudo escrevendo com letra cursiva. Uma sala de quarta série que os alunos não sabiam ler nem escrever, vinte e três. Aquilo foi me dando nos nervos, porque você pede... não é, não é como aqui que você tem um respaldo, tem respaldo da orientação pedagógica, tem respaldo da coordenação, você correu para um lado você tem um respaldo.

Renata: Tem alguém que pode te ajudar.

Alice: Prefeitura não. Ó filha...

Renata: O problema é seu.

Alice: Fica que a sala é tua. E eu sou muito assim, se eu peço ajuda é porque eu estou no fim, porque eu não tenho mais o que fazer, então, eu demoro muito, muito, muito. Para tomar um medicamento, por exemplo, eu tenho problema respiratório, bronquite. Para eu tomar o remédio da bronquite, você tem que estar, eu já estou com os dedos roxos, com a boca roxa, sem ar, sem ar, porque eu não tomo. Não gosto de tomar medicamento, então, tomo em último caso. E é a mesma coisa para pedir ajuda, sou muito independente, eu fui criada assim.

Renata: Se vira.

Alice: Então, assim, é... Lição de casa a minha mãe nunca se importou, o que fazia, o que não fazia, eu chegava... Aqui a gente tinha cartão honra ao mérito. Média sete a gente ganhava cartão honra ao mérito, eu tenho vinte e oito. Da quinta a oitava série eu tive cartão honra ao mérito. Da quarta série antes, antes não tinha, surgiu na quinta série. Eu tenho os vinte e oito. Minha mãe olhava para mim e falava: "Não fez mais que a sua obrigação." Meu pai já queria por num quadro (risos). Emoldurar. "Gente, cartão honra ao mérito", eu falava para todo mundo. A minha irmã, por sua vez, repetiu seis vezes. Seis vezes. Ela veio do estado, eu não, eu entrei aqui com quatro anos. Eles falam que é por isso que eu nunca reprovei, nunca fiquei de recuperação.

Renata: Você sempre estudou aqui.

Alice: Sempre estudei aqui. E... entrei com quatro anos aqui, a minha irmã não, a minha irmã estudava no estado, na época, aqui estava começando, e ela foi..., ela pegou aquela época do estado que tinha muita greve. A minha mãe falou: "Não, pára." E roubavam o lanche dela que ela levava lanche para escola, roubavam o lanche. E minha mãe falou: "Não, pára tudo." E meu irmão estava para entrar no pré e a minha irmã na quinta série. Minha mãe trouxe os dois para cá. Minha irmã veio para cá não sabia nem a tabuada do dois. Ela fez quinta, quinta, quinta, sexta, sexta, sétima, sétima, oitava, oitava, ela repetiu por vinte e cinco décimos na oitava série, com tudo pronto para a formatura, isso eu lembro. Tudo. Tanto é que a minha irmã tem quase oito anos de diferença de mim, ela se formou em 92 no Magistério, eu me formei em 93. Fiz assim, Tum [apontando para cima]. E meu irmão eu alcancei.

Renata: Você alcançou a sua irmã?

Alice: O meu irmão eu alcancei. Meu irmão dois anos repetiu. Então, assim, para o meu pai isso de eu nunca ter reprovado, não é? De nem na faculdade.

Renata: De você ter sido boa aluna.

Alice: Para o meu pai isso sempre valeu muito. E eu acho que eu valorizo muito isso, nesse sentido, dele, não é? Então, assim, ele sempre...

Renata: Você acha que é por isso que você é professora?

Alice: Não sei. Não, professora eu comecei a escolher porque a minha irmã fez Magistério, e eu comecei a me apaixonar pelas coisas que ela fazia para o Magistério. Eu comecei a me apaixonar, a me apaixonar, me apaixonar pelas coisas que ela fazia. Eu fazia humanas, fiz o primeiro ano de humanas..., depois eu fui para o segundo ano de Magistério na FITO [Fundação Instituto Tecnológico de Osasco]. Eu consegui a transferência e fiz até o quarto do Magistério. Fiz seis meses de Pedagogia, saí correndo, porque para mim era um repeteco, tirei dez em tudo. Pensei: "O que eu estou fazendo aqui?" Estudava eu, a Elaine, a Marisa Benedeti [professoras que atualmente trabalham na mesma escola que a entrevistada]. Estudava tudo na mesma sala. O primeiro ano, a primeira turma da FIEO [Centro Universitário Fundação Instituto para Ensino de Osasco]. Seis meses eu fiz, juro para você. Quando eu vi tudo dez eu pensei: "Não, não é porque eu sou um gênio, é

porque eu estou vendo tudo que eu já vi. Se eu não tirar dez é porque eu sou muito burra (risos).” É, e eu pensei: “Não, parou, eu não, não...”

Renata: Não é isso.

Alice: Não quero, não. Agora não. Agora eu não quero. Fui prestar Veterinária. Comecei a namorar. Para quê você começa a namorar com essa idade?

Renata: Quantos anos você tinha?

Alice: Dezesete para dezoito. Dezoito.

Renata: Dezoito.

Alice: Dezoito anos.

Renata: O magistério é quatro anos, não é?

Alice: Dezoito anos. Não, tinha dezoito para dezenove. Eu fui prestar Veterinária, e na USP eu fui para segunda fase, quando eu entrei para fazer a prova de segunda fase que eu olhei aquelas etiquetinhas brancas e na época usava as etiquetas para diferenciar biológicas, exatas e humanas, tudo japonezinho, eu tinha feito Magistério, não tinha feito cursinho, mas eu fui para segunda fase. Sem cursinho, sem nada (risos). O que estou fazendo aqui? Os professores com quem eu estudei, depois queriam me matar. “Como você fez isso Alice?” Eu entrei lá e pensei: “Ai, não.” Fiz a prova de qualquer jeito. Fiz a prova, não fui nem buscar o resultado porque eu tenho certeza que eu não passei. E... meu sonho era fazer Veterinária e a segunda opção era Psicologia. Eu passei em psicologia, na UNIP, não prestei mais em canto nenhum, em lugar nenhum, só lá. Só que eu tinha inscrição de veterinária até do Oiapoque ao Chuí, de um lado ao outro. Só que eu comecei a namorar, o namorado: “Não, não vai.” A trouxa ficou. Hoje eu estou sem namorado, sem o namorado e sem a Veterinária.

Renata: Você queria ter feito?

Alice: Queria. Era meu sonho de consumo, a Veterinária. Eu prestei depois, quando eu tive a síndrome do pânico, eu prestei, a minha mãe foi comigo prestar a prova, ficou lá embaixo na Universidade particular parada, passei em terceiro lugar. Entrei também, um monte de jovens, eu pensei: “O que a velha está fazendo aqui, não é? Putz grila.”

Renata: Quantos anos você tinha?

Alice: Em 2004? Vinte e nove.

Renata: E você falou, não, não vou fazer?

Alice: Não, eu falei: “Não, vamos ver não é, o que vira isso aqui?” Aí, três redações. Ahhhhhh. Sobre uma, a última eu lembro que era sobre qual a sua, você precisa de um empréstimo, no banco, para abrir a sua clínica veterinária. Como seria seu

empreendimento? Aquele bando de juvenzinho? Não sabia nada com nada, nem lé com cré. Ah, passei em terceiro lugar.

Renata: E fez um pouco?

Alice: Não.

Renata: Não?

Alice: Mil e seiscentos reais era. Foi assim, mil e duzentos reais a primeira mensalidade, eu paguei, meu pai me ajudou pagar, na época meu pai ainda tinha a empresa, tinha a empresa e tinha o salário da aposentadoria, então, me ajudou pagar. Isso foi em novembro, dezembro, dezembro. Em janeiro veio a primeira, a segunda mensalidade, mil e duzentos a primeira, a segunda mensalidade já era mil e seiscentos. Na Universidade partícula, lá em PQP [puta que o pariu], naquela que eu não sei chegar lá até hoje, que eu fui com meu irmão fazer matrícula... Porque é longe, muito longe, muito fora de mão. Eu teria que ir, de sexta, sábado teria aula o dia inteiro, era à noite. Eu teria que ir e vir... Você fala: "Pô, põe o pé no chão." Fora da realidade e não fiz. Fui fazer Neuropsicologia, fiz a Neuro, e... a Veterinária está guardadinha lá, no cantinho do coração para fazer um dia.

Renata: Você ainda tem vontade de terminar?

Alice: Tenho. Tenho vontade de fazer.

Renata: Você nem chegou a cursar, então?

Alice: Não.

Renata: Você pagou matrícula...

Alice: Paguei matrícula e nem fui.

Renata: Não foi.

Alice: Nem fui. Que se eu tivesse ido teria que pagar a segunda mensalidade, não é? Se tivesse frequentado.

Renata: Entendi.

Alice: Meu irmão é advogado ele falou: "Não, vai lá e cancela antes." Ainda, eu consegui reaver setenta por cento do valor, não é? Da primeira mensalidade, da matrícula. Mas, foi bem legal saber que você ainda, que você está no jogo, sabe? Você pensa: "Pô, legal!" Para mim isso foi muito bom, porque, na época, eu estava saindo da síndrome do pânico, não é? Então, para mim isso foi essencial. E eu tive a síndrome do pânico, tratei. A síndrome do pânico foi assim: eu tive cinco anos, trabalhei cinco anos num consultório. Dava aula de manhã, entrava para atender às duas horas da tarde, saía às nove horas da noite. Não tinha tempo nem para fazer a terapia. Isso durante cinco anos, Renata, eu fiquei fazendo, cinco anos. O corpo vai te dando um sinal, não é? Ó, pára. Começou a cair cabelo..., dormir, eu nunca dormi direito, comecei a dormir pior, sempre tive insônia, desde pequena... comecei dormir

pior..., vai dando sinal, até que deu taquicardia... Teve um dia que eu fui dar aula de manhã, colocaram... umas lonas que ia ter cinema na escola, colocaram que nem aqui, lá é prefeitura (risos) umas lonas pretas assim, lona cheirando mofo, e eu demoro muito a sentir cheiro. Que nem, quando eu entrei aqui e senti o cheiro, eu estou atacada, eu sei que eu estou atacada [referindo-se ao cheiro da sala onde estávamos].

Renata: Está atacada?

Alice: Estou atacada, estou com a sinusite atacada. E eu entrei, eu fiquei lá e não senti o cheiro. E quando eu senti o cheiro, eu estava [puxou o ar] com o gato miando no peito, e eu pensei: “Ih, ferrou!” E eu tinha HTP [hora de trabalho pedagógico], uma hora a mais para ficar lá na escola, eu fui lá fora, tomei um ar... E me dá uma tosse, muito seca, que é onde inflama o brônquio, e vai tampando a glote. E eu falei: “Estou me sentindo mal, estou me sentindo mal.” A minha diretora: “vai embora, quer que alguém te leve?” Porque já fui ficando roxa, e cheguei em casa, já liguei o aparelho de inalação, fiz inalação, não voltava, me senti, senti que eu não voltava. Pensei: “ih, não estou legal, agora ferrou de verdade, demorei muito.” Fui para o hospital, Cruzeiro do Sul, passar no clínico geral, lá embaixo. Cheguei lá, minha mãe falou: “Olha, ela está passando muito mal, está se sentindo muito mal.” Fiquei vinte minutos em pé na porta do médico e ele não me atendeu. Vinte minutos [puxou o ar] assim. [puxou o ar] Sem ar nenhum, puxava e não vinha, puxava e não vinha, e a minha mãe me abanava, me abanava, me abanava. Quando ele foi me atender, ele falou: “vai direto para o eletro, não vou te dar nada, vai para o eletro.” Cento e oitenta por minuto meu coração.

Renata: Nossa, uma mega taquicardia.

Alice: ... eu lutei com a morte, eu vi a morte, você concorda? Eu vi a morte. A morte estava ali do meu lado. E eles me levaram...

Renata: Por causa do mofo, você acha?

Alice: Foi, porque deu a crise, demorou a crise, demorou, e foi a gotinha do ó, a gotinha da água que faltava no copo, não é? E isso foi numa quinta-feira, eu lembro. E eu fui para o hospital, eles subiram, eu deixei o carro lá, eu fui dirigindo para o, para o... Ó que pessoa forte! Fui (risos), fui para o hospital de ambulância, subi de ambulância, chegou no hospital a médica falou: “Não posso te dar nada para alergia, não posso te dar adrenalina...” Porque eu tomo adrenalina. Ela: “Não posso te dar, se eu der uma adrenalina para você um abraço.”

Renata: Nossa, com cento e oitenta...

Alice: Era uma vez um coração, era uma vez um coração. Ela falou: “Nós vamos ter que reduzir isso, reduzir isso, reduzir isso.” E ela me pôs só no oxigênio, ela falou: “A gente vai te pôr só no oxigênio.” E veia. Injeção na veia, injeção na veia, injeção na veia para voltar, para voltar, para voltar, e só quando eu voltei que ela foi entrar com remédio, não é? Então, assim, pelos olhos dela e pelos olhos da minha mãe eu percebi.

Renata: Que era grave.

Alice: Que era grave. Que era grave... Eu passei e tinha um espelho, foi a primeira vez que eu vi, que eu me vi, com a crise, porque até então eu nunca tinha visto, sempre tive desde pequena. Meu sobrinho pegou muitas crises, o Vitor, o de quatorze anos, e eu lembro que ele gritava muito: “A minha tia está morrendo, minha tia está morrendo, minha tia está morrendo.” Mas eu nunca tive a noção de que era assim. Então, quando eu olhei, aqui [apontando para o pescoço] estava muito fundo, porque fica muito fundo, afunda demais, a boca roxa, branca, branca, branca, as pontas dos dedos toda roxa e aqui transparente, uma lagartixa, transparente, e eu pensei: “Ôpa! Então, o negócio é feio, por isso que as pessoas se assustam.” E a partir desse momento, eu comecei a não dormir, eu tinha medo de dormir e ter a crise, e morrer. Eu vou morrer, eu vou morrer, eu vou morrer, eu vou morrer. Me deu uma dor no peito, eu trabalhava com o Dr. Pizelli, não sei se você conhece...

Renata: [Faço que não.]

Alice: Um médico aqui de Osasco, foi meu pediatra, e eu trabalhei com ele depois. Me deu uma dor aqui [aponta o peito] e eu falava: “Estou enfartando, eu tenho certeza que estou enfartando.” O médico: “Alice, você teve uma crise muito forte de, de alergia, você teve cento e oitenta...”

Renata: Batimentos.

Alice: “Batimentos, seu coração, está tudo, seu músculo está todo dolorido, Alice, você não tem nada.” Eu: “Não, me examina, me examina Dr. Pizelli porque eu sei que estou morrendo.” Eu falava para ele: “Eu sei que eu estou morrendo.” Eu sentava lá e ele fazia todos os exames do coração. O médico: “Alice, eu estou no mesmo lugar... seu sopro está no mesmo lugar, seu prolapso está no mesmo lugar, está tudo no mesmo lugar, fica quietinha aí que você não está tendo nada, fica calma, calma.” E eu atendia quatro pacientes com a síndrome do pânico, eu pensei: “Pô, agora eu sinto na veia o que é uma síndrome do pânico.” Porque quando você atende, você supõe. Mas, quando você está dentro, que você percebe que não tem controle sobre a sua mente em nenhum momento, em nenhum momento, você pensa: “Pô, é feio, é bicho feio o negócio, é bicho feio.” E eu fiquei três noites sem dormir, três noites, andando pelo meu quarto, tum, tum, tum, tum, tum, tum, tum, cem vezes eu andei, eu contei, a Monk [referindo-se ao seriado que tem este título, cujo personagem principal, o Monk, é uma pessoa com transtorno obsessivo-compulsivo], tum, tum, tum, tum, cem vezes eu andei. Não me alimentava, não comia, não descia nada, nada. Os poucos momentos que eu dormia, nessa época ainda meu pai e minha mãe dormiam juntos, eu tirei meu pai... Ó, culpa minha (risos). Eu tirei meu pai da cama, eu tirei meu pai da cama para dormir junto com a minha mãe, e o pouco tempo que eu dormia durante a noite, eu acordava com muita dor nas pernas, a minha mãe falava que eu...

Renata: Esfregava.

Alice: Esfregava uma perna na outra. Então, quer dizer, nem dormindo eu relaxava. Teve uma sexta-feira... foi uma sexta-feira, na... Nós somos católicos, na Imaculada [Igreja Imaculada Conceição] tem missa de libertação na sexta-feira às três horas, e

minha mãe falou assim: “Você vai ficar na casa da vó e eu vou à missa.” Ela me deixou no meu mundo, na minha zona de conforto, a casa da minha avó é uma delícia. Vamos lá, casa da minha avó! Eu, mulherão deitada no sofá, minha avó lá fazendo carinho, minha avó tinha tido derrame já, então estava meio defasada já, mas mesmo assim, comigo, não é? Um grude. Nisso entrou a minha prima e minha tia, e eu estava quase cochilando e eu assustei. Quando eu assustei, eu já acordei chorando, aos berros, aos gritos sem nem saber por que, porque você não tem noção. E eu fui até... Minha tia falou assim: “Não Alice, você vai para igreja, vamos na igreja, agora, vamos lá, sua mãe está lá, nós vamos lá, vamos procurar o padre, ele vai te benzer, vamos fazer qualquer coisa, pelo amor de Deus, tem que fazer qualquer coisa.” E, eis que eu chego na igreja, quem estava lá? O padre que me batizou, padre Gabriel. Ele quem fez a missa. Ele pegou e me levou para sala dele, e falou para minha mãe: “Fica atrás dela, eu vou benzer, mas fica atrás dela.” Ele me benzeu tudo, e falou para minha mãe: “Agora você pode sair.” Ele me pôs sentada, ele me colocou sentada, ele falou: “Eu não acredito que você está ignorando a sua profissão.” Ele falou: “Seu problema não é espiritual e você sabe disso, você é uma pessoa de muita fé, seu espiritual está abalado por causa do seu emocional, mas, seu problema não é espiritual, pode parar, pode procurar ajuda.” Ele fez assim: “Fiz a minha parte, te benzi, não benzi? Você queria que benzesse? Eu benzi. E quantas vezes você quiser vir aqui pode vir que eu estou aqui, mas, pode procurar um profissional da sua área.” Eu pensei: “Beleza! E não fui.” Na sexta-feira, eu fui para casa da minha tia, eu comi uma bolachinha água e sal, aquela bolachinha conversou comigo umas quinze horas. Acordei no outro dia de manhã e fui fazer xixi, no sábado, e não faz xixi. E eu voltei para cama, sentava na beira da minha cama assim, no meu quarto... E eu tinha dormido com a minha mãe, então, levantei e fui fazer xixi, sentava na beira do meu, da cama, acho que agora eu vou fazer xixi, fui fazer xixi. E eu senti muito problema de infecção urinária, por segurar, professor, não é? Segurava muito xixi. Pensei: “Ai, ai meu pai eterno, e agora? Não consigo fazer xixi.” Eu voltei para cama para deitar com a minha mãe. E minha mãe falou: “O que está acontecendo?” Eu falei: “Não está acontecendo nada.” Eu levantei de novo, porque eu estava com vontade de fazer xixi e não conseguia.

Renata: Vontade, porém, não vinha o xixi.

Alice: Então, talvez não tivesse xixi, não é? Porque a pessoa não...

Renata: Não comeu, bebeu.

Alice: Comia, não fazia nada. Me deu ânsia de vômito. A ânsia de vômito da síndrome do pânico. Que eu tive na adolescência. Quando eu fui vomitar, o que eu vomitei? Um filete de sangue. Acabou o mundo.

Renata: Hum.

Alice: Estou com câncer. No rim, eu falava para minha mãe, senta aqui que eu vou morrer. Estou com câncer no rim, já deu metástase para o estômago, esôfago, olha a pessoa, traqueia, subiu laringe, faringe, pegou amígdala, vomitei sangue. Eu falava para minha mãe: “eu vou morrer, pode ficar sentada aqui que eu vou morrer.” Nisso meu pai entrou no quarto e falou assim: “Se você não for para o hospital comigo agora, eu estou chamando a ambulância. Você é quem sabe, você prefere ir

comigo ou pagar um micão de ir com a ambulância? Faz o que você achar melhor.” Tomar banho, a minha mãe sentava na privada do meu banheiro.

Renata: Para ver se você tomava banho?

Alice: Não, com medo, por medo. Lavar o cabelo? Eu odeio cabelos sujos, você não tem noção, sentada, eu entrava me dava fobia, desespero. O que eu estou fazendo aqui? Me tira daqui. Eu não quero ficar aqui.

Renata: Isso com que idade Alice?

Alice: Vinte e nove anos.

Renata: Vinte e nove.

Alice: Vinte e nove anos. Tem seis anos.

Renata: E era nessa época que você estava atendendo tudo aquilo de gente?

Alice: Estava atendendo... Aí, aí, aí eu parei, eu tive que parar porque você tem o código de ética. Pára filha. Porque aí eu fui no psiquiatra.

Renata: Hum.

Alice: Eu fui para o hospital, o médico me examinou, ele falou assim: “Você vomitou sangue?” Eu falei: “Eu vomitei.” Ele falou: “Que bom, pelo menos, você vomitou. Porque não tem nada aqui para você vomitar, o que você queria vomitar?” Ele falou para mim.

Renata: Não come, não é?

Alice: Não tem o que você vomitar. Ele falou: “Mas você vomitou saaaangue?” Eu falei: “Não, um filete de sangue, tipo uma geleinha assim.” Ele falou: “Você forçou, forçou, forçou, rompeu um vaso e acabou.” Ele falou: “Hemorragia de sangue é muito diferente.” Ele falou: “Vou te passar uma medicação.” E ele passou Diazepan [medicamento tranquilizante, ansiolítico]. Eu falei: “Hum, Diazepan, Diazepan eu não quero.” Ele falou: “mas você vai tomar.” Tomei o Diazepan, você pensa que eu dormi? O dia inteiro acordada! Acordada o dia inteiro, o dia inteiro, o dia inteiro. Quando eu voltei, o encaminhamento para o psiquiatra estava pronto. “Pode ir.” A minha psiquiatra atendia no sexto andar, subia e descia, fazia a minha mãe subir e descer comigo, pagou todos os pecados dela, o que ela fez comigo, subia e descia de escada. Hoje, eu continuo o tratamento, não é? Porque o ano passado eu tive a depressão. Eu peguei... melhorei da síndrome do pânico e tal.

Renata: E o que você tomou para tratar a síndrome do pânico?

Alice: Eu tomo até hoje. Tomo Lexotan [indicado para distúrbios emocionais como estados de tensão e ansiedade, humor depressivo-ansioso, tensão nervosa, agitação e insônia] e Sertralina [é um antidepressivo inibidor específico da recaptação da serotonina, indicado para o tratamento da depressão e do transtorno obsessivo-compulsivo.] Até hoje eu tomo.

Renata: Sertralina é mais antidepressivo, não é?

Alice: É antidepressivo. Tomo até hoje. Ansiolítico, não é? Tomo até hoje. E o Lexotan é para dormir, mas, deixa eu te contar que não faz efeito. Para mim não faz efeito. Que nem ó, eu tinha que ter tomado ele umas, a hora que eu chego daqui eu tenho que tomar, porque senão pode esquecer. Se eu tomar agora...

Renata: Você não vai dormir.

Alice: Não vou dormir.

Renata: Será que não tem a ver com dosagem, alguma coisa assim?

Alice: Não. Já mudamos, já fomos para manhã, vamos para tarde, vamos para noite, já fomos para madrugada, efeito ele não fez. E é assim também, Renata, como eu sou muito teimosa, quando eu vejo que o “bicho está pegando”, aí eu tomo.

Renata: A tá.

Alice: Eu não tomo.

Renata: Você interrompe o tratamento, então.

Alice: Não. Nem com um, nem com outro. Nem com a Sertralina, nem com o Lexotan. Nem com um...

Renata: Então, você não faz tratamento?

Alice: Não.

Renata: Você engana.

Alice: Me engano, é. Eu faço na terapia.

Renata: Você faz...

Alice: Eu vou lá, faço com ela, faço com psicólogo... Porque o remédio a gente deixa lá.

Renata: E eles sabem disso?

Alice: Não.

Renata: Que você negligencia os remédios?

Alice: Não, não. Tchu, tchu, tchu, tchu, de forma alguma, não sabe. Principalmente a psiquiatra, tem um monte de receita de Sertralina na minha casa (risos). Um monte.

Renata: Mas você está se sentindo bem?

Alice: Então, eu me sinto bem, mas, tem horas que eu sinto que... que vai cair. Quando eu sinto que está caindo, eu fico uma semana tomando bonitinha. Depois eu páro de novo, eu páro de novo.

Renata: Fica vai e volta o tratamento?

Alice: Isso, vai e volta. Foi onde voltou, no ano passado a depressão, é... eu comecei a trabalhar com essa sala, e não estava obtendo resultado, aquilo foi me dando...

Renata: Aqueles vinte e três que não aprendiam?

Alice: Tinha muitos que não sabiam fazer o nome, não reconheciam, não reconheciam o nome. Plaquinha do Cauã, ele não reconhecia. Cauã, com C, A, U, A, ~, quatro letrinhas só, na verdade três, não é? C, A, U, o A era repetido. Repetente, quarta série. Aquilo me deixou... agoniada. E quando foi em maio, eu já estava aqui à tarde e de manhã lá, quando foi em maio... E o primeiro ano de Pio X, a gente costuma dizer que são dez. Porque entra no ritmo, você tem que entrar no ritmo, não é? Quando foi em maio eu caí. Eu tive uma crise de não quero... Esses dias eu estava assim, semana passada, mas eu estava menstruada e eu tenho uma menstruação muito complicada também. Bom, minha bisavó podia ter me deixado o olho azul dela, mas não, deixou a TPM [tensão pré-menstrual]. E eu... eu vou sentindo assim, aquela vontade de desistir, de não querer... fazer nada...

Renata: Sertralina ajuda, sabia?

Alice: É. Já me contaram (risos). E eu quero, não quero ir, não vou, não vai... e minha mãe vem e me dá Biotônico [Biotônico Fontoura é um medicamento fortificante e antianêmico] (risos), me dá complexo B [vitaminas que ajudam a manter a saúde dos nervos, pele, olhos, cabelos, fígado e boca, assim como a tonicidade muscular do aparelho gastrointestinal], ela já quer que eu volte a tomar Combiron [medicamento indicado nas correções das anemias ferroprivas e as provocadas por distúrbios nutricionais ou medicamentosos], que eu tenho que tomar a cada seis meses e eu não tomo. Com Combiron, eu engordei dezesseis quilos por conta desse Combiron.

Renata: Nossa.

Alice: Não tomo, eu falei que morro anêmica, mas não tomo, e ela quer me dar tudo, a minha mãe é a dona da vitamina, não é? Porque ela adora uma vitamina, adora dar uma vitamina. E eu estou levando, eu vou levando, e nesse sentido, também, eu me sinto é... assim, confortável na minha casa, porque, se eu passar mal eu sei que tem alguém. Porque na minha menstruação eu desmaio.

Renata: Seu fluxo é muito intenso ou não tem a ver com isso?

Alice: É... ele é moderado, ele não é muito intenso, ele é intenso, mas não chega a ser muuuito intenso, ele é um fluxo... não é? Por conta do comprimido, do anticoncepcional.

Renata: Você toma anticoncepcional?

Alice: Tomo, tomo porque se eu não tomar, eu não sei quando menstruo, e eu tenho que jogar a menstruação para o final de semana senão eu não trabalho. Não trabalho. Eu sento na privada, ó... que dia que foi? Sábado para domingo, eu sentei no meu banheiro, na privada, porque eu estava tendo cólica e dor de barriga, eu não sabia se era cólica ou dor de barriga, então, eu sento e fico. O que for a gente resolve. Estou aqui mesmo. Eu chego a levantar com dor aqui ó [aponta para a região abdominal], com dor.

Renata: Por que desce muito ou por que dói?

Alice: Porque me dá dor de barriga e me dá cólica, e...

Renata: Mexe com seu intestino, é isso?

Alice: Com o intestino, com o estômago, com cabeça, com tontura...

Renata: Agora entendi.

Alice: Com tontura. Eu fui para o HC [Hospital das Clínicas] para fazer tratamento e são cento e cinquenta sintomas, os cento e cinquenta sintomas, eu tenho. No decorrer do ano... Você não tem no mês, você tem no decorrer do ano. Então, eu tenho dor de cabeça, tenho tontura, tenho inchaço, eu chego a engordar três quilos na menstruação, eu tenho, é... A minha dor de cabeça parece que tem alguém no meu cérebro, eu já tentei parar de menstruar de todas as formas, e dá dor de cabeça. Eu tenho que tomar dois AAS [ácido acetilsalicílico é um medicamento utilizado como anti-inflamatório, antipirético, analgésico e também como antiplaquetar] infantis por dia na menstruação para não dar aneurisma, AVC [acidente vascular cerebral], porque tem histórico na família. Nem edema cerebral. Então, isso também faz eu acabar ficando em casa. Porque assim, já aconteceu várias vezes, por exemplo, de eu sentar para fazer uma higiene para poder entrar no chuveiro, e então eu ligo [mostra com as mãos como se fosse chuveiro], a minha privada está aqui, então eu ligo o chuveiro e o chuveiro vai sumindo... Quando eu percebo que o chuveiro vai sumindo é porque eu vou desmaiar. Então, eu saio do banheiro, vou até a porta e chamo alguém. Então, já aconteceram várias vezes de eu acordar coberta por uma toalha, por alguma coisa que a minha mãe achou ali e me jogou, me abanando, esfregando meus pulsos para eu voltar..., várias vezes. Já aconteceu de eu desmaiar sozinha no banheiro, de eu chamar e ninguém me ouvir.

Renata: Talvez por isso seu quarto fica aberto?

Alice: Eu não sei se eles têm esse, esse, esse... se chega a ter um sentido... disso. Mas na época da menstruação a minha mãe chega a por o dedo para ver se eu estou viva (risos). Para ver se eu estou viva mesmo... Isso, também, eu acho que acaba me fazendo ficar em casa, essa questão de ter, não é?... É... Essa menstruação tão, tão complicada. E já fiz vários exames e não tenho nada físico, nada orgânico, e a médica do HC falou: “vamos fazer uma pesquisa na família.” E aí conversando com a minha avó: “Ai nona, e aí, como era a sua menstruação?” A nona: “A, tranquilo, bla, bla, bla.” Eu: “Tá. A da minha mãe?” A nona: “A sua mãe, ela

tinha muita cólica e tal, mas não era assim igual você.” Eu: “A tia Raquel?” A nona: “Também não era assim.” Para a tia por parte de pai: “Da vó Raquel?” Do meu avô, nona por parte do meu avô. A tia: “Não, não era assim.” Para a nona por parte de pai: “E o nono tinha alguma irmã, não, não, não?” A nona por parte de pai: “Ah, sabe que era assim? A sua bisavó, a minha mãe, ela era assim, ela ficava igual a você, ela caía de cama.” A minha avó fez..., minha bisavó fez tratamento no HC, para menstruação. Olha isso! Aí que foi se descobrir. E eu tenho uma afilhada, que hoje ela tem dezoito anos, a Franciele, igualzinha a mim. Minha prima. Igualzinha. Ela tem olho azul e herdou isso, ainda, coitada (risos). Que dó. Fica.... Uma judiação, assim, acabada, sofre...

Renata: Quantos dias você fica nesse sofrimento?

Alice: Todos os dias da menstruação.

Renata: Todos os dias. E seu fluxo dura o quê, cinco dias?

Alice: Sete.

Renata: Sete?

Alice: Até sete dias. Se eu parar de tomar o comprimido até dez e morrendo, não é? A dor de cabeça é insuportável...

Renata: Isso porque você toma anticoncepcional?

Alice: Porque eu tomo anticoncepcional. Já foi feita toda investigação que se possa, eu já fiz até ressonância magnética, tomografia, útero, ovário, nada, nada, nada, nada.

Renata: Entendi.

Alice: Então, até agora, eu estou indo, procurando uma outra ginecologista, indo para outro ginecologista para ver o que resolve, não é? Para ver se tem alguma... A única coisa que eu não coloquei foi o Mirena [é um progestogênio amplamente utilizado em ginecologia para contraceptivos orais e na terapia de reposição hormonal, ou isoladamente para contracepção em pílulas contendo somente progestogênio ou implantes subdérmicos], que é aquele de por na pele, mas é porque eu tenho muita dor de cabeça, então, eu tenho medo, não é? De parar, realmente, de menstruar.

Renata: Qual anticoncepcional você toma?

Alice: Eu tomo Gynera [é um contraceptivo oral monofásico, que combina o componente estrogênico etinilestradiol com o componente progestogênico gestodeno].

Renata: Gynera.

Alice: Eu tomo Gynera, há muito tempo. Quando eu troco, nossa! Que a médica, a minha médica já tentou trocar porque ele é... antigo assim, da época da minha

adolescência o Gynera. Hoje eles têm mais... A taxa de hormônio é bem menor do que o Gynera, então, ela tentou trocar. Pode esquecer.

Renata: Você sofre mais?

Alice: Eu sofro mais. Sofro mais.

Renata: Entendi.

Alice: Ela fala: Fica quieta aí, onde você tá, fica quieta. Às vezes eu penso: “nem faz mais efeito isso, porque há tanto tempo que eu tomo (risos)”. Não faz nem efeito, não é?

Renata: Você começou tomar anticoncepcional por conta da TPM [tensão pré-menstrual] ou para evitar gravidez?

Alice: Para evitar gravidez. Para evitar gravidez. Mas, eu tinha, eu sempre tive... Eu menstruei com quinze anos de idade, menstruei tarde. Porque eu tenho sopro no coração. Então, com quinze anos ele fechou, foi onde eu desenvolvi, eu cresci. Cresci, menstruei e tal, quando eu menstruei, cresci vinte centímetros num ano.

Renata: Nossa.

Alice: Num ano só eu cresci vinte centímetros. E ele fechou. Quando fechou eu menstruei, cresci, belezinha, bonitinha, tal. Tanto é que todo mundo achava que eu não ia crescer, eu era super baixinha, eu fui a que abriu a fita na primeira comunhão, que abri a fita da formatura, tudo eu estava em primeiro lugar. E com vinte e quatro anos ele voltou. Ele voltou, mas o médico fala que ele voltou mais por conta do, dos remédios de alergia, porque sobrecarrega o coração. É tranquilo, convivo com ele na boa, está aqui, belezinha. E é... esqueci o que eu ia falar.

Renata: A gente estava falando sobre esse histórico, da mudança...

Alice: Ah, então, eu tive, tive a menstruação com quinze anos e já me sentia mal, mas assim, é... comecei a relacionar quando eu tinha, mais ou menos, dezenove anos, que foi quando você procura o ginecologista, que eu percebi que ia ter a primeira vez. E foi quando eu comecei a relacionar... Eu passava mal, mas não relacionava que era por conta da menstruação, não é? Não relacionava. Eu sempre fiz muita atividade física e isso me ajudou muito. Então o fato de fazer muuita atividade... Hoje eu sou completamente sedentária e eu fazia de tudo que você possa imaginar, de tudo. E isso me ajudou muito também, a enfrentar, porque diminui um pouco.

Renata: Os sintomas?

Alice: E sexo também diminui. Ter relação sexual também diminui os sintomas.

Renata: Por isso você tem o vibrador?

Alice: Tenho, mas ele está lá, coitado. Faz tanto tempo que, acho, eu nem sei como ele está, ultimamente. Faz tanto tempo que eu nem olho para cara dele, não sei se ele está vivo, se está morto, se a pilha enferrujou ou se não enferrujou. E... a relação sexual ajuda e o mês que eu fico mais nervosa... Então, esse, esse, a semana passada eu pensei que fosse morrer, eu falei: não vou conseguir sobreviver. Não vou. Doía do dedão do péééé até o fio de cabelo, as pernas, as costas, tudo doía, semana passada. Tudo. Tudo me irritava, tudo doía, e aí, é engraçado, aí eu quero pegar alguém da minha família, geralmente é minha irmã.

Renata: Pegar?

Alice: Pegar e dar uma surra nela. Eu olho para minha mãe e falo: “tira ela da minha frente. Tira, porque eu vou voar.” Acho que junta tudo aquilo assim, sabe? Porque assim, é... hoje, eu acho que já superei grande parte dessa diferença que a minha mãe fez entre a gente.

Renata: Você acha que teve uma diferença de tratamento?

Alice: Teve, teve. Isso é nítido. É nítido a ponto de, por exemplo, meu pai dá dinheiro... para mim, no meu aniversário, e para o meu irmão. Eu faço aniversário no dia dezenove e meu irmão dia vinte de fevereiro, então, ele chegava e falava: “Olha, dinheiro, metade da Alice, metade do Elton, para comprar presente para eles.” E a Karen faz em junho. O meu era dividido pelos três, o deles era cada um para cada um. Meu pai não ficava sabendo disso, porque a minha mãe sempre tomou conta do...

Renata: Do dinheiro?

Alice: Da parte financeira. Meu pai não sabe senha de cartão, não sabe nada disso. Tudo a gente que faz. Até hoje, até hoje.

Renata: Então, seu presente era dividido por três?

Alice: Era dividido. Para você ter noção de como era a situação.

Renata: E os deles não.

Alice: Ó, porque é meio assim, é... eu falo, hoje eu falo pros meus pais, eu falo, a reunião de pais teve uma importância muito grande, a minha mãe nunca foi numa reunião de pais minha. Nunca. E sabe o que ela fala?: “Não precisava, você sempre ia bem, chegar lá para ficar ouvindo que você estava bem, que você nã, nã, ni, nã, nã? Não precisava.” Porque naquela época não eram só os [pais] convocados, era para todo mundo. Então, toda reunião, no outro dia: “Ai, por que a sua mãe não veio?” Eu: “Estava com dor de cabeça, estava com dor de barriga, teve que sair...” Eu sempre tinha que inventar uma desculpa. Agora, na dos meus irmãos que eram uns pentelhos ela ia. Porque eles davam trabalho. Normal. Então, ela sempre ia na deles e não ia na minha. E isso para mim, enquanto criança, era o fim da picada, como pode? Ela ter tempo para eles e para mim não, não é? Então, era assim que eu via. E sempre foi assim.

Renata: Você acha que essa diferença permanece ainda hoje?

Alice: Muito, permanece, é nítido.

Renata: E seu irmão mora junto, não mora?

Alice: Não, não.

Renata: É só você que está na casa?

Alice: Não, não. O meu irmão é casado, tem uma filha, uma provetinha, Sofia, que é proveta e...

agora ele está morando no Km 18 [bairro da cidade de Osasco], mas ele mora no centro de Osasco, então é, é, tem a clínica da minha cunhada que ela é...

Renata e Alice: Dentista.

Alice: E o escritório dele também é na Pedro Fioretti [nome de rua do centro de Osasco]. Então, ele mora, eles moram no centro de Osasco. E agora eles estão tendo que ampliar a clínica, graças a Deus, e ele está morando numa casa aqui no Km 18 agora.

Renata: Está mais perto?

Alice: Está mais perto.

Renata: Da casa da mãe?

Alice: Está mais perto da casa da minha mãe. Só que é assim, também não é? “Ai mãe, a Sofia não pôde ir para escola hoje, a mãe pode vir ficar com a Sofia?” Semana passada eu falei o primeiro não da minha vida para minha mãe, porque eu levo ela para todos os lugares, não é? Principalmente por causa do câncer de pele, a possibilidade de ela pegar sol me incomoda muito, é grande, me incomoda muito, porque eu estava com ela quando a médica falou que ela estava com câncer de pele. É... semana passada ele ligou na quarta-feira, e eu fui embora daqui, na quarta-feira que a gente...

Renata: Não, a gente não tinha.

Alice: Na outra quarta-feira que a gente tinha o encontro.

Renata: Hã, hã.

Alice: Que eu falei para você: Não estou legal, não estou bem, estou com muita dor.

Renata: Sim.

Alice: Eu cheguei em casa, ela falou assim para mim: “O Elton ligou, a Sofia não está bem, pediu para gente ir buscá-la.” Eu falei: “Sinto muito.” Já tinha tirado o uniforme, estava entrando no chuveiro. Eu falei: “Sinto muito, hoje eu não vou.” Ela foi de ônibus. A minha irmã mora no fundo, tem carro, não levou. Meu pai tinha bebido, porque se ele não tivesse bebido ele pegava meu carro e ia, não é? E aí...

Renata: Ela foi sozinha.

Alice: Ela foi de ônibus.

Renata: E como é que você ficou?

Alice: Eu? Eu fiquei... pensando, eu pensei: “Nossa, falei e tal.” Mas, depois entrei embaixo do chuveiro, deitei e dormi. Quando eu acordei, dormi mesmo porque eu tomei remédio, estava com muita dor, tinha tomado injeção já, e tal, e a dor não tinha passado, e eu tomei... remédio que ela deu, Cetaxil [não encontrado o significado], Ce, alguma coisa assim.

Renata: Para dor?

Alice: Para dor. E eu dormi. Quando eu acordei, ela já tinha voltado, e eu já imaginei, ela não vai falar comigo, porque ela fecha a cara comigo, ela fecha a cara para mim. Ah, pois eu entrei na sala e falei: “E aí, como está a Sofia? O que aconteceu?” Na maior cara de pau. Eu falei, quer saber de uma coisa? Não quer falar comigo? O problema é seu, eu vou perguntar, estou fazendo a minha parte. Ela: “Ah não, foi tudo bem e não sei o que, não sei o que lá, a Karen passou lá, pegou a gente para ir para o shopping...” No dia que meu pai deu o tapa na minha mãe esse ano, minha irmã estava saindo para ir para o shopping, ela não parou, ela foi para o shopping. E eu fiquei com a minha mãe, a minha mãe chorando no meu quarto, meu pai na sala, e a minha irmã foi para o shopping.

Renata: E ela viu, também?

Alice: Viu, viu. Viu a discussão, viu tudo. E, não, ela não viu o tapa, mas ela viu a discussão. E meu irmão ligou: “O que aconteceu?” Eu falei: “O pai deu um tapa na mãe, um tapa na mãe.” Ele: “Tá e aí?” Eu falei: “E aí ela está aqui agora comigo.” Ele: “Então, tá bom.” Pegou e desligou. Beleza Alice, você está sozinha, não é? Tipo, resolva, porque... você é você mesma, não tem ninguém, não é?

Renata: Entendi.

Alice: Não tem ninguém.

Renata: Você acha que hoje você assume a responsabilidade pelos dois?

Alice: Uma coisa que eu sempre critiquei na minha mãe, porque a minha mãe foi assim com a minha avó e meu avô. Eu sempre critiquei muito isso na minha mãe.

Renata: Assim como?

Alice: Porque a minha mãe vivia a vida da minha avó e do meu avô, e dessa minha tia, que é minha madrinha, que se separou do marido muito cedo, tinha dois filhos pequenos. E ela assumiu a família da minha tia, da minha avó e do meu avô. Cuidava da minha avó, minha avó sempre foi muito doente, desde os vinte e cinco anos, morreu com oitenta e sete.

Renata: Desde os vinte e cinco?

Alice: Eu falo que quando eu nasci ela já ia morrer, porque ela falava que ia morrer. E eu acho que ela tinha uma síndrome de pânico contínua (risos). Eu estou morrendo, ela falava, eu estou morrendo. Mas não morria. Ela sempre foi de passar noites em hospitais com a minha avó. Eu fiz muito com a minha avó e com meu avô isso. Mas eu fiz porque eu queria. Eu troquei fralda do meu avô. Fralda. Meu avô também já faleceu, fez onze anos agora, vai fazer onze anos em dezembro. E assim, é... sempre, é... Viveu muito a vida dos outros. Eu sempre, e eu sempre falei para ela que eu não queria, que eu não queria, que eu não queria, que eu não queria, porque todo mundo viveu e ela não viveu, a minha mãe. Entendeu? Então, ela abandonou a gente, e ela ia abandonando. Era do..., da mais velha para a mais nova. Outro dia eu recebi aquele *e-mail* dos três filhos, que o primeiro é de vidro, o segundo é de borracha, e o terceiro é de ferro. Eu olhei para ela e falei: "Olha aí eu... uhuh." E é assim mesmo.

Renata: Você sente que você não está vivendo?

Alice: E eu sinto que não estou vivendo. Eu sinto a mesma coisa, que eu não estou vivendo a minha vida, que eu vivo a vida dos outros. Eu vivo a vida que é melhor para os outros.

Renata: E o que você acha que tinha que fazer para começar a viver a sua vida?

Alice: Não, eu tenho que começar a dizer não, não. Que nem..., eu assumo muito a Vanessa e o Vitor aqui, eu assumo demais, demais, é, eles, o meu pai e a minha mãe... sempre tentei resolver os problemas deles. Então, eu já falei para ela: "Ó, financeiramente até onde eu puder ir, beleza." Ela nem sonha que eu tenho dinheiro guardado. Minha mãe não pode saber.

Renata: E você tem?

Alice: Minha mãe não pode sonhar que eu tenho dinheiro guardado. Se ela sonhar ela faz da minha vida um inferno. Eu tenho que dar dinheiro para ela. A gente na prefeitura recebe FUNDEF [Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério], FUNDEB [Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação], não é? Ela: "Quanto você vai me dar, aí, você bem que podia pagar um *peeling* para mim, não é?" Porque ela tem que fazer *peeling*, não é? Ela: "Você bem que podia pagar um *peeling* para mim, não é?" E o dela é *peeling* profundo, com especialista caro, não é barato um *peeling* para ela. E eu já tinha acabado de pagar os dentistas dela e do meu pai. Ela: "Você vai receber o FUNDEB, você podia pagar um *peeling* para mim, porque, aí que nem eu fiz quando a Adria casou." Eu falei: "mas eu não vou casar. Não vou casar pelo menos por agora, que eu saiba, eu não vou casar (risos), então não vai fazer *peeling* agora." E eu fico muito chateada, porque eu tiro ela do sol, mas a minha irmã e meu irmão colocam. Então, ela anda muito por conta da minha irmã e do meu irmão para fazer as coisas para eles no sol e eu acabo tirando. E eu vou ter que pagar o *peeling*? Eu falei: "não vou pagar." Eu falei: "não." Então, eu acho que preciso fazer essas coisas. Não é meu marido, não é minha esposa, é minha mãe e meu pai. Não é meu filho, não é minha filha, é meu sobrinho e minha sobrinha, entendeu? Que nem sábado mesmo, minha irmã foi para um casamento, deixou o Vitor e a Vanessa. E a gente tinha um aniversário para ir de

um tio meu, e a Vanessa entrou no meu quarto, meu quarto é o mundo dela também, não é? E é quarto de tia, não é? E é assim, é um laquê, e não sei o que..., a minha irmã não faz isso. Então, ela sai de casa... Para você ter noção, a tampa da minha privada é branca, não sai mais a marca dos pés dela.

Renata: Porque ela vive em cima da privada.

Alice: Ela vive em cima, ela vive em cima de tênis, suja. E ela... a minha mãe entrou com a Vanessa: "Ah, acho que precisa dar banho nela." Eu falei: "ah, também estou indo tomar banho, tá, tchau." Eu peguei e fui tomar banho. Eu pensei: "eu não vou me enfiar embaixo do chuveiro para dar banho na Vanessa." Eu falei para minha mãe, eu prometi para mim mesma, eu não tenho filho, eu não tenho!... Quarta-feira eu saí daqui... ruim da menstruação, terça ou quarta-feira, não sei que dia que foi, estava ruim, cabeça zuretada, eu não sabia nem onde eu estava. E eu lembro, eu lembro de ter pego a pasta da Vanessa no cercadinho, que ela estava no cercadinho, ela fica no cercadinho para me esperar para descer comigo. E eu lembro de estar com esta pasta na mão, cheguei aqui em baixo, estava o Vitor e o Marcos, porque o Vitor não se basta sozinho, ele tem sempre que ter alguém acoplado, um amigo acoplado, e esses amigos dele, as mães são umas graças, folgadas igual a minha irmã. Entra os dois no carro, os dois começam a falar, começam a falar, a Vanessa que pega a pasta e pegava a pasta e dava no Vitor e no Marcos que estavam atrás, e o Marcos: "vamos conversar em inglês?" Eu falei: "pára, pelo amor de Deus, pára." Porque eles começam a falar em inglês e começam a falar errado, eu quero corrigir, e eu não estava com cabeça para pensar. Ele: "Ah tia Alice, vamos conversar inglês, vamos?" Eu: "Não, pelo amor de Deus, eu não estou pensando nem em português, para gente..., pára, pelo amor de Deus (risos)." E aquilo foi me..., porque a pasta da Vanessa sumiu, eu não lembro da pasta da Vanessa, não lembro nem se eu peguei, se eu guardei, se eu tirei, o que eu fiz com a pasta. Eu sei que foi aparecer no quarto do Vitor a pasta. E nesse dia eu tomei essa decisão, eu falei não são meus filhos, não vou admitir, chega, acabou, é tua filha, é teu filho, está chorando porque quer ir com a tua mãe para escola? Tá. Falo: "Ó Karen, pode levar. Não sou eu que vou levar, não vai chorar na minha cabeça, trabalhei a manhã inteira, vou trabalhar agora, tenho que dar conta de vinte e três alunos, você vai levar, você vai buscar." Hoje mesmo ela veio buscar contrariada. Eu falei: "tenho um compromisso e eu preciso que você vá buscar a Vanessa." Eu preciso que ela venha buscar a Vanessa.

Renata: Não é ela que precisa buscar a filha na escola. Entendi.

Alice: Não é ela que precisa buscar a menina na escola, entendeu? É assim que funciona. Não é ela que precisa que eu leve a Vanessa, sabe? E eu acabo assumindo isso, a Vanessa fala: "eu tenho duas mães, eu tenho a minha mãe e tenho você, você é a minha mãe legal, você é a minha mãe que me dá as coisas." Só que é assim, a Vanessa no [meu] olhar ela abaixa a cabeça e o Vitor a mesma coisa, ninguém pode com o Vitor, só eu. E eu acabo assumindo também esse papel, porque todo mundo: "vai lá para sua tia, vai falar com a sua tia, vai falar com a sua tia." Porque a tia põe ordem.

Renata: A tia resolve.

Alice: A tia põe ordem no barraco, entendeu? Então, o vucu vucu vai.

Renata: É Alice, mais alguma coisa que você queria falar da tua família, de como é esta convivência?

Alice: Eu acho que não. Eu acho que, às vezes, enjoa, às vezes, vai, mas, eu acho que isso é como qualquer relação, eu consigo conceber isso, eu consigo compreender isso, acho que independente do, do tipo de relação que você tem. Primeiro porque somos seres humanos, então, todo mundo é diferente, não é? Tem momentos que estou de boa, tem momentos que eu estou mal, tem momentos que eu estou bem, tem momentos que a minha mãe não está bem, tem momentos que o meu pai não está bem. É... Eu consigo enxergar muito as coisas que eles não enxergam... Eu tenho um olhar muito perceptivo, muito, muito engraçado isso... Então..., meu cunhado é uma pessoa maravilhosa.

Renata: Entre aspas.

Alice: É a pessoa que achou o que queria. Ele tem uma casa no fundo da casa da minha mãe, o terreno da minha mãe são quinhentos metros, o terreno da minha mãe e do meu pai. Então, a casa da frente, nossa casa, ocupa duzentos e cinquenta metros, depois tem a lavanderia. A casa deles ocupa mais duzentos metros. É um sobrado, com três quartos desse tamanho [mostra com as mãos], com *closet*, banheiro, embaixo tem cozinha, copa, *closet*, três banheiros tem na casa, uma sala imensa, quintal, meu pai e minha mãe estão ali de olho nos dois filhos, não é? Então, assim, é... fica: “o Gilmar é uma pessoa muito boazinha.” Eu já consigo ver um outro lado, uma pessoa bem folgadinha, não é? Então juntou a fome com a vontade de comer, sabe? Então, eu percebo muito isso. E, às vezes, eu tenho que ficar quieta. Essa casa, na verdade, foi construída, começou a ser construída porque meu irmão queria morar lá quando, logo depois que ele casou. Ele: “Estou doido, então eu quero morar lá fundo...” E aí vamos combinar que não é todo mundo que aguenta o meu pai e a minha mãe. A Vanessa nasceu, a minha irmã morava num apartamento na Cidade das Flores [bairro de Osasco], e meu pai gastou setenta mil na casa. Meu pai falou: “parei, não coloco mais um real, porque...” E eu: “ele não vem morar aqui, ele não vem morar aqui, ele não vai morar numa casa de fundo, nem a minha cunhada, a minha cunhada é muito bem de vida, a família dela é muito bem de vida.” Então eu: “imagina, ele não vai morar.” Meu pai: “Mas é uma casa imensa.” Eu: “Mesmo que seja uma casa imensa é uma casa de fundo, ela não vai vir morar aqui, ela não vai aceitar.” Meu pai: “Isso é inveja, você está com inveja porque eles estão fazendo a casa.” Eu: “Chama do que chamar, eu estou avisando vocês, pára de gastar dinheiro, pára de gastar dinheiro.” Não deu outra.

Renata: Não foi.

Alice: Na hora que o meu pai falou: “não coloco mais um real.” O meu irmão falou: “então está bom.” E ficou a casa. Com os pisos, tudo colocado. Minha irmã teve a Vanessa, o apartamento ficou pequeno, ela foi morar lá. Ela terminou, que era pintar a casa, e dar uma boa limpada, e foi morar lá, e lá está há cinco anos. Ela foi para lá para juntar dinheiro para comprar uma casa. Até hoje... Quando briga com a minha mãe, discute com a minha mãe por algum motivo, eles vão atrás de casa. Passou a discussão eles não vão mais. Voltam. Piada, eu dou risada. Voltam. E eu fui muito

criticada nesse ponto de falar que o meu irmão não ia morar na minha casa, não é? Nossa, eu tive brigas homéricas com o meu pai e com a minha mãe. Eu: “Não vai morar, não vai morar, não vai morar.” Eles: “Você está ficando louca, e não sei o que.” Até o dia que ela veio e falou: “Ai, você não sabe o que aconteceu?” Eu falei: “o que que foi?” Ela: “O Elton falou que não vem morar aqui.” Eu tive uma vontade de falar: “eu te disse, eu te disse, mas eu te disse, eu te disse.” Mas eu falei: “Ah tá, eu já imaginava.” Ponto, sabe? Dá vontade de espezinhar. Eu falei, não é? Eu avisei. E a minha irmã a mesma coisa, a minha mãe vive falando: “Ah, a Karen vai embora.” Eu falo: “Ah, vai embora o quê, vai sair dessa mamata para que? Vai nada, ela manda e desmanda nessa casa, ela põe o carro dela na garagem que ela quer.” Meu carro está com a porta toda... eles abrem a porta do carro e bate.

Renata: Batidinha.

Alice: Toda assim, tu,tu, tu, tu, um monte de batidinha. Um monte de batidinha. E são três garagens na minha casa, a primeira garagem ela ocupou, ela fez um, colocou umas divisórias e ocupou para guardar as coisas das crianças, bicicleta e ne, ne, ne, ne, e aí ficou. A segunda garagem e a terceira garagem que é a pior ficou da Alice, tem uma rampa assim [mostra com as mãos] E... batem a porta. Batem direto a porta. Tem o seu lado bom, seu lado ruim, não é? Que nem... Tem o sossego de saber, por exemplo, agora eu estou aqui, se meu pai e minha mãe precisar de alguma coisa ela está lá, não é? Se vai socorrer ou não vai isso eu já não sei, mas, pelo menos, ela está lá. Tem um ao outro. A minha mãe é uma pessoa muito amarga, eu tenho muito medo de ficar igual a ela. Muuuito medo, a minha mãe é uma pessoa muito amarga. Não sei se pelas perdas que ela teve, pelas decepções. Eu falo muito para ela: “vamos para uma terapia, vamos fazer, a mãe precisa.” E o meu pai, eu acho que o alcoolismo é por conta de uma depressão. Meu pai é muito depressivo, ele começa te contar alguma coisa, de sensibilizar, ele começa a chorar, começa a chorar, não é? Então, na minha família já tem esse histórico bom, não é? Todo mundo é muito normal lá em casa. Minha mãe toma Lexotan desde que a minha irmã morreu. Hoje não faz mais efeito nenhum, ela acha que faz efeito, porque não é possível como um Lexotan faça efeito..., há trinta e oito anos que ela toma Lexotan. Ela toma e pensa que faz algum efeito. Isso já virou... psicológico já. E meu pai, ele foi na minha psiquiatra (risos), a gente levou ele, ele quase internou ela. Juro para você, Renata. Passamos tanta vergonha (risos).

Renata: Ele deu um nó na psiquiatra?

Alice: Ele deu um nó na psiquiatra. Deu nó. Ele fantasia, ele cria umas coisas assim, ó, do além. Outro dia ele veio falar para mim: “Sua mãe me traiu, porque vocês vão perceber.” Eu falo: “Então está aí um corno conformado.” Porque eu sou irônica: “O senhor é um corno conformado? Como aceita uma situação dessa?” Eu não aceitaria. Eu não aceitaria. Mesmo assim ele não percebe a realidade. Eu falo: “Não aceitaria jamais, jamais.” Ah, mas sei lá, acho que é assim, não tem que ligar, a banda segue. E eu tenho outras primas na mesma condição que eu, que moram com a família.

Renata: Hum.

Alice: Nós somos em três solteiras, eu, a Mônica e a Angélica. E as três moram com os pais.

Renata: Se eu precisar já sei que eu posso, de repente, investigar mais.

Alice: É, tem mais duas.

Renata: Bom, eu agradeço muito seu tempo, acho que me ajudou bastante, vou transcrever isso, vou te enviar...

Alice: Eu acho que falei demais.

Renata: Imagina.

Alice: Tira o que não prestar.

Renata: Não, vou te enviar toda a entrevista, vou escrever, depois que eu fizer isso eu queria que você lesse. Se você achar que deve mudar, acrescentar...

Alice: Tira os palavrões, tá?(risos)

Renata: Não tem problema, vou parar o gravador aqui.

Pós-entrevista

Caminhamos juntas pelo estacionamento da escola e vamos até o carro. Nos despedimos mais uma vez.